

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ISABELA CANDELORO CAMPOI

ADALGISA NERY E AS QUESTÕES POLÍTICAS DE SEU TEMPO (1905-1980)

Niterói

2008

ISABELA CANDELORO CAMPOI

ADALGISA NERY E AS QUESTÕES POLÍTICAS DE SEU TEMPO (1905-1980)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense como requisito para a obtenção do grau de doutor. Setor: História Contemporânea II.

Orientadora: Prof^a Dr^a RACHEL SOIHET

Niterói

2008

ISABELA CANDELORO CAMPOI

ADALGISA NERY E AS QUESTÕES POLÍTICAS DE SEU TEMPO (1905-1980)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense como requisito para a obtenção do grau de doutor. Setor: História Contemporânea II.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a RACHEL SOIHET – Orientadora
UFF

Prof^a Dr^a ALZIRA ALVES DE ABREU
CPDOC- FGV

Prof^a Dr^a ANA PAULA VOSNE MARTINS
UFPR

Prof^a Dr^a ANGELA DE CASTRO GOMES
UFF

Prof Dr. JORGE FERREIRA
UFF

SUPLENTES:

Prof^a Dr^a IVANA GUILHERME SIMILI
UEM

Prof^a Dr^a SUELY GOMES COSTA
UFF

Dedico esse trabalho à
Leonel Brizola (1922-2004),
Miguel Arraes (1916-2005) e
Heloneida Studart (1932-2007)
personagens que aparecem nesta história,
mortos durante a sua elaboração.

AGRADECIMENTOS

Os quatro anos em que vivi em Niterói e no Rio de Janeiro foram marcados por circunstâncias diversas, que me aproximaram de pessoas essenciais. Agradeço aos meus conterrâneos paranaenses Alexandre Busko Valim e Rivail Rolim pela acolhida imediata. Morar com vocês foi crescimento pessoal e intelectual. Obrigada a Clarissa Catarina e Cláudio Cavalcanti, com os quais também dividi a vida cotidiana. Nossa cumplicidade é lembrada com nostalgia.

Agradeço à família Rocha Pinto com quem convivi no melancólico bairro de São Domingos em Niterói: o clã de Dona Yara me trouxe o clima familiar tão raro quando se vive longe da casa dos pais. Obrigada Cláudia, Diogo, Carla, Dôra e Dona Mirtes.

Agradeço aos incontáveis e anônimos consumidores dos cartões-colagens que me mantiveram em Niterói nos tempos difíceis sem a bolsa de estudos. Foi nessa atividade que conheci Guita e Zimba, o casal Pierre Crapez e Deborah Nuñez, e tantos outros frequentadores e devotos de São Domdom, meu refúgio nas horas de descontração necessária.

Agradeço ao escritor Ivan José de Azevedo Fontes, sobrinho-neto do segundo marido de Adalgisa Nery, que me apresentou uma Adalgisa bastante negativa: sua família desenhava a imagem de uma mulher interesseira e oportunista, que publicava os poemas do primeiro marido, Ismael Nery, dizendo que era seu. Fui eu quem lhe mostrou a jornalista e a deputada, facetas que ele desconhecia. Nos nossos encontros sempre debatíamos a personalidade de Adalgisa, como se a personagem fosse pessoa conhecida. Interessado, abasteceu-me de livros, idéias e entusiasmo. No dia em que resolveu abrir o baú do pai, recebi alguns recortes importantes das mãos de Ivan Jaf: não poderia haver dádiva melhor. Sua atenção dispensada também foi um presente, obrigada.

O trabalho como professora cumpriu o papel de reforçar minha decisão profissional. É certo que os alunos adolescentes do Colégio Óperon contribuíram para isso. Graças à indicação da amiga Cristina da Rosa para esse emprego, pude me manter financeiramente em Niterói durante o ano de 2005. Em meados de 2006, já como bolsista da CAPES, as aulas como professora substituta no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, proporcionaram-me o cumprimento do estágio de docência, exigido pela agência financiadora. As atividades tanto na sala de aula quanto o convívio e a experiência com o meio acadêmico, foram enriquecedoras. Nesse processo sou grata aos professores Antonio Carlos Jucá, Renato Lemos, Marieta de Moraes Ferreira, Carlos Ziller e Anita Leocádia Prestes.

Foi importante a relação com alguns contemporâneos de Adalgisa Nery que me mostraram, cada qual ao seu modo, percepções sobre um passado recente. Obrigada aos jornalistas Rubem Cunha e Brandão, à engenheira Alba Lage e aos entusiasmados comunistas do Boteco Sebastião, Frederico e Lessa.

Agradeço a Marianna Muravyeva, Rosemarie Schade e Hanneke Hoeskstra, com as quais troquei ‘figurinhas’ na conferência de História Social realizada na Holanda em 2006. Obrigada à Francisca de Haan responsável pela visita do grupo ao “International Information Center and Archives for the Women’s Moviment” (IIAV) em Amsterdã, onde tive acesso à bibliografia estrangeira empregada nesse trabalho.

O período do doutorado foi tempo de fazer amigos. Agradeço as amigas de Raquel Souza Lima, Carol Soïdo, Flávia Copio Steves, Cristina Souza da Rosa, Elisa Frühauf Garcia e Keiko Omata. Ao amigo recente Fernando que me trouxe sua música instrumental na reta final: escrever ao som do Studo Mudo foi muito bom. Agradeço à companhia sempre presente de Nilton Pinho e Juliano Guilherme dos Santos, artistas plásticos dos quais sou fã vaidosa.

Da mesma forma, a vinda para o Rio de Janeiro significou o meu afastamento de pessoas queridas. Aos meus pais, João Célio e Carmem Lúcia, obrigada pelo estímulo e força incontestáveis. Agradeço aos meus irmãos Rafael e Ricardo, e à Viviane que entrou para família trazendo mais dois membros, João Rafael e Beatriz; aos amigos do Paraná, Sidnei Munhoz, Ivana Simili, Rosana Steinke e aos irmãos Patrícia e Estéfano Lessa, que mesmo longe acompanharam e estimularam minha permanência em terras fluminenses. Obrigada ao historiador e primo querido Paulo Fernando de Souza Campos, figura sempre inspiradora na minha trajetória; às professoras Hilda Pívaro Stadniky (UEM) e Judite Barboza Trindade (UFPR), responsáveis pelo estímulo inicial, ainda na elaboração do projeto de pesquisa.

Agradeço à Capes pelo financiamento desse trabalho, ao Projeto Portinari que disponibilizou e autorizou a reprodução de algumas imagens do seu acervo e ao Núcleo de Psicologia Aplicada da UFF que através de seus atendimentos, proporcionou-me estrutura fundamental para o enfrentamento de situações novas e adversas. Agradeço ao pessoal do PPGH da UFF, Stela, Roberto, Salvador e David, sempre solícitos e pacientes; aos membros do Núcleo de Pesquisa em História Cultural (NUPEHC), com os quais tive a oportunidade de compartilhar debates e discussões acadêmicas enriquecedoras; aos professores Jorge Ferreira e Suely Gomes Costa pelas contribuições feitas no exame de qualificação. Agradeço a colaboração do designer Guilherme Costa no auxílio com as imagens apresentadas.

E por fim, sou imensamente grata à professora Rachel Soihet, pessoa querida e exemplo intelectual, que inspirou, orientou e acompanhou o desenvolvimento deste trabalho.

“As questões sobre o que o passado consciente contém, porque se pensa sobre ele, quanto e de que forma é sentido como sendo um campo separado – variam de cultura para cultura, de pessoa para pessoa e de dia para dia. Alguns ficam tão estimulados (ou oprimidos) por passados imaginados ou recordados que toda experiência presente é influenciada por suas lembranças; para outros o passado tem pouco a dizer, o presente e o futuro apropriam-se antecipadamente de sua atenção consciente. Mas o passado, seja ele parco ou copioso, morto ou vivo, um campo separado ou confundido com o presente, é percebido conscientemente pelos mesmos caminhos.”

David Lowenthal em “Como conhecemos o passado”

“Mas eu não posso fugir de investigar-me e de refletir. Sou por demais verídica para merecer a paz dos simples e a alegria dos puros.”

Adalgisa Nery em “A imaginária”

SUMÁRIO:

Introdução	11
1. O despertar de Eva: mulheres, campo político e História	19
1.1 Imprensa e mulheres: papéis, posturas e campo de debates e reivindicações	26
1.2 Mulheres eleitoras: voto e participação política institucional	37
2. Trajetórias de vida e abordagem histórica	43
2.1 Adalgisa Nery e rede de sociabilidades	48
2.2 Nas entranhas do poder: o casamento com Lourival Fontes	58
3. O campo político de atuação de Adalgisa Nery	94
3.1 Lugar de militância: a coluna “Retrato sem retoque”	97
3.1.1 Adalgisa <i>versus</i> Chatô	105
3.1.2 O contra golpe do marechal Lott e o governo JK	108
3.2 O nacionalismo de Adalgisa Nery	116
3.3 1960: o enlace com a política institucional	126
4. Entre o jornalismo e a política: Adalgisa Nery colunista e deputada estadual	132
4.1 A imprensa e a crise de agosto de 1961	144
4.2 Adalgisa Nery e os militares	152
4.3 O paulatino vínculo com as esquerdas	160
4.3.1 O debate agrário	162
4.3.2 Uma delatora do <i>complexo Ipês-IBAD</i>	166
4.3.3 O pleito eleitoral de 1962 e a polarização de forças	173
4.4 Silêncio e reclusão	193
5. <i>Coisas de mulher e os lugares do masculino</i>	213
5.1 Gênero, direitos e o feminismo dos anos 1970	243
6. Conclusão	257
7. Bibliografia	262
8. Anexos: caderno de imagens	269

RESUMO

Pautado na trajetória da escritora Adalgisa Nery (1905-1980), nosso estudo pretende verificar o desempenho dessa mulher pelo viés das relações de gênero. Adalgisa exerceu ampla atuação intelectual e política desde os anos 1930. O casamento com o pintor modernista Ismael Nery (1900-1934) proporcionou sua entrada no universo intelectual, assim como a tessitura de uma rede de sociabilidade crucial em seu itinerário. Viúva, ela casou-se com Lourival Fontes, chefe do órgão de censura e disseminação ideológica da ditadura Vargas. Nesse contexto, Adalgisa Nery cumpriu papel importante nas relações entre os intelectuais e o Estado Novo. Em 1954, ano do desaparecimento de Getúlio Vargas e já separada, inaugurou a carreira no jornal “Última Hora”, assinando a coluna “Retrato sem retoque” que tratava de temas econômicos e políticos, nacionais e internacionais. Com um forte discurso nacionalista e getulista, valendo-se de linguagem que lhe era peculiar, Adalgisa Nery atacava políticos e personalidades públicas. Por conta disso, cultivou inúmeras inimizades. Seu trabalho no jornalismo rendeu-lhe, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), a cadeira de deputada constituinte da Guanabara, estado criado após a transferência da capital federal para Brasília, em 1960. Na imprensa e na política institucional se aliava, paulatinamente, às forças que no período pré-1964 eram consideradas de esquerda. Em 1963, filiou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Com o golpe civil-militar de abril de 1964, afastou-se do jornalismo. Com a imposição do bipartidarismo Adalgisa Nery filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Em 1969 foi cassada pelo regime militar, mas deu continuidade à carreira literária que jamais abandonou. Presente em atividades tradicionalmente tidas como masculinas essa mulher atuou com desenvoltura, conquistando respeito e reconhecimento. Ao mesmo tempo em que transgrediu, na prática, Adalgisa assimilou os discursos sobre papéis e posturas de cada gênero.

Palavras-chave: História do Brasil; relações de gênero; jornalismo político.

ABSTRACT

Based on the trajectory of Adalgisa Nery (1905-1980), our study intends to verify the acting of this woman through the gender relations. Adalgisa exercised wide intellectual and political performances since the years 1930. The marriage with the modernist painter Ismael Nery (1900-1934) provided her entrance in the intellectual universe, as well as the building of a decisive network of sociability in her itinerary. After the death of Ismael Nery, she married in 1940 the boss of the censorship department of Getúlio Vargas dictatorship, Lourival Fontes. In that context, Adalgisa Nery executed important role in the relationships between the intellectuals and the “Estado Novo.” In 1954, the year of president Getúlio Vargas’s suicide, when she had already finished her second marriage, Adalgisa started her career in the newspaper “Última Hora.” She published, for near 10 years, a column named “Retrato sem Retoque”, which became very popular. She wrote about economy and politics focusing national and international themes. With a hard nationalist speech, using her peculiar language, Adalgisa Nery attacked political and public personalities. Due to this, she cultivated many enemies. With her work in the journalism Adalgisa was elected, by Partido Socialista Brasileiro (PSB), deputy of Guanabara, a new State created after the change of Brazilian’s federal capital to Brasília, in 1960. In 1963, Adalgisa went to the Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). In the press and in the institutional politics she allied, gradually, to the left political forces during the period before April 1964, when started a military dictatorship in Brazil. In this political situation she stopped to write her column. With the imposition of only two political parties in Brazil, Adalgisa Nery went to Movimento Democrático Brasileiro (MDB). In 1969 she lost her political rights by the military regime, but she continued her literary career, which she never abandoned during all her activities. This woman acted in activities traditionally considered as masculine, where she participated with agility, conquering respect and recognition. On the same hand, if she transgressed on the practice way, Adalgisa assimilated the speeches of roles and postures destined to each gender.

Keywords: History of Brazil; gender relations; political journalism.

Introdução

“Debate de homens públicos num jantar de embaixatriz”. Essa foi uma das manchetes de capa do jornal “Última Hora” em 23 de dezembro de 1954. Tratava-se de uma reunião política organizada por Adalgisa Nery em seu apartamento. Entre os convidados, deputados, senadores, ministros, militares e jornalistas discutiram sobre a situação política brasileira e a sucessão presidencial. Vargas havia cometido o suicídio naquele ano. Quem era essa mulher que reunia “figurões” da política nacional em sua residência?

Personalidades de diversidade partidária e de posturas políticas variadas foram focadas pelas lentes do fotógrafo num ambiente de descontração e debate. “Foi das notas curiosas da reunião, que a embaixatriz Adalgisa Nery presidia com seu encanto pessoal, participando das conversas e não escondendo jamais sua opinião”. O rótulo de embaixatriz revela certa expressão política, sugerindo importância e resgatando uma posição anterior: Adalgisa havia representado o Brasil na posse do presidente mexicano Adolfo Ruiz Cortines em 1952, antes, acompanhou o segundo marido quando embaixador no México (1945).¹

A estreante jornalista assinava a coluna “Retrato sem Retoque” desde o início de novembro de 1954: com pouco mais de 40 dias de vida, a coluna parece ter lhe dado algum respaldo junto aos políticos que figuravam na capital federal de então. Seus textos políticos, desde as primeiras publicações, sustentavam um tom nitidamente nacionalista.

O encontro rendeu comentários também na coluna social do jornal. Sob o título “O esquema Adalgisa”, o colunista Carlos de Laet, o João da Ega, elogia a anfitriã: “A única dama era a ‘hostess’; e em meio a tantas personalidades de destaque, víamos a nossa prezada poetisa, ora transformada em vibrante jornalista”. Ele a identificou com Lady Astor e Madame Staël.² Mas com ressalvas, afirmou: “Nossa estimada anfitriã prescinde inteiramente

¹ Nesta última ocasião, o governo mexicano havia exilado a família de Luiz Carlos Prestes: sua mãe dona Leocádia e a irmã Lígia, conseguiram a guarda da filha de Prestes, Anita Leocádia. Preso durante a sublevação comunista em 1935, Prestes permanecia numa prisão brasileira. Sua companheira, Olga Benário, judia e comunista, foi deportada grávida para a Alemanha de Hitler. Anita nasceu num hospital nazista, tendo convivido apenas alguns meses com a mãe: Olga morreria anos mais tarde num campo de concentração. A pequena Anita, então com oito anos de idade, visitou a embaixada brasileira no México e jamais esqueceu da caixa de chocolates que ganhou da embaixatriz Adalgisa Nery, conforme nos relatou.

² Em 1919, Lady Astor tornou-se a primeira mulher a eleger-se para a Câmara dos Comuns, na Inglaterra, onde permaneceu por 25 anos. Anne Louise Germaine de Staël, Madame de Staël (1766 - 1817), escritora francesa

de tais comparações, porque é – por si só – uma definição: é Adalgisa Nery, bastante consagrada para desmerecer estrangeirismos”. João da Ega sugere a existência de um esquema político à sucessão presidencial, “batizado de Esquema Adalgisa, para – possivelmente – causar um certo ciúme ao governador Elelvino Lins, até então o dono dos esquemas que vêm aparecendo”.

Estiveram no jantar os deputados federais pelo PSD, Nereu Ramos e Gustavo Capanema, os udenistas Edilberto Ribeiro de Castro e Artur dos Santos, além de Monteiro de Castro e Daniel de Carvalho; os senadores Arthur Bernardes Filho e Gilberto Marinho; o coronel Juracy Magalhães, o embaixador Negrão de Lima, os generais Canrobert Pereira da Costa e Nelson de Melo; o desembargador Narcelio de Queiroz, o editor José Olympio, além dos jornalistas Herbert Moses, Barreto Leite, Medeiros Lima e Augusto Frederico Schmidt.

Esse episódio nos serve como ponto de partida. A carreira da escritora Adalgisa Nery no colunismo diário era bastante recente quando ofereceu o tal jantar. Certamente, sua performance na “Última Hora”, até aquele momento, não explica de modo satisfatório a reunião dessas personagens atuantes no cenário político nacional. Como se deu a trajetória profissional de Adalgisa Nery? De que forma ela acumulou capital simbólico suficiente para reunir tais personalidades políticas num jantar em sua casa?³

Aos 49 anos de idade, Adalgisa Nery sustentava uma posição pública particular quando iniciou o trabalho como colunista de “Última Hora”. Sob a ótica das relações de gênero, sua trajetória possui traços que fazem dela um caso excepcional: seu desempenho evoca uma série de práticas que foram sendo estabelecidas de acordo com a conjuntura em que atuava. Nascida em 1905, Adalgisa atravessou o século XX. Na efervescência dos anos 1920, durante o Estado Novo, no período pós-45, passando pelo governo democrático de Vargas até os anos que se seguiram ao golpe definitivo em 1964: essa mulher inseriu-se em instâncias diversas e de múltiplas formas na vida política brasileira.

Talvez estimulada pela máxima, muito recorrente, de que “atrás de um grande homem existe sempre uma grande mulher”, ao visitar uma exposição sobre a obra de Ismael Nery, uma indagação surgiu imediatamente: quem é a musa desse artista?⁴ A figura feminina na obra do pintor, poeta e pensador despertou curiosidade. É certo que era uma mulher forte. Fomos *construindo* Adalgisa Nery aos poucos, coletando informações fortuitas. O livro

manteve um famoso salão literário, que reunia regularmente alguns dos grandes nomes da vida cultural e política parisiense às vésperas da Revolução Francesa.

³ Sobre esse aspecto ver: BOURDIEU, Pierre Bourdieu. *O Poder Simbólico*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

⁴ Mostra realizada no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB/RJ, no ano 2000, conforme reprodução no caderno de imagens, em anexo.

escrito por Ana Arruda Callado intitulado, “Adalgisa Nery: muito amada e muito só”, foi contato primoroso, revelando aspectos biográficos de uma mulher, a princípio musa, mas também jornalista de sucesso que se envolveu com a política partidária na conturbada década de 1960. A trajetória profissional de Adalgisa mostrou-se instigante e merecedora de uma abordagem mais aprofundada.

Fazer História do tempo presente é esbarrar com possíveis fontes no cotidiano. O rol das relações que uma pesquisadora em história contemporânea pode estabelecer para acessar informações sobre seu objeto de estudo, é muitas vezes circunstancial. Para além dos documentos depositados em bibliotecas e instituições de pesquisa, muitos subsídios podem vir das ruas e de encontros casuais. A afinidade com a paisagem é outro ponto estimulante: abrir o portão do prédio em que Adalgisa morou; apreciar pessoalmente um quadro em que Ismael Nery a retratou; caminhar pelo centro velho da capital fluminense; visitar o asilo em que Adalgisa morreu ou o túmulo dos Nery no cemitério. Contatos que a princípio não parecem ter significado, mas que instigam e referenciam algum estímulo para além do trabalho formal de pesquisa.

Num outro grau de importância, questionando pessoas no espaço público carioca, tivemos acesso a informações, adjetivos e impressões principalmente sobre a Adalgisa Nery jornalista e deputada, revelando sua importância enquanto mulher pública.

No rol das circunstâncias inexplicáveis que interferem no caminho da pesquisa, tivemos alguns elementos surpresas. Numa ocasião inusitada, o contato com o sobrinho-neto de Lourival Fontes foi singular. Ele contribuiu com algumas fontes que foram como um presente. No espaço virtual, valorizada por suas poesias, Adalgisa Nery chegou no orkut, site de relacionamentos da internet. Entre os seus cerca de 90 membros, encontramos, na reta final da redação, o neto de Ismael e Adalgisa, José Carlos Nery na comunidade que a homenageia. Nosso primeiro encontro foi entusiástico. Ele rememorou o perfume marcante da casa da avó e os beliscões de unhas longas e vermelhas que recebia como represália. Relatos de lembranças íntimas que renderam boas e divertidas conversas com JC Nery.

Nos contatos que ultrapassam formalidades e instituições de pesquisa, as meras relações de nível pessoal mostraram-se cruciais. Depois de um primeiro contato com a biógrafa de Adalgisa Nery, a escritora Ana Arruda Callado, recebemos alguns dados úteis. Por exemplo, o contato com um assessor da deputada, Reynaldo Barros, com o qual fizemos uma entrevista. Porém, as poucas informações se bastaram; o acesso parecia restrito.

Já no processo de efetiva redação da tese, por acaso, soubemos que Ana Arruda Callado havia doado, então recentemente, o material pesquisado conseguido com a família de

Adalgisa Nery à Fundação Casa de Rui Barbosa. Eis a perfeita injeção de entusiasmo a uma pesquisadora em História: parte do acervo da própria Adalgisa Nery, contendo inclusive, anotações dela à margem de alguns documentos.

As cartas recebidas de Diego Rivera e de Manuel Bandeira, por exemplo, foram anotadas como “documento valioso”. Ela preservou o convite para a inauguração de Brasília, assim como o ‘menu’ do jantar oferecido. Da mesma forma, as frases escritas nas páginas de uma entrevista dada em 1971, refletem seu descontentamento diante da publicação.

Enfim, os caminhos trilhados pelo historiador dependem de condições validadas por circunstâncias de diversos níveis. Do acesso à produção bibliográfica sobre os temas ligados ao nosso objeto, passando pelo tempo dispensado ao trabalho de pesquisa e de escrita, fazer história no Brasil, participar do meio acadêmico, significa optar por um percurso instigante e exercitar-se com instrumentos de nossas próprias escolhas. Qual trajeto faz o historiador para executar sua tarefa? É essencial uma abordagem com o estabelecimento de hipóteses?

No decorrer de sua construção como mulher pública, Adalgisa foi convocada para opinar sobre a condição das mulheres. Suas idéias sobre o gênero feminino e o papel das mulheres, demonstram a assimilação do discurso dominante; ao mesmo tempo, em seus procedimentos Adalgisa expressou-se com o uso de símbolos que tipificavam as mulheres de seu tempo e de sua classe.

No que tange às conquistas das mulheres e às relações entre os gêneros, qual o legado assimilado, negado, explicitado por um sujeito feminino? Ao pensarmos em uma história cultural dos gêneros, indagamos: quais foram os significados do ser mulher no século XX? Como Adalgisa esteve inserida nessas instâncias? Procuramos periodizar o acesso das mulheres à cidadania política e civil. Inicialmente, a história das mulheres escreve-se sob o vínculo da exceção: as pioneiras que quebraram o silêncio. As abordagens historiográficas que valorizam biografias, percursos e atitudes excepcionais de algumas mulheres, sofreram importantes influências nos últimos anos. Teria existido um apogeu na vida de Adalgisa Nery? Sem pretender uma análise pretensiosa nesse sentido, foi possível identificarmos na trajetória de Adalgisa Nery, pontos que modificaram seu olhar, seu discurso e/ou sua conduta.

Seguir sua trajetória é acompanhar a história política do Brasil. A Adalgisa jornalista era conceitual: os leitores de “Última Hora” tinham contato com palavras que exprimiam conceitos em voga; falava em ‘gorilismo’ e em imprensa ‘sadia’; em política entreguista e em ameaça comunista. Num determinado contexto, Adalgisa Nery resumia suas críticas atrozes ao primeiro governador da Guanabara tratando-o de CL, simplesmente. Num outro, valeu-se do terno CL-322 para designar Carlos Lacerda, numa alusão irônica à divulgação numérica

das realizações do governador. Adalgisa era católica de esquerda, também socialista, mas não brizolista.⁵ Não menos importante é tentar observar como eram feitos os usos desses conceitos.

O período em que Adalgisa Nery atuou como colunista diária foi de intensa experiência democrática. Da mesma forma, foi um tempo marcado pela polarização política, expressa na imprensa, mas, ainda que incipiente em termos de penetração popular, também na televisão. Adalgisa foi lembrada como freqüentadora de programas de TV.

Vinculado ao mundo ocidental cristão o Brasil foi afetado pelo *glamour* de Hollywood. Adalgisa preocupava-se com sua aparência: vistosa e elegante foi lembrada pelas unhas e cabelos sempre impecáveis. Bem colocada profissionalmente, teve posições conservadoras no que tange às questões de gênero. Foi ambígua e contraditória, uma mulher de seu tempo. Atentar para a sua trajetória é dar importância à história política das mulheres.

A observação dos vínculos políticos com os quais Adalgisa Nery estabeleceu relações é ponto fundamental no entendimento de suas conexões com as forças de esquerda esboçadas no panorama político em que vivia. Herdeira da tradição política de Getúlio Vargas, Adalgisa Nery deu início à carreira jornalística em novembro de 1954, alguns meses após o suicídio do presidente. Ela não freqüentava a redação de “Última Hora”. Escrevia em casa, num apartamento em Botafogo, onde algum funcionário do jornal buscava o artigo a ser publicado. A “Última Hora” chegava às bancas de tarde. Foi um dos últimos jornais vespertinos.

De que modo as mulheres estabelecem identidades com as outras mulheres? Quais são dignas de interesse? Quando moça Adalgisa leu a autobiografia da bailarina norte-americana Isadora Duncan. A mulher das letras traduziu, do inglês, a biografia de George Sand. No México, a embaixatriz palestrou sobre Sórora Juana. Vidas e exemplos de mulheres com as quais Adalgisa Nery estabeleceu contato e interesse. Arquétipos de mulheres e de atuação feminina que lhe forneceram modelos de identidade. Em 1959 publicou uma autobiografia ficcional: entre a literatura e o exercício de escrever sobre si, Adalgisa anuncia sua visão sobre os gêneros feminino e masculino. A vida de Adalgisa Nery (1905-1980) recupera e salienta os tumultos que envolveram as mulheres no século XX. Sua poesia foi comparada à de Safo. Sua posição como mulher pública foi cotejada com a de Lady Astor e Madame Staël.

Do mesmo modo, sua trajetória tornou-se admirável. Adalgisa Nery foi madrinha de batismo de uma sobrinha, filha de sua irmã, Percília. A afilhada recebeu o nome da tia, numa

⁵ Veremos os exemplos, em circunstâncias especiais, em que Adalgisa utilizou-se desses conceitos.

explícita homenagem. Em 1958, Adalgisa Colombo galgava fama tornando-se Miss Brasil. Eram tempos de exacerbação da vaidade feminina e os atritos entre madrinha e afilhada foram relatados em uma conversa telefônica. Adalgisa Colombo, hoje aos 67 anos, manteve uma relação difícil com sua tia e citou uma frase que resume o conflito familiar e o peso do nome: “Minha filhinha, você é Adalgisa, mas é apenas a segunda!”

Os capítulos foram organizados da seguinte forma: no primeiro, intitulado, “O despertar de Eva: mulheres, campo político e História” procuramos mostrar o processo histórico da participação das mulheres em espaços atípicos, considerando o período que se inicia em fins do século XIX. Nesse processo de efetivação da modernidade, mudanças em vários níveis foram concretizadas nas sociedades urbano-industriais, quando as mulheres (o gênero feminino), tiveram novas receptividades de atuação no sistema sócio-econômico então em desenvolvimento.

Através de alguns trabalhos historiográficos, cujas abordagens e objetos, tenham as experiências das mulheres como foco de análise, traçamos um histórico do século XX no que tange à participação feminina em diversas instâncias, entendendo que o processo de emancipação das brasileiras esteve sob influência dos movimentos feministas europeus, mas principalmente norte-americanos. Assim, procuramos indicar pontos a respeito da emancipação feminina nas sociedades ocidentais cristãs, e, de acordo com cada contexto, as mudanças provocadas nos estudos históricos.

No item “Imprensa e mulheres: papéis, posturas e campo de debates e reivindicações” analisamos a imprensa como importante veículo dos movimentos feministas desde fins do século XIX, quando a luta estava pautada na conquista dos direitos políticos e sociais das mulheres. Para tanto, procuramos dialogar com trabalhos historiográficos nacionais e estrangeiros, entendendo o contexto de desenvolvimento econômico como fator preponderante nesse processo. Em “Mulheres eleitoras: voto e participação política institucional” estabelecemos um histórico da participação das mulheres na política, também institucional. Além disso, durante a construção da narrativa, percebemos a necessidade de atentar às *histórias de vida* paralelas à de Adalgisa Nery. Assim focalizamos pontos nas trajetórias biográficas de algumas mulheres que despontaram no jornalismo e na política, ligando-as ao contexto.

No capítulo dois, intitulado “Trajetórias de vida e abordagem histórica”, referenciamos alguns trabalhos que se valem de análises biográficas, indicando as concepções teóricas mais recentes para esse campo de investigação. Nos itens “Adalgisa Nery e rede de sociabilidades”

e “Nas entranhas do poder: o casamento com Lourival Fontes”, focalizamos a trajetória biográfica de nossa personagem, procurando identificar, através de diversas fontes, as posições e posturas de gênero adotadas por Adalgisa Nery; procuramos construir sua figura social e de mulher, além de pontos importantes que tornaram-se imprescindíveis para sua atuação no jornalismo e como deputada.

No capítulo três, “O campo político de atuação de Adalgisa Nery”, discutiremos a imprensa nos anos 1950, seu desempenho naquela conjuntura e as mudanças sofridas. Daremos especial atenção ao jornal “Última Hora” de Samuel Wainer, caracterizando-o e percebendo seu papel. No item “Lugar de militância: a coluna *Retrato sem Retoque*”, veremos as posturas e posições políticas adotadas pela colunista. Diariamente ela opinava sobre os acontecimentos políticos, principalmente os nacionais. Sua coluna diária foi importante espaço de veiculação e divulgação de suas idéias. No item “O nacionalismo de Adalgisa Nery”, procuramos identificar, por intermédio dos artigos, as características do seu discurso nacionalista. Ao criticar ou elogiar atitudes, posições e personalidades políticas, Adalgisa estabelecia seu posicionamento e conquistava simpatizantes em meio a opinião pública. Tanto que conquistou seu eleitorado entre seus leitores e garantiu um assento no parlamento estadual da Guanabara nas eleições de 1960. Esse é o tema do último item, “1960: o enlace com a política institucional.”

Já no capítulo quatro, “Entre o jornalismo e a política: Adalgisa Nery colunista e deputada estadual” além dos artigos utilizamos como fonte de análise seus discursos parlamentares, percebendo de que forma se dava essa relação. Para tanto, o item “A imprensa e a crise de agosto de 1961” é ilustrativo nesse sentido. Em “Adalgisa Nery e os militares”, procuramos identificar suas opiniões sobre as Forças Armadas. Atitudes e episódios envolvendo os militares sofreram críticas e elogios da colunista que muitas vezes nominava os envolvidos. Em “O paulatino vínculo com as esquerdas” elegemos alguns eixos temáticos, quais sejam, “O debate agrário”, “Uma delatora do *complexo Ipês-IBAD*” e “O pleito eleitoral de 1962 e a polarização de forças”. Tais sub-itens revelam sua postura política e o vínculo de Adalgisa Nery com as forças consideradas de esquerda na conjuntura dos anos 1960. No último item, “Silêncio e reclusão” verificamos o distanciamento de Adalgisa da vida pública, desgostosa sobre o resultado político alcançado em 1964.

Por fim, no quinto capítulo, “*Coisas de mulher e os lugares do masculino*”, procuramos estabelecer uma apreciação da condição de gênero de Adalgisa Nery. Examinamos a inserção dessa mulher no universo cultural do século XX através da análise das fontes disponíveis. Localizamos pontos em sua trajetória que contribuiriam para mudanças

em sua expressão de mulher. No item “Gênero, direitos e o feminismo dos anos 1970” procuramos debater sobre as conquistas das mulheres brasileiras tendo como norte as declarações de Adalgisa Nery. Opinando em enquetes, entrevistas ou através da sua coluna jornalística, Adalgisa explicitou, muitas vezes, posições conservadoras no que tange às relações de gênero. Dotada de considerável expressão pública construída ao longo de sua trajetória biográfica, não via com simpatia o movimento feminista dos anos 1970, por exemplo. Em anexo apresentamos um caderno de imagens.

Se as preocupações de nossa análise estiveram focadas na figura pública de Adalgisa Nery, ao tomarmos contato com suas posturas no nível da vida privada, constatamos uma forte contradição. A sua lucidez e atitudes de vanguarda no que diz respeito ao cenário intelectual e político, opunham-se ao seu conservadorismo de gênero. A sensibilidade de Adalgisa Nery para com os problemas sociais, contrastava-se com a rigidez no que tange ao tratamento com seus familiares.

Enfim, seu percurso biográfico foi moldado e marcado pelos trâmites políticos e da Política, ou seja, da micropolítica, informal e ligada aos bastidores: essa mulher de pouca escolaridade encontrou nos meandros do cotidiano os subsídios com os quais traçou seu curso intelectual. Da mesma forma, os acontecimentos de domínio mais amplo, a níveis regional, nacional e internacional, deram a Adalgisa Nery elementos e entusiasmo para a formação de uma mulher na Política, expressão do nacionalismo getulista. A sua cassação pelo regime militar brasileiro significou um duro golpe, assim como a chegada da sua velhice: o exílio voluntário de Adalgisa Nery em um asilo, numa atitude fatídica, significou seu descontentamento no nível pessoal e o declínio final de sua vida pública.

Capítulo 1. O despertar de Eva: mulheres, campo político e História

“O sentido que o homem moderno possui de si mesmo e da história ‘vem a ser na verdade um instinto apto a tudo, um gosto e uma disposição por tudo’. Muitas estradas se descortinam a partir desse ponto. Como farão homens e mulheres modernos para encontrar recursos que permitam competir em igualdade de condições diante desse ‘tudo’?”

Marshall Berman, citando Nietzsche em “Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade”, p.22.

No século XX, as sociedades ocidentais assistiram a paulatina atuação e presença das mulheres em espaços até então considerados inerentes ao gênero masculino. O sufrágio universal era exigido por muitas mulheres e homens. Em fins dos oitocentos as feministas que demandavam pelo direito de votar eram chamadas de *suffragettes*, designação pejorativa dada às ativistas extremistas: as mulheres queriam ser cidadãs plenas.

A linha mais radical do movimento sufragista inglês marcou a história da luta pelos direitos civis das mulheres com a morte de Emily Wilding Davison em 1913.⁶ Ela fazia parte da “Women’s Social and Political Union”, e num ato extremo, a ativista tentou agarrar as rédeas do cavalo do rei inglês durante a corrida eqüestre de Epsom, sofrendo sérios ferimentos que a levaram à morte dias depois: nascia uma figura quase mitológica para as pessoas que defendiam o direito das mulheres ao voto. O funeral de Davison foi um evento marcante, perpetuando o movimento das mulheres que desejavam participar das instâncias políticas plenamente.

A história brasileira pela conquista do voto está ligada ao movimento sufragista da Inglaterra e dos EUA, principalmente através da atuação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), fundada em 1922. Aliás, o ano de 1922 foi bastante significativo para a sociedade brasileira: a Semana de arte moderna em São Paulo foi ícone do nosso movimento modernista; na capital federal de então, a Revolta do Forte de Copacabana é considerada por muitos historiadores como episódio inaugural do tenentismo (quantas vezes

⁶ http://www.aim25.ac.uk/cgi-bin/search2?coll_id=6687&inst_id=65. Acesso em: 28 dez.2006.

Inicialmente Emily Davison e suas companheiras valeram-se de protestos e argumentações. No entanto, não conseguindo seus intentos, partiram para atos violentos. Em 1909 foi presa por duas vezes: em março, ao ser impedida de encontrar o Primeiro Ministro da Inglaterra e em julho depois de ter interrompido uma reunião de David Lloyd George em Limehouse. Nesse momento a sentença foi dobrada para dois meses e Davison entrou em greve de fome. Ela foi libertada depois de cinco dias. A partir de então uma série de prisões e solturas culminaram com sua atitude extrema na corrida de cavalos em 1913.

mais os militares interviriam na política no decorrer do século XX?). Foi o ano de fundação do Partido Comunista e também da criação do Centro Dom Vital, instituições que teriam papel importante nos trâmites da política nacional nos anos seguintes. Da mesma forma, o trabalho contínuo do movimento de mulheres em torno da FBPF, resultaria, na década seguinte, na extensão do voto às mulheres. Como afirma a historiadora Branca Moreira Alves:

(...) as reivindicações deste grupo encaixavam-se no pensamento liberal burguês, considerando o sufrágio instrumento básico de legitimação de poder político e concentrando a luta no nível jurídico-institucional da sociedade.⁷

Entretanto, a autora concorda que sob influência da ideologia da classe e do sexo dominantes, a atuação do movimento teve limites específicos, não propondo mudanças no funcionamento do sistema em suas relações de classe e de sexo, por exemplo. Tal assertiva parece infundada se considerarmos que, naquele momento, o sufrágio universal era a principal bandeira de reivindicações das ativistas, mas não a única.

Na medida em que esse movimento, conhecido como a primeira onda feminista, reivindicava, além do sufrágio, o direito ao trabalho feminino e a igualdade civil entre homens e mulheres, estabelecia inevitavelmente mudanças nas relações entre os sexos. Retomaremos mais adiante sobre o que Rachel Soihet chamou de “feminismo tático” referindo-se à atuação de Bertha Lutz, a principal representante do movimento sufragista brasileiro.

A Belle Époque transportou do século XIX procedimentos estéticos, modelos e maneiras de comportamento que se refletiam nas artes e nos gostos, reproduzindo padrões de civilização que a dita vanguarda modernista traduziu com objeção nos 1920. Após o magnetismo criado pelas luzes elétricas de Paris e no auge da ressonância e da disseminação desse arquétipo de modernidade para os outros continentes, a Europa foi assolada pela guerra.

Os quatro anos de conflito foram consequência de um sistema econômico inaugurado sob as normas do capitalismo colonialista e monopolista. Entre outras causas, o revanchismo nacionalista na Europa, suficientemente imbricado no tecido social de seus países, provocou o estopim do conflito.

Podemos eleger o contexto da I Grande Guerra como marco no que se refere à condição das mulheres nas sociedades capitalistas. Nesse momento, a Europa é assolada por

⁷ ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980, p.14.

uma crise de mão-de-obra que convocou, não sem recusa, a mão-de-obra feminina. Na França, Françoise Thébaud trata dessa situação em “La femme au temps de la guerre de 14.”⁸

Foco importante de mudança foi certa individualização das mulheres, quando, de uma maneira geral, elas puderam pensar em si próprias, em seus projetos e escolhas para além do horizonte familiar, ousando em outras instâncias e não recusando o trabalho assalariado, por exemplo.

A convocação militar, era encarada com entusiasmo e patriotismo. Thébaud mostra o discurso de uma líder feminista pedindo que as mulheres não chorem na partida do marido ou dos filhos para o front. A mulher francesa mostrava-se superior quando assim o fazia. Com o fim das esperanças de um fim rápido para a guerra, dá-se início à mobilização de pessoas para a produção industrial bélica. Inicialmente as mulheres francesas foram empregadas nas casas de comércio, nos bancos, em empresas de transportes e em certos cargos administrativos. Entretanto, nas usinas de guerra, a mão-de-obra feminina foi o último recurso depois da contratação de mão-de-obra estrangeira e colonial.

Desde 1914, foram criadas organizações de mulheres que se achavam aptas à participação na guerra, entretanto, somente em 1916, o governo francês, através do Ministério da Guerra, aceitou o recrutamento feminino. Era o nacionalismo imbricado ao movimento de mulheres: a modernidade criando novos padrões de comportamento social.

Valemo-nos do que Marshall Berman considera como a terceira fase da história da modernidade: “No século XX (...) o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento”.⁹ Assim, a modernidade brasileira estivera em consonância com o modelo de desenvolvimento dos países de capitalismo central, sistema econômico que trazia consigo o consumo de massa e a produção industrial em série. Os meios de comunicação cumpriam o papel de criadores de consumidores de produtos e de sonhos. O público moderno experimenta um turbilhão de novidades e agitações inéditas; e os movimentos de mulheres estão inseridos nessa atmosfera. No mundo ocidental, o debate sobre a conquista dos direitos das mulheres em diversas instâncias estava na pauta do século XX, inevitavelmente.

As líderes feministas brasileiras enfrentaram desafios de diversos matizes: contestar a ordem estabelecida era contestar posições de gênero rígidas e bastante enraizadas, patriarcais.

⁸ THÉBAUD, Françoise. *La femme au temps de la guerre de 14*. Paris: Stock/laurence Pernoud, 1994.

⁹ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das letras, 1996, p. 16.

Ao mesmo tempo, as experiências das mulheres, muitas vezes inéditas, estabeleciam novos padrões: o século XX gerou modelos de comportamento feminino que paulatinamente foram disseminados com o auxílio dos mais variados meios.

A onda modernista atingia o Brasil: nos Anos Loucos artistas e intelectuais visitavam freqüentemente a Europa e os EUA, conhecendo e estabelecendo relações de diversos níveis com as sociedades urbano-industriais. Adalgisa Nery viveu com o pintor Ismael Nery na Europa dos anos 1920. No burburinho do entre guerras, as ruelas de Montmartre testemunharam o desenrolar de movimentos contestatórios: as chamadas vanguardas modernistas. Em Paris, inaugurava-se um ambiente artístico-intelectual em que mulheres extraordinárias despertaram interesses de suas contemporâneas: anos depois Adalgisa Nery leria a autobiografia de Isadora Duncan (1878-1927), a bailarina norte americana precursora da dança moderna, que teve vida trágica e tumultuada.¹⁰

O resultado das duas guerras mais importantes do século XX, principalmente no que tange aos aspectos econômicos, impôs uma mudança de foco: as atenções se voltaram à América do Norte, ao *glamour* de Hollywood, fabrica de estrelas e mitos. Até porque a polarização política no nível global congregava aos EUA grande preocupação em relação ao controle ideológico da sua vizinhança.

No que tange ao chamado mundo ocidental cristão evidencia-se a atuação, a participação, a própria presença das mulheres em ‘lugares’ sociais os mais diversificados. Em consonância com o desenvolvimento econômico, padrões de comportamento feminino foram sendo construídos. Por fim, as mulheres foram encaradas como consumidoras em potencial.

O fenômeno da popularização da comunicação em massa amplifica a divulgação de modelos e práticas, ao mesmo tempo em que forma um novo público, cada vez mais homogêneo, eclipsando, mas não abolindo, as diferenças, inicialmente mais rígidas, das classes sociais, das idades e do nível de educação.¹¹ Simultaneamente, novas estratificações são formadas com públicos específicos: uma imprensa feminina e uma imprensa infantil.

Apesar das inúmeras conquistas, no decorrer do século XX, a idéia de uma condição feminina permanecia forte, delimitando espaços típicos e temáticas comuns às mulheres. O binarismo era herança dos discursos científico e jurídico construídos no século XIX, que desenvolveram a noção de posições e papéis definidos pela condição de gênero. Daí os

¹⁰ DUNCAN, Isadora. *Minha Vida* (tradução de Gastão Cruls). Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. A bailarina esteve inclusive no Brasil em 1916, apresentando-se no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

¹¹ Edgard Morin constata que: “A partir da década de 30, primeiramente nos Estados Unidos e depois nos países ocidentais, emerge um novo tipo de imprensa, de rádio, de cinema, cujo caráter próprio é o de se dirigir a todos”. MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975, p. 30.

primeiros estudos no meio acadêmico, tendo as mulheres como objeto de análise, voltarem-se para esses *lugares* condicionados ao sexo feminino.

Tratando do processo de profissionalização das ciências humanas, Bonnie Smith mostra que, num contexto de crescente discriminação feminina, os escritos históricos e literários produzidos por mulheres eram considerados *amadores* em contraste com a capacidade *natural* dos homens: “A prestigiada história profissional baseada na reflexão profunda e em importantes tópicos políticos era para homens, enquanto as mulheres ‘amadoras’ buscavam um modo mais ‘superficial’ de escrever sobre o passado”.¹² Nesse trabalho, a autora, exigindo uma versão na historiografia que reconheça o gênero, remete-se às mulheres historiadoras principalmente européias e norte-americanas, que atuaram entre 1800 e 1940.

No início do século XX, a primeira onda feminista (movimento coletivo pelo sufrágio) desafiou as formas tradicionais de se produzir os gêneros. Entretanto, entre os historiadores modernos: “Sua obra tornou-se modernista, mas não menos sexuada e provida do que a produzida em períodos anteriores, ainda que os autores questionassem o centralismo dos fatos, as pesquisas em arquivos e a história política da elite.”¹³

Eram tempos de modernização econômica e política, e apesar do clima fomentar a igualdade e os direitos universais, houve um aumento da “denegação das mulheres e sua espoliação legal.”¹⁴ Smith localiza temporalmente as circunstâncias em que a literatura profissional alcançou importância: teve início muito lentamente na metade do século XVIII e acelerando a partir da metade do século XIX. Era o fenômeno do cientificismo atingindo as relações de gênero no restrito âmbito intelectual e acadêmico.

Com esta mesma perspectiva de verificar inter-relações entre os movimentos de mulheres nas sociedades ocidentais e a construção da história, podemos localizar o período da segunda onda feminista como significativo no que tange aos estudos acadêmicos. Como indica Suely Gomes Costa no texto “Gênero e História”:

A partir da década de 1970, conhecimentos sobre a história das mulheres se multiplicaram, numa íntima associação com os movimentos feministas, ressurgidos, nesse período, com uma pauta de lutas reconhecidamente sexistas, ou seja, voltada para as questões específicas do feminino (...)¹⁵.

¹² SMITH, Bonnie G. *Gênero e História: homens, mulheres e prática histórica*. Bauru: Edusc, 2003, p.23.

¹³ Idem, p.35-36.

¹⁴ Idem, p.27.

¹⁵ COSTA, Suely Gomes. “Gênero e História” ABREU, M., SOIHET, R. (org.) *Ensino de História: conceitos, temáticas, metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.190.

Para a autora, as inovações dos estudos nessa área devem ser associadas às mudanças conjunturais ligadas ao universo feminino naquele momento, tais como o advento da pílula anticoncepcional e dos métodos contraceptivos, e a ascensão das mulheres como parcela significativa da população economicamente ativa. “Ampliaram-se os poderes femininos quanto a decisões sobre a reprodução e o reconhecimento de que o ‘pessoal é político.’”¹⁶

Da mesma forma, a temática feminina e o debate proporcionado por uma certa *desmarginalização* desses estudos no meio acadêmico, vão sugerir uma *reviravolta* nas concepções teórico-metodológicas da própria História.

Como afirma Maria Odila Leite da Silva Dias, os estudos feministas contribuem no processo de questionamento das Ciências Humanas no que se refere aos seus métodos, conceitos e categorias de análise, “ao contrário de constituir área do saber restrita e marginal, os estudos de mulher têm se revelado capazes de contribuir para a renovação de mananciais importantes das Ciências Humanas como um todo”.¹⁷ O amadurecimento contínuo dessa área de estudos provocou a discussão de conceitos, e aspecto importante nesse processo foi o constante diálogo da disciplina histórica com outras áreas de investigação.

Neste revisionismo, em que a problemática em História experimentou aprofundamentos e enriquecimentos, alguns pressupostos aproximaram a história política e a história das mulheres. Na trilogia de publicações organizadas por Jacques Le Goff e Pierre Nora, sobressaíram novos problemas, novas abordagens e novos objetos.¹⁸ No que diz respeito à história política, esta renovação não ocorre com o abandono ou supressão dos objetos e temas tradicionais – os partidos e as instituições políticas, as grandes figuras – mas implica na forma de trabalhá-los, enriquecida por novas perspectivas de análises e abordagens.

Assim, no âmbito da história das mulheres e das relações de gênero, é Joan Scott uma das principais defensoras da ampliação do campo de estudos para o poder e a política. A escolha da política e do poder é justificada por Scott no seu sentido mais tradicional - no que diz respeito ao governo e ao Estado Nação - por duas razões: primeiro, por tratar-se de terreno pouco explorado, visto que o gênero foi percebido como categoria antitética aos negócios

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ DIAS, Maria Odila L. S. “Teoria e Método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano”. In: COSTA, A. de O., BRUSCHINI, C. (org.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 40.

¹⁸ LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre (dir.) *História: novos problemas; História: novas abordagens; História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.

sérios da política; segundo, porque a história política foi a trincheira de resistência à inclusão de *materiais* e de questões sobre as mulheres e o gênero. O aprofundamento da análise dos diversos usos do gênero para justificar ou explicar posições de poder faria emergir uma nova história, oferecendo novas perspectivas às velhas questões, redefinindo-as em novos termos.

Joan Scott critica os historiadores que tratam da temática feminina, acusando suas análises de serem simplistas e muito pouco teóricas. Assim, propõe formulações teóricas úteis para essas pesquisas.

Scott afirma que o uso do conceito de gênero foi, nos anos 1980, mera substituição do termo mulheres buscando a aceitabilidade desse campo de pesquisa, assim como a sua legitimidade acadêmica. Em contato com a sociologia e os novos temas para os historiadores sociais, os estudos de gênero estavam ligados à temática das mulheres, das crianças, das famílias e das ideologias de gênero, ajudando a perpetuar idéias de esferas separadas: sexualidade x política; família x nação; mulheres x homens.

O gênero como categoria de análise apareceu em fins do século XX, quando o debate das ciências humanas abriu espaços para as feministas encontrarem uma via teórica própria, além de aliados científicos e políticos.

Na concepção de Scott, a definição de gênero constitui-se na conexão integral entre duas proposições: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.”¹⁹ Assim, a autora pontua elementos que merecem, em mútua relação, serem observados num estudo nessa área, entre os quais, os símbolos culturalmente disponíveis com múltiplas representações; a existência de conceitos normativos expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas que afirmam o sentido de homem e mulher, masculino e feminino, numa oposição binária.

Assim, apesar dos discursos que confinam as mulheres em espaços tidos como típicos desse gênero, as fronteiras vão se atenuando no decorrer do século XX. Por outro lado, é possível verificarmos a assimilação desses discursos binários por parte de muitas mulheres, inclusive Adalgisa Nery, que por conta disso, orgulhava-se por frequentar os espaços do gênero oposto, os *lugares do masculino*.

Nossa intenção nos próximos itens é traçar um histórico da relação das mulheres com a imprensa e a política institucional. Na medida em que nosso foco de análise é a atuação e o desempenho de uma figura em especial, procuramos verificar trajetórias individuais de outras

¹⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: *SOS CORPO: gênero e cidadania*. Tradução: Cristine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 3ª edição. Recife, abril de 1996, p. 11.

mulheres.

1.1 Imprensa e mulheres: papéis, posturas e campo de debates e reivindicações.

Desde meados do século XIX a imprensa tem sido espaço para a manifestação dos anseios e reivindicações das mulheres no Brasil. Inseridos em seu contexto, quando os índices de alfabetização da população brasileira eram baixos, muitos jornais femininos publicados durante o século XIX tiveram vida curta e circulavam estritamente entre as classes mais abastadas.

June Hahner em seu trabalho sobre a emancipação do sexo feminino analisa os principais jornais desse período, mostrando as pequenas nuances de seus conteúdos. De um modo geral, a instrução feminina reivindicada pelas redatoras visava aperfeiçoar o papel feminino de esposa e mãe: a educação adequada ajudaria as mulheres a cumprirem com as suas sagradas obrigações.²⁰ Leitoras e até redatoras, exigiam o anonimato ou escondiam-se por detrás de pseudônimos quase sempre masculinos.

Entre 1905 e 1910 a mulher que assinava uma coluna semanal em “O País” como Carmem Dolores, assumiu definitivamente uma alcunha feminina. Em suas crônicas do cotidiano, publicadas na primeira página do jornal de maior tiragem da América do Sul, defendia a melhoria das condições de vida das mulheres, seu ingresso no mercado de trabalho e também o divórcio. Entretanto, em fins do século XIX a cronista valeu-se de pseudônimos de homens, tais como Júlio de Castro e Leone Sampaio.²¹ Esse fenômeno é observado também por Gabrielle Houbre na *belle époque* francesa, quando a ascensão de mulheres escritoras no limiar do século XX transformou a paisagem literária e o mercado editorial na França, mexendo com os brios de muitos escritores homens, os quais, mesmo com o reconhecimento público e editorial das romancistas, questionavam, entre outras coisas, o talento criador das mulheres. Tais circunstâncias provocaram a aparição de escritoras que até então assinavam suas obras com pseudônimos masculinos.²²

²⁰ HAHNER, June. E. *A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres/EDUNISC, 2003.

²¹ VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Carmem Dolores: crônicas: 1905-1910*. Rio de Janeiro: arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

²² HOUBRE, Gabrielle. “A belle époque das romancistas”. *Revista Estudos feministas*/ Universidade Federal de Santa Catarina. Vol.7, n.1-2. Florianópolis: UFSC, 1999, pp.325-338.

No Brasil, “em torno de 1890, o número de mulheres que editavam ou escreviam em jornais sobre os direitos femininos era suficientemente amplo para permitir apoio mútuo e maior intercâmbio intelectual”.²³

Nesse contexto, caracterizado por uma conjuntura política de mudanças era crescente o número de jornais publicados. Nele ressalta a determinação de Francisca Diniz. Editora responsável por periódicos como “O Sexo Feminino”, fundado em Campanha, Minas Gerais, e transferido para a capital do Império em 1875, era assinado por Dom Pedro II e sua filha Princesa Isabel. Tratava a educação básica como fator importante para benefício próprio das mulheres e para a prosperidade do mundo. O jornal “continha informações sobre literatura e amenidades, acrescido de temas polêmicos como a abolição da escravatura, o voto feminino e o movimento feminista em outros países.”²⁴ Francisca Diniz ainda foi responsável pelo “Primavera” e o “Voz da Verdade”, ambos de vida curta. June Hahner identifica o envolvimento dos periódicos com questões mais abrangentes:

(...) as defensoras dos direitos da mulher no Brasil demonstravam interessar-se por um número importante de questões, inclusive o do status legal da mulher, relações familiares, acesso à educação superior e carreiras profissionais, e, finalmente, questões políticas, tais como a abolição da escravatura e o voto da mulher.²⁵

No que tange as lutas pela conquista do voto feminino, foi no contexto da instalação do regime republicano no Brasil, que se inicia institucionalmente o debate sobre a cidadania feminina, negada por autoridades, juristas e políticos, que embasados na verdade absoluta da ciência da época, tinham a convicção de que as pretensões de autonomia das mulheres comprometeriam a família.²⁶ A concepção de que o campo da razão era privilégio dos homens, criando certa noção de hegemonia do masculino na área das ciências, foi um fenômeno inaugurado no século das Luzes.

²³ HAHNER, Op. Cit.p.89.

²⁴ Dicionário Mulheres do Brasil. *Francisca Senhorinha da Mota Diniz*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000, p.246.

²⁵ HAHNER, Op. Cit.p.100.

²⁶ Isabel Dillon pretendia candidatar-se a deputada pela Bahia na convocação da primeira constituinte republicana. Segundo ela, a lei eleitoral “não excluía as mulheres, já que estabelecia o voto direto para os maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever, sem referência explícita ao sexo do eleitor.” Dicionário Mulheres do Brasil. *Isabel Dillon*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000, p.281. Inspirada no parecer contrária a tal candidatura, Josefina Álvares de Azevedo, editora do jornal “A Família”, escreveu a peça intitulada “Voto feminino”, que foi encenada durante os trabalhos da constituinte. Dicionário Mulheres do Brasil. *Josefina Álvares de Azevedo*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000, p.301.

As mulheres nobres participavam das academias no período renascentista; tinham acesso aos espaços considerados masculinos no início da modernidade; estiveram à frente dos negócios antes da consolidação da burguesia no poder. Entretanto, Roger Chartier refere-se à marginalização das mulheres na esfera pública no decorrer do século XVIII seguida da rejeição da sua cidadania depois da Revolução.²⁷ A França do século XIX criou políticas institucionais que localizavam espaços para homens e mulheres, diferencialmente. Ao estabelecer a idéia de dicotomia entre público e privado, a cidadania política e civil foi negada às mulheres. A Revolução Francesa significou um retrocesso neste sentido. Os filósofos iluministas teorizaram sobre as qualidades características de cada sexo, estabelecendo papéis, lugares e posturas de gênero que confinavam as mulheres ao âmbito privado. As diferenças biológicas serviam para justificar sua inferioridade social; da análise do plano físico (com as diferenças genéticas e sexuais) julgavam-se as faculdades intelectuais das mulheres:

Nelas, portanto, a inferioridade da razão era um fato incontestável, bastando-lhes cultivá-la na medida necessária ao cumprimento de seus deveres naturais: obedecer ao marido, ser-lhe fiel, cuidar dos filhos.²⁸

No decorrer do século XIX, esses pressupostos pautados no cientificismo ganharam força, alargando as proporções das diferenças. Os discursos médico, jurídico, educacional e também religioso legitimavam a identificação das mulheres com o âmbito doméstico. As concepções dicotômicas dos gêneros produziam códigos de comportamento partilhados pelos dois sexos; modelos culturais comuns assimilados socialmente e que reforçavam as diferenças.

Nesse sentido, sobretudo os discursos político-institucionais buscavam “limitar as mulheres nas suas ações, desejos e emoções, naturalizando determinações históricas e socialmente estabelecidas.”²⁹ Tendo como foco principal a trajetória e atuação de Bertha Lutz na conquista pelo sufrágio universal, Rachel Soihet mostra o longo e tortuoso caminho percorrido pelas mulheres envolvidas no processo que culminou com a conquista do direito de voto em 1932.

²⁷ CHARTIER, Roger Chartier. “Diferenças entre os Sexos e Dominação simbólica (nota crítica)” In: *Cadernos Pagu* (4). Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995, p. 45.

²⁸ SOIHET, Rachel. “Violência Simbólica: saberes Masculinos e Representações Femininas”. In: *Revista Estudos Feministas*. Vol.5, n. 1/97. RJ: IFCS/UFRJ, p.9.

²⁹ SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, p. 26-27.

A autora chama atenção para a adequação das reivindicações dessas mulheres ao contexto, no sentido do não-enfrentamento direto, assimilando as rígidas noções do período: não atacando a instituição familiar como espaço de opressão feminina, por exemplo, como uma tática para serem ouvidos os seus anseios. Exemplificando com entrevista de Bertha Lutz a um jornal em 1924, Soihet ilustra a exaltação da maternidade por parte da ativista, que enfatiza a orientação diferenciada da mulher em relação ao homem, além do “caráter pacífico e maduro da participação feminina despojada de paixões partidárias, o que estaria de acordo com sua natureza”. Através de Michel de Certeau, Soihet refere-se à noção de tática, “ação calculada”, já que “nas condições em que se desenvolvia a luta feminista no país (...) não havia, naquele momento, espaço para uma outra opção.”³⁰

As ações lideradas por Bertha Lutz foram cruciais, na medida em que, atuando em várias frentes – participação em jornais, colaborando em revistas, fundando associações femininas, organizando manifestações, pressionando membros do congresso e recebendo apoio de juristas – formou-se durante as primeiras décadas do século XX, um panorama constante e favorável junto à opinião pública, além de uma rede de apoio político e institucional que fizeram as mulheres vitoriosas na conquista do sufrágio universal.

Entretanto, apesar da imprensa ter sido espaço importante na caminhada pelo direito de voto das mulheres no Brasil, serviu também como veículo de oposição à participação feminina no mercado de trabalho e na política. Como mostra Soihet, nessa *via de mão dupla*, o feminismo “vinha sendo objeto de grosseiras caricaturas em crônicas e charges, nas quais se buscava passar a mensagem do terror e do grotesco que representaria a participação de mulheres em esferas consideradas próprias dos homens.”³¹ Vale lembrar que muitas mulheres de expressão nesse período se posicionavam contrárias à participação plena das mulheres na vida pública. Carmem Dolores, por exemplo, apesar de atuar profissionalmente no jornalismo com sucesso, posicionava-se de forma conservadora quanto à participação política das mulheres: era contra o direito de voto feminino.

De qualquer forma, a emancipação feminina, a conquista da cidadania, exercida através do voto, enfim, a igualdade de direitos, foram bandeiras políticas importantes que se esboçaram no cenário de reivindicações dos movimentos de mulheres no decorrer do século XX. E a imprensa foi fundamental como campo de debates.

³⁰ SOIHET, Rachel. “A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância de Bertha Lutz”. *Revista Brasileira de Educação*. n. 15, anped. Campinas: Editora Autores Associados, set/out/nov/dez 2000, p.108.

³¹ Idem, *Ibid.*, p.109.

Edgard Morin localiza nas sociedades ocidentais o paulatino desenvolvimento da indústria cultural de massa, tendo a sociedade norte-americana como precursora desse processo: foi depois da Segunda Guerra Mundial que a cultura de massa “constituiu para si uma temática coerente.”³² Nesse processo houve o acesso das massas populares urbanas aos padrões de vida burgueses ligados ao bem-estar, ao lazer e ao consumo, graças às transformações técnicas que se refletiram no mundo do trabalho, proporcionando uma crescente especialização e o conseqüente esvaziamento da substância pessoal do trabalho.

A seiva da vida encontra novas irrigações fora do trabalho, as vivências vão se refugiar no lazer e vão acentuar o movimento geral no sentido da vida privada. Assim, a modificação das condições de vida sob o efeito das técnicas, a elevação das possibilidades de consumo, a promoção da vida privada, correspondem a um novo grau de individualização da existência humana.³³

Deste modo, a cultura de massa procura fornecer imagens e modelos de auto-realização, “mitos condutores das aspirações privadas da coletividade”. As mass-media divulgam um estilo de vida ideal repleto de praticidades cotidianas, mas que se instaura num outro plano: do real para o imaginário, mas também do imaginário para o real. “Ela [a cultura de massa] não é só evasão, ela é ao mesmo tempo, e contraditoriamente, integração.”³⁴

No contexto da Segunda Guerra (1941), por exemplo, a indústria cultural norte-americana lançou a primeira super-heroína das histórias em quadrinhos: a Wonder Woman. Apesar das controvérsias apontadas pelas feministas do período posterior, durante o conflito mundial, as estórias da Mulher Maravilha sugeriam que as mulheres poderiam competir em igualdade com os homens no mundo do trabalho: ela era uma super-heroína amazônica, mas em sua vida de mulher comum, Diana era secretária.³⁵ Da mesma forma, as estórias do Capitão América simbolizavam o poder dos EUA contra Hitler e serviam como veículo de propaganda do regime. Muitos super-heróis envolveram-se na guerra, mesmo que temporariamente: o Capitão América serviu no Exército, o Capitão Marvel na Marinha americana, a Mulher Maravilha foi à guerra como enfermeira e outros, como o Super Homem, tornaram-se protetores em território norte-americano contra espões e sabotadores.³⁶

³² MORIN, Op. Cit., p. 75.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Idem*, p. 76.

³⁵ WRIGHT, Bradford W. *Comic book nation: the transformation of youth culture in America*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001, p.21.

³⁶ *Idem*, p.43.

Morin escreve em 1967 e observa que a indústria cultural desenvolve-se em todos os regimes e que sua importância era reconhecida pelo Estado.³⁷ Neste sentido, como mostra Bradford Wright, o presidente Roosevelt criou agências de informação e propaganda nos EUA. Exemplar era o “Office of War Information”, que:

(...) solicitava à indústria do entretenimento a engrandecer a moral americana, encorajar a cooperação pública e a participação no esforço de guerra, identificar a ameaça dos poderes do Eixo, e informar ao público a linha de guerra progressiva seguida pelos EUA a seus aliados (...) (tradução nossa)³⁸

Da mesma forma, foram criados manuais do governo sugerindo que os editores apresentassem a sociedade norte americana como unida, integrada e livre de conflitos raciais, étnicos ou de classe. “E, pela sua natureza, as estórias em quadrinho pareciam bem adaptadas a perpetuarem essa fantasia nacional desejável”.³⁹

No que diz respeito ao jornalismo característico da segunda metade do século XX, inaugurado nas sociedades que se desenvolviam no ritmo do capitalismo ocidental, em consonância com o consumo de massa, com a produção industrial em série e com o fenômeno da publicidade, a presença das mulheres nas redações dos grandes jornais e/ou a sua atuação no colonismo, merece algumas considerações.

A publicação “Women and Journalism” dedica um capítulo sobre as mulheres no jornalismo após a II Guerra Mundial, mostrando que a década imediatamente após o conflito significou um período difícil para as mulheres jornalistas. As autoras valem-se de exemplos ocorridos na Inglaterra e nos EUA, países em que muitas mulheres ocuparam as vagas dos convocados à guerra. Entretanto, o fim do conflito provocou o retorno e a recolocação de muitos homens em cargos exercidos pelas mulheres. Muitas foram demitidas, inclusive com a desculpa do seu necessário retorno ao espaço doméstico, outras foram recolocadas para atuarem no *jornalismo de mulheres*. “A Segunda Guerra Mundial havia criado uma sociedade faminta por notícias e tal hábito continuou, com jornais desfrutando o aumento das vendas e

³⁷ O autor faz alusão ao papel do Estado na condução da indústria cultural: no sistema soviético de então, o Estado desempenhava papel ideológico essencial, atuando como censor, diretor e produtor; já nos EUA o Estado agia como polícia perante a iniciativa privada; o caso francês é tido como uma variação. MORIN, Op.Cit.

³⁸ WRIGHT, op. Cit. p.34-35. “So the OWI asked the entertainment industry to raise American morale, encourage public cooperation and participation in the war effort, identify the menace of the Axis powers, and inform audiences about the progressive war aims pursued by U.S and its allies (...).”

³⁹ Ibidem. “And, by their nature, comic books seemed well suited to perpetuate this desirable national fantasy.”

dos lucros.” (tradução nossa).⁴⁰ Até por volta de 1955, as oportunidades de emprego às mulheres eram limitadas por conta do número restrito de jornais de larga circulação, além da prioridade na contratação de jornalistas homens. Os jornais impressos eram o principal veículo publicitário de massa:

De fato, isso fez os jornais mais lucrativos do que nunca: restrições impostas pelo governo, mantendo custos baixos de papel e impressão, e a limitação do tamanho e do número de páginas induziram à grande demanda pelo espaço de propaganda. (tradução nossa)⁴¹

Na Inglaterra, as sessões dedicadas aos assuntos tradicionalmente vinculados às mulheres, foram inauguradas pela imprensa popular, os chamados tablóides. Já os jornais de *qualidade*, que se distinguiam em estilo e conteúdo, originalmente baseados na classe, na renda e no nível educacional dos leitores, também seguiram essa tendência, afinal, desejavam atrair anunciantes interessados nas mulheres como consumidoras diretas. Do mesmo modo, a competição publicitária fica mais acirrada com o advento da televisão, forçando a mudança de estratégia dos jornais impressos. As autoras de “Women and Journalism” citando Katherine Whitehorn, mostram que nessa primeira fase a função das páginas femininas nos jornais de grande circulação era atingir esse novo alvo publicitário ensinando as mulheres a serem perfeitas. E a perfeição só seria possível se as mulheres usassem os produtos a elas destinados.⁴²

Entretanto, nas décadas seguintes o número de mulheres jornalistas crescia. Uma vez estabilizadas e em consonância com a chamada segunda onda feminista, as páginas dedicadas às mulheres tornam-se espaço para matérias ligadas às inquietações mais abrangentes no que tange a condição social das mulheres.

A trajetória de Marjorie Proops é exemplar no que diz respeito à história das jornalistas inglesas. Inaugurou sua carreira na década de 1930 como ilustradora de moda em diversos jornais de Londres; durante a guerra, enquanto o marido servia nas Forças Armadas, escrevia na revista feminina “Good Taste” sobre a vida de uma jovem mãe durante o conflito. Iniciou sua carreira no “Daily Mirror” em 1954 e suas colunas geralmente incluíam

⁴⁰ CHAMBERS, Deborah. STEINER, Linda. FLEMING, Carole. *Women and journalism*. Routledge: London, 2004, p.36. “The Second World War had created a society hungry for news and that habit continued, with newspaper enjoying rising sales and and profits.”

⁴¹ Idem, Ibidem. “In fact, this made newspaper more profitable than ever: government-imposed restriction, keeping paper and printing cost low, and the limited size and number of pages led to great demand for advertising space.”

⁴² Idem, Ibid., p.38.

entrevistas com estrelas de Hollywood e celebridades, mas também com políticos e líderes religiosos, de modo que apesar do tradicional tom íntimo e feminino, a coluna de Proops era direcionada a ambos os sexos. Nos anos 1960, numa aproximação com seus leitores, já que mantinha uma coluna de aconselhamento, ela passa a debater assuntos ligados ao universo feminino e vinculados ao comportamento social de mulheres e homens, tais como filhos ilegítimos, métodos contraceptivos, drogas e aborto, defendia o sexo pré-marital e a tolerância à homossexualidade. O auge do reconhecimento do seu trabalho no jornalismo deu-se quando recebeu a Ordem do Império Britânico (Order of the British Empire) em 1969. Da mesma forma, nos anos seguintes participou de comitês governamentais e envolveu-se em campanhas para reforma de leis ligadas a homossexualidade e aos direitos das crianças.

Ao discutir as relações e os problemas humanos, adicionava-se o debate sobre o divórcio, por exemplo, de maneira que o pessoal tornava-se político. Esse tipo de jornalismo contrastava com as sessões mais tradicionais, de estilo objetivo e factual. Daí a idéia de atuações dicotômicas de gênero no jornalismo.

Também no Brasil dos anos 1960 e obtendo sucesso com propósito similar ao da jornalista inglesa, Carmen da Silva inicia seu trabalho na revista “Claudia”, escrevendo uma coluna mensal publicada por 22 anos ininterruptamente.⁴³ O já característico consultório sentimental foi substituído, segundo a própria jornalista, pelo *consultório psicológico*, não fornecendo receitas prontas, mas procurando questionar os conflitos e os problemas trazidos pelas leitoras. Nesse ponto, torna-se importante considerar as características das leitoras de “Claudia”: donas-de-casa da classe média urbana, casadas e consumidoras em potencial. Nesse sentido, em várias circunstâncias a escrita de Carmen chocava-se com o conteúdo da revista; paulatinamente sua coluna incentivou a desconstrução dos modelos de comportamento feminino presentes na sociedade brasileira.

Mantendo intenso debate com as leitoras – chegou a receber de 400 a 500 cartas por mês – Carmen da Silva agiu de forma sutil, instigando através da linha psicanalítica, questionamentos das atitudes tidas como típicas do gênero feminino. “O fato é que Carmen começou o trabalho que, aos poucos, foi questionando normas, estruturas e valores.”⁴⁴

O trabalho precursor de Carmen da Silva na revista “Claudia” iniciado em 1963 durou até sua morte em 1985. Num veículo da chamada imprensa feminina, Carmen da Silva atuou no sentido de provocar questionamentos no âmbito do privado que nos anos 1960 e

⁴³ DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

⁴⁴ Idem, p.45.

1970 significaram indagar posições impostas às mulheres. Desde modo, é primordial reconhecer nesse contexto o papel político do privado.

A sutileza da abordagem de Carmen da Silva, minando os papéis de gênero estabelecidos rigidamente, atingia as leitoras das classes médias urbanas. Do mesmo modo que aquela conjuntura, perpassada pela realidade do *milagre econômico* em consonância com o discurso da modernização propalado pela imprensa, estivera propícia a mudanças nos costumes dessa elite. Tanto que a coluna “A arte de ser mulher” jamais provocou qualquer reação dos órgãos militares que prezavam, também, *pela moral e pelos bons costumes*.

Antes e para além da importante atuação de Carmen da Silva na imprensa feminina, questionando as relações entre os homens e as mulheres e inferindo papel político ao âmbito do privado, outras mulheres marcaram presença na imprensa, atuando nas redações dos jornais, como cronistas e em revistas de assuntos gerais.

Desde fins do século XIX Júlia Lopes de Almeida tornou-se cronista famosa escrevendo em jornais de grande circulação, assim como Carmem Dolores no início do século XX. Eugênia Moreira é considerada a primeira repórter mulher brasileira, trabalhando nas redações de diversos jornais na primeira metade do século XX. Nesse mesmo período a advogada sufragista Albertina Correia Lima também colaborava no jornalismo carioca. Os artigos políticos assinados por Eneida, valeram-na 11 prisões durante o Estado Novo. A escritora Raquel de Queirós foi intensa colaboradora de jornais e revistas cariocas, com destaque à Revista “O Cruzeiro” onde assinou durante décadas a seção “Última Página”. Cecília Meireles dirigiu a seção sobre educação do “Diário de Notícias” nos anos 1920. Da mesma forma, Rosalina Larragoiti ocupou em 1945, a diretoria dos Diários Associados, sendo responsável pelas sucursais de Lisboa, Madri e Paris. Heloneida Studart iniciou-se no jornalismo em 1956, escrevendo no “Correio da Manhã”. A empresária Condessa Pereira Carneiro tornou-se diretora do Jornal do Brasil em 1954.⁴⁵

Tais exemplos ilustram a paulatina presença de mulheres no jornalismo brasileiro. Entretanto, a dicotomia estabelecida entre uma imprensa feminina e um jornalismo *sério*, tornou-se mais intensa no pós-Guerra, período considerado de retrocesso quanto à participação das mulheres no espaço público. É sintomático que no pleito de 1945 nenhuma mulher tenha sido eleita para o legislativo federal no Brasil. Do mesmo modo, os anos 1950 trouxeram mudanças significativas quanto à ampliação do parque gráfico e as estratégias

⁴⁵ Dicionário Mulheres do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000. Em ordem de citação dos verbetes: *Júlia Lopes*, p.305-306; *Carmem Dolores*, p. 132-133; *Eugênia Moreira*, p.209-210; *Albertina Correia Lima* p. 28; *Raquel de Queirós*, p.476-477; *Cecília Meireles*, p.146-147; *Rosalina Larragoiti*, p.486-487; *Heloneida Studart*, p.262-263; *Condessa Pereira Carneiro*, p.166-167.

voltadas à cultura de massa no que tange à imprensa. Retomaremos essa questão mais adiante, no entanto, é preciso pontuar aqui o desempenho da imprensa como elemento contribuinte no processo de contenção da presença e da atuação das mulheres nos espaços públicos em consonância com as sociedades ocidentais do pós-guerra. Houve um incentivo para o retorno das mulheres ao âmbito doméstico.

Assim, atendendo às circunstâncias em que o consumo de produtos modernos carregava uma concepção simbólica dos novos tempos, os métodos de propaganda publicitária, além de estimular o consumo direto de determinados produtos encontram-se implícita ou explicitamente presentes nas matérias, nas colunas e até nas reportagens, principalmente nas destinadas ao público feminino, às consumidoras. Disseminando o ideal da mulher moderna, as propagandas prometiam mudanças: tinturas, loções, perfumes, massagens, cremes rejuvenescedores, etc., sugeriam às leitoras o arquétipo de beleza dos novos tempos baseado nas figuras de Hollywood.

Da mesma forma, inúmeros produtos prometiam praticidade e conforto às mulheres na vida doméstica e no conforto da casa: refrigeradores, armários especiais, equipamentos diversos, novos produtos de limpeza, enfim, ao mesmo tempo em que tais produtos ofereciam possibilidades de modificar a arte culinária e o rude trabalho doméstico, reforçavam os vínculos das mulheres com o âmbito doméstico.

Como observa Dulcilia Helena Schroeder Buitoni em “Mulher de papel” esse fenômeno foi mais intenso nas revistas brasileiras do que nas sessões femininas dos jornais nos anos 1950:

E, no tocante a seções femininas, os jornais sempre estão atrasados em relação às revistas. Suas seções são pobres, sem imaginação, pouco trabalhadas em termos de diagramação e ilustração. São colchas de retalhos, que juntam receitas de tricô e crochê, uma crônica ou poesia, culinária, moda, conselhos de beleza, frases de amor etc. Boa parte do material publicado é tradução de textos enviados por agências estrangeiras. A mulher, como público, não é muito considerada. A impressão que se tem é que o jornal editava a página feminina mais para constar.⁴⁶

A autora exemplifica com a página feminina publicada às sextas-feiras no jornal “O Estado de São Paulo” desde a década de 1940, e que foi transformada em suplemento semanal em tamanho tablóide a partir de 1953.

⁴⁶ BUITONI, Dulcilia Helena Schorceder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981, p.85.

De um modo geral, o conteúdo das colunas e cadernos femininos publicados nos jornais, abrangiam temáticas que vinculavam as mulheres ao universo doméstico, confirmando o discurso dominante, os papéis a que foram destinadas as mulheres.

Tanto que tal discurso foi assimilado por Adalgisa Nery e pelo jornal; quando estreou no jornalismo em 1954, seus primeiros artigos no jornal “Última Hora” foram publicados no segundo caderno junto de charges e notícias de entretenimento, destoando dos assuntos tratados na página. Propondo escrever sobre política e economia, a publicação de seus textos no caderno cultural motivou a reclamação de Adalgisa Nery num telefonema ao diretor e dono do jornal: “Eu não fico em caderno de mulher (...) quero o caderno dos homens, quero o primeiro caderno.”⁴⁷

Assim, como referenciado anteriormente, as mulheres atuavam na grande imprensa dos anos 1950, tratando de assuntos freqüentemente ligados ao âmbito doméstico. A reação de Adalgisa Nery pode ser compreendida se recuperarmos as temáticas tratadas pelas mulheres na imprensa daquele período: moda e beleza, culinária e decoração, família e educação dos filhos, relacionamentos afetivos, ou então publicando contos e crônicas romanescas. Caracterizando o primeiro caderno como um espaço jornalístico dos homens, e verificando o tipo de imprensa que as mulheres faziam naquele momento, a escritora assume o discurso dominante e reivindica o espaço reservado aos homens: a eles eram destinados os assuntos *sérios* como política e economia; ao propor tratar desses temas, Adalgisa Nery efetiva a exigência.

O fenômeno do jornalismo na segunda metade do século XX estava inserido num contexto econômico que apontava a consolidação da indústria cultural forjada pelo consumo. Nos anos 1950 a imprensa era consagrada como veículo de informação; a televisão dava os primeiros passos, era privilégio de poucos e não havia se popularizado e atingido o grande público. A imprensa era espaço de expressão e de debates de idéias, além de cumprir o papel de formadora de opinião pública. Simultaneamente, as revistas, e também o colunismo social dos jornais, criavam o consumo de informações sobre personalidades da sociedade brasileira dos anos 1950. Essas figuras de vida pública e social intensa freqüentavam os acontecimentos da elite e esses eventos, repletos de *glamour*, eram noticiados e comentados.

Essa atenção às personalidades públicas sintonizava-se com o padrão de consumo processado na sociedade norte- americana, que consumia e exportava notícias sobre os filmes e os astros de Hollywood, por exemplo. Nesse contexto de desenvolvimento econômico,

⁴⁷ WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1988, p.247.

intensificava-se progressivamente a vinculação entre consumo e imprensa feminina, “devido ao crescimento das indústrias relacionadas à mulher e a casa, ao fortalecimento do mercado interno e à relativa ampliação da classe média.”⁴⁸

Assim, dentro do que historicamente convencionou-se serem os lugares e os papéis das mulheres, e dentro da condição social dessas mulheres, a imprensa funcionou como importante espaço de debate acerca de suas reivindicações.

1.2 Mulheres eleitoras: voto e participação política institucional

Referenciada anteriormente como uma das principais líderes da luta pelo sufrágio universal no Brasil, Bertha Lutz debateu em diversos espaços e de maneira constante a participação política das mulheres. Através da fundação de conselhos e ligas femininas e eleitorais, Bertha Lutz aglutinava as mulheres empenhadas na defesa dos direitos das brasileiras, em consonância com os movimentos feministas internacionais. Em 1922 participou de uma conferência nos EUA, acirrando a ligação com o movimento norte americano. Nesse contexto, as americanas haviam recentemente conquistado o direito de votar e a líder Carrie Chapman Catt esteve presente na fundação da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, também em 1922.⁴⁹

Vale pontuar aqui, mesmo que rapidamente, a luta pelo sufrágio universal nos EUA, que teve início no século XIX consoante ao movimento de abolição da escravatura. Após a libertação dos escravos norte-americanos, mulheres como Susan Brownell Anthony e Elizabeth Cady Stanton engajaram-se na conquista do voto feminino. Foi aprovada em 1870 a emenda constitucional que garantia o direito de voto aos homens de qualquer raça, cor e condição social. A partir de então, deu-se início a uma nova batalha: uma emenda pelo voto feminino, que levaria o nome de sua idealizadora, Susan Anthony. Apresentada no Congresso norte-americano, sua aprovação seria longa e árdua.

Por conta da autonomia que a Constituição norte-americana delega aos Estados membros da união, o então território do Wyoming concebeu o direito de voto às mulheres em 1869. Outros poucos estados seguiram esse exemplo.

⁴⁸ BUITONI, Dulcília Helena Schorceder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990, p. 49.

⁴⁹ SOIHET, (2006) Op.Cit. p.33-34.

Ao conquistar o direito de uma educação superior, o direito de falar em público, e possuir bens, e o direito de trabalhar num emprego ou profissão controlando seus ganhos, as feministas passaram a ter menos motivos de amargor contra os homens. Mas havia ainda uma batalha a vencer.⁵⁰

Na virada para o século XX, a luta recrudescceu: passeatas e manifestações públicas foram organizadas pelas ativistas. Assim, a proposta de voto a todas as americanas foi aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos em 1919, sancionada em 1920 e, tornando-se emenda à Constituição, proibiu a discriminação política com base no sexo.

No Brasil, o desempenho de mulheres como Bertha Lutz, participante ativa de encontros no exterior, resultou na conquista do direito ao voto em 1932. Entretanto, inaugurava-se um outro rol de contendidas. Inseridas em espaço tradicionalmente masculino, as mulheres assumem posição pública, ou seja, na política-institucional, até então campo sob hegemonia masculina. Eleitoras, elegíveis e eleitas: a exposição de posturas tomadas por algumas personalidades femininas nos serve como amparo de análise.

O debate no Congresso girava em torno dos conteúdos dos órgãos e do próprio caráter dos organismos públicos que estavam sendo moldados principalmente a respeito da mulher trabalhadora. No livro “A Mulher na sociedade de classes” Heleieth Saffioti analisa os debates, travados na comissão do Estatuto da Mulher, entre as deputadas Bertha Lutz e Carlota Pereira de Queiroz sobre a criação do Departamento Nacional da Mulher.⁵¹ Inseridas na conjuntura econômica dos anos 1930, essas duas mulheres são identificadas pela autora como representantes das classes sociais que primeiramente tiveram acesso à legislatura.

Bertha Lutz chegou à Câmara Legislativa Federal como suplente e ocupou a vaga do deputado Cândido Pessoa, falecido. As propostas da deputada feminista ajustavam-se aos ideais dos estratos sociais médios.

Toda sua ação se desenrola no sentido de obter uma expansão da estrutura capitalista no Brasil, de modo a se abrirem novas vias à emancipação econômica da mulher, inclusive através do desempenho, por parte do Estado, de funções que o caracterizariam como o Estado do Bem-estar social.⁵²

Por outro lado, a deputada paulista Carlota Pereira de Queiroz imprimiu em suas propostas, segundo Saffioti, caráter de amparo à mulher, num tom assistencialista com intuito

⁵⁰ FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971, p. 85-86.

⁵¹ SAFFIOTI, Heleieth. I. B. *A mulher na sociedade de classes*. São Paulo: Livraria Quatro Artes, 1969.

⁵² Idem, *Ibid.*, p. 286.

de aliviar as tensões geradas pela pobreza e pela *promiscuidade*. Suas propostas não visavam tornar as mulheres independentes economicamente:

Neste sentido, seu pensamento parece desenvolver-se conforme à postura dos que pertencem a ‘famílias tradicionais’, admitindo a ascensão social e equiparação, ao homem, da mulher de camada dominante, mas vendo na mulher de camada subprivilegiada um ser que, por incapaz de progredir autonomamente, carece da proteção do Estado.⁵³

Saffioti afirma que, inspiradas nos movimentos feministas europeu e norte-americano, nossas feministas “não parecem ter-se detido nem na análise da realidade econômico-social nacional, nem em um exame aprofundado da ordem social capitalista” já que houve a tentativa de implantar medidas legais similares aos países de economia mais avançada.⁵⁴

Para além do empenho das elites na política institucional, dos debates acalorados na Câmara dos deputados, e mesmo anteriormente à conquista do direito de voto, outras mulheres vinculavam-se às instâncias políticas identificadas ideologicamente com o comunismo. Num tempo de profundas cisões ideológicas e de intenso ativismo político, muitas mulheres aderiram às idéias marxistas e ingressaram no Partido Comunista.

Patrícia Galvão, “colocou sua vida a serviço dos ideais de igualdade e justiça.”⁵⁵ Em 1922, Pagu publicou o romance “Parque industrial”, denunciando as condições do operariado na época. Ela e o companheiro Oswald Andrade eram mal vistos entre os correligionários do partido. Por envolver-se em incidente no porto de Santos, em 1931 foi tida como “agitadora individual, sensacionalista e inexperiente.”⁵⁶ Pagu é considerada uma das primeiras mulheres presas por motivos políticos no Brasil: foi encarcerada depois de participar de um comício do partido em protesto contra a execução de anarquistas italianos nos EUA. Em fins dos anos 1930 viajou pelo mundo e enviava reportagens para jornais cariocas e paulistas.

A paraense Eneida de Moraes transitava pelo eixo São Paulo - Rio de Janeiro dedicando-se à literatura e ao jornalismo, escrevendo em pequenos jornais e revistas. Foi seduzida pelas teorias socialistas freqüentando a boemia carioca: ingressou no Partido Comunista em 1932.

Nessa mesma conjuntura, a União Feminina do Brasil reunia mulheres de visão mais progressista que procuravam organizar-se politicamente, face à onda ameaçadora do

⁵³ Idem, p.285-286.

⁵⁴ Idem, p.281.

⁵⁵ Cf. Dicionário Mulheres do Brasil. *Pagu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000, p. 463-464.

⁵⁶ Idem.

nazifascismo que varria a Europa. Tal entidade congregava intelectuais e operárias que defendiam os interesses das mulheres e estava ligada à Aliança Nacional Libertadora, organização política de esquerda de âmbito nacional fundada em 1935, cujo presidente de honra era o líder comunista Luiz Carlos Prestes.

A principal representante da União Feminina era Maria Werneck de Castro, que fez parte da já referenciada Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, entidade que congregava “um grupo de mulheres de classe média e elevada escolaridade e conhecedoras dos rumos dos movimentos feministas na Europa e EUA.”⁵⁷ Entretanto, após a conquista do voto e insatisfeita com o caráter da FBPF que considerava burguês, Maria Werneck, declaradamente marxista e empenhada na luta pelos direitos humanos e das mulheres em especial, participa da fundação da União Feminina do Brasil. Por conta do vínculo com a ANL, a entidade foi colocada na ilegalidade em julho de 1935. Após a tentativa de sublevação comunista em novembro de 1935, todas as dirigentes da União Feminina foram presas, sendo que algumas delas permaneceram por mais de um ano sem liberdade.

No cárcere, médicas, escritoras, professoras, atrizes, operárias, advogadas; intelectuais, dirigentes de associações, sindicalistas e bancárias, essas mulheres filiadas ou não ao Partido Comunista e à Aliança Nacional Libertadora dividiram as mazelas da prisão política: eram as mulheres da sala 4.⁵⁸ As entradas e saídas da prisão eram intensas; passaram por lá, a professora Beatriz Bandeira Riff, a médica psiquiatra precursora das terapias alternativas para doentes mentais, Nise da Silveira e Eneida de Moraes; Eugênia Álvaro Moreyra e Pagu; as alemãs Olga Benário Prestes e Elisa Berger estiveram na prisão da Frei Caneca antes de serem embarcadas para a Alemanha.

Essas mulheres vincularam-se aos preceitos políticos de esquerda, quando o fruto fresco do socialismo parecia mais atraente. Nesse contexto Adalgisa Nery enfrentava dificuldades pessoais com a doença e a morte do primeiro marido, pai de seus dois filhos.

No Brasil, as circunstâncias políticas marcadas pela instauração da ditadura do Estado Novo (1937-1945) afastaram os eleitores das urnas. Entre 1932 - ano do estabelecimento do sufrágio universal - e 1937, o eleitorado feminino muito pouco experimentou a prática eleitoral. Como já referenciamos, no período que se seguiu à II Guerra Mundial, intensifica-se o discurso através dos meios de comunicação de massa, de identificação das mulheres com o lar, o âmbito doméstico.

⁵⁷ Dicionário Mulheres do Brasil. *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000, p.217-225.

⁵⁸ WERNECK, Maria. *Sala 4: primeira prisão política feminina*. Rio de Janeiro: CESAC, 1988.

Esse fenômeno é observado na sociedade norte-americana por Joanne V. Hawks e Carolyn Ellis Staton. As autoras focam as legislaturas de mulheres nos estados do sul entre 1946 e 1968, período considerado transitório. Essa geração estivera entre as mulheres que emergiram politicamente com o movimento sufragista - quando sua simples presença no legislativo já as fazia importantes - e as do grupo mais ativista das décadas de 1970 e 1980.

O estudo publicado em “Women in politics: outsiders or insiders?” pauta-se na análise do perfil das mulheres deputadas no período que se seguiu à II Guerra Mundial, com as eleições de 1946, quando as mulheres da classe média norte-americana receberam muitos sinais da existência de uma esfera própria ao seu gênero, incluindo casa, família e atividades relativas ao espaço doméstico.⁵⁹

As autoras especulam que a entrada dessas mulheres no espaço do legislativo tenha sido uma forma suave de rebelião contra as expectativas que a sociedade tradicional tinha delas.

Inseridas num contexto político e geograficamente peculiar essas mulheres foram caracterizadas como progressistas, pois desejavam os legislativos estaduais como meio político para realizar melhorias nas condições de suas comunidades. “Muitas delas estavam especialmente preocupadas com as necessidades de mulheres, crianças e pessoas com dificuldades mentais, físicas e morais.”⁶⁰ Apesar de muitas de suas propostas não terem sido aceitas, certas necessidades receberam foco como matéria de preocupação pública. “Não menos importante elas estabeleceram o direito e a habilidade às mulheres para servirem competentemente como legisladoras estaduais.”⁶¹ Da mesma forma, atuaram nos estados norte-americanos do sul, considerados particularmente tradicionais, onde os papéis definidores de gênero foram ainda mais rigidamente estabelecidos nos anos que se seguiram à II Guerra Mundial.

As autoras traçam os perfis dessas mulheres no período estipulado, recuperando suas trajetórias no espaço público e suas posturas diante das questões levantadas naquele momento, como por exemplo, os direitos civis. Notam a criação de imagens estereotipadas divulgadas na imprensa. Desta forma, percebem o vínculo estabelecido entre as mulheres legisladoras e o espaço doméstico, identificando-as com os arquétipos femininos de esposa e mãe, bem como

⁵⁹ HAWKS, Joanne V.; STATON, Carolyn Ellis. “On the Eve of transition: women in southern legislatures, 1946-1968. In: DUKE, Lois Lovelace (org.). *Women in politics: outsiders or insiders?* New Jersey: Prentice Hall, 1993, p. 97-106.

⁶⁰ Idem, p. 97. “Many of them were especially concerned with the needs of woman, children and persons with mental, physical, and moral handicaps.”

⁶¹ Idem, Ibid., p.98.

ao universo da feminilidade: mulheres doces, belas e educadas. As que se afastavam dessas imagens, eram ridicularizadas pela mídia:

Quando elas se ajustavam à versão estereotipada da feminilidade do sul, elas eram vistas como não-ameaçáveis. Quando elas não se ajustavam à imagem padrão, a mídia, todavia tentava forçá-las nesse molde. Quando elas não estavam sujeitas a serem moldadas, elas se desculpavam, como Evans, argumentando ser uma 'outsider'. Elas eram menos exóticas que as mulheres que as precederam nas décadas anteriores, mas o público não estava ainda confortável com elas e ainda as consideravam como curiosidades. (tradução nossa)⁶²

Assim, essa geração de mulheres que atuou nas legislaturas estaduais do sul dos EUA, procurava viver de acordo com as expectativas sociais que se tinha delas enquanto praticavam as suas habilidades políticas. Para algumas mulheres envolvidas com o legislativo, o recurso de *fazedoras de leis* era secundário ao papel de *senhoras legisladoras*. Pelos seus serviços, essa geração de legisladoras deu passos importantes para que mulheres mais ativistas e mais ambiciosas a sucedessem.

O panorama político no Brasil, com as restrições democráticas implantadas pela ditadura Vargas contribuíram para certa inexperiência das mulheres com as práticas eleitorais. É indicativo que apesar das 18 candidatas à Câmara Federal, nenhuma mulher tenha sido eleita no pleito de 1945; nas eleições seguintes, de 1950, de nove candidatas apenas uma elegeu-se.⁶³

Quando Adalgisa Nery iniciou sua carreira na política, as mulheres brasileiras já haviam conquistado espaços políticos importantes. Estipulados seus campos de atuação nessa primeira parte do trabalho, delimitando as áreas em que Adalgisa Nery transitou com desenvoltura, estabelecendo as heranças históricas que ela usufruiu, vejamos alguns aspectos da trajetória biográfica dessa mulher que formaram e contribuíram para a sua atuação no jornalismo e na câmara estadual.

⁶² Idem, *Ibid.*, p. 105. "When they conformed to the stereotyped version of Southern womanhood, they were viewed as nonthreatening. When they did not conform to the standard image, the media nevertheless tried to force them into that mold. When they were not susceptible to being molded, they were excused, as was Evans, on the basis of being an 'outsider'. They were less novel than the women who preceded them in the earlier decades, but the public was still not quite comfortable with them and still regarded them as curiosities."

⁶³ Cf. AVELAR, Lúcia. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Editora Unesp, 2001, p.58 (tabela)

Capítulo 2. Trajetórias de vida e abordagem histórica

“Ela [Adalgisa Nery] era muito homem, a alma dela era muito de homem, de enfrentamento, era uma mulher muito forte, não se impunha evidentemente pela força física como mulher, ela se impunha pela força moral, era muito firme nas posições dela (...)”

Reynaldo Barros, amigo e “assessor” de Adalgisa Nery, a respeito da posição da escritora quando jornalista.

Apesar das biografias não terem saído do mercado editorial, é certo que houve um certo afastamento dos estudos biográficos por parte da História. O retorno da biografia no âmbito da História não significou simplesmente a retomada de um gênero deixado de lado pelos historiadores, mas insere-se num processo de profundas mudanças das bases teóricas, metodológicas da disciplina histórica, como resultante do repensar de questões clássicas como a relação indivíduo/sociedade, a atuação dos sujeitos, as formas de narrativa do conhecimento histórico, dentre outras. A idéia do retorno da biografia é parte do rol de mudanças que atingiu a escrita, as abordagens e os objetos da História.⁶⁴

Giovanni Levi fala de um recente entusiasmo dos historiadores pela biografia, pontuando, como primeiro aspecto significativo, as relações entre história e narrativa. Privilegiados, os historiadores que se valem da abordagem biográfica, podem ser auxiliados por questionamentos e técnicas da literatura, principalmente diante de obstáculos documentais, proporcionando certa “renovação da história narrativa, como também o interesse por novos tipos de fontes, nas quais se poderiam descobrir indícios esparsos dos atos e das palavras do cotidiano.”⁶⁵

Do mesmo modo, esse autor formula tipologias para as abordagens biográficas, sem pretender com isso esgotar as possibilidades de “novos caminhos trilhados pelos que procuram utilizar a biografia como instrumento de conhecimento histórico.”⁶⁶ Assim, Levi indica as tipologias como, prosopografia e biografia modal: ilustra os comportamentos, as

⁶⁴ Alguns exemplos da produção historiográfica recente são os livros de Luiz Mott, “Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil” (Bertrand Brasil, 1993); Eduardo Silva sobre Dom Obá (Cia das Letras, 1997); Lilia Moritz Schwartz, “As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos”, (Cia das Letras, 1998); Julia Furtado com “Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes: o outro lado do mito” (Cia das Letras, 2003); Francisca Nogueira de Azevedo, “Carlota Joaquina na corte do Brasil” (Editora Civilização Brasileira, 2004); Isabel Lustosa sobre D. Pedro I (Cia das Letras, 2006) e o recém publicado e já um sucesso editorial, José Murilo de Carvalho, sobre D. Pedro II (Cia das Letras, 2007).

⁶⁵ LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (coord.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 169.

⁶⁶ Idem, p.179.

aparências ligadas às condições sociais, coletivamente, com alcance geral; biografia e contexto (como era ser mulher de destaque político nos tempos *glamourosos* de Hollywood?); biografia e os casos extremos: exemplifica com Menocchio, com o qual o historiador italiano Carlo Ginzburg analisa a cultura popular; aqui também podem figurar os heróis de primeiro plano, típicos da história tradicional; biografia e hermenêutica: dialogando com a antropologia, o material biográfico em alternância contínua de perguntas e repostas no seio de uma comunidade de comunicação.

Tais indicações tornaram-se primorosas ao nosso trabalho. Conforme visto anteriormente, o conceito de prosopografia foi-nos útil quando ilustramos com alguns dados de biografias, elementos referentes à participação política de mulheres entre os anos 1920 e 1930. Da mesma forma quando da conquista do voto feminino e a participação política institucional das mulheres a partir de 1932.

Quanto às biografias de mulheres, sob a perspectiva positivista característica do século XIX, os enfoques eram dados às figuras notáveis e excepcionais, mostrando a capacidade das mulheres agirem em espaços tidos como masculinos e procurando desfazer a idéia tradicional do feminino: uma forma de reivindicar prestígio, dentro dos padrões daquele período. As revistas e os dicionários publicados em fins do século XIX pelas feministas de então, ressaltavam as mulheres que se destacavam no campo da política, da cultura e da religião.⁶⁷ Como mostra Rachel Soihet, tal perspectiva tinha a intenção de desfazer a idéia tradicional do feminino, mostrando que as mulheres tinham as mesmas capacidades masculinas “de fazer a história, de construir a civilização”. Debatendo com os estudos de Eleni Varikas, a autora percebe que os enfoques biográficos desse período não questionaram as formas de se *fazer história*.

Entretanto, Soihet qualifica tais estudos como passo importante, já que percebe uma tentativa de “subversão subterrânea dos modelos recebidos”:

O que sugere a busca de outros valores, além de se constituírem numa arma na defesa do gênero contra as tradições misóginas. E, hoje, quando a biografia tem despertado interesse crescente, tem surgido obras desse tipo, buscando compreender o condicionamento social e sexual das mulheres focalizadas e a interação entre sua vida pública e privada.⁶⁸

⁶⁷ SOIHET, Rachel. “História das Mulheres”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 281.

⁶⁸ *Ibidem*.

Neste sentido, novas concepções teóricas ligadas também à história política, proporcionam um embasamento em que através da trajetória de vida, valendo-se das ferramentas teóricas apontadas no decorrer do texto, seja possível analisar as diversas formas de participação política das mulheres. Afinal, a inserção feminina na política institucional significou novas posturas, assim como outros discursos face à posição das mulheres na sociedade: através do itinerário de uma mulher em sua singularidade, desvendam-se questões mais amplas, seja quanto aos papéis a elas designados, seja ao discurso sobre posturas comuns ao gênero feminino.

O primeiro plano de análise desenvolve-se a partir de um foco: um indivíduo em tal sociedade, submerso por expectativas de diversas categorias, mas que se fundamentam, a princípio, pela sua condição de gênero: a primeira instância de exercício de poder. Da mesma forma, sua condição de classe o direciona ao trato com determinados grupos sociais, assinalando identidades e estabelecendo traquejos que o identificam a determinada categoria sócio-cultural, assim como o diferenciam das outras classes. No decorrer de sua trajetória de vida, aparecem pontos observáveis que se tornam importantes se focalizados sob a ótica atentada pelo historiador. Assim, cabe acentuar aspectos da vida de uma pessoa em consonância com o desenvolvimento histórico, pautado numa conjuntura econômica determinante, que perpassa os âmbitos social e cultural.

No que tange à historiografia sobre trajetórias individuais, elegemos como trabalhos significativos para a nossa pesquisa, os livros sobre Luce Fabbri e Lourival Fontes. A anarquista italiana e o personagem satélite da Era Vargas – além de ter sido o segundo marido de Adalgisa Nery – foram figuras, que de maneiras diferentes, envolveram-se com a conturbada conjuntura política do século XX e por conta disso, tornaram-se objetos de estudos produzidos pela academia e publicados. Os autores Margareth Rago e Sonia de Castro Lopes valeram-se principalmente da produção intelectual de seus biografados, Luce Fabbri e Lourival Fontes, respectivamente.

No livro “Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo,” Rago desvenda as inúmeras faces dessa anarquista estabelecida no Uruguai em 1929, quando, perseguida pelos fascistas, fugiu da Itália.⁶⁹ Assim, através da abordagem biográfica e em contato com o arquivo pessoal de Luce Fabbri, Margareth Rago investiga as suas relações com outras mulheres, bem como com as instituições, os movimentos e as organizações de seu tempo.

⁶⁹ RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

Através da trajetória da ativista política italiana, Rago considera a riqueza e a singularidade da experiência histórica de Luce, afinal, foram poucas as mulheres dotadas de tantos recursos culturais e intelectuais, que abraçaram tão radicalmente o anarquismo naquele período, atuando na resistência aos movimentos totalitários do entre guerras. A autora baseou-se nos relatos orais, conhecendo momentos da vida de Fabbri a partir de sua própria *memorização do passado* em longas conversações travadas entre 1995 e 2000. Do mesmo modo, Rago esteve submersa na biblioteca da intelectual e militante anarquista em Montevideú, e inserida nesse universo, conheceu além da vasta produção intelectual de Luce Fabbri, seu círculo de relações políticas e sociais contemporâneas. Assim, a convivência com a intelectual libertária, seu envolvimento direto com o anarquismo, faz do trabalho de Rago uma biografia apaixonada sobre a pensadora anarquista estabelecida na América do Sul.

Com outro foco de análise, já que não teve acesso às fontes orais coletadas diretamente do personagem biografado, Sonia de Castro Lopes em “Lourival Fontes: as duas faces do poder” traça o perfil do homem e do político, procurando contextualizar a trajetória de Lourival Fontes com as diversas fases do chamado Vargasismo, explorando as rupturas e continuidades do seu discurso.⁷⁰ Dada à inexistência de um arquivo pessoal de Lourival Fontes, a autora vale-se de documentos oficiais ligados à Presidência da República (como os relatórios do DIP entre 1939 e 1942), arquivos do legislativo de quando Fontes foi senador (1955-1963), correspondências pessoais, documentos como jornais, periódicos e livros de autoria de Lourival Fontes. O livro é exemplar, já que desmistifica o homem tido como o poderoso chefe do órgão de censura e difusão ideológica da época do Estado Novo, mostrando os perfis diversos desse político que se adaptava “às circunstâncias e às tendências políticas dos momentos históricos em que esteve inserido, mantendo-se permanentemente atento às determinações e aos projetos do governo a quem servia.”⁷¹

Ambos os trabalhos pautados na abordagem biográfica inevitavelmente se ancoraram no contexto político em que seus personagens estiveram inseridos. As fontes disponíveis, o modo como foram trabalhadas e a exploração das mesmas, foram fundamentais para a elaboração e construção do texto.

Um outro exemplo é o trabalho de Nicola Miller que examina a vida e o trabalho da escritora chilena Gabriela Mistral (1889-1957), primeira escritora da América Latina a ganhar o prêmio Nobel de literatura, em 1945. Apesar de sua trajetória de combate ao imperialismo e aos movimentos totalitários, de defesa da liberdade cultural e da justiça social, de ter

⁷⁰ LOPES, Sonia de Castro. *Lourival Fontes: as duas faces do poder*. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 1999.

⁷¹ Idem, p.161.

adquirido um perfil como poucos contemporâneos seus, ela é raramente lembrada como uma intelectual. A carreira inicial como professora primária e poetisa, recebe mais atenção nos trabalhos a seu respeito. A intensa atuação posterior de Gabriela Mistral é geralmente minimizada. “Seu caso ilustra flagrantemente como era difícil para uma mulher, apesar de proeminente na vida cultural, ganhar reconhecimento como uma intelectual na América Latina do século XX.”(tradução nossa).⁷²

Miller argumenta que o modelo de intelectual (popularizado por Zola em 1898 com seu “Manifesto dos intelectuais”, quando saiu em defesa do capitão judeu Dreyfus) bem como suas formas de ação e atuação não condiziam com o papel designado às mulheres. Ela percebe que o advento de Mistral como ganhadora do prêmio Nobel em 1945 deu-se junto do vínculo da figura dessa mulher como poetisa e professora. E afirma:

Os únicos caminhos socialmente ratificados para as mulheres latino-americanas participarem da vida cultural nacional no começo do século XX eram como poetisas líricas (o mais pessoal dos gêneros literários) ou como professoras primárias (trabalhando em um espaço público, mas um habitualmente representado como uma extensão do lar). (tradução nossa)⁷³

Desta forma, criou-se uma identificação conservadora da escritora Gabriela Mistral; uma mulher que sacrificou a maternidade, dispensou a questão dos direitos das mulheres e permaneceu satisfeita no espaço limitado pela condição patriarcal. Tudo isso funcionou como um presente ao regime Pinochet (1973-1990), que angariou esse discurso, promovendo Gabriela à *mãe da nação* como um antídoto para o outro chileno ganhador do prêmio Nobel: o comunista Pablo Neruda, amigo da escritora.

Essas contribuições em termos de abordagens biográficas nos ajudam a refletir e incorporar elementos que nos auxiliem no processo de construção da figura social da escritora Adalgisa Nery. Pretendemos verificar a sua trajetória pessoal na tentativa de ilustrar sua posição enquanto mulher, colunista política e deputada estadual: a biografia como instrumento de pesquisa social. No decorrer de sua vida, Adalgisa Nery foi construindo uma rede de relações de sociabilidades e de afinidades que se tornaram fundamentais na sua

⁷² MILLER, Nicola. Recasting the role of the intellectual: Chilean poet Gabriela Mistra. In: *Feminist Review*, London, n.79, 2005, p. 136. “Her case illustrates strikingly how difficult it was for any woman, however prominent in cultural life, to win recognition as an intellectual in 20th century Latin America.”

⁷³ Idem, p. 135. “The only socially sanctioned ways for Latin América women to participate in national cultural life during the early 20th century were as lyrics poets (that most personal of literary genres) or as schoolteachers (working in a public space, but one customarily represented as an extension of the home)”

postura como jornalista e também como parlamentar, face de sua biografia que nos interessam primordialmente.

Como mulher inserida em espaços tipicamente tidos como masculinos – o jornalismo e a política institucional, principalmente – a conceituação teórica das relações de gênero é, portanto, recurso engenhoso em nossa análise. Do mesmo modo, torna-se importante integrar em nosso estudo, a verificação dos lugares definidos e definidores de gênero, ou seja, incorporar evidências que nos auxiliem na compreensão, através das fontes disponíveis, da construção dos espaços destinados ao masculino e ao feminino na sociedade brasileira no decorrer do século XX.

Em muitas circunstâncias e eventos, Adalgisa Nery aparece como única mulher presente: nas noites de debate literário e intelectual na casa em que vivia com o pintor Ismael Nery na década de 1920; no início da sua carreira jornalística quando ofereceu um jantar reunindo em sua casa figurões da política nacional em dezembro de 1954; nas reuniões da Frente Parlamentar Nacionalista em meados de 1956, observações úteis para verificarmos suas relações com o gênero masculino.

Quando iniciou seu trabalho no jornalismo, Adalgisa Nery sustentava uma condição ímpar como figura pública. Sua trajetória de vida, os espaços sociais que frequentou, as relações estabelecidas no seu itinerário fundamentaram sua atividade de jornalista e parlamentar, dando importante alicerce à sua carreira profissional.

2.1 Adalgisa Nery e rede de sociabilidades

O primeiro casamento parece ter funcionado como uma estratégia para Adalgisa Maria Feliciano Noel Cancela Ferreira desvencilhar-se dos conflitos domésticos com a madrasta. Órfã de mãe aos 8 anos, filha mais velha de quatro irmãos, a convivência familiar foi caracterizada como espaço de opressão e desavenças. Recebeu as primeiras instruções escolares quando interna do colégio de freiras Santos Anjos em Vassouras e completou o curso primário numa escola pública em Botafogo no Rio de Janeiro. “Foi a única educação formal que recebeu na vida.”⁷⁴ Mesmo sem o consentimento da própria família a então adolescente casou-se com Ismael Nery, jovem pintor paraense de família rica com quem foi morar junto da avó, da mãe e da tia do marido: o novo espaço familiar foi descrito também

⁷⁴ CALLADO, Ana Arruda. *Adalgisa Nery: muito amada e muito só*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999, p.13.

como opressor em “A imaginária”.

Publicado em 1959, o romance possui forte tom confessional, e a personagem-narradora Berenice descreve os conflitos da infância e da adolescência, passando pela convivência difícil com a família do primeiro marido e a beleza da maternidade, até a doença fatal do cônjuge seguida das ameaças de perder a guarda dos filhos para a sogra. Repleta de poesia e indagações filosóficas, a narrativa adquire dimensão psicológica, expondo as angústias, os conflitos e os dramas enfrentados por Adalgisa Nery no âmbito doméstico.

O livro foi um sucesso editorial. De intensa introspecção feminina, expõe com quase embriaguez a paixão e a admiração por Ismael Nery. Algumas páginas seguintes e dá-se início ao drama familiar: Berenice exhibe com ares de tragédia as relações conflituosas com as mulheres da casa; cria cenas acompanhadas de injúrias e desavenças, descrevendo às vezes de forma minuciosa o ordenamento psicológico dos personagens. Figuras fortes e uma linguagem surrealista, mesmo protegidas pela licença poética, os personagens não são de todo ficcionais.

Designado simplesmente como “meu marido”, anos depois a escritora apontou publicamente o sentido autobiográfico da narrativa: aquele era Ismael Nery. O marido promovia reuniões em sua casa, durante as quais, artistas, escritores e estrangeiros levados por eles, debatiam animadamente noite adentro. Sobre essa fase, escreve Berenice:

Meu marido (...) recebia os amigos todas as noites. Vivíamos rodeados de escritores, pintores, músicos e personalidades interessantes. Tínhamos diariamente dez, quinze pessoas variadas e inteligentes em nosso convívio. Eu ocupava-me da casa, dos filhos pequeninos e passava entre eles com simpatia e cordialidade. (...) Essas reuniões significavam pra mim um prazer indescritível.⁷⁵

Já como colunista política quando da publicação de “A imaginária”, Adalgisa cultivava a rede de amigos inaugurada quando esposa de Ismael Nery: Cândido Portinari, por exemplo, ilustrou a capa do livro, conforme imagem a seguir.

⁷⁵ NERY, Adalgisa. *A imaginária*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1959, p.145-146.

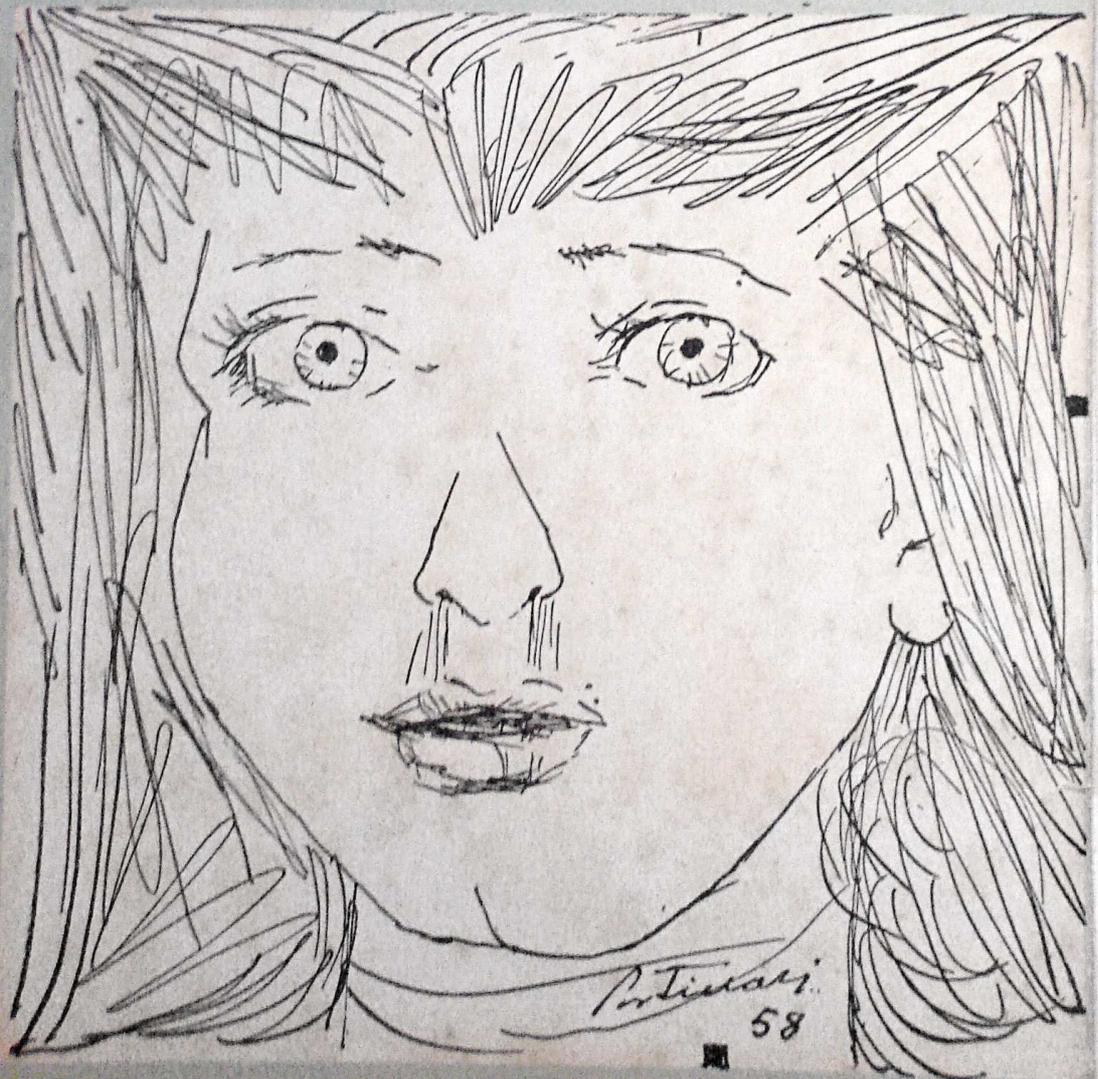
ADALGISA NERY

A IMAGINÁRIA

ROMANCE

2.^o EDIÇÃO

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA



O que nos interessa aqui é resgatar a importância de um período de elaboração e desenvolvimento intelectual dessa mulher. Anos depois em depoimento ao Museu da Imagem e do Som – MIS de 1967, a escritora exalta as tais reuniões:

Quando era casada com Ismael Nery, a minha casa era freqüentada por artistas, intelectuais (...) eu acompanhava aquilo tudo como se fosse um curso apuradíssimo, porque todos eles eram muito inteligentes com muita cultura, com muita imaginação, com muita intuição, com muita sensibilidade, então eu lucrei com aquilo.⁷⁶

Do mesmo modo, em entrevista dada ao Pasquim em 1971, ela diz que tais encontros lhe serviram como “um curso natural de vida, de cultura.”⁷⁷ Nesses debates literários e filosóficos figuravam Álvaro Moreira, Aníbal Machado, Dante Milano, Jorge Burlamaqui, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Mário Pedrosa, Murilo Mendes, Pedro Nava, entre outros. No relato de Mário Pedrosa, a casa de vila da São Clemente “era um lugar de reunião para um pequeno grupo de moços entusiastas.” E, nessas ocasiões, a figura da esposa de Ismael Nery, foi lembrada: “A jovem mulher, bela como um jarro de flores, dava, com sua presença, o toque de graça terrena e feminina àquelas reuniões, por vezes perdidas em especulações abstrusas.”⁷⁸ Da mesma forma, Carlos Drummond de Andrade publicou em “Brejo das Almas”, de 1934, o poema “Desdobramento de Adalgisa.”⁷⁹ É também de 1934 a primeira pintura de têmpera com areia que Cândido Portinari fez retratando-a.

⁷⁶ Depoimento de Adalgisa Nery para o círculo de escritores brasileiros do Museu da Imagem e do Som – MIS, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1967, às 14:05. Entrevistadores: Paulo Silveira, Pelegrini Junior e Carlos Drummond de Andrade.

⁷⁷ O Pasquim, n. 88 de 11 a 17 de março de 1971.

⁷⁸ PEDROSA, Mário. “Ismael Nery, um encontro na geração”. In: Arantes, Otília Beatriz Fiori (org.) *Acadêmicos e modernos: textos escolhidos III*. São Paulo: Edusp, 1998. pp.196- 201, p. 198.

⁷⁹ “Os homens preferem duas. / Nenhum amor isolado/ habita o rei Salomão/ e seu profano coração./ Meu rei, a vossa Adalgisa/ virou duas diferentes/ para mais a adorardes./ Sou loura, trêmula, blândula / e morena esfoguetada./ Ando na rua a meu lado,/ colho bocas, olhos, dedos/ pela esquerda e pela direita./ Alguns mal sabem escolher,/ outros misturam depressa/ a perna de uma, braço de outra,/ e o indiviso sexo aspiram,/ como se as duas fossem uma,/ quando uma é que são duas./ Adalgisa e Adalgiosa,/ parti-me para o vosso amor/ que tem tantas direções/ e em nenhuma se define/ mas em todas se resume./ Saberei multiplicar-me/e em cada praia tereis/ dois, três, quatro, sete corpos/ de Adalgisa, a lisa, fria/ e quente e áspera Adalgisa,/ numerosa qual Amor./ Se fugirdes para a floresta,/ serei cipó, cobra, veado,/ eco da vagem na tarde,/ ou serei a humilde folha,/ a sombra humilde, o silêncio/ entre duas pedras. E o rei/ que se enfarou de Adalgisa/ ainda se adalgisará./ Se voardes, se descerdes/ mil pés abaixo do solo,/ se vos matardes alfim,/ serei ar de respiração,/ serei tiro de pistola,/ veneno, corda, Adalgisa./ Adalgisa eterna, os olhos luzindo sobre o cadáver./ Sou Adalgisa de fato,/ pensais que sou minha irmã/ ou que me olho no espelho./ Amai-me e não repareis!/ Uma Adalgisa traída/ presto se vingá da outra./ Eu mesma não me limito,/ se viro o rosto me encontro,/ quatro pernas, quatro braços,/ duas cinturas e um/ só desejo de amar./ Sou a quádrupla Adalgisa,/ sou a múltipla, sou a única/ e analgésica Adalgisa./ Sorvei-me, gastai-me e ide./ Para onde quer que vades,/ o mundo é só Adalgisa.” In: DE ANDRADE, Carlos Drummond. *Brejo das almas*. Belo Horizonte: Sociedade Editora Amigos do Livro, 1934, p. 102-105.



**Cândido Portinari, “Retrato de Adalgisa Nery,” 1934.
Pintura a têmpera com areia/tela.**

Assim, o enlace com Ismael Nery foi importante para a formação intelectual e social de Adalgisa, na medida em que ela iniciou a tessitura de uma rede de sociabilidades proporcionada pelo casamento: o *destino* certo das mulheres. As relações inauguradas no espaço doméstico foram fundamentais para sua posição de mulher pública e política posterior.

Por dois anos os Nery viveram na Europa, onde conheceram o compositor brasileiro Heitor Villa Lobos, o pianista espanhol Tomás Terán e os pintores Marc Chagall e Juan Miró. Estiveram inseridos no ambiente artístico e cultural de Paris em fins dos anos 1920, mantendo contato com muitos artistas que ali viviam. Viajaram a Montevideu e Buenos Aires.⁸⁰ Essa experiência no exterior pode ter contribuído de alguma forma para a carreira literária de Adalgisa Nery, já que ela atuou inclusive como tradutora de obras estrangeiras.⁸¹

Entre 1922 e 1934, ou seja, dos 16 aos 28 anos, Adalgisa Nery foi esposa e musa do pintor e poeta-vanguarda do essencialismo; “um Rimbaud em esboço”; um homem de fé católica que “passou como um meteoro, lançando o seu essencialismo como uma janela aberta numa instituição como a Igreja, tradicionalmente desconfiada dos caminhos da liberdade.”⁸² Para Alceu Amoroso Lima, o poeta Murilo Mendes, amigo do casal Nery, foi herdeiro do sistema filosófico denominado essencialismo.⁸³ No entendimento do pensador católico,

⁸⁰ “Diário de notícias” de 16/09/1967. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁸¹ A escritora traduziu o *Jardins das carícias*, poemas árabes do século X traduzidos para o francês por Franz Toussaint. O livro foi publicado em 1938 pela editora José Olympio. Traduziu da língua inglesa, “O trono do Amazonas: a história dos Bragança no Brasil” da norte-americana Bertita Harding de 1944, e “Em busca do amor: a vida de George Sand” de 1956, ambas pela Editora José Olympio. Já “Encontro de amor” do autor católico Archibald Josep Cronin s.d. foi editado pela Record. Em 1952 Pierre Seghers editou na França o livro “Au-delà de toi”, com poesias de sua autoria.

⁸² LIMA, Cláudio Medeiros. “Alceu Amoroso Lima: memórias improvisadas”. Petrópolis: Editora Vozes, 1973, p. 109.

⁸³ Tido como católico fervoroso, Ismael Nery desenvolveu e compartilhou com o amigo Murilo Mendes um sistema de idéias, uma espécie de concepção de mundo designado, por eles mesmos, de essencialismo. Com a idéia de que era mais importante viver a poesia do que escrevê-la, Ismael Nery conferia à arte uma missão regeneradora. Na busca pela essência da vida, acreditava na superação das relações de espaço e tempo. “Seu

Ismael deu para Murilo Mendes a revelação do seu próprio caminho: “Foi esse sentido de liberdade, dentro da fé da Igreja, que Ismael e Murilo, aquele passando e este ficando, trouxeram sem alarde para o moderno catolicismo brasileiro.”⁸⁴

A religiosidade de Ismael parece ter raízes no seio familiar. Berenice narra sobre o vínculo excessivo da família do marido com o catolicismo. No início do casamento, via a família Nery, como “um conjunto de pessoas, boas, simples, com manifestações de virtudes religiosas e inflexível rigor moral.”⁸⁵

As três mulheres da casa são indicadas como beatas que freqüentavam a missa todas às manhãs e recebiam constantemente visitas de “frades, bispos, freiras ou solteironas castas e virtuosas.”⁸⁶ Ela não entendia o desgosto do pai e da madrasta que foram contrários ao seu casamento. Inicialmente apresentadas como virtuosas e de hábitos austeros, penitentes e caridosas, a mãe, a avó e a tia do marido, aos poucos transformam o ambiente da casa num palco assustador aos olhos da jovem Berenice. O início das desavenças recebe descrição minuciosa: uma briga travada pela manhã é construída de forma surreal: as mulheres falavam e discutiam ao mesmo tempo, com “tonalidades de ódio e maldição”, quando a solteirona da casa senta-se ao piano e cria um som alucinado, dedilhando “escalas cromáticas, marchas militares” e finalmente “música sacra”. A confusão assusta Berenice que apenas observa a cena pelo vão da porta, inaugurando o rol de desavenças com a nova família.

Nas cenas que antecediam crise e brigas, as mulheres da casa lançavam palavras de falsa compreensão, bondade e perdão, principalmente na presença das visitas eclesiásticas. Parecem mulheres dissimuladas, porém católicas fervorosas.

Os preceitos religiosos estabelecidos por Ismael Nery, carregados de renovação reconhecida por seus contemporâneos, obviamente influenciaram a esposa e musa do pintor, reforçando a influência intelectual e mesmo religiosa de Ismael sobre Adalgisa.⁸⁷

De “natureza fino e ducado”, o Ismael de Berenice:

objetivo era alcançar o aspecto imutável, o perene que, sob a variação da aparência, manifesta-se e pode ser reconhecido independentemente das variações determinadas por regionalismos ou limitações cronológicas. (...) Considera-se o essencialismo como introdução ao catolicismo e a este como a longa trilha conduzindo ao conhecimento de Deus”. MENDES, Murilo. “Ismael Nery 100 anos: a poética de um mito.” Curadoria Denise Mattar. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2000. p 64. Adalgisa afirma no depoimento do Mis que o poeta mineiro foi o responsável pela perpetuação da obra de Ismael Nery, já que Murilo Mendes recolhia, inclusive dos cestos de lixo, papéis rabiscados pelo pintor.

⁸⁴ LIMA, Op. Cit., p.110.

⁸⁵ NERY, (1959), Op. Cit., p.112.

⁸⁶ Idem, p.111.

⁸⁷ Quanto à posição de musa, no Jornal do Brasil de 17/11/1973, Maria Lúcia Rangel entrevistou a escritora para a matéria “Adalgisa Nery: a lembrança do pintor Ismael Nery” e escreveu: “Musa inspiradora de todas as cabeças femininas desenhadas pelo marido, Adalgisa no início do seu casamento costumava posar para ele. No fim de certo tempo, isto não era mais preciso. Inconscientemente ele desenhava o rosto da mulher”. Da mesma, Adalgisa figura nos quadros *Adalgisa e o artista* e *Mulher sentada com ramo de flores* ambas de 1927.

(...) vivia cercado de amigos inteligentes, cultos e talentosos que reconheciam nele uma superioridade e uma qualidade de cérebro raras. Realmente possuía uma inteligência incomum e uma sensibilidade artística insuperável.⁸⁸

O romance “A imaginária” carrega noções e impressões expressas por Adalgisa Nery, que se tornaram úteis ao nosso trabalho. No que diz respeito ao uso de fontes literárias pela História, Carlo Ginzburg refere-se ao trabalho de Natalie Zemon Davis como um exemplo elogiável: por conta da escassez documental, a narrativa biográfica de Davis alterna dados integrando *realidades* e *possibilidades*. A historiadora americana valeu-se de fontes notariais, judiciárias e também literárias para reconstruir o *mundo* de Martin Guerre, estabelecendo um campo de possibilidades historicamente determinadas. Desta forma, sua investigação procura contornar as lacunas da documentação. Para Ginzburg:

O problema da prova continua mais do que nunca no centro da investigação histórica: mas o seu estatuto é inevitavelmente alterado no momento em que são abordados temas diversos relativamente ao passado, com o apoio de uma documentação também diversa.⁸⁹

Dentro dessa perspectiva, o romance autobiográfico de Adalgisa Nery pode servir como indicador da sua posição de gênero; comentários e episódios narrados por Berenice sugerem traços que marcaram concepções e refletiram preceitos e impressões de Adalgisa Nery. Alinhada às fontes tradicionalmente apropriadas ao trabalho do historiador, a literatura pode aludir e expressar acréscimos substanciais ao rol de documentos disponíveis. No caso de Adalgisa Nery, a personagem Berenice do romance “A imaginária” narra suas experiências infanto-juvenis, mas principalmente matrimoniais, passando pela experiência da viuvez até os conflitos com a mãe do marido.

A narrativa não contempla seu segundo casamento, nem mesmo sua atuação no jornalismo político: ao contar e publicar sua própria história, quando se tornou Adalgisa Nery, parece ter o significado de resposta íntima, como numa catarse poética. Depois de publicar poesias, contos e iniciar no colunismo diário, a escritora publica o romance autobiográfico elogiado pela crítica. Na contra capa da segunda edição ainda em 1959, frases de Jorge

⁸⁸ NERY, (1959), Op. Cit., p. 112.

⁸⁹ GINZBURG, Carlo. “Provas e possibilidades à margem de ‘Il ritorno de Martin Guerre’, de Natalie Zemon Davis”. In: *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editorial Bertrand, 1989, p.201.

Amado, Eneida, Dinah Silveira de Queiroz, Sérgio Milliet, Elsie Lessa entre outros, rasgamlhe elogios e estimulam à leitura.

Construir e publicar sua história pessoal significa compartilhar sua vida e experiência. A intenção de quem registra sua própria história é revelar-se. Mesmo submersa em ares ficcionais, “A imaginária” traduz de forma consciente ou semiconsciente os papéis sexuais e de gênero experimentados por Adalgisa Nery.

Essa mulher casou-se muito jovem e nutria admiração pelo marido; a maternidade foi uma realização: “Eu não podia conceber a idéia de passar pela vida sem ser mãe. Um filho para mim era um motivo independente de um casamento feliz ou não. Nesse ponto jamais tive escrúpulos de consciência ou conflitos”. Ao perceber que seu corpo preparava-se para a maternidade: “O encantamento que experimentei foi tão grande quanto o que constatei no amor.”⁹⁰

Adalgisa escreve que o dever de família obrigou o marido (de Berenice?) ao trabalho; essa situação provocou o desabafo de Berenice: “Pela primeira vez ouvi diretamente do meu marido uma palavra mais áspera, irritada e condenatória. Não repliquei (...) Meu marido fora habituado, até o dia do seu casamento, a não trabalhar”. Desgostoso, “enjaulado numa repartição pública”, nutria desprezo pelos seus colegas funcionários no emprego. “De qualquer forma, como homem, ele precisaria trabalhar, e eu estava segura de que jamais ele se adaptaria a qualquer sistema de ocupação.”⁹¹

Berenice entendia que a inadequação do marido era provocada por sua genialidade; de “personalidade original” não se adequava à mediocridade da burocracia de um emprego público; a personagem-narradora o admirava por não ter deixado “de cumprir o seu dever até a morte (...) Para quem sempre se debateu contra o meio medíocre, permanecer anos a fio nessa violência merece, com justiça, admiração e respeito”.⁹²

O romance indica sinais da submissão de Berenice em relação ao marido. Quando ele já havia recebido o diagnóstico e se tratava da tuberculose, confessou à esposa um caso amoroso com outra mulher. A narrativa é carregada de sofrimento e dores, porém, dissimulando aceitar a traição, Berenice torna-se a maior confidente do marido adúltero que lhe descreve a amante, os encontros amorosos e chega inclusive a pedir que Berenice transmitisse pessoalmente um recado a tal mulher. Pedido concedido, Berenice assegura que o desgosto, a decepção e as tristezas provocadas pelo marido contribuíram para que ela

⁹⁰ NERY, (1959), Op. Cit., p. 123.

⁹¹ Idem, p. 126-127.

⁹² Idem, Ibidem.

aceitasse menos penosamente a sua morte. “Em verdade, para mim ele morreu muito antes de o terem sepultado”.

As impressões acima ilustram a assimilação de Adalgisa-Berenice dos papéis tradicionais de gênero; sua condição estivera de acordo com as convenções ditadas às mulheres de seu grupo social e de sua geração: o matrimônio e a maternidade. Assim como Ismael, que cumpriu o papel de homem: provedor do lar e da família, tarefas do gênero masculino.

Neste ponto, dentro dos preceitos da economia das trocas simbólicas teorizados por Pierre Bourdieu,⁹³ constatamos que Adalgisa Nery aderiu aos valores sociais de sua classe e reproduziu regras convencionais destinadas ao gênero feminino: o papel de esposa e mãe designado às mulheres do início do século XX. Entretanto, diferentemente de muitas mulheres de sua geração, o matrimônio não significou confinamento e exclusão. Pelo contrário, contribuiu e foi fundamental a sua formação intelectual. Ao mesmo tempo em que consistia numa prática consagrada ao feminino, o casamento expressiu a inserção de Adalgisa Nery no meio intelectual, proporcionando o acúmulo de capital cultural através do contato com intelectuais e artistas.

Quando interna na escola de freiras Adalgisa afirma ter aprendido a *portar-se*. As lições de etiqueta da Madre Superiora “uma francesa formidável, uma criatura de classe”, ensinaram-lhe a sentar-se e levantar-se, daí ela dizer-se agradecida. Essa educação dos modos, típica das *meninas de nascimento* funcionava como um código de conduta que as diferenciava, como uma distinção simbólica ou tradução simbólica do sistema social, conforme Bourdieu:

Desta forma, tudo se passa como se os sistemas simbólicos estivessem destinados pela lógica de seu funcionamento enquanto estrutura de homologias e de oposições, ou melhor, de desvios diferenciais, a preencher uma função social de socialização e dissociação, ou então, a exprimir os desvios diferenciais que definem a estrutura de uma sociedade enquanto sistema de significações, arrancando os elementos constitutivos desta estrutura, grupos ou indivíduos, da insignificância.⁹⁴

Assim, sua experiência no colégio interno católico, contribuiu para que ainda menina, Adalgisa assimilasse os traquejos sociais, as formas de comportamento que não eram

⁹³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

⁹⁴ Idem, p.17.

constitutivos de sua categoria social – seu pai era um modesto funcionário público da prefeitura do Rio de Janeiro – mas que certamente foram úteis para a sua ascensão social.

Retomando a fonte literária utilizada em nosso estudo, por outro viés, segundo Berenice, na rigidez do internato religioso, seu temperamento sofreu alterações. Após um episódio em que defendeu as órfãs mal tratadas pelas freiras da escola, sofreu castigos e privações:

Vi muito egoísmo, muita intriga, muita inveja e, sobretudo muita injustiça com algumas órfãs que, a troco de casa e alimento, faziam o trabalho pesado do internato (...) Um dia me insurji contra uma certa ordem que considerei injusta (...) daí por diante, tudo que aparecia mal feito, tudo que contrariava o regime do colégio, prescindia logo de diligências apuradas: “Deve ter sido Berenice quem fez”(…). E assim tomei o título de rebelde, insubordinada, desobediente, pecadora contra a humildade e menina sem recuperação⁹⁵.

Nos registros consultados, como a entrevista-depoimento ao MIS, Adalgisa recupera as circunstâncias escolares considerando-se como elemento subversivo, o que amplia as interpretações de Berenice: “defendendo uma coisa que eu achava que estavam fazendo errado. Contra uma coisa que eu tinha a obrigação humana de defender: uma órfã, de dizer que eu não concordava”.

Observar características e circunstâncias no itinerário de vida de Adalgisa Nery serve como auxílio para a compreensão de posturas e posições adotadas por ela. Essas experiências no campo do privado contribuíram para que Adalgisa se posicionasse de forma conservadora no que diz respeito às questões de gênero, paradoxalmente ao seu sucesso na carreira profissional, em atividades que ela própria considerava típicas do gênero masculino. Trataremos dessa questão mais adiante. Por enquanto, vale pontuar a importância do casamento com Ismael Nery na formação social e intelectual dessa mulher.

Ismael morreu em 1934 vitimado precocemente pela tuberculose. O catolicismo da família Nery era tal, que Ismael foi sepultado vestindo a indumentária típica dos frades franciscanos: o hábito marrom. Berenice relata a fase da doença e morte do marido com angústias, dores e poesia. Viúva e com dois filhos pequenos Adalgisa escreve em “A imaginária” as dificuldades da fase seguinte, quando Berenice saiu da casa da mãe do marido, enfrentando dificuldades de toda sorte.

⁹⁵ NERY, (1959), Op. Cit., p.86.

Nessa nova fase, Adalgisa foi morar na casa do pai, “mas achando que não deve sobrecarregá-la, arranja emprego na Caixa Econômica [Federal] e aluga um pequeno apartamento perto de sua residência, onde vai morar com os dois filhos.”⁹⁶ Após um ano nesse primeiro emprego, Adalgisa foi trabalhar no Itamaraty, no Conselho de Comércio Exterior.

Possivelmente, foi a morte do primeiro marido que condicionou Adalgisa a uma trajetória inédita: lançou-a ao mundo do trabalho. Nesse ponto, tornaram-se importantes as condições materiais do campo da vida privada, influenciando definitivamente a sua trajetória. O casamento lhe proporcionou laços intelectuais que lhe foram fundamentais. A viuvez lhe deu novo rumo.

O sobrenome adquirido com o primeiro casamento acompanhou Adalgisa; mesmo casando-se novamente sustentou tal legado na literatura e no colunismo político, áreas em que atuaria com desenvoltura: assinava Adalgisa Nery.

2.2 Nas entranhas do poder: o casamento com Lourival Fontes

Em 1938, a jovem viúva publicou seu primeiro livro, “Poemas”, sob tutela de Murilo Mendes, poeta e amigo apaixonado.⁹⁷ Nessa época, a escritora fazia parte do círculo de intelectuais que freqüentava o centro do Rio de Janeiro, então capital da República. A livraria José Olympio e as confeitarias Colombo e Cavé eram espaços de convivência dos intelectuais cariocas.

A editora de José Olympio havia publicado “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, escritor ligado ao Partido Comunista considerado opositor histórico do Estado Novo. O rol desses freqüentadores revela um pouco o panorama intelectual carioca: Candido Portinari, Carlos Drummond de Andrade e José Lins do Rego são alguns exemplos. Os dois últimos, junto de Érico Veríssimo, Álvaro Moreira, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Rubens Braga,

⁹⁶ “Diário de notícias” de 16/09/1967. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁹⁷ A paixão que Murilo Mendes nutria por Adalgisa era conhecida por seus pares. Seu “Poema do fã”, publicado em 1954, foi guardado por Adalgisa com anotações à lápis: “Rasguei o original que M.M. entregou-me.” Os versos ilustram a admiração do poeta por ela: “Não bebo álcool, não tomo ópio nem éter,/ Sou embriagado de ti e por ti./ Mil dedos me apontam nas ruas:/ Eis o homem que é fanático por uma mulher./ Tua ternura e tua crueldade são iguais diante de mim/ Porque eu amo tudo o que vem de ti./ Amo-te na tua miséria e na tua glória/ E te amaria mais ainda se sofresse muito mais./ Caíste em fogo na minha vida de rebelado./ Sou insensível ao tempo – porque tu existes./ Eu sou fanático de ti,/ Sou fanático de todos os detalhes da tua biografia,/ Da tua graça, do teu espírito, do aparelhamento da tua vida,/ De tu em todas as idades da tua vida./ Eu quisera ser uma unidade contigo/ E me extinguir violentamente contigo na febre da minha, da tua, da nossa Poesia./ Sou teu fã desde o princípio e para toda a eternidade./ Em verdade o poeta é o maior fã de tua musa.”

Aurélio Buarque de Holanda entre outros, assim como Adalgisa Nery, foram fichados pela polícia política do governo em carta datada de 03 de novembro de 1939, que acusava de comunistas as revistas “Diretrizes” e “Dom Casmurro”, mencionando seus colaboradores e redatores.⁹⁸

A participação de Adalgisa Nery nesses periódicos foi ponto importante na sua trajetória profissional, quando a poetisa dá início a sua carreira na imprensa em meados de 1938. A revista intitulada “Diretrizes: política, economia, cultura” foi idealizada e dirigida por Samuel Wainer e tratava de assuntos contemporâneos polêmicos, como o nazi-fascismo e a política internacional, valendo-se de charges, material fotográfico e colaboração de escritores estrangeiros. Adalgisa colaborava com textos literários. Num período bastante delicado da política nacional, Wainer mantinha colaboradores ou como conselho diretor da revista figuras como Astrogildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro - PCB, Graciliano Ramos, assim como Carlos Lacerda, Rubem Braga, Jorge Amado e Raquel de Queirós.

Nesse ponto, Jean-François Sirinelli, ao tratar das noções ou mecanismos importantes nas pesquisas sobre os intelectuais, sugere o emprego de conceitos como itinerário, geração e sociabilidade. Essa geração de jovens escritores participou do processo de mudanças na dinâmica do campo cultural e da história intelectual brasileira; nas primeiras décadas do século XX, o Brasil, mesmo que precariamente, insere-se no processo da moderna comunicação de massa; e as revistas tornaram-se espaço de debates, manifestos e posicionamentos. Como objeto de estudo recente, o papel dos intelectuais, de seu *poder*, configura-se como um problema, como questiona Sirinelli: “(...) teriam esses intelectuais, em uma determinada data, influído no acontecimento?”⁹⁹ Inicialmente no âmbito cultural, o modernismo dos anos 1920 é entendido como um movimento de indagação, lançando críticas e idéias sobre o Brasil, conceituando nossa nacionalidade, provocando cisões ideológicas e gerando um clima que mudanças efetivas com a chamada Revolução de 30. A jovem Adalgisa Nery havia respirado esses ares da atmosfera modernista: quando envolvida no movimento de 1922 no Brasil e na vida europeia do entre guerras.

Entretanto, considerar os intelectuais como atores do político merece cautela dada a sua complexidade, afinal, como afirma Sirinelli, “a categoria tem contornos mutáveis”, seja porque os intelectuais não se organizam como um partido político, seja porque a sua

⁹⁸ Documento do setor *Comunismo* da Divisão de Polícia Política e Social – DPS, depositado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Pasta: 4-D, carta de 01/11/1939.

⁹⁹ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ e FGV, 1996, p. 235.

especificidade de ação é relativa. Do mesmo modo, referindo-se a Pierre Bourdieu, Sirinelli valoriza e considera proveitosa “uma análise sociológica dos modos de produção social das opiniões e dos gostos.”¹⁰⁰

Adalgisa Nery tinha cerca de 34 anos. Tida como uma mulher bonita e sedutora, despojada e muitas vezes excêntrica, sua presença e participação nesse ambiente intelectual freqüentado por homens na sua maioria, instigava comentários. Em depoimento ao Projeto Portinari, José Olympio o proprietário da badalada livraria localizada da Rua do Ouvidor, refere-se às amizades do grupo e em tom de suspense diz:

Sabe quem foi muito amigo de Portinari? Lourival Fontes (...) a Adalgisa então, foi mais amiga ainda do Candinho [Cândido Portinari]. Desde os tempos da livraria (...) Essa história de amizade de mulher com homem todo mundo leva só para o terreno sexual. E não é verdade. (...) todo mundo vivia na Cavé, na Colombo, enfim, nesses lugares. E qualquer desses escritores que fosse amigo de qualquer escritora, parecia logo que era uma ligação. E não era (...) era muito pequeno o grupo, daí talvez essas confusões. Todo mundo conhecia todo mundo.¹⁰¹

Nesses espaços freqüentados pela intelectualidade carioca Adalgisa Nery conheceu Lourival Fontes, com quem se casou em maio de 1940. A imprensa fez larga divulgação do enlace, que foi tratado como importante evento social carioca. E não poderia ser diferente: tratava-se do casamento do diretor-geral do Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, órgão de censura e propaganda ideológica do Estado Novo.

¹⁰⁰ Idem, p. 246-247.

¹⁰¹ Entrevista de José Olympio ao projeto Portinari 27/09/1984.



Foto do casamento com Lourival Fontes. Fonte: NERY, Emmanuel. Couraça da alma.

Nos dias 21 e 22 os principais jornais do Rio de Janeiro noticiaram e comentaram sobre o casamento civil: “Os nubentes são figuras de relevo social e tem os seus nomes ligados a vida intelectual brasileira.”¹⁰² “O Jornal” de Chateaubriand identificou a noiva como “escritora, poetisa e antiga e brilhante colaboradora dos Diários Associados.” O jornal “A noite”, enfatizou a presença do presidente da “Associação Brasileira de Imprensa”, ABI, Herbert Moses.

Ocorrido na casa do ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, que foi, com sua esposa, um dos padrinhos do casal, o evento ocorreu às onze e meia da manhã. De maneira geral, a recepção recebeu largos elogios. O “Jornal do Brasil” enalteceu a beleza da noiva, cuja “elegância é realçada por um ‘toilette noire’ que lhe vai muito bem”, citou e descreveu os vestidos de algumas convidadas, referiu-se ao bom gosto da decoração e ao encanto de “um dia dourado como o ‘champagne’ das taças reluzentes”.

¹⁰² “Jornal do Brasil”, 21/05/1940. O casamento também foi noticiado nos seguintes periódicos: “Diário de Notícias”, “Correio da Manhã”, “A Noite”, “O Imparcial”, “Jornal do Comércio”, “Gazeta de Notícias” e na “Revista da Semana”. Acervo microfilmado da Biblioteca Nacional.

Esse segundo enlace proporcionou à Adalgisa Nery vínculos com as instâncias governamentais, na medida em que passou a freqüentar as entranhas do poder, promovendo festas e reuniões sociais, tratada nas colunas sociais como a Senhora Lourival Fontes.

Por outro lado, o casamento com Adalgisa proporcionou a Lourival Fontes a convivência com intelectuais e artistas. Segundo Sonia Lopes de Castro:

Contido em relação às emoções e pouco sociável, encontrou em Adalgisa o equilíbrio, a sofisticação e o traquejo social que lhe faltavam. A despeito do choque de personalidades, havia cumplicidade e grande conveniência na relação e, sob esse aspecto, poder-se-ia dizer que poetisa e político se completavam.¹⁰³

Lopes de Castro observa as memórias construídas sobre Lourival Fontes, homem forte da Era Vargas que carregou o fardo político de ter sido censor de uma ditadura: “Temido, odiado, amado e discutido, o ex-chefe do DIP falava e escrevia em alemão, espanhol, inglês, francês e russo.”¹⁰⁴

Órfão de pai, o sergipano teve infância pobre no interior; tornou-se um obstinado estudante, freqüentando instituições de ensino em Aracaju, Salvador e Rio de Janeiro, e desde os 15 anos colaborava em jornais. Lourival havia integrado a Aliança Liberal e desde 1930 aproximava-se de Getúlio Vargas. Como correspondente do jornal “Estado de Sergipe”, Lourival ingressou na Faculdade de Direito de Salvador, trabalhando como colaborador em periódicos na capital baiana onde também fundou um jornal em 1918. Já no Rio de Janeiro em 1922, ano emblemático para a sociedade brasileira, conclui os estudos em Direito prosseguindo nas atividades jornalísticas. Ligado às idéias socialistas, antes mesmo da Revolução Russa de 1917, Lourival Fontes: “Revelando-se ateu quando jovem por acreditar na ciência e nas teorias de Darwin, o choque com a morte inesperada do pensador católico Jackson Figueiredo em 1928, reconduziu-o ao Catolicismo.”¹⁰⁵

Como contrerrâneo de Jackson Figueiredo, Lourival aproximou-se do grupo ligado à revista “A Ordem” e ao Centro Dom Vital criados em 1921 e 1922, respectivamente, onde intelectuais leigos atuavam como porta-vozes dos interesses da Igreja Católica no Brasil. A figura do cardeal carioca D. Sebastião Leme é exemplar, já que apoiando Getúlio Vargas em 1930, permaneceu no cargo durante os anos seguintes: “A ênfase dada pela Igreja à ordem, ao

¹⁰³ LOPES, op. Cit. p. 33.

¹⁰⁴ Idem, p.25.

¹⁰⁵ Idem, p. 40.

nacionalismo e ao espírito anticomunista coincidiam com a orientação do regime Varguista”.¹⁰⁶

Lourival Fontes, assim como outros intelectuais da geração dos anos 1930, empolgou-se com o fascismo, tornando-se defensor e divulgador das teorias em voga na Itália. Em 1931, fundou “Hierarchia”, revista de estudos políticos que durou menos de um ano, mas que ilustrou debates acalorados, como, por exemplo, a questão do ensino religioso nas escolas públicas através de decreto do Governo Provisório. Ponto importante na trajetória de Lourival Fontes foi a viagem à Europa realizada em 1937, “quando teve a oportunidade de observar as técnicas de propaganda utilizadas por Mussolini, na Itália, para difundir a ideologia fascista”.¹⁰⁷ Como ratifica Angela de Castro Gomes:

(...) as preocupações de Vargas com o uso de técnicas modernas de propaganda não datavam do Estado Novo, o que se evidencia ainda mais quando se observa que, de 1934 a 1942, a direção dessa tarefa esteve nas mãos de um mesmo homem: o jornalista Lourival Fontes (...) Certamente devido aos seus méritos profissionais de jornalista e a sua fidelidade ao chefe da nação, fora mantido por quase uma década numa das posições que mais claramente traduziam a linha política que Vargas desejava.¹⁰⁸

Lourival Fontes tornou-se diretor geral do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural – DPDC, em 1934, órgão que após a instalação do Estado Novo passou a se chamar Departamento Nacional de Propaganda e finalmente Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP em fins de 1939. Além de diretor geral, Lourival Fontes acumulava a função de diretor do Conselho Nacional de Imprensa. O DIP estava vinculado diretamente ao gabinete presidencial e tinha agências filiais em quase todos os estados do país.

A importância do órgão era traduzida por sua função de “difundir amplamente a imagem do novo regime que se instalara em novembro de 1937 e de combater a veiculação de todas as mensagens que lhe fossem contrárias”.¹⁰⁹ Dentro dessas propostas, se por um lado o DIP era responsável pela propaganda do regime e do chefe da nação, por outro censurava e supervisionava todos os instrumentos de comunicação de massa.

¹⁰⁶ Idem, p.62.

¹⁰⁷ Verbetes: *Lourival Fontes*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

¹⁰⁸ GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 126.

¹⁰⁹ Idem, Ibidem.

Como setor importante do DIP, a seção de imprensa tinha como uma de suas publicações a revista “Cultura Política”, analisada por Angela de Castro Gomes. A autora observa que no período de publicação dessa revista erudita, ou seja, entre 1941-1945, formato e conteúdo modificaram-se com a saída de Lourival Fontes do DIP (1942), mas não seu propósito como veículo de propaganda do regime, qual seja:

(...) propunha-se ser um órgão informativo de amplo espectro, combinando tal tarefa com a preocupação explícita de formar consciências em apoio aos ideais do Estado Novo, que eram, em sua ótica, os ideais da nacionalidade brasileira.¹¹⁰

José Inácio de Melo Souza chama a atenção para o aspecto simbólico quanto às instalações do órgão: o DIP havia sido instalado no Palácio Tiradentes, sede desativada da Câmara dos Deputados desde a dissolução do Congresso, em novembro de 1937:

A posse do edifício do Poder Legislativo, grande demais para o seu pequeno *staff*, revestia-se de um forte impacto no campo simbólico. Como um sinal que não colocava nenhuma dúvida sobre as intenções governamentais, erigia-se uma estrutura baseada na coerção e na corrupção sobre um espaço público que, bem ou mal, pertencia à ordem democrática.¹¹¹

Fichada como comunista pela polícia política desse governo, Adalgisa casou-se com um explícito simpatizante do fascismo: o itinerário de nossos intelectuais produz fenômenos curiosos, que numa análise de gênero, pode explicitar a força de significados que a princípio estão expostos no campo do privado, mas que o transborda rumo ao campo da rede social. Wainer, editor de dono de “Diretrizes”, afirma:

Adalgisa, uma linda mulher, escrevia textos muito interessantes, não era preciso ser indulgente para publicá-los. Mas o fato de ser casada com Lourival Fontes, naturalmente valorizava sua presença na redação de Diretrizes e oferecia à revista algum tipo de segurança.¹¹²

¹¹⁰ Idem, p. 127-128. A revista “Cultura Política” era dirigida por Almir de Andrade, e publicava textos de intelectuais de prestígio da época, como Francisco Campos, Cassiano Ricardo, Azevedo Amaral, Rosário Fusco, Raimundo Pinheiro, Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Prudente de Moraes Neto, Pedro Dantas, Gilberto Freyre e Nelson Werneck Sodré.

¹¹¹ MELO SOUZA, José Inácio de. *O estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003, p. 107.

¹¹² WAINER, Op. Cit., p.51.

Assim, Adalgisa funcionava como uma espécie de *escudo protetor* à revista “Diretrizes” que sob essa égide, preservava seus colaboradores. Entretanto, a publicação de uma entrevista em 1944 causaria a suspensão do fornecimento de papel à “Diretrizes”. Nela, Lindolfo Collor, ex-ministro do Trabalho, declarou sua crença de que o fim da guerra contra o nazismo trouxesse a queda da ditadura no Brasil. A revista, que desde 1941 tornara-se jornal semanal, foi fechada, e Wainer buscou asilo no México, vivendo também no Chile e nos EUA.

Essa geração atuaria nos acontecimentos políticos das décadas seguintes. Ilustrativo e exemplar é o caso do então jornalista Carlos Lacerda, colaborador da revista: quando estudante, ele foi orador, em certa ocasião, do movimento conspiratório comunista de 1935, a “Aliança Nacional Libertadora” - ANL, tendo aclamado Luiz Carlos Prestes como o presidente de honra da entidade. Tempos depois, Lacerda seria dono do principal jornal que se opunha a Vargas nos anos 1950; na política institucional, quando governador da Guanabara (1960-1964) tornou-se nominal e declaradamente inimigo político da colunista Adalgisa Nery.

Num documento do departamento policial, setor “Comunismo” da Divisão de Polícia Política e Social – DPS, datado de maio de 1941, o sobrenome parece adquirir algum peso: foi arquivado um recorte contendo o expediente da revista “Diretrizes” e o primeiro nome na lista em ordem alfabética é o de Adalgisa Nery Fontes.

É interessante observar que essa mulher, incluída no rol dos comunistas, tenha sido entrevistada pela revista “Vamos ler!”, que publicou uma matéria intitulada: “A estranha sensibilidade de Adalgisa Nery”. Em nenhum trecho há referência sobre seu marido, o chefe do DIP: o nome de Lourival sequer foi citado. Assinado por Lourdes Camera, o texto foi ilustrado com duas fotografias em que Adalgisa aparece sozinha, com sorriso aberto e ares de *glamour*: “No seu apartamento, no Leme, ela posou para o fotógrafo, sorriu para os enfeites do ninho, passeou pelos aposentos, vestida de cetim cor de rosa e primorosamente penteada”. Abaixo de uma das fotos, anuncia-se o preparo do livro biográfico sobre George Sand em que Adalgisa traduzia do inglês. No último trecho da entrevista:

- A minha existência atual, parece cinematográfica, diz ela sorrindo. Nada falta nem mesmo o rancho, onde passeio a cavalo. Uma pequena fazenda adquirida recentemente. Gosto de um galope numa estrada lisa, da natureza, do movimento. Mas você quer saber mesmo o que eu prefiro?

Ela agita as mãos expressivamente.

- Prefiro passear pela Avenida, no meio do povo. Andar muito, junto dos bondes, dos automóveis, de todo o mundo. Sentir o cheiro da poeira, da

gasolina, o cheiro da vida que sobe do chão...¹¹³



Foto ilustrativa da matéria em questão.

Adalgisa parece transitar em mundos ideologicamente, mas não socialmente opostos: ao mesmo tempo em que essa mulher é identificada pela polícia política com a rede de intelectuais de esquerda durante o segundo conflito mundial, ela aparece numa revista ilustrada que funcionava segundo tendências internacionais, criando modas, impondo comportamentos sociais e assumindo a estética burguesa.

No contexto do Estado Novo, a censura exercida pelo DIP e o significado que o órgão adquire, proporcionaram jogos de interesses e porque não de bajulação, dando ao casal Fontes um status importante entre os intelectuais e o poder público. Dentro das noções estabelecidas por Sirinelli, “a história dos intelectuais tornou-se (...) um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural.”¹¹⁴ Por volta de 1917, e paulatinamente nos anos que se seguiram, os intelectuais brasileiros adeptos de diferentes posições ideológicas, polarizam suas concepções, definem posturas e acirram suas idéias; isso fica mais evidente com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939). Trata-se de uma geração de intelectuais que são *convocados*

¹¹³ Revista “Vamos Ler!”, 17/10/1940. Material oferecido pelo sobrinho-neto de Lourival Fontes, Ivan Jaf.

¹¹⁴ SIRINELLI, Op. Cit., p.232.

para se posicionarem política e ideologicamente diante do conflito, mesmo sob os auspícios de um governo autoritário.

Nesse contexto, o estreitamento das relações entre americanos e brasileiros foi intenso. O historiador Antonio Pedro Tota, em “O Imperialismo sedutor”, debruçou-se, também, em rica documentação norte-americana a esse respeito.¹¹⁵ Em 1940, refletindo a ardilosa política de boa vizinhança, o governo Roosevelt criou uma agência especial para tratar de assuntos ligados à América Latina e era dirigida por Nelson Rockefeller.¹¹⁶ A revista “Reader’s Digest” foi lançada no Brasil em 1942, assim como a Coca-Cola e o sorvete Kibon. Essa americanização do Brasil deu-se principalmente pelo viés cultural. Figuras como Carmen Miranda, Orson Welles, Walt Disney e sua trupe de personagens – em destaque ao Zé Carioca – refletiram essa aproximação entre Brasil e EUA, veiculado na imprensa, no rádio e no cinema.

Adalgisa Nery Fontes teve atuação significativa nesse processo. Nele se destaca a passagem de Orson Welles pelo Brasil, entre fevereiro e setembro de 1942, em que o ator e diretor de cinema norte-americano cumpriu importante papel no que diz respeito à política de boa vizinhança desenvolvida pelo governo Roosevelt. No contexto da Segunda Guerra Mundial, o ano de 1942 foi marco para a política brasileira, já que, no segundo semestre, o governo Vargas efetivou o alinhamento do Brasil com os norte-americanos no conflito mundial.

Naquele universo político, “um grupo de artistas e intelectuais brasileiros” ofereceu um coquetel em homenagem a Welles nas dependências do Museu de Belas-Artes do Rio de Janeiro. Conforme o jornal “A Manhã” (28/02/1942):

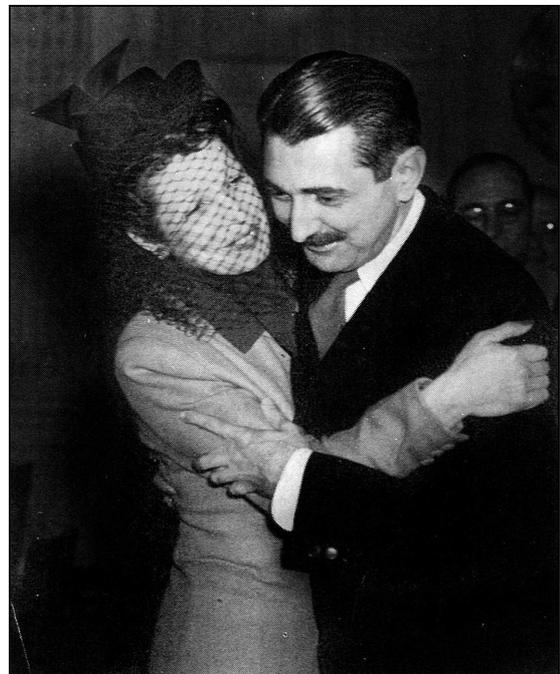
No decorrer da palestra, que manteve Orson Welles com os presentes, teve ele ocasião de se referir, mais uma vez, de maneira lisonjeira, a tudo o que lhe tem sido possível observar em nosso país, agradecendo, ainda, a delicadeza daquela festa de confraternização dos artistas brasileiros com os norte-americanos, representados na sua pessoa.¹¹⁷

As fotos a seguir ilustram esse contexto:

¹¹⁵ TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹¹⁶ Trata-se do Office for coordination of commercial and cultural relations between the Americas. Idem, p.50.

¹¹⁷ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.



Adalgisa Nery ladeada por Gilberto Freyre e esposa e Orson Welles, Jornal “A Manhã” de 28/02/1942. A seguir, Lourival Fontes, Frank Sinatra, Adalgisa Nery e Ary Barroso em Hollywood (1942). O casal Fontes, Walt Disney e Ary Barroso em 1942. Adalgisa Nery e Gilberto Freyre em almoço no Jockey Clube (1938). Fonte: NERY, Emmanuel. Couraça da alma.

Um bom exemplo dessa aproximação refletida no meio intelectual foi a viagem de Érico Veríssimo aos EUA em agosto de 1940 a convite da divisão cultural do Departamento de Estado norte-americano.¹¹⁸ Anos depois, quando trabalhava nos EUA, o escritor gaúcho escreveu ao casal Fontes, que vivia no México. Escrita de Los Angeles em 22 de maio de 1945, a carta de Veríssimo relata seu encantamento como os EUA e afirma que deu conferências por vários estados. Ele agradece e recusa o convite, já que seus compromissos o impediam de visitar o casal Fontes no México. Ministrando aulas de Literatura Brasileira em universidades nos EUA, Veríssimo afirma: “No meu curso em Berkeley, Adalgisa, o sua ‘A mulher ausente’ foi um dos livros usado, lido e analisado.” E ainda cita uma aluna que havia feito uma “análise brilhante.”¹¹⁹ A atividade de Adalgisa Nery como escritora, era reconhecida por seus contemporâneos. Por outro lado, podemos especular sobre a influência de Adalgisa no que tange ao trabalho de Érico Veríssimo nos EUA.

Freqüentando o ambiente governamental a escritora foi uma espécie de relações públicas do DIP, e de alguma forma, balizava o relacionamento entre o meio intelectual e o órgão de censura e disseminação ideológica do Estado Novo, contribuindo como intermediária dessa complicada relação que envolvia a censura, os intelectuais e a divulgação dos valores nacional-trabalhistas.

Assim, portadora de vínculos sociais e intelectuais criados durante seu primeiro casamento, o enlace de Adalgisa Nery com Lourival Fontes ampliou essa rede. Além de proporcionar certa afinação entre a censura e a produção intelectual durante o período ditatorial, Adalgisa Nery, de alguma forma, contribuía para que o censor estabelecesse contatos com a elite intelectual do período. A escritora adquiriu posição de personagem atuante no ambiente político institucional. “Culta e educada, Adalgisa supria a natural ‘caipirice’ de Lourival, mantendo-se sempre cercada de artistas e intelectuais.”¹²⁰

Em recente publicação, Lucila Soares refere-se ao quarteto feminino da livraria José Olympio formado por Adalgisa Nery, Rachel de Queiroz, Lucia Miguel Pereira e Dinah Silveira de Queiroz.¹²¹ Adalgisa é descrita como uma mulher bela, de elegância extravagante e que tinha “o poder de virar a cabeça dos homens. Atiçava a cobiça masculina deliberadamente. Deixava a *écharpe* cair no chão para que alguém a pegasse, sabendo que

¹¹⁸ TOTA, Op. Cit. p.132. Conforme afirma o autor, o livro *Gato preto em campo de neve* é um registro dessa experiência de Veríssimo nos EUA.

¹¹⁹ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

¹²⁰ LOPES, Op. Cit. p.100.

¹²¹ SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006.

sempre haveria mais de um cavalheiro a se precipitar para devolvê-la.”¹²² Mesmo após o casamento com Lourival Fontes:

Continuou a freqüentar a José Olympio, a destroçar os corações dos homens e a despertar um ciúme disfarçado em desprezo nas mulheres, que a achavam muito magra e ossuda (...) Assim como fazia antes do casamento com Lourival, esquivou-se delicadamente das investidas dos admiradores, inclusive de vários amigos. Sempre foi discreta a esse respeito.¹²³

Num bate boca histórico ocorrido nas dependências da livraria, a chegada de Adalgisa Nery apaziguou os ânimos: José Lins do Rego e Marques Rebelo debatiam acaloradamente sobre literatura russa. “O episódio interrompeu-se com a chegada de Adalgisa Nery. Graciliano aproveitou e carregou Marques Rebelo para tomar um café (...)”¹²⁴ Lucila Soares reproduz o conteúdo de um bilhete escrito por Adalgisa para José Olympio e que acompanhava os originais de “Moleque Ricardo” de José Lins do Rego:

Envio também (e tu saberás o que fazer com ela) uma das muitas cartas de J.L. Rego ao tempo em que eu ocupava seu pensamento. Apenas o pensamento, embora não pareça. As outras cartas, assim como as de muitos conhecidos nossos, escritores, achei mais cômodo queimá-las. Restou a que vai junto (...) ¹²⁵

A figura feminina de Adalgisa Nery no contexto do Estado Novo permeava o imaginário de muitos freqüentadores da Rua do Ouvidor. A aliança amorosa com Lourival Fontes provocou certa repulsa na turma da José Olympio: a bela e disputada poetisa casou-se com o homem que encarnava o que havia de pior no Estado Novo. Lourival era considerado um homem feio e para a maioria daqueles escritores, simpatizantes das idéias de esquerda, não era possível entender como tão linda mulher pôde casar-se com um adepto do fascismo e chefe do órgão de censura da ditadura Vargas. Entretanto, o casamento foi face fundamental na trajetória de Adalgisa Nery.

¹²² Idem, p.90-91.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Idem, p.72.

¹²⁵ Idem, p. 92. A carta em questão: “Nem este sol aqui do Norte me faz esquecer um instante a tua companhia, a tua vida cheia de tanta coisa diferente das outras vidas. Vim pensando em ti, conjeturando sobre o que eu imagino que sejas. Não sei por que sinto que há em ti qualquer coisa que me escapa, que se volatiliza. (...) Nunca um desejo foi em mim mais intenso que o de te possuir, da cabeça aos pés, a alma, o corpo, tudo que fosse carne e espírito. Mas tu me foges sempre, me escapas. E isto me traz uma imensa tristeza, uma tristeza que deve ser igual à do homem que morre com o poder de todos os seus sentidos. A vida está lá fora, com todo o seu esplendor, e ele não pode vivê-la.”

O jornalista Joel Silveira relata em seu livro de memórias no formato de crônicas uma cena em que o casal adentra a livraria. Nas entrelinhas de sua descrição, maravilha-se com:

(...) a bela Adalgisa Nery (...) trintona tão bonita e poetisa de versos tão bonitos (...), pois naquele dia lá entrou na livraria o casal, tão díspar, tão desigual: ele, de uma feiúra agressiva e crua; ela, bela, elegante, sedosa e cheirosa, a exalar odores e música. Pois ela foi sempre assim, extrovertida, natural, de palavra fácil e aberta, dona de uma empatia que a todos conquistava.¹²⁶

Segundo Silveira, no ambiente da livraria, o tratamento especial com discursos sempre amáveis dirigidos ao “doutor de olho torto” e o exagerado perfume francês da escritora irritavam Graciliano Ramos, que nas palavras de Joel Silveira, esbravejava:

‘A Adalgisa e seus perfumes! Vai empestar os livros todos’. E Adalgisa nem aí: ia direto ao fundo do corredor, perfumada e farfalhante, estreitava em suas mãos ajazadas as mãos de Graciliano, pespegava-lhe um beijo numa das curtidas faces (...) Graciliano não resistia, deixava-se beijar, protestava – mas o protesto dessa vez era menos seco e menos sibilante: ‘Adalgisa, você precisa usar menos perfume. Parece que acabou de tomar um banho deles’. E baforava.¹²⁷

Num outro capítulo intitulado “A noite dos carrapatos”, conta um episódio pitoresco ocorrido em meados de 1940 na residência de Lourival Fontes na serra fluminense. Enquanto o chefe do DIP lançava suas atenções ao jogo de cartas, “num canto da sala, estirada num sofá, Adalgisa Nery lia um livro”. Joel Silveira relata que a escritora incomodava-se com uma “coceira infernal” numa das pernas. Quando consultado, nas palavras do jornalista “(...) a bela poetisa me apontou com o dedo de rubras unhas um local qualquer da perna, logo acima do tornozelo”. Assim, ao assegurar que era mesmo um carrapato, comum na região serrana, propõe ajudá-la, e na narrativa de Joel Silveira:

Manejei a pinça o mais delicadamente que pude, como as circunstâncias pediam, e acabei arrancando vitoriosamente o bichinho do começo da perna esquerda (ou foi da direita – de resto, diga-se de passagem, e com todo respeito, ambas muito bem torneadas) da aflita poetisa.¹²⁸

¹²⁶ MORAES, Neto e SILVEIRA, Joel. *Nitroglicerina pura*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992, p.175-176.

¹²⁷ *Ibidem*.

¹²⁸ *Idem*, *Ibid.*, p.179-180.

Do mesmo modo, o jornalista Paulo Francis, na “Crônica de um almoço”, publicada no livro “Trinta anos esta noite”, descreve um almoço ocorrido em 1964 e oferecido por Samuel Wainer à cúpula militar do presidente João Goulart, onde figuravam generais e almirantes. Nas palavras do jornalista, “lembro que Adalgisa Nery, então colunista da Última Hora, estava lá e lhe admirei a bela estrutura óssea.”¹²⁹

Tais comentários, mesmo que submersos em tons literários, nos revelam a posição adquirida pela figura feminina de Adalgisa Nery no meio intelectual e literário que freqüentava. As impressões citadas sobre ela, foram construídas por personagens que presenciaram a posição política e de gênero de Adalgisa Nery; os relatos revelam valores comuns partilhados por aquele grupo social cujos membros difundem papéis de uma condição feminina repleta de valores dignos de serem lembrados.

Do mesmo modo, esse grupo de intelectuais tinha vínculos com o Estado de variadas formas, estabelecendo uma rede de sociabilidades em que o poder público era veículo de ascensão importante. Assim, poderemos identificar uma cultura política de significação com o Estado, posto que nesses micro-climas os indivíduos compartilham da aspiração à participação do aparato simbólico *do* e *via* poder estatal. Era uma elite política que estabelecia vínculos com o poder estatal e com os trâmites públicos, intensamente.

Assim, numa condição que delegava prestígio, Adalgisa Nery, mulher bonita e sedutora, que freqüentava os espaços destinados e construídos pela elite política do Estado Novo, deslumbrava-se com essa posição de poder e de alguma forma, parecia, também, deslumbrar o imaginário masculino.

Estipulados os limites de uma biografia romanceada em que cria diálogos ficcionais entre os personagens, o jornalista e roteirista José Louzeiro em “O anjo da fidelidade: a história sincera de Gregório Fortunato na Era Vargas” sugere um diálogo no espaço familiar entre Fortunato e a esposa. Gabando-se da confiança que o Dr. Getúlio tinha em seus serviços, o chefe da guarda pessoal de Vargas é questionado sobre os encontros do presidente-ditador com as namoradas, no que responde:

Se encontra com as namoradas, isso eu não sei. Mês passado a gente foi a um sítio, em Jacarepaguá, que diziam pertencer à cantora Emilinha Borba. Duas ou três vezes já se teve numa mansão no Alto da Boa Vista. Conheci a escritora Adalgisa Nery.

- A escritora de romances?

- De livros e também escreve pra jornal. É uma pessoa inteligente e muito

¹²⁹ FRANCIS, Paulo. *Trinta anos esta noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.47.

bonita. Pena que o marido seja o ordinário do Lourival Fontes. Figurinha horrorosa, um olho torto e, além disso, fascista. É o casal da bela e a fera!¹³⁰

O personagem de Fortunato criado por Louzeiro utiliza-se de linguagem coloquial. O escritor ousa na construção de uma narrativa com diálogos ficcionais travados entre os personagens, que factualmente estiveram envolvidos numa série de intrigas que marcaram o cenário político brasileiro da segunda metade do século XX. No que diz respeito ao levantamento de informações sobre a nossa personagem, a proximidade temporal com o nosso objeto certamente significou uma vantagem: o trabalho inserido na chamada história do tempo presente nos levou à procura de *achados* que submergem do cotidiano do historiador.

Em pesquisa aleatória e fortuita pelas ruas, falou-se num possível romance entre Vargas e Adalgisa; ela foi lembrada como jornalista de esquerda, nacionalista, esposa de ministro de Estado e também por ter sido umas *dez mais* do colunista social do jornal “Última Hora”. São as memórias construídas sobre Adalgisa Nery perambulando pelas ruas da ex-capital, revelando um comportamento histórico a seu respeito. Lançando mão de possibilidades e ampliando o espectro das fontes em História, tais informações sugerem indícios sobre Adalgisa Nery, representações dessa mulher que fazem jus a nossa atenção.

Situando Adalgisa Nery nos meandros da sociedade brasileira no contexto dos anos 1940, as sugestões de Joan Scott no que tange a utilização do gênero como categoria de análise são elementares:

Os (as) historiadores (as) devem, preferivelmente, examinar as maneiras como as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, organizações sociais e representações culturais historicamente situadas.¹³¹

Certamente sua proximidade com o poder, freqüentando o ambiente governamental através do casamento com Lourival Fontes, são indicativos de uma condição de gênero que dava à Adalgisa Nery Fontes alguma mobilidade e interferência nos trâmites governamentais.

¹³⁰ LOUZEIRO, José. *O anjo da fidelidade: a história sincera de Gregório Fortunato na Era Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 2000. O autor nasceu em 1932 no Maranhão e iniciou na carreira jornalística em 1954, quando chegou à capital da República; atuou na Revista da Semana e como foca em O Jornal, da Cadeia dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Posteriormente, passou pelas redações da Revista da Semana, Manchete, Diário Carioca, Última Hora, Correio da Manhã (no Rio) e, em São Paulo, pela Folha e o Diário do Grande ABC. Foi repórter de polícia durante mais de 20 anos.

¹³¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: *SOS CORPO: gênero e cidadania*. Tradução: Cristine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 3ª edição. Recife, abril de 1996, p.12.

Questionada sobre a sua relação com o governo Vargas na entrevista do MIS, afirma que participava de “forma triangular” e cita o exemplo da criação do Ministério da Aeronáutica em 1941. Segundo ela, “havia um atrito entre as Forças Armadas por causa da força aérea (...) Me lembro que eu estava em Petrópolis (...) e o Lourival estava com este problema, o presidente Getúlio estava com esse problema já pegando fogo”. Assim, Adalgisa assume que intermediou uma importante conversa com Benjamim Vargas:

Eu opinava. Muitas vezes ele [Lourival Fontes] estava com a razão numa forma de se dirigir, de expor o problema, e outras vezes não, ele mesmo dizia: ‘Você, esses pontos que você viu, são muito mais certos que os meus; eu não tinha visto por esse aspecto’. Então eu fui uma colaboradora mesmo em relação ao doutor Getúlio, sobre esse aspecto, de estar atrás das cortinas.

Nas circunstâncias históricas do Estado Novo, o posicionamento de Adalgisa Nery é singular: figura feminina referenciada como bela e sedutora, casada com o chefe do órgão responsável pela censura do regime ditatorial. A Adalgisa Nery do início da década de 1940 é mulher pertencente à elite política, de vida pública e social intensa. Por conta dessa condição, os vínculos com Vargas, segundo algumas poucas memórias, ultrapassam a posição de mera colaboradora ou esposa do censor: essa mulher poderia ter tido um romance com Getúlio Vargas. Lacunas que as fontes históricas não preenchem, não comprovam, e não possuem uma importância direta. Entretanto, podemos sugerir que esses *boatos* sobre o romance, refletem a condição de Adalgisa Nery nas entranhas do poder, pertencendo a um grupo de pessoas vinculadas ao regime ditatorial. Uma mulher frequentando os corredores do Catete, cujo marido era homem bajulado e poderoso no Estado Novo.

Era o segundo casamento de Lourival Fontes. A primeira esposa coincidentemente também se chamava Adalgisa e como não havia divórcio na época, o casamento foi anulado por ato do Estado Novo.¹³² Desde que assumira a chefia do DIP, Lourival Fontes nutria divergências com setores da polícia civil antes responsável pela censura à imprensa. Sua função era alvo de críticas e de suspeitas. No rol das críticas feitas ao chefe do órgão no Dossiê DIP, fala-se da “má argila de que é formado o corpo de seus dirigentes”. Neste sentido, o casamento com Adalgisa Nery é tido como uma das causas da má reputação de Lourival Fontes:

¹³² CALLADO, Op.Cit. p. 42. O primeiro casamento de Lourival Fontes foi noticiado em nota de jornal não identificado que recebemos das mãos de seu sobrinho-neto Ivan Jaf, que pensava tratar-se de Adalgisa Nery. Ocorreu em 20 de março de 1927 com a professora Adalgisa Araújo, filha de um militar, o capitão José de Araújo.

Apesar de relativamente culto, Lourival Fontes não pode ser visto pela sociedade brasileira senão com restrições pela sua falta de moral evidenciada com o seu segundo casamento, apenas tolerado pela nossa sociedade graças à posição que ele ocupa no momento.¹³³

O conteúdo da documentação em questão insinua o desvio de dinheiro do DIP, refere-se ao descontentamento de jornalistas diante da conduta seguida pelo diretor do órgão, assim como seu poder excessivo. Portanto, firmados por seus opositores, os argumentos contra Lourival Fontes são de toda ordem, inclusive procurando evidenciar uma imagem social que o denegrise. Num argumento carregado de conservadorismo, a falta de moral desse homem se dá por conta de seu segundo casamento. Na verdade o alvo não fica claro: se era o fato de Lourival Fontes manter um segundo enlace matrimonial, ou se era a esposa o motivo de sua negligência moral.

Como freqüentadora assídua do DIP, funcionando como uma espécie de diretora social, Adalgisa aparece nominalmente em outro documento do dossiê que acusava o DIP:

Vem sendo comentado, no Departamento de Imprensa e Propaganda, o fato de, há dois meses, não serem pagos os prolaboristas (...). Segundo consta, o Sr. Lourival Fontes, diretor geral do DIP, gasta, mensalmente com a Sra. Adalgisa Nery a importância de 40:000\$000.¹³⁴

De qualquer modo, exercendo controle sobre as verbas do DIP e podendo beneficiar-se financeiramente por conta do cargo que ocupava, não há evidências de que Lourival Fontes, o Goebbels brasileiro, tenha desviado dinheiro para proveito próprio.¹³⁵ Os ataques eram lançados principalmente por militares que não aprovavam seu trabalho de promoção do chefe de governo. A oposição incomodava-se devido à importância que as funções do DIP adquiriram:

Seus diretores eram prestigiados, e suas viagens, realizações pessoais, atividades intelectuais amplamente divulgadas. Lourival Fontes, em razão de

¹³³ Documento de 23/11/1940, do setor *Administração* da Divisão de Polícia Política e Social – DPS, Dossiê DIP, Pasta: 13, depositado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

¹³⁴ Documento de 11/10/1941, do setor *Administração* da Divisão de Polícia Política e Social – DPS, Dossiê DIP, Pasta: 13, depositado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

¹³⁵ Apelido dado por seus contemporâneos em alusão à semelhança de suas funções no Brasil, com as do alemão Goebbels, diretor do Ministério de propaganda nazista.

seu cargo, tornou-se um dos homens mais fortes do regime, aparecendo freqüentemente com destaque na imprensa da época.¹³⁶

Um exemplo plausível da importância da posição de Lourival Fontes que atingiu diretamente Adalgisa Nery Fontes pode ser localizado no contexto internacional no início dos anos 1940. Período de conturbação mundial que inevitavelmente atingiria as diretrizes da política e da economia brasileiras. A posição social adquirida por Adalgisa Nery na ditadura Vargas se refletiu na política de boa vizinhança travada entre Estados Unidos e Brasil. Em plena segunda guerra mundial, mas antes do Brasil alinhar-se contra o Eixo, o jornal New York Times de 23 de março de 1941, um domingo, publicou artigo ilustrado com uma foto de “uma admiradora da América”.¹³⁷

A foto de “Madame Fontes” é ladeada com a seguinte manchete: “Os laços culturais com os Estados Unidos estão crescendo no Brasil”. Adalgisa é identificada como poetisa do Rio de Janeiro que vê o “fortalecimento da democracia no contato” com os EUA. A matéria insinua o corte de vínculos com os europeus: “A influência política da liberdade Norte americana tem sido predominante, ela diz”. Em entrevista concedida a Nona Baldwin, a repórter resume a biografia da escritora, desde os primeiros estudos, o relacionamento com o falecido pintor Ismael Nery, “um amigo do artista popular brasileiro Portinari”, passando pelas viagens à Europa, América do Sul e interior do Brasil com Ismael, até o casamento com o “censor Dr. Lourival Fontes” ocorrido na casa do ministro das relações exteriores, Oswaldo Aranha.

Segundo a reportagem, a admiração instantânea por tudo que é americano – moda, arte, literatura e política – “é parte fundamental da opinião influente expressa por Mme. Lourival Fontes”, já que madame Fontes lê constantemente revistas americanas, é uma sustentadora ardente do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, veste-se inspirada na moda americana e está em contato constante com as atividades literárias mundiais. “‘A influência americana aqui no Brasil é tremenda’, ela declara”.

Adalgisa afirma que tal influência chega através dos filmes, do rádio, das revistas, dos livros e do grande número de americanos que viajam ao Brasil. Na reportagem, perpassa a idéia de uma conexão política mais intensa entre o Brasil e os EUA, inversamente à identificação do Brasil com a Europa. Numa referência às questões políticas, “os empreendimentos e a liberdade da democracia americana são coisas que atendem ao intento

¹³⁶ LOPES, Op.Cit. p. 100.

¹³⁷ Artigo localizado no Projeto Portinari, organizado como artigo de periódico: PR-3699.

brasileiro de agora” em oposição às ditaduras européias. “Discutindo a importância da influência americana no Brasil, Mme. Fontes nota que, nos setores cultural e político ao menos, os Estados Unidos têm se tornado importante apenas recentemente” e que o “sentimento pró-Estados Unidos, não inclui o sentimento pró-Grã-Bretanha”. Adalgisa Nery é tida como influenciadora importante na formação da opinião pública a respeito dos EUA naquele momento. A matéria mostra-se tendenciosa neste sentido, já que, em plena guerra, a política da boa vizinhança procurava angariar simpatias aos EUA.

A poetisa fala das similaridades de temperamento entre os americanos e os brasileiros: “um forte individualismo, uma falta de formalidade (em comparação, por exemplo, com os britânicos), um fácil senso de humor e uma vasta tolerância. Esses ingredientes fazem o caráter de um brasileiro essencialmente democrático”, assim, Adalgisa “sente e julga estimulante o democrático estilo de vida americano”. A matéria finaliza que “desde seu casamento com Lourival Fontes ela tornou-se gradualmente interessada na política brasileira e no trabalho de seu marido” (tradução nossa).¹³⁸

O ano de 1941 parece ter sido bastante movimentado para o casal Fontes. No cruzamento da documentação, observamos um aspecto interessante. Já citamos a entrevista dada por Adalgisa Nery à revista “Vamos ler” em que não há menção alguma sobre o marido. Da mesma forma, em 24 de abril de 1941, “Diretrizes” publica: “A Argentina não conhece o Brasil – uma entrevista com Adalgisa Nery Fontes”. Apesar do sobrenome, o texto não a vincula explicitamente ao chefe do DIP. Entretanto, ela funciona como porta-voz do regime, cita as iniciativas tomadas pelo órgão, com o intuito de promover um maior intercâmbio cultural entre o Brasil e a Argentina, mas que seria necessária:

Antes de mais nada, uma informação política e social. O povo argentino deve conhecer o Brasil tal qual é hoje. Conhecer nossa legislação do trabalho, nosso desenvolvimento econômico, nossa vida social, enfim, o nosso regime. Aliás, estou informada de que o Departamento de Imprensa e Propaganda já está estabelecendo entendimentos com casas argentinas para edição de obras desse gênero, devendo iniciar-se a série dessas publicações com o livro ‘Getúlio Vargas’ de André Carrazzoni.¹³⁹

¹³⁸ No texto original: “U.S. Cultural ties growing in Brazil. Mme. Fontes of Rio de Janeiro, Poet, Sees strengthening of Democracy in contacts. Links to Europe cut. Political influence of North American Freedom Becoming Predominant, she says. (...) Mme. Fontes reads American magazines constantly, is an ardent supporter of New York’s Museum of Modern Art, draws inspiration for a beautiful wardrobe from American fashion reviews and is in close touch with all activity in the literary world. ‘The American influence here in Brazil is tremendous’, she asserts. (...) ‘There is little left for us to admire in Europe for we are a nation of individualists who could not survive under a European dictatorship. But the achievements and freedom of American democracy – there are the things that fill the Brazilian mind now.’”

¹³⁹ Revista Diretrizes de 24/04/1941, microfilmada e localizada na Biblioteca Nacional.

Ela havia acompanhado Lourival em viagem oficial à Argentina e tece muitos comentários sobre a produção cultural brasileira e o desconhecimento que o país visitado tem sobre o Brasil. “Um Gilberto Freyre, diz ela, conhecido e admirado nos Estados Unidos, não passa na Argentina de um ilustre desconhecido”. Sobre o conflito mundial, conferencia:

A guerra tem repercutido grandemente, apaixonando a opinião pública intensamente. Em Buenos Aires debate-se de uma forma muito viva os acontecimentos. Não há um espírito de neutralidade, como sucede entre nós. O povo argentino participa psicologicamente do drama europeu e sofre quase o mesmo drama. Em face disso é que compreendi melhor quão sensata e útil é a estrita neutralidade que nosso país vem mantendo, evitando a divisão do povo em correntes que poderiam se odiar mortalmente e lutando silenciosa e obstinadamente para vencer as nefastas conseqüências da catástrofe européia (...) O equilíbrio, a segurança e a calma de nosso governo em face dos gravíssimos problemas provocados pela guerra são o maior benefício que se podia fazer ao Brasil.

O texto exprime determinação, opinião e nexos político: ao final ela fala de poesia, do seu livro “Mulher ausente” e do prazer em escrever. Entretanto, exprime convicção quanto à política de neutralidade sustentada pelo ditador até meados de 1942. A mulher do diretor geral do DIP mantém e reforça a posição oficial do Brasil frente ao segundo conflito mundial. É uma voz oficial do regime. E os órgãos de imprensa (controlados pelo DIP) parecem não vincular de forma explícita o nome de Lourival Fontes ao de Adalgisa; ao menos em meados de 1941, quando o casamento tinha pouco mais de um ano. Também em “Vamos ler” (maio de 1941) Lourival Fontes foi entrevistado para a matéria “Intercâmbio cultural argentino-brasileiro” e relatou sobre sua viagem à Argentina, feita a serviço do DIP. O casal aparece numa das fotos ilustrativas da matéria, onde se lê: “O sr. Lourival Fontes e sua senhora dona Adalgisa Nery, desembarcando no aeroporto de Buenos Aires.”¹⁴⁰

Desde o período imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial, o embate de ideologias esboçava-se na conjuntura político-econômica brasileira: as simpatias pelas potências do Eixo e seu regime nacional-socialista, de um lado, e os EUA interessados em novos mercados para o seu crescente capitalismo industrial, de outro. Aliás, a influência cultural da América do Norte refletia-se nos conteúdos da mídia impressa brasileira. A revista “O Cruzeiro”, por exemplo, publicava matérias importadas, notícias sobre os bastidores e as

¹⁴⁰ Revista “Vamos Ler!”, 08/05/1941. Material presenteado pelo sobrinho-neto de Lourival Fontes, Ivan Jaf.

estrelas de Hollywood, assim como propagandas estimulando o consumo de produtos consagrados pelo *American way of life*. Os filmes norte-americanos eram meios de divulgação de novos padrões de vida, de beleza e de comportamento.

Na edição de aniversário de “O Cruzeiro”, em novembro de 1941, a então escritora Adalgisa Nery publicou o texto intitulado “Um conto simples”. O tema adotado destoa dos textos que habitualmente eram editados no periódico semanal, ou seja, contos românticos e freqüentemente assinados com nomes estrangeiros.

Entre literatura e denúncia social, Adalgisa Nery envolve o leitor numa atmosfera desconfortável. O conto triste e sensível, escrito em primeira pessoa, mostra os conflitos gerados numa mulher que observa incomodada, as mazelas sociais do espaço urbano. Entre as diversas imagens que constrói, descreve a sensação de repugnância da personagem narradora quando se depara com um homem velho, doente e moribundo na rua. Ao sentir aversão pelo pestilento, resolve redimir-se visitando a cadeia e o hospital. Enfim, o texto é perpassado por uma atmosfera incômoda, bem diferente dos enredos adocicados típicos de “O Cruzeiro”.

Adalgisa segue com vigor na atividade literária, publicando “A Mulher Ausente” em 1940, “Ar do Deserto” em 1943, ambos coletâneas de poesias, e nesse mesmo ano publica o livro de contos intitulado “Og”.

Dentro da conjuntura política internacional, que exige um posicionamento definitivo do governo brasileiro no conflito mundial, o diretor do DIP Lourival Fontes, procurava manter a habilidosa política de neutralidade de Vargas, que recebendo pressões mais intensas a partir de 1942, declara guerra à Alemanha. Diante da crise política interna, ligado ao grupo simpatizante aos países do Eixo, Lourival Fontes exonerou-se do cargo em julho de 1942, pouco antes do alinhamento oficial do Brasil com os EUA.

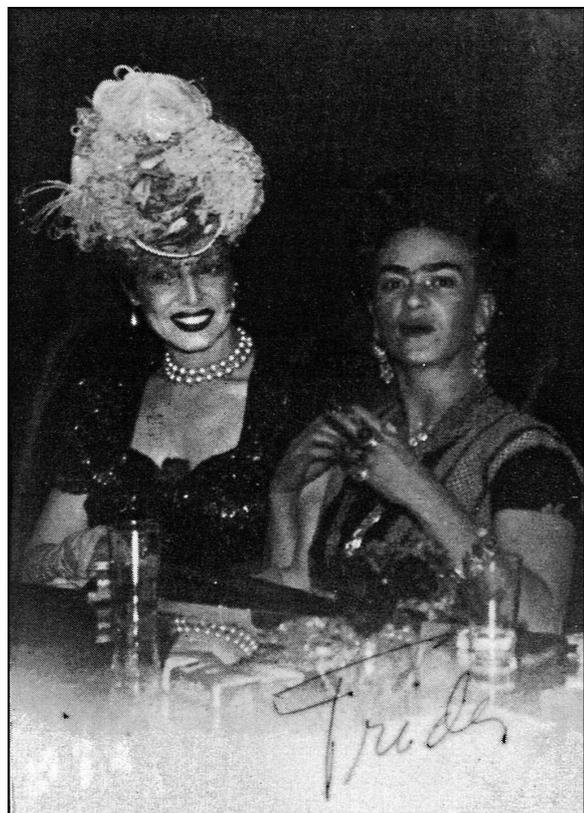
Emmanuel Nery, filho caçula de Adalgisa e Ismael Nery, constrói em sua autobiografia a imagem da mãe como uma mulher rude, fria e pouco maternal; misteriosa quanto ao pai de Emmanuel e deslumbrada com o status que o casamento com Lourival Fontes lhe proporcionou. Nas palavras dele em “Couraça da alma”, fora do governo Vargas, Lourival foi “rebaixado a procurador da prefeitura do Rio de Janeiro e ela, de terceira dama nacional, viu-se dondoca desempregada.”¹⁴¹

O filho de Adalgisa, então com cerca de 11 anos de idade, sugere em sua autobiografia, que a mãe, através dos laços de amizade com a primeira-dama Darcy Vargas, foi articuladora de um novo cargo para Lourival Fontes no exterior.

¹⁴¹ NERY, Emmanuel. *Couraça da alma*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1996, p.72.

Assim, fora da cena política brasileira, o ex-chefe do DIP ocupou o cargo de delegado na Organização Internacional do Trabalho, quando o casal Fontes esteve no Canadá e na Inglaterra, viveu nos EUA e finalmente no México onde Lourival foi nomeado embaixador entre janeiro e novembro de 1945.

A passagem pelo México é ponto interessante na trajetória de Adalgisa Nery, afinal, relacionou-se com o casal de pintores Frida Kahlo e Diego Rivera, figuras emblemáticas da arte latino-americana e que estabeleceram vínculos com o Partido Comunista Mexicano, recebendo inclusive, entre 1937 e 1940, León Trotsky como exilado no México, país onde foi assassinado. Nesse mesmo período, André Breton – o teórico francês do surrealismo – conviveu com os casais Rivera e Trotsky. Anos depois, o famoso muralista mexicano retratou Adalgisa Nery, assim como o fez José Clemente Orozco, enquanto a sofrida Frida Kahlo dedicou uma página de seu diário – uma obra de arte particular – à amiga Adalgisa, conforme ilustram as imagens a seguir.



**Retrato de Adalgisa Nery pintado por Diego Rivera (1945).
Foto com Frida Kahlo no México em 1945. NERY, Emmanuel. Couraça da alma.**



“AaAaAaAaAa/ Adalgisa-augúrio-alento/aroma-amor-antena-ave/ abismo-altura-amiga-azul/ arena-arama-antiga/ astro-axila-aberta-amarelo/ alegria-Almíscar-Alucema/ Armonía-América-Amada/ água-agora-ar-ânsia/ Artista-acácia-assombro-assim/ aviso-ágata-aúrea/ aurora-apóstolo-árvora-atar/ ara-alta-acerto-abelha/ arca-airosa- arma-além-amargura”. *Diário de Frida Kahlo: um auto-retrato íntimo*. Tradução: Mário Pontes. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995, p.219.

Em carta de 16 de julho de 1945, o embaixador do Brasil no México escreve ao amigo Pimentel Brandão e comenta:

Estamos gozando de uma situação excepcional e destacada nos meios diplomáticos, sociais e governamentais. A embaixatriz fez uma conferência sobre Sórora Juana que constituiu um verdadeiro sucesso intelectual. Estas coisas valem porque quanto mais tenhamos ambiente no México melhor poderemos servir ao Brasil.¹⁴²

A conferência em questão sobre a irmã Juana Inês, poetisa do século XVII, intelectual autodidata que encontrou na vida religiosa o espaço que lhe era negado na universidade. Defendendo o trabalho intelectual da mulher, Sórora Juana estabeleceu acirradas disputas com pensadores e religiosos de seu tempo; freqüentou o ambiente da corte, relacionando-se com vice-rainhas espanholas no México.¹⁴³ É vulgarmente considerada a primeira feminista das Américas. Provavelmente atraída pela biografia e pela obra dessa religiosa, a embaixatriz Adalgisa Nery Fontes exercitava seus dotes intelectuais em terras mexicanas. Por conta dessa atividade, Adalgisa recebeu do governo mexicano a “Águia asteca”, condecoração que nenhuma mulher havia recebido até então.

Mesmo fora do Brasil, Adalgisa era notícia na imprensa nacional. Em sua documentação pessoal, encontramos um recorte da coluna social de “O Globo” assinada por Edmundo Lys. Sob o título “Chapéus e poemas” o colunista comenta que leu, na biblioteca da ABI, o jornal mexicano “Excelsior” e traduz o trecho que elogia a elegância da embaixatriz brasileira. Afirma-se que Adalgisa havia adquirido cento e vinte chapéus em Nova Iorque e que “com a grande e bem confeccionada indumentária” ela “conquista, nas cidades que visita, o primeiro lugar entre as damas mais elegantes e mais distintas.” E comentando a notícia mexicana, segue:

Como se vê, nada mais lisonjeiro para a distinta embaixatriz, para a elegância brasileira, nada mais grato à vaidade feminina nacional. Estávamos dizendo isto mesmo ao presidente [da ABI] Herbert Moses quando ele nos proporcionou novo motivo de entusiasmo com respeito à embaixatriz

¹⁴² Documento localizado no CPDOC-FGV Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas. Classificação: GV - 1945.07.16/1 (16/07/45) Carta de Lourival Fontes para Pimentel Brandão.

¹⁴³ Sobre Sórora Juana Inês de la Cruz, ver artigo de Mariza Corrêa, “Trampas do traje” (“Cadernos Pagu” n.22 Campinas Jan./June 2004) disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100008&nrm=iso&lng=en&tlng=en

brasileira no México: ofereceu-nos os dois poemas inéditos que damos a seguir e que, chegados pelo último correio, nos dizem que os cento e vinte chapéus novaiorquinos não obscureceram o talento brilhante do poeta (...)¹⁴⁴

Adalgisa guardou também uma carta-protesto assinada por artistas e escritores, mexicanos ou radicados no México, destinada ao então presidente José Linhares. Com a queda do Estado Novo e a deposição de Vargas (29/10/1945), Linhares era presidente do Supremo Tribunal Federal e assumiu interinamente a presidência do Brasil.

Em atitude de repúdio ao “atentado manifestadamente antidemocrático que é cometido contra o distinto pintor brasileiro Cândido Portinari”, o texto datilografado atesta que as autoridades de São Paulo haviam proibido a exposição de sua obras plásticas. Com data de 05 de novembro de 1945, pudemos identificar as assinaturas de Diego Rivera, Frida Kahlo, Siqueiros e a de Pablo Neruda, com alguma incerteza.¹⁴⁵

Valendo-se da rede de sociabilidade estabelecida no México, Adalgisa mobilizava tais personalidades em defesa do pintor e amigo Cândido Portinari. A princípio pelo viés das artes plásticas, e sem querer aqui adentrar no episódio que envolveu a exposição, Adalgisa estabelece um passo importante, embrião da mulher política que viria a ser. É possível especularmos sobre o movimento adotado pela embaixatriz para arrecadar as assinaturas. Vale pontuar que naquela ocasião, Portinari era candidato a deputado pelo Partido Comunista, mas não se elegeu.

Nas eleições de 1950, Getúlio Vargas voltou ao poder por vias democráticas e nomeou Lourival Fontes chefe do gabinete civil da presidência. Assim, o casal ressurgiu no centro das articulações políticas e dos eventos sociais.

A esposa do presidente, Dona Darcy Vargas, atuava nas ações assistenciais à infância e à juventude. A aproximação com a primeira-dama deu-se no início da vida conjugal com Lourival Fontes. Em 4 de julho de 1940, a coluna social do “Jornal do Brasil” noticiava reunião em prol da “Cidade das meninas”, promovida pela “senhora Getúlio Vargas” que anunciava o programa de eventos para arrecadação de fundos, com shows de Carmem Miranda e Marta Eggerth, além de uma grande corrida noturna no Jockey Club:

A cidade das meninas é, hoje, como se sabe a preocupação máxima da primeira dama do país. É um projeto grandioso, duma cidade, em que meninas desvalidas recebem proteção, estímulo, educação e instrução, de modo a poderem, quando moças, enfrentar as asperezas da vida. (...) Num

¹⁴⁴ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

¹⁴⁵ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

grupo, alguém quer apresentar S. Ex. a senhora Lourival Fontes, que está muito ‘chic’.

- Mas já tenho a honra de conhecer a senhora Lourival Fontes, que é também uma grande poetisa.

Junto da primeira-dama e por conta da posição do marido, Adalgisa Nery trabalhou como presidente da Associação Brasileira de Ajuda ao Menor: eram duas musas, duas mulheres atuando no assistencialismo, lugar feminino por excelência. Entretanto, não foi nessa área que Adalgisa se afirmara, apesar dessa atividade ter sido uma alavanca para o início de uma carreira política que a escritora percorreria com os próprios meios.

Em 19 de abril de 1952, a “Última Hora” noticiou um debate, presidido por Adalgisa Nery Fontes. Realizado nas dependências da Associação Brasileira de Imprensa – ABI, o evento era parte da programação da Semana de Ajuda ao Menor Abandonado e contou com representantes do Executivo, da direção do Serviço de Assistência ao Menor – SAM, além de juízes. Sem pretender detalhar o andamento das discussões aqui, a matéria jornalística afirmou que foi um debate acalorado e repleto de acusações trocadas entre o juizado de menores e o representante do SAM, o padre João Pedron, este tachado de não seguir as ordens judiciais às quais deveria subordinar-se. Por fim, a presidente da Associação Brasileira de Ajuda ao Menor foi ouvida pela reportagem e lamentou o desfecho da reunião, dizendo: “o problema de assistência aos menores desamparados continua de pé, e não medirei sacrifícios em protegê-los.”¹⁴⁶

Em entrevista para o jornal “A Gazeta”, Adalgisa foi identificada como “uma apaixonada pelo problema do menor.” Ela havia visitado os EUA, então recentemente, e preocupou-se em verificar como o problema da delinquência infantil era tratado naquele país. Ela argumentou que “o problema tem que ser resolvido pelos particulares com a subvenção e fiscalização oficial”, pois os que ocupam cargos, muitas vezes não se envolvem com a causa em si. A reportagem afirma que “Dona Adalgisa vem tentando estabelecer em cada estado do Brasil, uma casa para o menor faltoso. Já recebeu um terreno em Rio Preto e outro em Alfenas”. Com esse trabalho, ela mantinha 60 meninos em Uberlândia, numa fazenda cedida pela Fundação Brasil Central. E explicou:

Ali eles vivem num regime de lar. Não há muros, portões, não há regulamento de asilo. As crianças trabalham, escolhem o ofício que desejam aprender, praticam esportes, estudam, têm divertimentos e descobrem aos poucos, por si mesmos, que quanto maior é a noção de responsabilidade,

¹⁴⁶ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

menor é a liberdade do indivíduo. Aliás, hoje em dia só se fala em liberdade, em liberdade mal aplicada, pois não se tem nenhuma noção de dever. Daí a desagregação das famílias, da sociedade.¹⁴⁷

A presidente do SAM valeu-se de números ao comparar os investimentos dos EUA às instituições que tratam da infância; afirmou que os juízes de menores norte-americanos permanecem no cargo por dez anos, tendo tempo para decisões acertadas; já no Brasil, tal função era exercida por apenas dois anos. Da mesma forma criticou as “leis que impedem o menor de trabalhar antes dos quatorze anos, enquanto as escolas não recebem crianças de mais de dez.” E lançou a sugestão: “É preciso uma reforma nessas leis! Porque então não estabelecer que o menor possa trabalhar em serviços de acordo com suas condições físicas?”

A reportagem é longa e ilustrada por duas fotos: na primeira Adalgisa foi focada com seu retrato pintado por Portinari ao fundo; na outra, aparece acariciando um gato com suas longas unhas coloridas: “Adalgisa Nery e seu belo angorá cinzento”. Ela havia publicado “As fronteiras da quarta dimensão” no Brasil e, em Paris, “Au-delà de toi”, estreando no mercado editorial francês.

Reconhecida, o então poeta Augusto Frederico Schmidt, publicou em sua coluna no “Correio da Manhã”, o artigo “Adalgisa na hora de Herodes” em 20 novembro de 1953. Ele inicia:

O drama da criança abandonada encontrou em Adalgisa Nery Fontes uma ressonância total e veemente: mulher e poeta, duplamente válida pelo dom de surpreender a realidade, ela converteu-se a causa de recuperar a infância e impedir que continue a estender-se no Brasil a grande chaga do mundo moderno - ou seja, o martírio da criatura de Deus nos anos inaugurais de sua vida.¹⁴⁸

Como mulher e poeta, a escritora abrigava as condições para tratar os problemas da infância no país, qualidades que reforçavam o envolvimento de Adalgisa Nery Fontes com as causas assistenciais. Schmidt inseriu tonalidades religiosas no texto ao afirmar que “em sua alma enterrou-se a cruz de tantos sofrimentos de inocentes” e que essa “cruz ganhou raízes como uma árvore, e cresceu na multiplicação de seus ramos, e vieram pássaros do Céu (de que falou o Cristo) e nela pousaram”. Do mesmo modo, insinuou:

¹⁴⁷ Jornal “A Gazeta” (São Paulo) de 07/02/1953. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

¹⁴⁸ Jornal “Correio da Manhã”, 20/11/1953. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Os jornais vagamente noticiam que Adalgisa Nery acompanhou ao Senado o sr. Tancredo Neves, ministro da Justiça (Tancredo, arrastado pelo vento da paixão de Adalgisa, está um verdadeiro possuído pela causa), afim de pedir verbas para o Serviço de Assistência ao Menor.

Nesse período, Schmidt e Adalgisa, ele como colunista do “Correio da Manhã”, ela esboçada na imprensa em virtude do assistencialismo ligado ao Estado, tinham afinidades pontuais: ambos eram poetas e católicos, certamente conviveram no ambiente intelectual dos anos 1930 e 1940. Cerca de um ano depois, Adalgisa Nery estrearia como colunista política na “Última Hora” e passou, paulatinamente, a ter Augusto Schmidt como desafeto, acusando-o constantemente de entreguista.

A função que exerceu como presidente do SAM possibilitou à Adalgisa contato direto com o campo político institucional. Da mesma forma, foi durante o casamento com Lourival Fontes, personagem satélite da Era Vargas, que a admiradora da personalidade, do homem público e do estadista Getúlio Vargas, desabrochava. O nacionalismo, tão forte e característico nos textos da jornalista, tinha suas bases fincadas nessa sua experiência *no e com o governo Vargas*.

Adalgisa fazia e recebia solicitações. Sua proximidade com o Ministro das Relações Exteriores, João Neves da Fontoura, pode ter ocorrido em 1952, quando representou o Brasil na posse do presidente mexicano Adolfo Ruiz Cortines. Deste modo, a esposa do chefe do gabinete civil da presidência enviou ao ministro, como presente, o livro de poesias “Au de lá de toi”, então recém publicado na França. Junto, fez o pedido, cujo comentário irônico (?) e conceitual foi expresso por Neves da Fontoura em sua carta-resposta (27/08/1952):

É esplendido! Um poeta como você solicitar um emprego para um motorista. Não será isso o signo do trabalhismo? Do populismo? Ou da caridade cristã? Você sabe quanto ganha um motorista do Itamaraty? Uma coisa assim como um conto e quinhentos. Magnífico... para juntar dinheiro.¹⁴⁹

Esse ponto merece algumas observações. Os questionamentos de João Neves da Fontoura foram feitos a partir de um pedido de Adalgisa Nery: era um contemporâneo levantando questões conceituais sobre os trâmites e as práticas políticas daquele período. Portadora de influência e com alguma possibilidade para agir, Adalgisa estivera ligada ao

¹⁴⁹ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

governo de Vargas desde o período autoritário. É curioso que esse ministro de Vargas tenha se valido dos três conceitos na sua resposta à esposa do chefe da Casa Civil da presidência: populismo, trabalhismo e caridade cristã.

As noções e os usos do conceito de populismo na historiografia brasileira têm recebido importantes revisões.¹⁵⁰ No período pós-1964, a teoria clássica da Escola Paulista foi seguida pela linha interpretativa que enraizou a idéia dos trabalhadores como massa de manobra, destituídos de capacidade para uma mobilização própria; o movimento de abril de 1964, significou o colapso do populismo no Brasil.¹⁵¹ Conforme aponta Jorge Ferreira, o passado getulista amaldiçoou a democracia brasileira pós-1945:

Na história contada pelas direitas, esquerdas, liberais e pelos teóricos do “populismo”, os trabalhadores surgem como indivíduos cooptados, manipulados e iludidos que não teriam conseguido livrar-se das amarras ideológicas tecidas na época do Estado Novo.¹⁵²

O discurso liberal-conservador estabelecia imagens e expressões que desqualificavam as lideranças políticas adversárias, procurando desmerecê-las no sentido da sua não legitimação, antes mesmo do golpe de 1964. No entendimento dos que se valiam do conceito de populismo na análise da política brasileira pós-1945, os trabalhadores eram incapazes de se organizar e se expressar, e os sindicatos eram ‘pelegos’.

Não pretendemos aqui aprofundar tal debate, mas o papel de Adalgisa Nery na conjuntura política dos anos 1950 foi considerado por Neves da Fontoura também como uma prática do populismo; a possibilidade de dar algum benefício valendo-se de sua posição no aparelho estatal era uma benesse que tanto Adalgisa como Neves da Fontoura desfrutavam.

De fato o pedido surtiu efeito. Na mesma carta o Ministro das Relações Exteriores segue dando as instruções sobre como o motorista deveria proceder, além de elogiar e comentar sobre o livro: “Você escreveu diretamente em francês?” Dias depois, Adalgisa recebeu outra carta de Neves da Fontoura: “Como seria bom se eu pudesse atender sempre os pedidos das pessoas. E são tão poucos de quem eu gosto, como de você”. Daí afirmou que

¹⁵⁰ Sobre esse aspecto ver: GOMES, Angela de Castro. D’ARAÚJO, Maria Celina. *Getulismo e trabalhismo*. São Paulo: Ática, 1989. FERREIRA, Jorge (org.) *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

¹⁵¹ Sobre esse aspecto: IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

¹⁵² FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p. 378.

dera “instruções ao departamento de administração, por escrito, para nomear a sua recomendada Nair Mesquita. É que eu tenho uma vaga, e é tão difícil ter ou encontrar vagas.”

Assim, Adalgisa vale-se de sua posição para fazer indicações, embora sejam poucas as fontes que sugerem essa prática. Se assim o fazia, seu círculo de conhecidos também procurava valer-se de sua posição junto ao governo.

Uma carta escrita por Manuel Bandeira é evidência desse aspecto. Datada de 26 de janeiro de 1940, o poeta apresenta à Adalgisa uma amiga, Dulce Ferreira Pontes, enfermeira da saúde pública, de ótimas qualidades, mas cujos proventos não condiziam com o “preparo intelectual por ela recebido.” Por isso, Bandeira desejava:

(...) ver se obtinha colocação em alguma das sessões do DIP, mas as minhas relações com Lourival nunca foram de bons encontros e não me sinto animado a pedir-lhe qualquer coisa diretamente. Você pode ser minha interlocutora, minha nossa senhora junto ao todo poderoso?¹⁵³

Da mesma forma, mas sem especificar o pedido, Nereu Ramos, então presidente da Câmara dos Deputados, escreveu a Adalgisa em 9 de junho de 1953. O bilhete, “a minha prezada amiga”, serviu como carta de recomendação, já que ele apresentava a portadora, D. Julieta de Melo Brito, que pediria à Adalgisa “auxílio para um caso doloroso em que todos temos procurado ajudá-la.”

No campo privado, o casal Fontes estava em crise. Em julho de 1953 Adalgisa descrevia o conturbado ambiente político ao amigo Licurgo Costa. Ela fez referência aos escândalos envolvendo Samuel Wainer e o Banco do Brasil, do qual trataremos mais adiante, falou da perda de influência política de Lourival por conta da chegada de alguns no poder, como João Goulart. Por fim desabafou:

As coisas vão indo sob uma paciência inédita da minha parte. Poderei aparentemente manter aquele antigo ambiente de felicidade conjugal, mas as nossas vidas já não têm mais a estrutura indispensável para os acontecimentos futuros. Há da minha parte exclusivamente acomodação. Não saio de casa, raramente apareço em recepções oficiais, não cuido mais da associação e desliguei-me de todas as relações de amizade.

Em carta de dezembro de 1953, Adalgisa acrescenta um bilhete a Suzy, esposa de Licurgo Costa. O casal encontrava-se em Nova Iorque e Adalgisa pede um remédio de

¹⁵³ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

benzedrina, indicando o endereço da farmácia e do médico que lhe prescrevera, caso se exigisse a receita. Ela afirma que o remédio, um tipo de anfetamina, lhe dava algum conforto para enfrentar a situação. E desabafa: “Não sei mesmo como será no futuro (...) Confesso que há oito meses sou uma estranha nessa casa (...) não tenho nenhum plano para o amanhã, aceito qualquer coisa que a vida e o destino mostrarem.”¹⁵⁴

Por fim, a crise conjugal levou ao fim do casamento, que terminou de modo tempestuoso. Entrevistada por João Condé para a seção “Arquivos implacáveis” de “O Cruzeiro” em 03 de julho de 1954, Adalgisa, mesmo com a relação desfeita, afirma ser casada, além de ter dois filhos e dois netos. Talvez fosse difícil para ela assumir que seu casamento havia sido desfeito.

Sugerindo um suspense, pois é “um fato que poucas pessoas sabem”, Emmanuel Nery afirma que a mãe estivera no Catete na noite do dia 23 de agosto. Acompanhando a primeira-dama naqueles dias difíceis, “pois ambas eram muito amigas”, Adalgisa passou a noite com a “velha senhora [que] a escolhera para lhe dar um pouco de força diante do vendaval político que estava virando um tufão”. Ele diz que Adalgisa foi uma das primeiras pessoas que viram o presidente na cama após o suicídio:

Por coincidência, minha mãe passava pelo corredor dos aposentos particulares, parece que em direção ao banheiro, quando ouviu o estampido vindo dos aposentos de Getúlio, pelos quais acabara de passar. Sem pensar, jogou-se sobre a porta ao mesmo tempo em que girava a maçaneta. Viu (...) o presidente e notou pequenos e rápidos movimentos espasmódicos do peito (...) Logo tomou plena consciência da tragédia. Contou-me que sua única preocupação foi chegar rapidamente a D. Darcy, para estar com ela e protegê-la quando chegasse a notícia (...) Assim, fechou a porta e quase correndo voltou para junto da velha senhora, tremendo, com ânsia de vômito, mas controlando-se para que a amiga não notasse sua expressão provavelmente transtornada.¹⁵⁵

Os meses que antecederam ao suicídio de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954 testemunharam cotidianamente a crise governamental: os jornais foram atores nesse processo. Tanto que o jornalista Samuel Wainer, então diretor-geral do Jornal “Última Hora”, vinha recebendo sérias acusações nos níveis financeiro, político e ideológico. Adalgisa conhecia Wainer desde os tempos do Estado Novo, e é certo que essa relação travada anteriormente influenciou a nova atividade assumida. Eram tempos difíceis: o casamento com Lourival

¹⁵⁴ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

¹⁵⁵ NERY, Emmanuel. Op. Cit. p. 182.

Fontes havia sido desfeito e o presidente Vargas havia tirado a própria vida. A identidade de Adalgisa com Vargas era tal, que no imaginário do filho, ela havia presenciado a primeira cena após o suicídio. Exageros à parte, um mês após o drástico episódio, Rachel de Queiroz lhe escreve uma carta (24/09/1954): “Soube que você tem estado adoentada. Era intenção minha visitá-la, mas como embarco dentro de dois dias para o Ceará, só por carta posso fazer a visita (...) esperando à volta encontrá-la completamente restabelecida”. Adalgisa guardou também um cartão de Alceu Amoroso Lima, que provavelmente chegou-lhe acompanhado de flores, comunicando-lhe que pediu “à Deus por sua felicidade”.¹⁵⁶

Reynaldo Barros, o assessor, disse que ela havia sido acometida por uma forte depressão, a ponto de ser hospitalizada. É Samuel Wainer quem relata:

Em meados da década de 50, um amigo de Adalgisa telefonou-me para informar que ela se encontrava internada num hospital, com saúde muito debilitada, e precisava de ajuda. Adalgisa já deixara de ser a linda mulher de outros tempos. Imediatamente, encomendei-lhe um artigo, fixando uma remuneração bastante satisfatória. O texto chegou dois dias depois e me agradou pela contundência.¹⁵⁷

Já em outubro, dois meses após o 24 de agosto, a “Revista da Semana” publicou o testemunho de Adalgisa Nery: “Eu fui amiga de Vargas.” Ela falou da sua admiração ao “homem profundamente bom, de trato simples e cordial. Foi um amigo inesquecível e atencioso nas minhas horas confusas, e sempre tive da sua parte uma palavra de acolhimento e simpatia.”

Adalgisa expressa sua opinião sobre o governo de Café Filho e a sua “investidura à Presidência da República da forma dolorosa e apreensiva como se apresentou.” Sobre os acontecimentos de agosto, afirmou:

Em nenhuma época da minha vida conservei distância ou indiferença aos processos políticos e sociais do mundo e jamais poderia negar a minha participação ao que se passava no meu país naqueles inesquecíveis dias. O Brasil esteve e está acima do meu universo emocional. Estou certa de que o fato da mudança de homens não o afasta dos seus rumos, das suas diretrizes, das suas dependências e conveniências.¹⁵⁸

¹⁵⁶ Ambas as cartas depositadas no acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

¹⁵⁷ WAINER, Op.Cit. p.247.

¹⁵⁸ Recorte da “Revista da Semana”, de 24/10/1954. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Com comentários otimistas sobre a economia do país, citando os pontos que deveriam orientar as ações do novo presidente, Adalgisa mostra-se bastante segura em suas opiniões. A matéria foi disposta com fotografias. Ela foi retratada acomodada num sofá, ao mesmo tempo em que lê um livro e porta um cigarro. Em outra pose, Adalgisa segura sorridente seus dois retratos à óleo pintados por Cândido Portinari. Perguntada sobre a chamada política de austeridade apregoada pelo novo governo ela responde e analisa a conjuntura em que “até sangue entrou na composição dos acontecimentos”:

- A austeridade, no sentido moral de bons costumes, é um dever e não uma possibilidade. Não vamos culpar o doutor Getúlio Vargas pelo desdobramento violento da autoridade mal aplicada. Todos temos culpa e todos participamos para os acontecimentos. Os amigos porque não souberam ajudá-lo com mais eficiência, e os inimigos porque o atacaram pessoalmente sem reconhecerem suas intenções e as suas boas realizações. A austeridade imprescindível ao governo foi afastada quando governadores, ministros, industriais, militares, políticos, enfim, de categoria e de responsabilidade, saíram da respeitabilidade de suas funções para trocarem favores e simpatias com pessoas que sabiam sem função legal e idoneidade moral para uma aproximação honesta.

A partir de sua versão dos acontecimentos, ela fala na necessidade de que “sejam devolvidas às palavras, às responsabilidades e aos juramentos de honra, as suas verdadeiras almas.” E finaliza: “Necessitamos de seriedade e, acima de tudo, parar para pensar.”

Eis aí um esboço da colunista política que tão logo Adalgisa Nery seria. Foi nesse cenário político que a nova face dessa mulher desabrochou. Detentora de uma imagem pública já estabelecida, a experiência com o governo Vargas dava a Adalgisa Nery condições de adentrar num campo de ação inédito. Como um mecanismo de inserção, Adalgisa esteve condicionada a uma circunstância política favorável que marcaria seu destino. O suicídio de Vargas funcionou como um marcador para transformações profundas em sua trajetória individual.

Numa série de reportagens sobre escritores brasileiros contemporâneos, o “Diário de Notícias”, fez longa reportagem sobre nossa personagem. Conforme a matéria, com o fim do casamento em fins de 1953, Adalgisa, “para poder viver procura trabalho em jornais, mas tendo em vista o meio em que vive, as propostas que recebe são para fazer crônica social – trabalho que de modo algum a escritora deseja.”

Aqui, a versão sobre sua entrada na “Última Hora” difere da de Wainer. Sob a ótica de Adalgisa Nery, ao saber das suas intenções, Wainer “vai procurá-la e lhe pede para fazer três diferentes tipos de artigos.” Um deles tratava das favelas cariocas, o outro tinha tons de literatura, e o terceiro ela comentava uma entrevista dada pelo embaixador dos EUA em que criticava o Brasil. Assim:

Samuel se entusiasma com o artigo sobre o embaixador e diz à escritora que era aquela linha que ela deve seguir. Inicia então, Adalgisa, dentro daquela orientação – a sua coluna diária na Última Hora – “Retrato sem Retoque” – seção que passa a abordar desassombadamente (sic.) através de apresentação de denúncias, os mais agudos problemas da política nacional.¹⁵⁹

Citando trechos de falas da entrevistada, a matéria de Renard Perez, enfatizou a importância que teve o casamento com Lourival Fontes, afinal, “é um homem muito culto, e o tempo que passei ao seu lado serviu para mim como uma espécie de curso. Conheci, através dele, todos os meios políticos, todas as manhas dos políticos.”

Em fins de 1954 Adalgisa Nery dá início à trajetória como articulista política do jornal “Última Hora”, atividade que a elegeu por dois mandatos como deputada estadual da Guanabara.

Essa mulher teve posição de destaque durante a ditadura do Estado Novo assim como no governo democrático de Vargas; inicia a carreira jornalística no mesmo ano do trágico desaparecimento de Getúlio; tornou-se irredutível defensora dos interesses nacionais num tempo de intensa polarização política, inspirando-se no socialismo. Como foi esse caminho?

¹⁵⁹ “Diário de notícias” de 16/09/1967. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Capítulo 3. O campo político de atuação de Adalgisa Nery.

“O nacionalismo é mais do que o amor à terra e a lealdade aos símbolos que a representam. É tudo isso e o projeto de elevar uma comunidade à apropriação total de si mesma, isto é, de torná-la o que a filosofia da existência chama um ‘ser para si’. Na verdade, esse projeto já está implícito na vida brasileira.”

Alberto Guerreiro Ramos (1957) citado por Caio Navarro de Toledo em “ISEB: fábrica de ideologias”, p.135.

As dimensões a respeito das relações entre história e imprensa têm sido ampliadas e recebido especial atenção da historiografia.¹⁶⁰ A imprensa é guardadora da memória de um tempo, e muitas vezes pode despertar como agente histórico, crucial num contexto de acirramento de posições e de disputa política.

Num ligeiro retrato do Brasil dos anos 50, constata-se que o país sofreu transformações em diversos níveis. Na área econômica esboçava-se o projeto nacional desenvolvimentista: urbanização, industrialização e tecnologia eram palavras de ordem. No campo das artes e da cultura, o período foi marcado pela construção do novo, pela idéia de desenvolvimento e transformação do país, pela valorização do popular em sintonia com o espírito nacionalista crescente no decorrer da década. O cinema novo, o concretismo na poesia, o teatro do oprimido, a bossa nova foram movimentos impulsionados por essa atmosfera de novidades característica dos anos 50.

Os ares de transformação desse período afetaram também a imprensa brasileira: inovações na diagramação e apresentação das matérias, diversificação temática, certa objetividade jornalística, novas técnicas de produção e administração. Segundo Marieta de Moraes Ferreira, “o jornal Última Hora é um exemplo desse quadro de mudanças que já vinha se delineando desde o início da década. (...) a Última Hora revolucionou a imprensa, introduzindo uma série de novas técnicas de comunicação de massa.”¹⁶¹

A imprensa era veículo de informação consagrado entre os articuladores políticos. Recuperando a relação existente entre política e imprensa nesse período, o panorama é bastante interessante. O “Tribuna da Imprensa” foi fundado por Carlos Lacerda em 1949. O “Jornal do Comércio” era de San Tiago Dantas. Em 1950, Chagas Freitas assumiu a direção

¹⁶⁰ Um bom exemplo é o trabalho coletivo recentemente publicado: NEVES, Lúcia M. Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia M. Bessone da C. (org.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

¹⁶¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do jornal do Brasil”. In: ABREU. Idem, p. 143-144.

de “A Notícia”, jornal comprado em sociedade com Ademar de Barros com fins claramente eleitorais.¹⁶² O jornal “Última Hora” de Samuel Wainer nasceu com o intuito de dar sustentação ao segundo governo Vargas. Durante o Estado Novo, foi inevitável a indisposição que se estabeleceu entre os dirigentes políticos e os formadores de opinião. Naquele contexto, muitos experimentaram, até como vítimas da ditadura, o poder das relações entre política e os meios de informação. Assim, houve a necessidade de incentivar a criação de um jornal que apoiasse o governo democrático de Vargas.

No que tange às inovações técnicas e de conteúdo, “o destaque dado pelo jornal Última Hora à fotografia, à valorização do jornalismo e dos editoriais de esporte e cultura levou-o a ultrapassar a tiragem de 100 mil exemplares em 1952, uma tiragem expressiva para aquele tempo.”¹⁶³ Após seis meses de existência, o jornal tornou-se líder de circulação no Rio de Janeiro. Apesar do curto período de existência sob direção de Wainer, 20 anos, o jornal ilustrou em suas páginas situações importantes e momentos cruciais da história nacional.

Entre os articulistas de “Última Hora” figuravam Nelson Rodrigues, inicialmente com a coluna de aconselhamento sob o pseudônimo de “Suzana Flag”, e depois com a consagrada “A vida como ela é”, Paulo Francis, Chacrinha, Luís Costa, com “O dia do presidente”, o então repórter Ignácio de Loyola Brandão, Sérgio Porto, sob alcunha de Stanislaw Ponte Preta, o repórter político José Moura Reis, o então articulista Benedito Ruy Barbosa, o precursor do jornalismo social Jacinto de Thormes, o crítico de cinema Jean Claude Bernadet, os colunistas Ib Teixeira, Paulo Silveira, Octavio Malta, Flávio Tavares, Paulo Alberto Monteiro de Barros que escrevia sob o pseudônimo de Artur da Távola. O chargista Edberto perpetuou, nas páginas do jornal, a imagem de Carlos Lacerda com a caricatura de um corvo de óculos. Passaram por “Última Hora” Aparício Torelli, o Barão de Itararé e o cartunista Jaguar.

Em 1949, Samuel Wainer trabalhava como repórter do “O jornal” de propriedade de Assis Chateaubriand. Escalado para fazer uma reportagem sobre o trigo no sul do país, Wainer conseguiu uma entrevista com Vargas, noticiando seu retorno como líder de massas. Após o carnaval daquele ano, diversos veículos dos Diários Associados, anunciavam a volta do ex-ditador: a notícia, então inédita, “caiu como uma bomba” nos meios políticos e

¹⁶² Carlos Lacerda elegeu-se deputado federal em 1955 e governador da Guanabara em 1960 pela UDN. San Tiago Dantas foi deputado federal por Minas Gerais em 1959, passou pelos ministérios das Relações Exteriores entre 1961 e 1962 e da Fazenda em 1963. Chagas Freitas foi deputado federal entre 1955 e 1971, além de último governador da Guanabara. Ademar de Barros foi interventor (1938-1941) e governador (1947-1951/1963-1966) de São Paulo e candidato à presidência da República por duas vezes, em 1955 e 1960.

¹⁶³ SARAIVA, Camila Lacreta e SWENSSON Jr., Walter Cruz. “O Caso Wainer” In: *Revista Histórica*, Publicação do Arquivo do Estado de São Paulo, n. 09 dez./jan./ fev – 2002-2003, p.7.

Chateaubriand, convenientemente, soube tirar proveito da situação. Wainer afirma que, em média, a vendagem de “O jornal” era de 9.000 exemplares. Porém, tal edição vendeu 180.000 números.¹⁶⁴

Desde então, por contar da repercussão positiva da reportagem e de outras que se seguiram tratando da volta de Getúlio Vargas como candidato à presidência da República em 1950, Wainer iniciou estreita relação com o ex-ditador, que passou a chamá-lo sob a alcunha de ‘Profeta’. O jornal “Última Hora” surgiu em 12 de junho de 1951, revelando seu caráter nitidamente getulista.

O sucesso editorial do jornal de Samuel Wainer, um *outsider* entre os donos de jornal, provocou a ira dos poderosos da imprensa brasileira. Procurando atingir Wainer e indiretamente o presidente Vargas, a “Última Hora” foi acusada de favoritismo nos empréstimos concedidos pelo Banco do Brasil, incitando um caso atípico na imprensa brasileira: a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI. Numa outra frente de acusação, Wainer era suspeito de não ter nascido no Brasil. Segundo a Constituição de 1946, estrangeiros não podiam ser donos de jornal. Num jogo de investigação e intrigas, Chateaubriand e Lacerda publicaram, por cerca de três anos (1953-1956), notícias envolvendo Wainer e suas empresas de comunicação. A CPI teve fim em novembro de 1953 constatando irregularidades; por desacato ao Congresso, Wainer chegou a ser preso. O objetivo de seus opositores políticos era encontrar brechas para promover o impeachment do presidente Vargas.

Dado seu estreito relacionamento com o Catete, a delicada posição de Samuel Wainer atingia Getúlio Vargas, contribuindo para o seu enfraquecimento político junto às elites. O atentado contra o então jornalista Carlos Lacerda foi ponto crucial da intriga que resultou na morte de Getúlio Vargas, em agosto de 1954. A imprensa comportou-se como personagem decisiva na crise que culminou no suicídio do presidente. Os reflexos dessa situação podem ser identificados na violenta reação popular manifestada contra as sedes de periódicos e estações de rádio que se opunham a Vargas no Rio de Janeiro.¹⁶⁵ Com a bombástica manchete publicada à pedido de Getúlio: “Só morto sairei do Catete”, o único jornal que circulou no 24 de agosto foi a “Última Hora.” Os acontecimentos da década seguinte seriam cruciais: em abril de 1964 esse mesmo jornal teria a sede atacada e incendiada. Que rumos políticos a imprensa percorreu nesse período de democracia inédita no Brasil?

¹⁶⁴ WAINER, Op. Cit. p. 25.

¹⁶⁵ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p.179.

No período que se seguiu ao desaparecimento de Vargas, os opositores de Wainer, acusando-o de vinculação com a imprensa comunista, exigiam o fechamento do jornal, como cogitado em reunião entre o presidente Café Filho, os ministros militares e o então ministro da Justiça, o jurista Miguel Seabra Fagundes. “A providência só não foi tomada por força da intervenção de Seabra Fagundes, que sustentou energicamente sua inconstitucionalidade. Apesar disso, durante aqueles dias Wainer chegou a ser detido por duas vezes.”¹⁶⁶

Os jornais e a mídia impressa, de uma maneira geral, detinham expressivo poder na formação da opinião pública num período em que a televisão dava os seus primeiros passos. Nos anos 1950, os jornais tinham importante tom político e ideológico que caracterizava a identidade dos diários, assim como a segmentação do seu público leitor. Como formadora de opinião pública, portanto, veículo indispensável, a imprensa sustentava posicionamentos políticos mais nítidos. Entre os anos 1950 e 1970, período de modernização e de paulatina repressão com a instauração do regime autoritário, o número de jornais que circulava no Rio de Janeiro, por exemplo, diminuiu consideravelmente.

Como colunista de “Última Hora”, Adalgisa Nery encontrou no jornal de Wainer espaço propício para defender suas idéias. Jornal e jornalista identificavam-se como herdeiros políticos de Getúlio Vargas. Em tom de suspense, Emmanuel Nery, que também trabalhou no jornal de Wainer como repórter político nos anos 1960, escreve:

Uma figura entre os notáveis jamais ia ao jornal, apesar de escrever uma coluna diária poderosíssima em todo o Brasil (...) Samuca [Samuel Wainer] nunca escondeu o maior respeito pela inteligência, pela cultura e pelo gênio explosivo e tão ditatorial quanto o dele, de quem mandava diariamente o texto às vezes até escrito a lápis – coisa inaceitável na imprensa. A figura rebelde sem papas na língua, voluntariosa, era o terror dos políticos malcomportados, chamava-se Adalgisa Nery!¹⁶⁷

3.1 Lugar de militância: a coluna “Retrato sem Retoque”

Os artigos da escritora Adalgisa Nery nas páginas do jornal “Última Hora” eram carregados de metáforas, expressões irônicas e linguagem figurativa. Sobre a eleição de Eisenhower nos EUA ela escreve, em 1954, sob o título: “O asno vence o elefante”. Em 1958,

¹⁶⁶ Verbete: *WAINER, Samuel*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

¹⁶⁷ Nery, (1996). Op. Cit. p. 377.

referindo-se a Jânio Quadros comandando a passeata dos prefeitos paulistas ao Rio de Janeiro, afirma: “é como a erva de passarinho. Ninguém plantou. Ela nasceu do vento e vive da seiva alheia. E que trabalhão dá para arrancá-la de onde se gruda!” Os políticos da União Democrática Nacional (UDN) eram as “eduardinas”. A oposição no Brasil comportava-se como “comadre mexeriqueira”. Na renúncia de Jânio Quadros em 1961 e o subsequente envolvimento político dos “vermes fardados (...) nos dias de baderna lacerdista”, a jornalista sugere providências: “que esses fracassados donos do Brasil sejam mandados para casa. E em vez de pijamas devem usar biquínis”. Em “A lei sofre de catarata”, denuncia a prática do empreguismo, o vulgarmente conhecido “pistolão”. O chefe da administração de portos, rios e canais da Guanabara em 1962 era na sua função “mais analfabeto do que gato vegetariano”.¹⁶⁸

As duras críticas eram disparadas aos representantes políticos, às instituições financeiras e aos setores da economia acusados de entreguistas. O discurso nacionalista foi a principal marca da coluna “Retrato sem Retoque”.

O primeiro artigo de Adalgisa Nery na “Última Hora” foi publicado no caderno cultural, destoando dos outros assuntos tratados na página. Com o título “A incontinência do embaixador”, publicado em 04 de novembro de 1954, Adalgisa comenta uma entrevista “não muito amiga nem muito ponderada” dada pelo embaixador Kemper de férias em Boston. “Na sua incontinência americana de julgar e preponderar” Kemper tratou sobre a exportação brasileira de café. Junto de charges e notícias sobre música e cinema, o “Retrato sem Retoque” estreou também com um desabafo nacionalista. Referindo-se a tal entrevista, Adalgisa incomoda-se: “li e desgostei profundamente porque ainda possuo traços de dignidade e amor próprio de brasileira.”

Na capa da edição que se seguiu à estréia da colunista (05/11/1954) uma foto e um texto a identificava como “uma das mais nobres intelectuais do Brasil”:

Pois é esta escritora de excepcionais qualidades, com um vasto público, principalmente nos meios femininos que estará agora, em cada tarde, em cada casa do Rio de Janeiro, de hoje por diante, levando através de sua crônica, uma palavra de esperança, a palavra cálida que só os verdadeiros poetas são capazes de conduzir. (grifos nossos)

¹⁶⁸ Artigos do Jornal “Última Hora” em ordem de citação: 11/11/1954; 30/05/1958, “Jânio contrata artistas para show político visando amedrontar o governo”; 08 e 24/02/1958, “Eduardinas sem microfone não podem salvar a pátria” e “Assanhadas as eduardinas com crise que não houve”; 07/05/1958, “Monotonia dos mesmos temas nas eternas calúnias contra Jango”; 07/09/1961, “Feio, muito feio”; 18/04/1962; 08/06/1962, “Chefe ausente”.

Tratando de assuntos ‘sérios’ como política e economia, a estreante jornalista reivindica o espaço principal do jornal: queria sua coluna publicada no primeiro caderno de “Última Hora”. Por outro lado, sua confirmação como colunista do jornal, identificava o nome de Adalgisa com os “meios femininos.” Ao que tudo indica após telefonar para o diretor do jornal, Adalgisa teve sua reivindicação atendida em anúncio na capa da edição do dia 06: “Exatamente aos seus numerosos leitores que nos dirigimos hoje, para avisar que encontrarão sua seção publicada na quarta página do primeiro caderno, em vez de estar onde habitualmente a encontram”. Sobre o estilo jornalístico da escritora e as repercussões da sua coluna, Wainer observa:

Adalgisa era uma mulher dura, quase perversa, e tinha um estilo extremamente forte. Apesar dos erros de ortografia, escrevia bem. A seção transformou-se rapidamente numa das coqueluches da Última Hora. Adalgisa agredia meio mundo com uma violência incrível, tratava militares a pontapés, demolia políticos, sempre se valendo do jargão nacionalista e getulista (...) Muitos a adoravam, outros tantos a odiavam. Adalgisa causou-me inúmeros problemas, mas era bastante útil à Última Hora; assim, convinha-me mantê-la entre os colunistas do jornal.¹⁶⁹

Fornecedor de dados utilizados na coluna “Retrato sem Retoque”, Reynaldo Barros tinha parentes que moravam no mesmo prédio de Adalgisa Nery, e, encantando-se com a escritora, passa a fazer parte do seu círculo de convivência. Estudante de Administração de empresas na Fundação Getúlio Vargas, Barros era pesquisador do Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB e auxiliava a jornalista oferecendo dados sobre exportação e importação de produtos, números e estatísticas sobre a economia brasileira, enfim, tornou-se um colaborador assíduo do trabalho de Adalgisa na “Última Hora”. Admirado, o administrador afirma que Adalgisa:

(...) era de um talento absolutamente extraordinário, para a coisa mais insípida, pôr o melhor molho e ficar o mais delicioso para o leitor (...) o maior talento dela era esse (...) na coisa mais árida (...) ela conseguia dar um charme para atrair o leitor. Dava-se os dados e ela sabia usar os números, usava elegantemente os números (...)

O nacionalismo de Adalgisa teve vínculos com o ISEB, fundado em 1955 como um órgão do Ministério da Educação e Cultura. Através de cursos, conferências e publicações, “o

¹⁶⁹ WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1988, p. 247.

ISEB foi um dos núcleos mais importantes de elaboração da ideologia ‘nacional-desenvolvimentista’ que impregnou todo o sistema político brasileiro desde a morte de Getúlio Vargas, em 1954, até a queda de João Goulart, em 1964.”¹⁷⁰

Os intelectuais ligados ao ISEB sustentavam posições pessoais heterogêneas, e a publicação “O nacionalismo na atualidade brasileira” de Hélio Jaguaribe, em 1958, funcionou como um ‘divisor de águas’ no grupo. Sua opinião favorável à exploração do setor petroquímico por empresas privadas, além de considerar vantajosos os investimentos estrangeiros no país, gerou discórdias quanto à posição nacionalista do instituto, provocando o desligamento de Jaguaribe do grupo.

Num curto primeiro momento, o nacionalismo isebiano estivera ligado aos adeptos da “via tecnocrática de desenvolvimento”, quando figuravam, por exemplo, Roberto Campos e Augusto Frederico Schmidt, assim como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda.¹⁷¹ Muitos haviam tido vínculos com o Estado Novo, muitos eram parte da inteligência da ditadura Vargas: pensavam o Brasil, projetavam um país. Adalgisa Nery era a relações públicas desse regime, estabelecendo vínculos entre o poder instituído e a intelectualidade da época.

Focando a produção dos principais intelectuais do ISEB, Caio Navarro de Toledo identifica três fases características do instituto. A partir das publicações e conferências de Roland Corbusier, Guerreiro Ramos, Cândido Mendes e Nelson Werneck Sodré, principalmente, o autor dá a conhecer os preceitos ideológicos do grupo, onde se debatiam conceitos como “consciência das massas” e “subdesenvolvimento”, por exemplo. Eles procuravam decifrar o Brasil e o ISEB era um órgão oficial.

É no período da “encampação juscelinista” que Adalgisa parece se aproximar do grupo. Conforme aponta Navarro de Toledo, o nacionalismo foi a ideologia hegemônica no interior do ISEB, particularmente durante o período que correspondeu ao governo JK. Assim, mesmo não fazendo parte do rol de integrantes oficiais do ISEB, a colunista de “Última Hora”, em artigo de 1958, defende a instituição. Ao mesmo tempo, conforme os acontecimentos políticos comprovam, Adalgisa Nery estabelece uma perspectiva bastante lúcida da situação que se esboçava:

¹⁷⁰ Verbete: *Instituto Superior de Estudos Brasileiros*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

¹⁷¹ TOLEDO, Caio de Navarro. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977. Figuravam, ainda, nos conselhos consultivo e curador: Heitor Villalobos, Horácio Lafer, Santiago Dantas, Sérgio Millet, Miguel Reali, Fernando de Azevedo, Luiz Viana Filho, Lucas Lopes entre outros.

Para os detratores do ISEB deve acontecer o seguinte: a comunidade brasileira permanecer analfabeta, os poucos que saírem da cegueira espiritual devem ficar perdidos na ignorância das causas e efeitos que nos afligem. Apenas alguns têm o direito de penetrar, com o consentimento especial do Presidente da República, na Escola Superior de Guerra, onde os problemas nacionais são debatidos em segredo e onde o reconhecido espírito golpista fabrica uma consciência nacional. É simplesmente isso, os inimigos de Anísio Teixeira e os adversários do ISEB perseguem interesses que não são os do Brasil.¹⁷²

Em tal artigo, intitulado “Adversários de Anísio e do ISEB perseguem objetivos antinacionais”, ela traça um histórico elogioso do instituto e sai em defesa do educador Anísio Teixeira, já que ambos haviam sido acusados de comunistas. Adalgisa Nery os defendia sob a égide do nacionalismo.

No início de 1961, a “Última Hora” noticiou: “Intelectuais dirigem-se a Jânio”. Cerca de 80 escritores e intelectuais enviaram um abaixo-assinado ao presidente e ao Itamaraty, pedindo uma autorização especial ao escritor português e também membro do ISEB, Paulo de Castro, que teve a renovação de seu passaporte negada por Salazar, ditador português desde os anos 1930. Adalgisa aparece discursando na foto:

É uma coisa tão clara que nem estou preparada para uma negativa do Itamaraty. Seria um absurdo! Além de totalmente integrado à nossa imprensa, Paulo de Castro é membro do ISEB e pronunciará, no exterior, conferências que contribuirão de forma decisiva para a divulgação das coisas de nossa terra.¹⁷³

Entretanto, a cópia de uma carta escrita “ao caro amigo Rolland Corbisier”, em 14 de abril de 1968, revela a postura diante do instituto. Já afastada do jornalismo, mas atuando como deputada estadual pelo MDB, Adalgisa escreveu na ocasião em que se recuperava de um “desastre de automóvel.” Ela agradecia o convite recebido para ser sócia fundadora do “movimento cultural que amigos da melhor qualidade resolveram fundar.” No entanto, afirmou:

Em coerência com toda a minha vida literária e inclusive política, não quero fazer parte de nenhum grupo. Meu temperamento não se adapta a esse gênero de atividades. Jamais quis fazer parte do ISEB em qualquer campo dos seus trabalhos. Procedi da mesma forma com os grupos de intelectuais.

¹⁷² Jornal “Última Hora” de 02/06/1958.

¹⁷³ Jornal Última Hora de 12/02/1961.

Prefiro ficar de fora e atuar quando achar que devo cooperar.¹⁷⁴

É necessário considerar que a recusa foi feita num contexto marcado pela repressão. Veremos mais adiante, que Adalgisa Nery encontrava-se avessa ao envolvimento político para além do ambiente político institucional. Ela teria fortes motivos para isso.

Entretanto, mesmo afirmando que jamais fizera parte do ISEB, Adalgisa mantinha vínculos com a entidade, no plano das relações pessoais e também expressando tal conexão quando saía em defesa da instituição nas páginas de “Última Hora.”

Foram cerca de 10 anos escrevendo uma coluna diária, tratando questões ligadas à política e à economia nacionais, criticando de modo combativo a influência estrangeira no Brasil, tecendo tanto elogios como críticas nominais aos setores da política envolvidos principalmente nas relações financeiras do país, tais como deputados, ministros de Estado, diretores de empresas estatais e militares.

Com a proposta de dialogar com seus leitores, Adalgisa costumava indicar livros, seja comentando seu conteúdo ou simplesmente num “PS” ao final do artigo. De modo geral eram publicações ligadas à condição nacional.¹⁷⁵ Em 5 de dezembro de 1962, Adalgisa citou e sugeriu “A elite do poder” de Wright Mills. Dias depois recomendou como presente de Natal, a coleção de 12 volumes com textos de escritores contemplados com o Prêmio Nobel, selecionados por Paulo Ronai. Também em dezembro de 1962, fala do “A ignorância ao alcance de todos” de Nestor de Holanda que também escreveu “O mundo vermelho”, sobre a URSS, indicado em 11 de abril de 1961. Em maio de 1963 escreve citando “A vigésima quinta hora”, sobre exilados do nazismo na América.

Ao mesmo tempo em que indicava a leitura, Adalgisa explicitava algum posicionamento diante de questões debatidas em determinado contexto. Ou então instigava seus leitores a manterem-se mais informados.¹⁷⁶ Para Jânio Quadros, em 10 de março de 1961, ela indicou a leitura de “Brasil e o mundo ázio-africano” de Adolfo Bezerra de

¹⁷⁴ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

¹⁷⁵ Com por exemplo “Rio Grande do Sul: novo nordeste”, de Franklin de Oliveira (13/01/1961) e “Quem explorou quem no contrato do manganês no Amapá”, de Álvaro Cunha (11/10/1962)

¹⁷⁶ Foi o caso de “Reflexões sobre a Revolução Cubana” dos sociólogos americanos Paul Sweery, Leo Huberman, Paul Baran, J.P. Morray e Marc Schleifer que, segundo ela, são artigos, conferências e programas de TV sobre Cuba e Fidel. Nesse mesmo artigo, refere-se ao “África - as raízes da revolta” do sociólogo inglês Jack Woddis (01/03/1962). Recomendou a leitura de “Pão, feijão e forças ocultas” de Jocelyn Brasil (01/08/1963). Cita trechos do livro de Christopher Hill, “Lênin e a Revolução Russa”, mostrando as péssimas condições do povo russo antes de 1917 e a exploração do país pelo capital estrangeiro (05/09/1963). O livro “Terras do sem fim” de Jorge Amado, ilustrava os problemas sociais da Bahia envolvendo o cacau (16/12/1963). Sobre a morte de Kennedy sugere a leitura de “A conspiração” de Newton Carlos (27/01/1964). Também em 1964, “Imperialismo, petróleo e Petrobrás” de Francisco Mangabeira (21/02/1964).

Menezes, funcionário do Itamaraty. Do mesmo autor, o livro “Ásia, África e política independente do Brasil”, foi sugerido em 23 de fevereiro de 1962. O livro do professor catedrático José Dias da Silva “Brasil, país ocupado” foi sugerido “aos militares brasileiros, destacadamente aos que cursam a Escola Superior de Guerra” (17/10/1963).

Em “Um filme para o Congresso” (20/08/1963) a colunista sugere que o filme “Seara Vermelha” seja exibido aos congressistas. A denúncia social de Jorge Amado e Graciliano Ramos, mostrando a miséria nordestina, deveria sensibilizar os políticos, que, talvez assim, apoiassem a reforma agrária no país; chama a elite de burra e insensível. Da mesma forma, em 27 de agosto de 1963 Adalgisa elogia o filme “Vidas Secas”, “perfeito como obra de arte. Objetivo como advertência aos congressistas que não admitem a reforma agrária no Brasil”. Da mesma forma, dedicou um artigo inteiro ao filme quando escreveu “Vidas secas” em 31 de agosto do mesmo ano.

Por intermédio da análise de artigos escritos por Adalgisa Nery, verificamos sua ligação com alguns temas e episódios da História política do Brasil. Ao viver as inconstantes conjunturas políticas do período (1954-1964), seu comportamento público e suas idéias políticas transformaram a escritora em jornalista de sucesso. Como Adalgisa encarou os fatos políticos de sua época? Quais as suas iniciativas ao analisar e ao reagir a eles?

Tão logo iniciou seu trabalho no jornal, a colunista tratou da sucessão presidencial de forma incisiva: JK havia confirmado não-oficialmente sua candidatura e Adalgisa sugeriu em “Presente ao candidato” que alguns “amigos” de Juscelino haviam lhe presenteado com um avião. Ela ironiza ao dizer que o mesmo seria pago futuramente pelo povo brasileiro, pois tais amigos seriam beneficiados quando da vitória presidencial de JK, candidato do PSD. Entretanto, Adalgisa dizia-se amiga do então governador de Minas Gerais, pedindo-lhe cautela e que desconfiasse das intenções dos que lhe ofereceram presente tão caro.¹⁷⁷

Em seus artigos iniciais, além de abordar o tema da sucessão presidencial, a colunista condenou a proposta de aumento de subsídios dos deputados apresentada ao Congresso; discutiu, também num programa de televisão, os problemas das favelas do Rio de Janeiro; denunciou atitudes de médicos e professoras da rede pública que faltavam ao trabalho com freqüência; criticou o aumento de impostos anunciado pelo então ministro da Fazenda,

¹⁷⁷ Última Hora de 08/12/1954. Também em “Por falar em sucessão” de 06/01/1958 e em “Ainda a sucessão” de 17/12/1954, ela trata do tema com a mesma incisão.

Eugênio Gudim. Enfim, expressou com linguagem que lhe foi característica, assuntos das instâncias local e nacional.¹⁷⁸

O pleito presidencial de 1955 foi o principal tema debatido no jantar que a “prezada poetisa, ora transformada em vibrante jornalista” ofereceu em sua residência em fins de 1954. “O esquema Adalgisa”, como foi designada a noite de debates políticos, contrapunha-se aos planos do governador pernambucano Etelvino Lins, que articulava a candidatura de Juarez Távora para presidente tendo JK como vice. No artigo de 15 de novembro “A solução heróica” ela comenta uma entrevista de Etelvino Lins que: “recomenda evitar a guerra política entre o centrismo e o populismo. Mas evitar o que já se processou, esclarecido governador?”. E a estreada jornalista continua:

Impedir o varguismo e o anti-varguismo se foi justamente a faciosidade dos partidos guardando em seu seio homens imprudentes que instalaram isso no país? (...) Outra afirmação nascida do remorso é a que faz, explicando que o Dr. Getúlio Vargas foi o fator de equilíbrio no difícil problema social. Está um pouco fora do tempo! (...) Novamente afirmo que não sou comunista nem tenho prevenções contra partidos nem contra pessoas. Sou uma mulher que pensa, vê e soma. Como a Constituição vigente outorga o direito de opinar, é o que faço.

O artigo fora publicado há menos de quatro meses do suicídio de Vargas, portanto, a cena política nacional estava impregnada de uma atmosfera incômoda provocada por esse acontecimento que marcou a história do Brasil. A estreita relação de Adalgisa com o presidente, fez dela sua importante porta-voz, mesmo (e principalmente) após seu desaparecimento. Aliás, a colunista católica nutria respeito à figura de Getúlio Vargas: o 19 de abril e o 24 de agosto, respectivas datas de nascimento e morte de Vargas, eram lembradas anualmente por Adalgisa Nery nos artigos de “Retrato sem Retoque”. Não raro ela citava trechos de discursos e falas de Vargas.

Etelvino Lins também teve vínculos com Getúlio Vargas: foi simpatizante da Aliança Liberal; durante o Estado Novo, quando secretário de Segurança Pública de Pernambuco, foi responsável pela prisão de Gilberto Freyre sob orientação de Lourival Fontes; em fevereiro de 1945 foi nomeado interventor de Pernambuco. Talvez por criticar uma personalidade, assim como ela, que colaborou com o regime Vargas, Adalgisa precisou se justificar dizendo que

¹⁷⁸ Artigos do Jornal “Última Hora” em ordem de citação: 25/11/1954; 02/12/1954; 19/11/1954; 06/12/1954; 22/11/1954;

não era comunista. Aliás, nessa conjuntura política, como opositora ferrenha, a colunista viria receber tal acusação invariavelmente.

3.1.1 Adalgisa *versus* Chatô

Com pouco mais de dois meses atuando em “Última Hora”, o poderoso dono dos Diários Associados, rede de comunicação que incluía jornais, revistas e estações de rádio e televisão, acusou Adalgisa Nery de opinar, “não por conta própria, mas pela pressão dos elementos sovietisantes – basta ver o diário onde ela escreve”.¹⁷⁹ Assis Chateaubriand a tachava de estar “a serviço de um complot comunista” em sua resposta ao artigo “Arranjos políticos” escrito pela jornalista de “Última Hora”. Em tal artigo, publicado em 11 de janeiro de 1955, Adalgisa afirma que o cargo de Chateaubriand no Senado havia sido conquistado através de uma intrincada transação com os senadores Victorino Freire e Antônio Bayma do Maranhão. Como não havia conseguido eleger-se pela Paraíba, a jornalista sugere com seu tom característico de indignação e sarcasmo, que o novo senador havia “comprado” o cargo no Senado em troca “de um ótimo apartamento com ar refrigerado e um ou dois cadillacs”.

Adalgisa Nery e Chateaubriand mantinham laços de amizade até então. O exagero nos argumentos de Chateaubriand pode ser notado no próprio título do texto publicado em “O jornal”: “Uma matrona tarada”. Nele, o *imortal* recém eleito para a Academia Brasileira de Letras defende-se da insinuação ao mesmo tempo em que acusa grosseiramente, não apenas a profissional do jornalismo, mas a mulher Adalgisa Nery: “quem calunia sem ter provas deve ser um tarado. E é o que miseravelmente fez a vulgar sexagenária (...) em sua malvadez de virago”. Sem nomear o alvo de tanta hostilidade, ressalta a filiação política da acusada: “É a imundice comunista, é a torpeza dos brasileiros assalariados de Moscou”. Adalgisa tinha por volta de 50 anos nessa ocasião. A referência à idade é posta como algo negativo, e certamente não ocorreria se se tratasse de um homem. Da mesma forma, a suspeita de lesbianismo foi inferida, talvez, pelo estilo contundente dessa mulher, em contraposição às qualidades vistas como femininas, tais como delicadeza, doçura etc.

Em 14 de janeiro, quatro dias antes de ter sido acusada de comunista, publicou-se, também em “O Jornal”, um “a pedidos” sob o título “Retrato retocado”, assinado por

¹⁷⁹ *O Jornal*. Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1955.

“Adalgiso Neruba”. Os insultos não foram menos intensos: atingiram primordialmente Adalgisa em sua conduta como mulher, no campo da sua vida privada. Vale citá-lo na íntegra:

Velha beldade, que nos verdes anos recebeu tesos entusiasmos, chegando a avó sentou-se e fez-se ermitã. Acalmou-se, ao cabo de longa e varia estrada, por cujas margens foi deixando, tombada e murcha, outrora ereta plêiade de paladinos. Expulsa do derradeiro conúbio, reformada com vencimentos, tenta hoje reformar o mundo. Foi expulsa por péssima conduta e como falsa esposa. Há dias zangou-se porque um burocrata lançou-lhe por trás o que só pela frente agora deseja receber. Foi caso que o burocrata a definiu entredentes, supondo que, de saída, à porta, não pudesse ouvi-lo. Chamou-lhe maleducado e covarde, e a si própria qualificou de senhora de respeito. Respeitosa. Raro é o dia em que ela não dá palmatoadas na pobre humanidade. Dar tem sido seu fado. Não de graça, pois tendo dado toda vida, hoje tem mais do que antes e nunca. Numa de suas últimas conversas públicas, ela, que tanto amara as privadas, lembrou recente salto à Paris. Como se divertiu! E como mudaram os tempos! Não nos disse, porém, porque voltou às pressas e descaideirada. E sem níquel. É que, cisne no derradeiro gemido, nem de graça conseguia realizar o seu destino dadivoso. Havia que pagar! Franqueando-se alucinadamente, endemoninhadamente, em fundas noites bagunçosas, aos empinos de animosos latagões. Franqueou-se. Foram-se os francos. Voltou tinindo, insatisfeita, inconsolável. Inacabada. Daí o azedume de seus nús diários. Precisamos recauchutá-la, ou, pelo menos, trocar-lhe a lona. Ou entulha-la de francos e despacha-la aos latagões de empino.” (sic) (grifos nossos)

A alcunha “Adalgiso Neruba” pode ser uma referência ao escritor comunista chileno Pablo Neruda (1904-1973). O texto é repleto de metáforas preconceituosas, frases dúbias e insultos extremamente grosseiros. Em seu ataque inicial, o acusador resgata, simbolicamente, a posição de Adalgisa em períodos anteriores, dos tempos do Estado Novo, por exemplo. Assim como levanta suspeita quanto ao casamento com Lourival Fontes, então recentemente desfeito. Insinua com malícia e ambigüidade seu trabalho no jornal. O ataque é carregado de simbolismos. A ofensiva atingiu, com argumentos distorcidos, a vida pessoal de Adalgisa Nery. Talvez uma mulher não pudesse valer-se de tamanha ousadia criticando atitude política do “rei do Brasil”; talvez fosse demais para os brios de Chateaubriand, que se arriscava na política institucional, então recentemente. Enfim, o texto expressa forte preconceito de gênero.

O biógrafo de “Chatô”, Fernando Morais, afirma que ele decidira não responder às críticas sobre a sua chegada ao Senado. Até ler a versão de Adalgisa: “(...) o dono dos

Associados rabiscou dez linhas em um pedaço de papel, chamou o redator Maurício Waitsman e mandou publicar com uma ‘a pedidos’ na primeira página do Diário da Noite.”¹⁸⁰

Uma foto da colunista com o título “Morrer, mas não apodrecer” ilustra a capa de “Última Hora” do dia 17 de janeiro de 1955. No artigo, Adalgisa defende-se citando os nomes dos envolvidos nas manobras desaprovadas por ela. E finaliza, metaforicamente, como lhe era peculiar: “Prefiro morrer de fome, em pé num deserto, a viver e engordar-me comendo agachada num prato de caviar colocado aos pés de homens que só são homens por erro do sistema glandular.”¹⁸¹

O episódio provocou comentários de órgãos importantes da imprensa carioca, que se posicionaram. O “Diário de notícias” solidarizou-se com a jornalista “que nos últimos dias recebeu ataques deselegantes, injustos e inadmissíveis no nosso jornalismo. Como intelectual e como mulher, d. Adalgisa merece o nosso respeito e nossa admiração.” Da mesma forma o fez o “Correio da manhã” noticiando o almoço oferecido à Adalgisa Nery no Clube da Marinha. No jornal “O Globo”, provavelmente na coluna social, publicou-se uma nota de “desagravo” sobre o “artigo de estilo grosseiro, imoral, ‘demodé’, à base de trocadilhos usados só em azulejos de banheiros, nos cafés e bares do interior, uma mulher foi covardemente insultada. Daqui, de nossa ‘Mesa de Pista’, um ‘drink’ por essa mulher!”¹⁸²

Essa ofensiva jornalística nacional foi tratada na revista norte-americana “Time Magazine” de 07 de fevereiro de 1955. Os itens “Insultos publicados”, “Escândalo picante” e “Uma alma fria” da seção “O hemisfério” procuram descrever minuciosamente a intriga. O texto possui certa dose de veneno:

O que fez o escândalo irresistivelmente picante foi que Adalgisa e Chatô eram muito bons amigos. Durante os anos em que a brilhante e ornamental Adalgisa presidia os salões da alta sociedade do Rio, Chatô foi um freqüente e admirado convidado. No ano passado, depois que Adalgisa separou-se do segundo marido, Chatô presenteou-a com uma cara viagem à Europa; Chatô a acompanhou em Paris e fizeram a cidade juntos. (tradução nossa).¹⁸³

A situação provocou a reação de militares maranhenses que ofereceram um almoço no clube da Aeronáutica em apoio à jornalista insultada. “Nós, maranhenses lhe somos gratos,

¹⁸⁰ MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p.568.

¹⁸¹ Jornal “Última Hora” de 17/01/1955.

¹⁸² Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. Pequenos recortes dispostos numa folha com os dados anotados à lápis.

¹⁸³ Time Magazine de 07/02/1955, p. 27, no original, seção “The hemisphere” e os itens: “Insulting publisher”, “Piquant scandal” e “A cold soul”.

dona Adalgisa”, foi manchete da edição de “Última Hora” de 21 de janeiro de 1955. A notícia do almoço trouxe a foto de Adalgisa na capa e o texto à página 8, afirma:

Como desagravo pelos insultos feitos à sua honorabilidade de mulher e à sua dignidade de jornalista em um ‘a pedido’ de ‘O jornal’, a nossa colunista Adalgisa Nery, responsável por ‘Retrato sem Retoque’, uma das colunas mais lidas e acatadas da imprensa carioca, foi homenageada ontem. (grifos nossos)

A matéria informa que tal iniciativa foi articulada pelo chefe do gabinete do ministro da Aeronáutica, coronel Armando de Menezes, e reproduz falas da jornalista em agradecimento, finalizando: “Finda a homenagem um grupo de oficiais ofereceu-se para acompanhar Adalgisa Nery até a sua residência numa escolta cordial”.

O episódio com Chatô, além de ter significado a quebra de uma relação fortalecida desde o Estado Novo e que envolvia boa dose de interesses, teve desdobramentos que ajudaram a delimitar o campo político no período seguinte. Para além da troca de insultos, Adalgisa Nery era herdeira da tradição política de Vargas e a briga com Chateaubriand constituiu a quebra de certa aliança. No plano pessoal, Adalgisa Nery legitimava-se como jornalista, angariando força política com sua postura nacionalista e getulista. O ano de 1955 estava apenas no começo e seria ainda marcado por sérios conflitos.

3.1.2 O contra golpe do marechal Lott e o governo JK

O episódio de 11 de novembro de 1955, conhecido pejorativamente como “Novembrada”, significou um marco de polarização política no que tange às Forças Armadas. Entendida como um golpe preventivo deflagrado pelo então ministro da Guerra Marechal Henrique Teixeira Lott, o evento garantiu a posse de JK e João Goulart, funcionando como importante fator de convergência de forças. Em defesa da legalidade, Lott figurou como principal representante antigolpista. Café Filho, alegando problemas de saúde, afastou-se da presidência. No Clube Militar, o general Canrobert Pereira da Costa, falara em “pseudolegalidade” e “falsidade democrática.” Por ocasião da sua morte, o coronel Mamede discursou em nome do Clube Militar, e sendo também representante da ala udenista dentro

das Forças Armadas, apoiou publicamente o general Canrobert e as concepções golpistas do militar falecido.¹⁸⁴

Naquela conjuntura, o PCB havia declarado apoio aos eleitos. Os jornais noticiavam a falsidade da “Carta Brandi” e seus responsáveis seriam punidos com a conclusão do inquérito policial-militar em fins de novembro.¹⁸⁵ O jornalista Carlos Lacerda incitava a ação dos militares nas páginas de seu “Tribuna da Imprensa.” Assim, a cena política brasileira era de conturbação quando da posse de Carlos Luz, presidente da Câmara e sucessor legal de Café Filho. Lott exigia a punição de Mamede e, exonerando-se, recebeu apoio de membros das Forças Armadas. A crise de novembro significou um movimento de resistência em defesa da legalidade: a capital do país foi ocupada por tropas do Exército; o Congresso aprovou a decretação de estado de sítio e assegurou a presidência a Nereu Ramos, presidente do Senado, até a posse dos eleitos em 31 de janeiro de 1956.

As páginas de “Última Hora” acompanharam o desenrolar dos acontecimentos incessantemente: naquele dia 11, o jornal circulou em quatro edições. Nos dias conturbados de novembro, através da coluna “Retrato sem Retoque” Adalgisa Nery elogiou os militares legalistas e os políticos civis que os apoiaram na Câmara Federal. Considerou o deputado José Maria Alkimin, como principal figura, que na política civil, defendeu o país contra o golpe. Adalgisa parece ter presenciado os debates na Câmara naqueles dias. O linguajar do udenista baiano Aliomar Baleeiro, opositor histórico de Vargas, foi duramente criticado pela colunista: “Se fosse um membro do Partido Trabalhista o autor daquela tristeza proferida no microfone da Câmara, vocês diriam que era natural na boca de um componente da escória e da ralé.” Acusou com ironia o brigadeiro Eduardo Gomes; depreciou o exílio voluntário de Carlos

¹⁸⁴ Discurso de Canrobert por ocasião do aniversário de morte do Major Vaz em 05/08/1955. O general Jurandir de Bizarria Mamede, discursou durante o enterro de Canrobert em 1 de novembro, elogiando-o “por ter liderado o movimento contra Vargas em 1954 e afirmando que seria ‘indiscutível mentira democrática’ se o regime presidencial permitisse ‘vitória da minoria’, isto é, a posse de Juscelino e Goulart”. Verbete: *Café Filho*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

¹⁸⁵ Tal documento foi divulgado no programa de televisão do jornalista e deputado federal udenista, Carlos Lacerda e nos jornais “Tribuna da Imprensa” e “O Globo” em setembro de 1955. Endereçada à João Goulart quando era ministro do Trabalho de Getúlio Vargas (05/08/1953), a carta foi assinada pelo deputado argentino, à época de Perón, Antonio Jesus Brandi. Segundo ela, os dois países articulavam-se num movimento armado de cunho sindicalista. Após investigações, “comprovou tratar-se de um documento apócrifo, forjado por falsários argentinos para ser vendido aos opositores de Goulart.” Verbete: *Carta Brandi*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

Lacerda nos EUA, referindo-se a sua biografia desde a revolta comunista em 1935, pontuando suas “falcatruas pessoais.”¹⁸⁶

Obviamente, as notícias sobre o 11 de novembro chamaram a atenção dos EUA.

No dia 24 de novembro de 1955, Adalgisa Nery comenta uma reportagem de Daniel Jams publicada no jornal norte americano “Herald Tribune”. Segundo o jornalista, teria havido no Brasil um movimento político de “coalizão nacionalista-comunista” comparando a situação brasileira com a Guatemala. Embora sem citar nomes, sugere a influência de Lacerda na reportagem: “Creio também que [Jams] andou com um udenista-americano, espontaneamente exilado nos Estados Unidos impelido pela covardia e pelo sensacionalismo”. Com “linguagem perversa”, o jornalista norte-americano afirmou que o “Exército Brasileiro é formado por comunistas ferrenhos”. E, não menos perversamente, Adalgisa finaliza: “Um enfarte para o Daniel Jams e uma falência rápida para o Herald Tribune!”¹⁸⁷

Naquela conjuntura, a situação jurídica de Samuel Wainer era noticiada constantemente na “Última Hora”. A colunista de “Retrato sem Retoque” escreveu em “O brasileiro Samuel Wainer”, sua defesa pessoal ao dono do jornal onde trabalhava (14/11/1955). Por fim, em 23 de novembro o Supremo Tribunal Federal decidiu por unanimidade a absolvição definitiva de Wainer.

Como afirma João Martins Filho, o 11 de novembro mostrou que “os militares não tomaram o poder em meados da década de 50 não por falta de vontade ou confiança, mas porque tanto o campo político civil como o militar estavam profundamente divididos.”¹⁸⁸ Exemplar é o caso do general Odílio Denys: nessa ocasião apoiou Lott, mas em agosto de 1961, como ministro da Guerra, posicionou-se contrariamente à posse de João Goulart, em nova tentativa golpista causada pela renúncia de Jânio Quadros. Todos os personagens políticos envolvidos nas circunstâncias da eclosão do golpe de 1964, já figuravam nessa conjuntura anterior.

A atitude do marechal Lott seria ainda rememorada. No início de 1956 Lott recebeu das mãos de Adalgisa Nery e dos dirigentes de “Última Hora”, Samuel Wainer, Bocaiúva Cunha e Paulo Silveira, seu retrato pintado por Candido Portinari. O vespertino havia realizado uma campanha para a escolha do “homem do ano”, consagrando a “figura singular e

¹⁸⁶ Jornal “Última Hora” de 04/01/1955, “Pulgas”, 05/11, “Folho da UDN”; 08/11, “Disciplina”; 12/11, “Um general”; “Assentimento e adesão”; 16/11, “O presidente Nereu”; 17/11, “Depois do ‘week-end’” 18/11, “Manancial fabuloso para anedotas”; 22/11, “Duas atitudes”.

¹⁸⁷ Jornal “Última Hora” de 25/11/1955, sob o título “Falta de respeito”.

¹⁸⁸ MARTINS FILHO, João Roberto. “Forças Armadas e política, 1945-1964: a ante sala do golpe”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.120.

histórica do Chefe do Exército”. Na foto de capa da edição de 12 de janeiro, a colunista, portando um grande chapéu, aparece junto dos dirigentes do jornal entregando o quadro “ao bravo soldado”. E a notícia:

O êxito da iniciativa de ULTIMA HORA, que tanto repercussão nacional e internacional teve, resultou, como se sabe, de uma ampla consulta feita a figuras representativas dos mais diferentes circuitos políticos, administrativos, sociais e parlamentares, que deram ao General Henrique Teixeira Lott uma impressionante maioria dos votos, refletindo assim, com fidelidade, os aplausos e o reconhecimento de toda a Nação. Agradecendo a homenagem, o ministro da Guerra muito apreciou o gesto do grande pintor brasileiro. (grifo nosso)

Neste mesmo dia Adalgisa escreve em “Humano e certo” que “armada de um Portinari, coisa que me honrava muitíssimo, fui ao gabinete do general Lott entregar ao ‘homem do ano’ o seu retrato feito pelo mestre dos mestres, o nosso muito amado Candinho.” Ela fala numa certa rispidez, frieza de Lott, mas diz compreendê-lo, pois “em vários artigos visei o ministro da Guerra com flechadas irreverentes, discordando de certas atitudes que me pareciam dignas de reprovação.” Entretanto, vangloria a postura de Lott em defesa da democracia, aproveitando para alfinetar um desafeto e denunciar um órgão da imprensa:

Fui ao marechal Lott porque se hoje continuo em paz dentro da minha casa, se não estou na Penitenciária de Bangu, de acordo com a vontade discricionária do Brigadeiro Guedes Muniz e dos seus “colegiais”, se continuo a opinar como convém e satisfaz ao meu temperamento, se o meu voto nas eleições passadas não foi perdido em brincadeira sem espírito, é apenas porque o General Teixeira Lott no dia 11 de novembro resolveu pôr um fim às desordens de uma guerra civil preparada e organizada com todos os cuidados e aperfeiçoamentos, inclusive anunciada e mantida com uma farta publicidade pela Rádio Globo uma semana antes do dia 11.

O evento da entrega do retrato foi largamente noticiado na imprensa. Uma série de pequenos recortes de jornais datados de 12 de janeiro de 1956 foram depositados no arquivo do Projeto Portinari: “A Noite”, “Tribuna da Imprensa” e “Diário Carioca” divulgaram a entrega. Segundo “A Noite”, o pintor “interrompeu o trabalho que vinha realizando para a ONU e pintou o retrato do ministro da Guerra”. Um dia antes do evento no ministério militar, o “Correio da Manhã” noticiou:

Candido Portinari, o nosso grande pintor, acaba de receber mais uma importante láurea: a Medalha de Ouro do Internacional Fine Arts Concil correspondente ao Melhor Pintor de 1955. O prêmio é de âmbito internacional. Portinari não irá recebê-lo nos EE. UU - o prêmio será entregue ao nosso embaixador sr. João Carlos Muniz.

O pintor brasileiro conquistava reconhecimento internacional. Adalgisa Nery era amiga de Cândido Portinari desde os anos 1920. Na década de 1950, já como jornalista de destaque, presenteou um retrato à óleo feito pelo renomado Portinari ao ministro da guerra, personalidade militar que havia resistido à tentativa de golpe em novembro de 1955. Por conta disso, ganhava naquela ocasião o título de homem do ano: o marechal Lott transformara-se num ícone da resistência golpista.

Em 1956, o sistema democrático brasileiro foi assegurado com a posse de JK e João Goulart em 31 de janeiro. Entretanto, isso não significou que a condição política nacional fosse menos grave: a situação política brasileira não diferia radicalmente da de 1955; os focos de tensão se mantinham inflexíveis e tendiam à radicalização. A segmentação no interior das Forças Armadas perdurava e os políticos civis faziam forte oposição à JK.

Às vésperas do 11 de novembro completar um ano, o conflito militar no Egito, causado pela nacionalização da companhia do Canal de Suez, era a principal pauta internacional de “Última Hora”. As desavenças entre o presidente egípcio, Nasser, e as forças militares de Israel, França e Grã-Bretanha, culminaram com o envolvimento dos EUA no desenrolar da guerra: uma força de paz foi convocada pela Organização das Nações Unidas – ONU. Assim, com o alistamento de tropas brasileiras, os udenistas sugeriam o nome de Lott para o comando dos nossos soldados. Adalgisa Nery via a possível convocação do marechal como uma ameaça, já que a UDN sequer havia opinado sobre o conflito e a conseqüente ida de soldados brasileiros ao canal de Suez. Daí sua indignação:

Uai, então porque não sugeriu a UDN o nome de Eduardo Gomes para comandar os 500 brasileiros que irão para Suez? Se a questão é dar mais prestígio à ONU enviando o máximo dos máximos não entendemos a razão pela qual a UDN escolheu justamente o ministro da Guerra a quem ela nega qualquer virtude ou pendor democrático!¹⁸⁹

A comemoração de um ano do movimento levou 15 mil pessoas em frente ao Ministério da Guerra. Na ocasião, discursaram o deputado Flores da Cunha, o vice-

¹⁸⁹ Jornal “Última Hora” de 09/11/1956, sob o título “O poder do ódio”.

governador do Rio de Janeiro Roberto Silveira, o vice-presidente João Goulart além de líderes operários e estudantis. Por fim, Lott foi agraciado com uma “espada de ouro” e fez um discurso emocionado, segundo a “Última Hora”. Identificada como a “festa da legalidade”, a presença de Jango foi fortemente criticada pela UDN, provocando uma crise, cuja solução foi a proibição das atividades das principais organizações políticas que se rivalizavam naquela conjuntura. Através dos artigos de “Retrato sem Retoque” Adalgisa Nery posicionava-se. A proposta de criação da “Frente de Renovação Nacional” pelo “mongólico Juarez Távora” foi censurada no artigo “Agora, general?”.¹⁹⁰

No outro extremo, a “Frente Nacionalista” fundada em junho de 1955, havia mudado de nome após a “Novembrada”: era a “Frente de Novembro”, que congregava militares e civis nacionalistas e reformistas. A imprensa foi campo importante de disputa política: a oposição atacava JK investindo contra João Goulart e Lott, membros do seu governo. Através das páginas de jornais e revistas, e também na televisão, debatiam-se as idéias sobre o panorama político nacional. As declarações, na imprensa, do principal líder da Frente de “Novembro”, o coronel Nemo Canabarro, provocaram agitações entre militares e no Congresso. Como consequência e somando-se a isso, Távora, já na reserva, leu um manifesto político num programa televisivo, criticando o governo.

Em “União do Exército contra o povo”, Adalgisa Nery rebateu as críticas que o marechal Lott vinha recebendo por conta de seu envolvimento político, pontuando ocasiões em que Juarez Távora e Eduardo Gomes enredaram-se com a política civil. E posiciona-se: “Não concordamos com pelegos, nem com essas frentes do Juarez, da Cruzada do Almirante Pena Boto, nem outra qualquer, mas a realidade aí está e dela não podemos fugir à investigação da razão das mesmas.”¹⁹¹

Ardilosamente, em 11 de novembro de 1956, um ano após o episódio, Carlos Lacerda volta ao Rio de Janeiro, onde, no desembarque, foi “recebido por grande manifestação popular, e logo em seguida reassumiu o mandato de deputado federal e a direção da *Tribuna da Imprensa*, dando início, de imediato, aos ataques ao governo Kubitschek”.¹⁹²

Os reflexos políticos conflituosos advindos da celebração da “novembrada” exigiram da presidência da República, algum ato mediador:

¹⁹⁰ Jornal “Última Hora” de 08/11/1956.

¹⁹¹ Jornal “Última Hora” de 12/11/1956.

¹⁹² Verbete: *Carlos Lacerda*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

Procurando contornar a crise, Juscelino, depois de reunião do ministério, fechou através de decretos presidenciais datados de 24 de novembro [de 1956], a Frente de Novembro e o Clube da Lanterna, identificados como os principais focos de agitação, respectivamente de esquerda e de direita.¹⁹³

Os artigos de “Retrato sem Retoque” nesse contexto, trataram da política partidária brasileira. Em “Gente nova para o PTB (20/11/1956), “PTB-PSD” (22/11/1956), “O que é a UDN” (23/11/1956) e “A função dos partidos”, a colunista caracteriza a cena partidária nacional; considera a vitória de JK como consequência da coligação com o partido de Jango; critica o jogo político da UDN ao desobstruir a pauta de votações no Congresso; pede que o PTB não se subestime votando com o PSD sem uma discussão partidária interna. E metaforiza:

A noiva ideal para o PSD teria sido a UDN que é agremiação de prepotentes conservadores, retrógrados e aparelho respiratório de grupos econômicos e de latifundiários. Vieira de Melo devia andar aos beijos com o Afonso Arinos. As águas se encontram. E casamento de minhoca só pode ser com minhoca e não com elefante.¹⁹⁴

Adalgisa parece freqüentar a casa legislativa federal por esses dias. Ela censura a UDN na figura de Afonso Arinos, que tratou os correligionários do PTB como “ralé” e que disse falar em nome do povo:

A UDN fala em defesa do povo! É tão chocante, são tão ousadas as suas palavras e tão carregadas de hipocrisia, quanto ouvir a Rússia falar em defesa da democracia e da liberdade esmagando o povo húngaro com tanques. É tão repugnante ouvir a UDN dizer que está pugnando pela coletividade, quanto ouvir a França e a Inglaterra falarem que são defensores dos povos livres enquanto invadem abertamente o território egípcio.¹⁹⁵

A colunista aludiu à importância da fidelidade partidária e ideológica inexistentes no sistema partidário brasileiro. Entretanto, ponderou a respeito do PTB, partido que, segundo ela, possuía membros que mereciam respeito. Da mesma forma, ela se mostrou informada sobre a conjuntura internacional e, ao pontuar isso aos leitores de “Última Hora”, exibiu um

¹⁹³ Verbete: *Frente de Novembro*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

¹⁹⁴ Jornal “Última Hora” de 22/11/1956.

¹⁹⁵ Jornal “Última Hora” de 23/11/1956.

posicionamento que a desvinculou de posturas políticas rigidamente estabelecidas no contexto da Guerra Fria.

Em maio de 1958 o vice-presidente norte-americano Richard Nixon foi recebido com manifestos de hostilidade em visita à América Latina. Incidentes em Lima e Caracas, principalmente, ilustraram o sentimento antiamericano no continente. Em “Reação sul-americana a Nixon: má política do departamento de Estado norte-americano”, Adalgisa Nery tratou dos episódios ocorridos na Venezuela e acusou John Foster Dulles, secretário de Estado norte-americano, conhecido por seu anticomunismo. E posicionou-se:

Apenas não concordamos com a agressividade imposta à Sra. Nixon que, na qualidade de esposa, cumpria o dever de acompanhar o seu marido nas temerárias visitas aos povos sul-americanos. Quanto ao resto, estamos perfeitamente de acordo.¹⁹⁶

Nesse mesmo artigo Adalgisa rememorou a figura do militar nacionalista, Newton Estilac Leal, contrário aos termos do acordo militar Brasil – Estados Unidos, e que, por isso, foi acusado de comunista. Estilac Leal, morto em 1955, havia sido diretor do Clube Militar (1950) e Ministro da Guerra no segundo governo Vargas (1951-1952). Sua posição contrária ao acordo com os EUA influenciou na sua demissão do ministério da Guerra.¹⁹⁷ Nacionalista histórico, o general foi ferrenho defensor do monopólio estatal do petróleo no contexto da criação da Petrobrás.

A referência a Estilac Leal não era aleatória: o Clube Militar elegia seu novo representante (maio de 1958) e Adalgisa, ao sair em defesa do general, posicionava-se favoravelmente à chapa amarela, ou seja, a dos nacionalistas, vitoriosa no pleito de 1958.

Os reflexos negativos na passagem de Nixon pela América Latina contribuíram para uma mudança na condução política dos EUA em relação aos países latino-americanos. Do mesmo modo, temeroso sobre a frustração de seu Plano de Metas, JK incitava a revisão das relações norte americanas com a América Latina numa carta enviada à Eisenhower.

Do ponto de vista brasileiro, a política externa comandada pelo secretário de Estado norte-americano John Foster Dulles frustrava sistematicamente as

¹⁹⁶ Jornal “Última Hora” de 19/05/1958.

¹⁹⁷ Verbete: *Acordo militar Brasil-EUA (1952)*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

aspirações de independência, desenvolvimento e justiça dos países latino-americanos, devido à prioridade conferida à luta anticomunista.¹⁹⁸

O fruto dessas idéias foi a proposta de criação da Operação Pan-Americana – OPA, que exigia melhores preços para as matérias-primas exportadas aos EUA, além de financiamentos mais efetivos para a área industrial. Adalgisa posicionou-se em “Um importante pronunciamento sobre a operação pan-americana” em 26 de junho de 1958, referindo-se à importância da escolha do ministro das Relações Exteriores.

Apesar dos encontros realizados com o intuito de colocar em prática os planos da OPA, o “Comitê dos 21”, reunião dos países interessados ocorrida em Washington, foi marcada pelo clima de fracasso e frustrações, “confirmando a existência de um abismo cada vez maior entre as expectativas da América Latina e os interesses dos EUA.”¹⁹⁹

Os acontecimentos políticos marcados pelo movimento revolucionário em Cuba, contribuíram para a elaboração da “Aliança para o Progresso”, como uma nova estratégia do governo norte-americano, durante a administração Kennedy, no tratamento com o continente. Muitas das idéias e reivindicações da OPA foram incorporadas à nova proposta para a América Latina.

Seu discurso, em fins dos anos 1950, é genuinamente nacionalista. Mas que nacionalismo era esse?

3.2 O nacionalismo de Adalgisa Nery

A estratégia política desenvolvimentista adotada por JK, materializada no “Plano de Metas”, entendia que a superação da condição de subdesenvolvimento do país, só seria possível através de alianças com o capital internacional. Isso significou uma profunda transformação do sistema econômico brasileiro, ao mesmo tempo em que se consolidou a cooperação com o capital estrangeiro nos níveis político e cultural, mas principalmente no plano econômico. A orientação desenvolvimentista conceituava o nacionalismo como um processo que levaria à soberania, entendida como consequência do crescimento econômico:

¹⁹⁸ Verbete: *Operação Pan-Americana (OPA)*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

¹⁹⁹ Idem.

apenas superando o subdesenvolvimento é que o Brasil poderia tratar os outros países de igual para igual. Diferentemente, para a ala nacionalista, nosso subdesenvolvimento era provocado pela dominação externa: seus preceitos resumiam-se na luta dos países pobres contra a exploração dos países ricos.

Segundo a tendência desenvolvimentista, e em consonância com os preceitos do mundo ocidental e cristão, a pobreza típica dos países subdesenvolvidos facilitaria a entrada de ideologias contrárias à democracia. Assim, a penetração do comunismo no Brasil, num contexto internacional marcado pela Guerra Fria, era impulsionada pela condição de subdesenvolvimento do país e deveria ser combatida.

É uma constante nos artigos de Adalgisa Nery, denúncias das condições dos países sul-americanos. Em “Servidão humilhante” ela descreveu a situação da Venezuela: país rico em petróleo, mas que não tinha autonomia de exploração. Por encontrar-se nas mãos de empresas estrangeiras, estava mergulhado na pobreza. O país não produzia alimento suficiente para suprir as necessidades de sua população; importava frutas e legumes; não tinha escolas o bastante. Daí Adalgisa chamar a atenção para a importância da Petrobrás enquanto empresa estatal, e que, segundo ela, era cobiçada pelo capital internacional. Falou do perigo dos entreguistas brasileiros.

Na sua concepção “o sistema de espalhar quantias fantásticas nos países subdesenvolvidos, por ocasião de eleições, é hábito conhecido.” Sem mencioná-lo, afirmou que “um país da América do Sul, explicando os motivos da sua violenta convulsão interna, citou o suborno dos trustes no período das suas eleições.” Tal assunto veio à tona em 1958, quando as ações do governo JK prejudicavam os plantadores de trigo no sul do país. Segundo Adalgisa, em benefício dos trustes, que “irão preparar um congresso maleável,” afinal, era ano eleitoral e o congresso seria renovado.²⁰⁰

Aliás, prevendo os problemas causados pela política econômica no que diz respeito à triticultura nacional, Adalgisa explorou largamente essa temática numa série de artigos, em 1958.²⁰¹ O então ministro da agricultura Mário Meneghetti e o economista ligado ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, Roberto Campos, foram nomeados como os responsáveis pela política de importação que prejudicava a produção nacional de trigo. O Brasil aumentara as importações de trigo norte americano em detrimento dos contatos agrícolas com a Argentina, e, mesmo sob as garantias do presidente JK, Adalgisa previu o

²⁰⁰ Jornal “Última Hora” de 06/02/1958, “Perspectivas sombrias para a triticultura brasileira”.

²⁰¹ Jornal “Última Hora” de 06/01/1958, em “O problema do trigo e o preço do pão”; 07/01/1958, “O problema do trigo e o preço do pão II”; 08/01/1958, “O problema do trigo e o preço do pão III” .

aumento do preço do pão brasileiro e transcreveu uma fala de Vargas, quando governador do Rio Grande do Sul: “Plantai trigo, ele é a fartura do lar, a glória dos campos e a riqueza da pátria”.

Nesse mesmo período, debatia-se na sociedade brasileira o reatamento comercial com a URSS. Daí, a colunista de “Última Hora” escreve em “Os ridículos receios do diretor do departamento econômico do Itamaraty” sobre os argumentos contrários de Edmundo Barbosa da Silva. Valendo-se de sua usual linguagem metafórica, inicia: “Há certos homens que opinam usando a unha do pé ao invés da massa cinzenta”. Para o diplomata, o problema era que, adquirindo “tratores, sondas e máquinas russas”, tais produtos viriam acompanhados de “propaganda ideológica”. E ela argumentou:

Por acaso a Marilyn Monroe não é propaganda norte-americana? Ora, entre Marilyn Monroe e o trator, o último tem uma dose muito mais construtiva de comércio. E tudo que entra no nosso país, despejado aos borbotões pelos Estados Unidos, está isento da doutrina política do Foster Dulles? Até mesmo o que temos aqui de nascimento não sofre a influência da política norte-americana? (...) Ousai, presidente Juscelino!²⁰²

Por fim, após concluir alguns estudos, o departamento econômico do Itamaraty desaconselhou o reatamento das relações econômicas do Brasil com a URSS, argumentando que a doutrina comunista seria também importada através dos técnicos russos. Tais conselhos foram considerados pela colunista como “mofados e risíveis”, e alfinetou: “E a União Soviética irá necessitar de mandar agentes das suas doutrinas a alguma parte do mundo depois da propaganda do Sputnik?”²⁰³ Para Adalgisa, JK teve uma “cautela sem nexos” e perdeu uma ótima oportunidade para mostrar independência em relação à política de Foster Dulles.²⁰⁴

O líder católico ligado ao Conselho Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, D. Jaime Câmara, declarou sua posição contrária ao reatamento comercial com a URSS, receoso sobre o comunismo. Daí o artigo “Catolicismo e protestantismo: qual a mais forte barreira ao comunismo?”, criticando as manifestações anticomunistas do clérigo.²⁰⁵

Adalgisa mostrava-se bastante lúcida. Ao debater aspectos da política interna, articulava suas críticas no que tange ao panorama internacional.

²⁰² Jornal “Última Hora” de 09/01/1958.

²⁰³ Jornal “Última Hora” de 14/01/1958, em “O veto das relações com a URSS e os ‘conselhos mofados’ do Itamaraty”.

²⁰⁴ Jornal “Última Hora” de 26/02/1958, “As indecisões do presidente no caso do reatamento comercial com a URSS”.

²⁰⁵ Jornal Última Hora de 16 de janeiro de 1958.

Em “Interferências estrangeiras na política sul-americana”, ela denunciou a arrogância dos EUA na derrubada ou manutenção de governos na América do Sul, citando o General Jiménez na Venezuela e Strossner no Paraguai, o último, eleito por partido e candidato únicos. Na Argentina, tal intervenção provocara a queda de Perón, acusado de ditador. Nessa ocasião, Foster Dulles, do departamento de Estado Norte-americano, visitava os países ibéricos e a colonista discutiu a legitimidade do governo de Franco na Espanha e questionou: “Portugal estaria com um regime ditatorial durante tantos anos se os donos do mundo livre não quisessem?”²⁰⁶

O ministro das relações Exteriores, José Carlos de Macedo Soares, recebeu elogios nos artigos “O Itamaraty e a América do Sul” e “Confraternização dos países da América do Sul: objetivo do Itamaraty”. Equador e Peru enfrentavam hostilidades por questões de fronteira e o Itamaraty teve importante papel nesse processo. Adalgisa Nery estivera em Lima e falou que percebeu o desejo do conflito pelos EUA, pois empresas norte-americanas exploravam jazidas de petróleo nesses países.²⁰⁷ A colunista de “Última Hora” fez parte da comitiva que acompanhou Macedo Soares ao Peru, e, em 05 de abril de 1958, foi publicada em “Última Hora” uma carta do ministro das Relações Exteriores do Equador, Carlos Tobar Zaldumede, agradecendo à Adalgisa e a todos os jornalistas que estiveram com o ministro brasileiro nos dias em Lima.

Um recorte do jornal “El Comercio” de Lima, faz parte do acervo pessoal de Adalgisa. Uma foto acompanha o texto, que afirma ter sido ela a única mulher que acompanhara a comitiva de Macedo Soares a Lima. O artigo elogia a “famosa periodista” identificando-a como “uma grande representante da mulher carioca.” Sobre seu trabalho no jornal, afirma-se que “os tópicos que aborda são exclusivamente políticos e suas crônicas se caracterizam por sua sinceridade e valentia.”²⁰⁸

Como uma representante da corrente nacionalista Adalgisa Nery valeu-se do espaço jornalístico na identificação de personalidades que, segundo ela, eram entreguistas. Glycon de Paiva, por exemplo, geólogo que exerceu cargos no BNDE, havia dado uma entrevista “num matutino dedicado à campanha de aniquilamento do estatismo”, em setembro de 1957; Adalgisa citou trechos das falas do entrevistado, desmerecendo suas opiniões e posicionando-se:

²⁰⁶ Jornal “Última Hora” de 07/03/1958.

²⁰⁷ Jornal “Última Hora” de 11 e 12/03/1958; e ainda em 13/03/1958, “Concordância Peúvio-Equatoriana para conversações: primeira vitória do Itamaraty”; e 14/03/1958, “Aplainamento de arestas: primeiro passo para a pacificação entre Peru e Equador”.

²⁰⁸ Jornal “El Comercio”, 01/12/1957. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Não há nacionalistas querendo convencer o povo de que os seus males são estrangeiros. Há um povo nacionalista querendo ensinar ao estrangeiro e aos entreguistas uma linha de respeito, decência e brio. Falar em ação comunista, confundindo a realidade brasileira com Moscou, isto, sim, é querer convencer o povo de que seus males não vêm da opressão dos trustes internacionais e sim de idéias superadíssimas até na Rússia atual (...) Ou o Glycon é um homem que sabe o que diz e é encharcado de má-fé, ou então é um boboca enfeitado de sábio escolhido como lenha para a fogueira dos interesses entreguistas.²⁰⁹

Já no início da década de 1960, o acusado tão acidamente pela colunista de “Última Hora” faria parte da organização do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais – Ipês,²¹⁰ entidade que teve papel fundamental no processo que culminou no golpe de 1964 e da qual trataremos mais adiante.

Num contexto marcado pela Guerra Fria, Adalgisa incomodou-se já que “muitos confundem inocentemente, e outros deliberadamente, nacionalismo com comunismo”. É certo que tal identificação a atingia e por isso, alegou que “pelo fato de o comunismo trazer no primarismo de alguns cérebros retardados, o conceito de anticapitalismo, de divisão de bens privados com os pobres, espalha-se que o nosso nacionalismo é sinônimo de comunismo”. E, panfletária, argumentou:

Em primeiro lugar, nosso nacionalismo não é contra o capitalismo. É apenas contra certos setores monopolistas do capitalismo estrangeiro, esse que está invadindo os nossos direitos, que está pressionando as nossas liberdades de movimento e sugando o nosso País. Ora, para que este tipo de capitalismo não continue progressivamente a secar todas as nossas reservas, a matar todas as nossas possibilidades, para que não continue a afundar o Brasil sob o seu peso esmagador, é necessário que façamos uma tomada de consciência, tenhamos um princípio de identidade para uma exata adaptação de reações a situações novas.²¹¹

Em abril de 1958, discutia-se no Congresso a proposta de uma lei de fidelidade ao regime que, na opinião de Adalgisa Nery, era “anticomunista, entreguista e fosterdulista”;

²⁰⁹ Jornal “Última Hora” de 27/09/1957.

²¹⁰ Conforme esclarece Denise Assis o próprio Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais tomou como sigla o nome dessa árvore originária das matas da Bahia e do Espírito Santo. Árvore resistente que para florir perde as folhas. “Na teoria, era o que pretendiam: derrubar o poder para fazer florir uma ‘nova’ sociedade à imagem e semelhança dos seus idealizadores. Burguesa e, acima de tudo, voltada para a defesa do capital.” ASSIS, Denise. *Propaganda e Cinema a serviço do golpe-1962/1964*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2001, p.13.

²¹¹ Jornal “Última Hora” de 08/07/1957, “O pessimismo das elites”.

esse último adjetivo era uma alusão ao chefe do departamento de Estado dos EUA, Foster Dulles. Utilizando-se de linguagem metafórica e quase rude, ela afirma que era o nacionalismo “a verdadeira fidelidade que o regime reclama.”²¹²

Num outro artigo, “O estudo dos problemas atuais não deve ser tolhido pelo macarthismo”, a jornalista defendeu um aluno da escola de guerra naval, cujo trabalho final recebeu nota zero. “Além de uma tese bem documentada, demonstrou o jovem da nossa Marinha uma mentalidade e uma visão panorâmica da política nacional e internacional (...)”. Adalgisa afirmou que ele foi chamado pelo oficialato por ser considerado perigoso e criticou as teses “bastante mofadas e retrógradas que reinam no lago dos nossos cisnes brancos”. Pediu a “repulsa da opinião pública” por essa “quebra de liberdade do pensamento dos jovens oficiais”, e finalizou: “tenham um pouco de respeito aos seus comandados, senhores almirantes!”. Além disso, ela incomodava-se denunciado, talvez, um tipo de acusação que ela própria vinha sofrendo:

Vamos extinguir esse vício melancólico de classificar de comunista todo aquele que vê e sente as verdades do mundo presente, todo aquele que deseja cooperar honestamente para a formação de uma mentalidade mais esclarecida e menos submissa, mesmo porque, esse título de comunista não assusta mais ninguém, foi distribuído com tanta fartura e facilidade, que se tornou banal, sem força e sem função. (...)²¹³

Entretanto, sabemos que nas circunstâncias que antecederam ao golpe de abril de 1964, o discurso anti-comunista teve papel fundamental.

Apesar de sua identidade católica, Adalgisa era bastante crítica em relação aos representantes e à atuação da Igreja no Brasil. Para a colunista, a “Tarde Sagrada” promovida por D. Hélder Câmara no domingo de Ramos de 1958, pecou pelo excesso de publicidade e vulgarização religiosa. O mega evento ocorrido no estádio do Maracanã foi largamente divulgado pela imprensa e Adalgisa Nery recriminou D. Hélder comparando-o com políticos populistas que conduzem as massas.²¹⁴ No mesmo ano, quando o professor Anísio Teixeira do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP, defendendo a educação primária e gratuita foi acusado de comunista e subversivo pelo bispo gaúcho D. Carmelo, ela defendeu o homem

²¹² Jornal “Última Hora” de 21/04/1958.

²¹³ Jornal “Última Hora” de 13/05/1958.

²¹⁴ Jornal Última Hora de 10 de março de 1958: “Considerações sinceras sobre a Tarde Sagrada”, e em 27 de março de 1958, “Publicidade e fé religiosa”.

de “valor raro” e juntou-se ao grupo de intelectuais que defenderam publicamente o educador baiano.²¹⁵

O ano de 1958 assistiu o auge dos debates sobre o papel do Estado no sistema educacional e Adalgisa fez-se voz em prol de Anísio Teixeira, assim como a “Última Hora” que publicou o manifesto de cientistas e intelectuais a favor do educador em 21 de abril. O arcebispo metropolitano de Porto Alegre dom Vicente Scherer junto de alguns bispos gaúchos enviaram um memorial à JK:

(...) denunciando Anísio como paladino da escola pública que iria ‘preparar o povo para reivindicações sociais’. O memorial foi publicado pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, órgão oficial do INEP, e Anísio chegou a ser oficialmente informado da sua demissão da chefia desse instituto, o que não ocorreu devido à onda de protestos advinda dos meios acadêmicos e jornalísticos do país.²¹⁶

Em 18 de abril a jornalista comentou o lançamento do “Manifesto dos bispos” no texto “A interferência da Igreja nos assuntos do Estado”. Falou do necessário distanciamento entre Estado e Igreja e por conta das divergências internas, comparou a Igreja com um partido político, além de denunciar a transferência de dinheiro do Estado para alguns seminários, criticou a compra de uma estação de rádio por freis capuchinhos gaúchos.

Nesse artigo, o getulismo da escritora ficou evidente. É fato que Vargas havia se aliado à Igreja. Entretanto, Adalgisa exemplificou Getúlio Vargas como um estadista que manteve tal distanciamento: os debates de então mostravam pela primeira vez esse atrito. Ela considerou a posição dos bispos do sul como opostos às opiniões dos bispos de todo o Brasil. Identificou essa corrente com a Inquisição, já que perseguia os considerados comunistas.

No dia seguinte, 19 de abril, data de nascimento de Getúlio Vargas, Adalgisa tece as homenagens cristãs um tanto exageradas em: “A digna humildade do operário e a humilde grandeza de seu maior líder”.

Evidências da articulação política entre Estado e Igreja nos anos 1930, foi a autorização de Vargas para a organização de sindicatos católicos e o reinício da instrução religiosa no ensino brasileiro. A figura de D. Sebastião Leme foi emblemática nesse processo.

²¹⁵ Jornal Última Hora de 17 de abril de 1958, “O crime do educador foi pugnar pelo esclarecimento das massas”. Sobre esse aspecto: MAIA, Tatyana de Amaral. *A ação política dos intelectuais na imprensa (1956-1964)*. In: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História: história: guerra e paz [CD-ROM] Associação Nacional de História - ANPUH. Londrina: Editora Mídia, 2005.

²¹⁶ Verbete: *Anísio Teixeira*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

Esse período foi marcado por intenso debate sobre os caminhos da educação brasileira. Anísio Teixeira desempenhou várias funções no Ministério da Educação e Saúde. Por defender o ensino público, gratuito, obrigatório e leigo, o educador baiano instigou alguns desafetos. Alceu Amoroso Lima, por exemplo, acusou-o de populista, estatizante e ateu, já que Anísio Teixeira posicionou-se contrário ao ensino da religião em escolas públicas.²¹⁷

Adalgisa Nery procurou denunciar as conseqüências da política econômica governamental em prejuízo das indústrias brasileiras. Em artigo de 13 de fevereiro de 1958, por exemplo, intitulado “A indústria nacional: trustes manobram contra”, ela acusa o favoritismo do governo, através da Superintendência da Moeda e do Crédito – SUMOC, em prol da indústria de latas do grupo Rockefeller, instalada em São Paulo, em detrimento da indústria nacional. E ainda afirma que a decisão do governo foi dada à American Can Corporation, arditosamente, às vésperas do “reinado de Momo”, numa estratégia para camuflar o debate já que o clima era de festa carnavalesca.²¹⁸

No decorrer da pesquisa, um aspecto nos saltou aos olhos: o sucateamento das empresas férreas brasileiras foi pauta constante de seus artigos. Como um reflexo da política econômica adotada pelo governo JK, incentivando a instalação de indústrias automobilísticas no país, o descaso com a malha ferroviária e as empresas ligadas a esse setor, foi evidente, mas ainda pouco abordado pela historiografia. Adalgisa Nery procurava delatar as tramóias, os contratos suspeitos e os nomes envolvidos. Uma série de artigos de setembro e outubro de 1962 denunciou a Mafersa: a empresa não pagava seus funcionários, pediu concordata e ainda assim recebeu a conivência do BNDE.²¹⁹

O diretor da Rede Ferroviária Federal durante o governo JK, Geraldo Mascarenhas, havia privilegiado a compra de materiais de uma empresa estrangeira e recebeu severas críticas de Adalgisa Nery. Firms estrangeiras americanas foram denunciadas em “Brasil loteado”, pois vendiam lotes de terras no Mato Grosso e Goiás a estrangeiros.²²⁰

Saindo em defesa dos interesses nacionais, a coluna “Retrato sem Retoque” foi espaço de denúncia. Como ocorreu com uma empresa de Recife, fabricante de dragas, escavadeiras e embarcações, “que está em vias de perder a preferência natural do Ministério da Viação para que a Ellicott, grupo norte-americano, saia gloriosamente vencedora de mais esse

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ A questão da American CAN foi tratada também em outros artigos. Em 20/02/1958, “O ópio do povo”; em 24/02/1958, “Assanhadas eduardinas com crise que não houve”; em 20/03/1958, “Garras dos trustes sobre as indústrias brasileiras”.

²¹⁹ Jornal “Última Hora” de 03, 04, 05 e 06/07/1962; 20 e 21/09/1962; 09 e 12 /10/1962.

²²⁰ Jornal “Última Hora” em ordem de citação: 17/02/1961, “Dólares & Cruzeiros”; 14/04/1961.

empreendimento anti-nacional.” Adalgisa afirmou que “aqui no Brasil os monopólios não têm grande trabalho no cumprimento das suas finalidades, pois encontram entre dirigentes e políticos um clima moral inteiramente favorável aos seus insultos e planejamentos.” Ela falou dos prejuízos com a compra em dólar, valendo-se de números e dados, mostrando “o propósito de arrasar com a arrecadação do fundo portuário, da mesma forma que foram arrasados o fundo naval e outros fundos de resistência econômica do Brasil.” Segundo ela, foram alguns brasileiros ligados ao governo que colaboraram e tal contrato “é um escândalo que não pode ser consumado em silêncio e fora da atenção da opinião pública.”²²¹

A Petrobrás, empresa símbolo dos nacionalistas brasileiros, parecia estar sempre em perigo, no alvo dos trustes internacionais e ameaçada pela nomeação errônea de dirigentes entreguistas.

Quando o Brasil venceu a copa do mundo de futebol em 1962, ocorrida no Chile, Adalgisa escreveu “Abençoado Brasil”. A jornalista aproveitou a oportunidade da conquista do bicampeonato de futebol para explicitar seu nacionalismo. No artigo, critica as declarações do jornalista francês Daniel Garric que escreveu sobre o nosso subdesenvolvimento, alegando que o destaque do país no mundo se dá apenas por meio do futebol. Da mesma forma, o deputado estadual Aliomar Baleeiro discursou na ALEG sobre seu pesar pelo Brasil só ter destaque “pelos pés.” Discordando de Baleeiro, ela se orgulha da conquista, elogiando o time vencedor.²²²

O alvo da colunista foi De Gaulle em fevereiro de 1963. Segundo ela, com o intuito de proteger interesses particulares, navios de guerra franceses foram enviados à costa nordestina, numa disputa pela pesca de lagostas travada com brasileiros.²²³

Em outra ocasião, Adalgisa, “com a alma caída de espanto”, ouviu “um menino de 10 anos declarar aos seus pais o desgosto de haver nascido no Brasil e não nos Estado Unidos.” Os pais, “criaturas bem colocadas na sociedade e da maior compostura familiar” ouviram-no com quase naturalidade. Ela fala em “infiltração antipatriótica na nova geração” e que o clero, ao invés de pregar o anticomunismo, deveria preocupar-se “rogando às mães de família maior cuidado na formação do caráter cívico dos seus filhos.”²²⁴

Adalgisa Nery vale-se do nacionalismo para inferir críticas aos trâmites e ações governamentais em prol do capital estrangeiro. Exemplificando com episódios que envolviam políticas interna e externa, a via de seu discurso era, impreterivelmente, em favor dos

²²¹ Jornal “Última Hora” de 17 e 18/01/1961, em “Degradação moral” e “Anule-se o contrato”, respectivamente.

²²² Jornal Última Hora de 19/06/1962.

²²³ Jornal Última Hora de 28/02/1963, em “A guerra da lagosta”.

²²⁴ Jornal Última Hora de 11/09/1962.

interesses nacionais. Como católica, ela preocupava-se também com a posição dos representantes da Igreja, que deveriam proporcionar certa educação moral aos brasileiros.

Desta forma, o nacionalismo de Adalgisa Nery tinha Getúlio Vargas como principal representante. Em 1956, dois anos após o 24 de agosto, Adalgisa esteve no Rio Grande do Sul participando das solenidades em homenagem a Vargas, tanto em São Borja como na capital, Porto Alegre. Sobre essa ocasião, disse ter se emocionado diante do tributo prestado à Vargas pela multidão:

O culto de Getúlio Vargas está profundamente arraigado no sentimento popular e não se traduz tão só nesse sentimento de saudade. Possui uma face positiva, criadora: o povo absorveu sua mensagem política e está firmemente decidido a não se deixar espoliar de seus direitos, sentimentos e preferências.

Adalgisa acompanhara a comitiva de João Goulart e afirmou à reportagem de “A Hora” que procurou analisar os discursos do vice-presidente, observando seu trato com os amigos e as pessoas do povo. Assim, ela:

(...) pode atestar, com isenção de ânimo que o então vice-presidente da República carrega seriamente, com dignidade, as tremendas responsabilidades que o destino colocou sobre seus ombros, ser o continuador da obra política de Getúlio Vargas.

Da mesma forma, Adalgisa Nery constataria em 1958: “Só Getúlio Vargas foi e ficará para sempre como um autêntico líder nacional.” E como líder, “com um faro privilegiado, fez Getúlio a sua plantação, e em Jango viu qualidades que, amadurecidas, com um pouco mais de tempo, o alcançariam em frisante destaque no plano político.”²²⁵

Para a colunista de “Última Hora” era João Goulart o herdeiro político autêntico de Getúlio Vargas, como afirmou em tom profético no início de 1958: “O PTB cresce e Jango, ao lado dos trabalhadores, transmitirá ao Brasil a voz de Getúlio Vargas, acordando aqueles que ainda estão dormindo nos sistemas políticos do século passado.”²²⁶

²²⁵ Jornal Última Hora de 04/03/1958, “A escolha do novo líder trabalhista na Câmara”, em que elogia a escolha de Fernando Ferrari como líder do PTB.

²²⁶ Jornal Última Hora de 10/01/1958, “Jânio e o conteúdo doutrinário do trabalhismo.”

3.3 1960: o enlace com a política institucional

O início da década de 1960 é marcado pelo fortalecimento dos movimentos de libertação nacional e anticolonialistas em diversas partes do mundo. Os continentes africano e asiático amadureciam as idéias antiimperialistas e desde o fim da II Guerra executavam, de variadas formas, a libertação política dos territórios sob jugo estrangeiro. Na América Latina, os jovens revolucionários cubanos haviam desbancado a antiga dominação norte-americana no país, provocando o alerta incondicional dos EUA, afinal, a ameaça localizava-se a alguns quilômetros de sua costa. Na virada para a nova década Cuba sacudia a hegemonia norte-americana. No auge da Guerra Fria, principalmente após o alinhamento cubano com os soviéticos, a potência capitalista era ameaçada em seu próprio continente. Entretanto, a pedra fundamental da luta dos revolucionários cubanos era a emancipação nacional norteada pelo antiimperialismo. A ilha de Cuba chamava a atenção do continente e também do mundo.²²⁷

Foi neste clima que o movimento nacionalista enrijeceu-se no Brasil.

O contato e a divulgação das idéias anticolonialistas, vindas inclusive de intelectuais dos países centrais como Jean-Paul Sartre, deram força aos nacionalistas locais. Ao mesmo tempo, a campanha eleitoral de 1960 deu nova configuração ao movimento, na medida em que os membros da Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964), entidade que congregava representantes políticos de diversos partidos, sofreu um processo de fragmentação. Muitos de seus membros afastaram-se na medida em que os militares ligados ao Clube Militar impuseram aos seus integrantes o apoio à candidatura do Marechal Henrique Teixeira Lott à presidência.²²⁸

Nesse contexto, a jornalista Adalgisa Nery foi escolhida para presidir o Movimento Nacionalista da Guanabara.²²⁹ Portadora de um discurso nacionalista desde o início da carreira na “Última Hora” em 1954, Adalgisa era autorizada a representar o movimento, principalmente por conta de sua condição de formadora de opinião e de personalidade pública vinculada a um órgão da grande imprensa.

²²⁷ Sobre esse aspecto ver: FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1979. WINOCUR, Marcos. *Las clases olvidadas en la revolución cubana*. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1979; SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

²²⁸ Verbete: *Frente Parlamentar Nacionalista*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930.

Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

²²⁹ Jornal Última Hora de 11 de agosto de 1960.

O exemplo cubano, assim como a luta dos congoleses, recebeu apoio dos nacionalistas na ocasião da I Convenção do Movimento Nacionalista da Guanabara. A “Última Hora” deu especial atenção ao encontro ocorrido entre os dias 20 e 22 de agosto de 1960. Realizada na sede do Automóvel Clube do Brasil, a I Convenção Nacionalista da Guanabara, posicionava-se apartidária. Entretanto, o grupo presidido pela colunista política “declarou à imprensa que o conclave marcará o início da etapa final da campanha de Lott, Jango e Sérgio na Guanabara, e que de suas decisões resultará um passo a frente na eleição dos candidatos nacionalistas.”²³⁰

Já como candidata ao cargo de deputada constituinte, o discurso proferido por Adalgisa Nery durante a convenção na Guanabara, foi registrado nas páginas do jornal em que era colunista e no item “Ambiente internacional”, assume:

Lutas de liberação, muitas assemelhadas à nossa, estão ocorrendo noutros países subdesenvolvidos. Essa luta contra o subdesenvolvimento, sem dúvida, apresenta variedades de forma e até de conteúdo em cada caso. Em suas linhas mestras, contudo, estão irmanadas. Então, é compreensível que todos esses povos que na mesma época desfraldam bandeiras libertadoras, simpatizem uns com os outros (...) eis porque no Brasil, é enorme o prestígio de Fidel Castro que tomou a frente de seu povo para libertar Cuba de uma secular dominação estrangeira mal dissimulada pelas fórmulas exteriores.

A declaração de princípios aprovada ao fim do encontro lançou os pontos defendidos pelos participantes e entre eles, “solidariedade aos países subdesenvolvidos e contra a intervenção em Cuba.”

Em sintonia, entre 15 de agosto e primeiro de novembro de 1960, o casal Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, após visita a Fidel Castro foram recebidos como celebridades no Brasil. Quase sempre na companhia de Jorge Amado e Zélia Gatai, os filósofos franceses cruzaram o país ministrando conferências e concedendo entrevistas, visitaram terreiro de candomblé na Bahia, favela no Rio de Janeiro e tribo indígena no centro-oeste, participaram inclusive de um programa de televisão transmitido ao vivo pela Excelsior de São Paulo, fato inédito na TV brasileira, quando Sartre falou sobre política, filosofia e literatura. Nos meios intelectuais, o casal provocou furor e lotação nos salões das universidades.²³¹

Intelectual público, o filósofo francês soube como poucos intervir na batalha das idéias, já que usou sua condição de celebridade não só para difundir sua obra, mas, sobretudo,

²³⁰ Jornal Última Hora de 20 de agosto de 1960.

²³¹ Sobre esse aspecto, ver: ROMANO, Luís Antonio Contatori. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

na divulgação de posições político-ideológicas, explicitando seu anticolonialismo e mostrando-se favorável aos nacionalismos que explodiam ao redor do globo, como o apoio à Argélia contra a dominação francesa, e a defesa feita por Sartre pela difusão da Revolução Cubana. Contudo, parece ter nutrido antipatias pela candidatura do nacionalista Marechal Henrique Teixeira Lott à presidência da República no Brasil.

O jornal “Última Hora” publicou uma série de reportagens de Sartre intituladas “Furacão em Cuba”, que foram transformadas em livro. Aproveitando a passagem do filósofo pelo Brasil, o livro foi editado e impresso no tempo recorde de sete dias, e, numa sessão de autógrafos no Super Shopping Center de Copacabana, Sartre autografou cerca de 800 exemplares. Recebido por Roland Corbusier, Sartre proferiu palestra sobre o colonialismo na sede do ISEB.²³²

No que tange aos estudos sobre os intelectuais e valendo-se do conceito de geração como mecanismo de análise, um dado sobre Jean-Paul Sartre e Adalgisa Nery merece ser pontuado: ambos nasceram em 1905 e morreram em 1980. Percorreram o século XX. Participaram, de formas diferentes e em espaços nem sempre diferentes (como no caso da imprensa escrita), das discussões políticas que perpassaram esse período. Posicionaram-se como integrantes ativos de uma geração de intelectuais que formou opiniões sobre os acontecimentos políticos e turbulentos do século XX. Ambos envolveram-se com o seu contexto político, inseriram e divulgaram suas idéias em proporções desiguais, mas como afirma Sirinelli, “num domínio intermediário entre a história propriamente política e a dos intelectuais”, é preciso dar importância não apenas às trajetórias dos grandes intelectuais, mas também “ao estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram.”²³³

Podemos considerar alguns pontos que podem estabelecer a atuação de Sartre e Adalgisa Nery como intelectuais atores do político: tomaram posições similares (contrapondo-se ao imperialismo) pela defesa do movimento travado em Cuba, divulgando-as, no caso da escritora, num jornal com expressiva circulação e como representante do movimento nacionalista no país, e no que se refere ao filósofo, em veículos de comunicação os mais variados. Corria o ano de 1960, momento em que o Brasil vivia um contexto de efervescência política, quando, por via democrática o país elegeria novo presidente, governadores estaduais e deputados constituintes no recém-criado estado da Guanabara.

²³² Notícia do jornal “Última Hora” em 27 de agosto de 1960.

²³³ SIRINELLI, Op. Cit. p. 246.

Nessa conjuntura política, de intenso desempenho democrático, o congresso dos nacionalistas funcionava como importante meio de união de forças políticas. Sem perder de vista e em consonância com o panorama internacional, a convenção dos nacionalistas brasileiros encerrou-se com o discurso de Adalgisa Nery, que tratou da situação dos povos coloniais subordinados aos trustes e monopólios internacionais, exemplificando com dados estatísticos da ONU sobre a situação dos países pobres. “Na mesma ordem de considerações, Adalgisa Nery denunciou os controles estrangeiros da exportação do café brasileiro, bem como os empréstimos a prazo curto e juros altos dos bancos estrangeiros ao nosso país”. Ponto considerável do seu discurso foi a retomada da luta de Getúlio Vargas, quando finalizou com a leitura da carta-testamento deixada por Vargas, “seguindo-se um minuto de silêncio em homenagem ao grande presidente”.²³⁴

Ponto importante nesse contexto e que estimulou a efervescência do nacionalismo vinculado à figura de Getúlio Vargas, foi o lançamento do livro “Getúlio Vargas, meu pai” escrito por Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Às vésperas do festival do escritor, evento ligado ao Pen-Club ocorrido em meados de julho, a “Última Hora” anunciava a escolha de padrinhos para os stands dos escritores: músicos, jogadores de futebol, artistas: “Edú (o mago da gaita) vai vender os livros da poetisa Adalgisa Nery (...) Grande Otelo, um dos vendedores de Jorge Amado, ameaça aparecer vestido de Gabriela” e “aguarda-se a adesão da Miss Brasil 1960, Srta. Jean Macpherson”.²³⁵

A coluna de José Mauro na “Última Hora” de 27 de julho de 1960, apresentou cifras e números sobre as vendas, mostrando que o livro escrito pela filha de Getúlio Vargas, juntamente com Gabriela, de Jorge Amado, foram os best-sellers do festival. E ainda informa que “a poetisa Adalgisa Nery esgotou seu estoque de livros de poesia e contos. Autografou muito e foi muito aclamada como futura deputada constituinte”. O evento contou também com a visita do então presidente Juscelino Kubitschek. Foi um evento de forte tonalidade política.

Nesse ponto, o trabalho de Raoul Girardet, “Mitos e mitologias políticas” nos oferece respaldo teórico para entender o contexto político em questão, quando a memória de Getúlio Vargas era resgatada e referenciada como bandeira dos nacionalistas.²³⁶

Apoiado em estudos antropológicos, o autor entende os mitos políticos contemporâneos como herança inconsciente dos mitos religiosos típicos das sociedades

²³⁴ Jornal Última Hora de 23 de agosto de 1960.

²³⁵ Jornal Última Hora de 23 de julho de 1960.

²³⁶ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

arcaicas. O mito cria identidades, tenciona e define um sistema de crença, coerente e completo.

Quando trata das formulações do mito, Girardet percebe que elas são entendidas basicamente de duas maneiras pelos antropólogos e historiadores do sagrado, e que “cada uma dessas formulações parece efetivamente corresponder a alguns dos principais aspectos do mito político, tal como este se inscreve na história de nosso tempo.”²³⁷ O autor dedica atenção aos personagens exemplares tidos como salvadores e envoltos pela idéia de mito. No item “O Salvador”, Girardet afirma que independente do modelo a que se refira, exprimindo poder de ordem institucional ou sacerdotal, “o homem providencial aparece sempre como um lutador, um combatente. Sempre ameaçado, sempre resistindo à beira do precipício, recusa submeter-se ao destino”.²³⁸ Do mesmo modo, ele é chamado a restaurar a ordem estabelecida ou subvertê-la, organizar ou anunciar aquela que está por vir.

O encerramento do encontro dos nacionalistas, marcado pela leitura da carta-testamento de Vargas - autêntico manifesto nacionalista - o pedido de um minuto de silêncio com o intuito de render-lhe homenagens, enfim, o resgate da memória de Getúlio Vargas pelos nacionalistas em consonância com a publicação da filha de Vargas, são atitudes, acontecimentos que funcionam como um chamamento do mito político. Segundo Girardet:

Todo processo de heroificação implica, em outras palavras, uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história. O mito tende assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói, como uma resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência.²³⁹

A coluna da jornalista Adalgisa Nery sustentava um forte e característico traço nacionalista. O mito político sob a imagem do Salvador é marcado e condicionado pelo contexto factual. Em agosto de 1960, seis anos após o suicídio que o tirou *da vida para entrar na história*, Vargas reaparece sugerindo a continuidade de sua luta nacionalista. Recuperado pelos nacionalistas, envolvido em seus discursos como uma espécie de revelador ideológico, o mito político de Getúlio Vargas é associado a um sistema de valores, é chamado à defesa contra os inimigos externos. Nesse ponto, tal chamamento reflete uma situação também esboçada em diversos outros países subjugados à dominação estrangeira.

²³⁷ Idem, p.13.

²³⁸ Idem, p. 80.

²³⁹ Idem, p. 82.

Assim, recuperar o mito em um contexto específico como o do ano de 1960, refletia uma expectativa, uma exigência de alguns setores da política brasileira envolvidos com as diretrizes do nacionalismo inaugurado após a Segunda Guerra Mundial.

A candidatura e a eleição de Adalgisa à Constituinte da Guanabara nesse contexto, reforça sua identidade com o nacionalismo e com a figura de Getúlio Vargas. A partir de então, terá, como deputada, nas instâncias políticas institucionais, um novo terreno de atuação.

Capítulo 4. Entre o jornalismo e a política: Adalgisa Nery colunista e deputada estadual

“Iremos dentro do inarrável processo político brasileiro em andamento, vivendo aos trancos e barrancos até que possam as esquerdas, por inversão de valores, democraticamente, eleger um Legislativo que estabeleça as reformas de bases, ou terem elas a necessidade ou forças suficientes para impô-las revolucionariamente, através de meios mais drásticos.”

Adalgisa Nery na coluna “Retrato sem Retoque” do jornal “Última Hora” em 20 de novembro de 1963.

Convidada por João Mangabeira, líder do Partido Socialista Brasileiro, a candidatar-se à constituinte do recém criado Estado da Guanabara, a colunista de “Última Hora” protelou a aceitação, e, após consultar Samuel Wainer, aceitou a contenda filiando-se ao partido e candidatando-se à legislatura do novo Estado nas eleições de 3 de outubro de 1960. Seu principal palanque foi a coluna “Retrato sem Retoque”.

“Adalgisa Nery candidata socialista à constituinte”. A notícia ilustrou a capa de “Última Hora” com o texto: “O lançamento do nome da escritora e publicista tão conhecida de todo o público especialmente através de sua coluna Retrato sem Retoque repercutiu da maneira mais favorável.” A matéria de capa acompanhou uma foto da colunista, identificada como “infatigável lutadora das causas nacionalistas e populares”, afirmando que sua candidatura pela legenda do PSB, “traz à campanha eleitoral o sangue novo de sua combatividade (...) e um elemento de primeira ordem para disputar as preferências do eleitorado carioca (...) seus artigos inteligentes com todos os atentados aos interesses do povo são sua melhor bandeira”.²⁴⁰

Um dado curioso: antes mesmo de “Última Hora” divulgar a candidatura de sua popular colunista, a ex-miss Brasil, Martha Rocha, foi noticiada como possível candidata à Assembléia Constituinte da Guanabara após convite da turma da rua Miguel Lemos. Uma foto na capa da edição de 04 de julho de 1960, anunciava que “Martha Rocha vai à Bahia” para consultar seu pai sobre sua candidatura, no que diz: “acho política um assunto muito sério para ser resolvido de afogadilho.” Eis que na mesma edição, acompanhadas com suas respectivas fotografias, Martha Rocha divulga sua recusa e Adalgisa Nery lança sua candidatura pelo PSB em 07 de julho.

²⁴⁰ Jornal Última Hora de 07/07/1960.

Dias depois da divulgação de que Adalgisa sairia candidata à Constituinte, a coluna de Batista de Paula em “Última Hora”, “Plantão militar”, especula sobre um possível apoio do Clube Militar à candidatura de Adalgisa Nery, que “tem profunda penetração nos meios militares, graças à coragem com que aborda os problemas mais importantes.”²⁴¹

A coluna do dia 19 de julho foi dirigida ao público leitor de “Retrato sem Retoque”. Em “Bilhete aos meus leitores” Adalgisa Nery afirmou que na legislatura anterior, “alguns representantes de partidos procuraram-me desejando que eu aceitasse candidatar-me em suas legendas”. Entretanto, sua recusa deu-se por várias razões “e uma delas era a dúvida de ser mais útil nesta coluna diária ou no trabalho de defender as questões populares e os problemas nacionais por meio de um mandato”. Além disso, incomodava-se com a falta de disciplina partidária, “tônica imprescindível” aos políticos. E observa:

Analisando os grandes e os pequenos partidos, o único no qual eu sentia que não precisaria controlar a minha natureza, por ser ele disciplinado no bom trabalho, firme na dedicação das causas populares e nacionais era o Partido Socialista Brasileiro (...) No fundo, a linha do PSB corre paralela à do PTB que, na idéia de Getúlio Vargas, eram partidos que se completariam em atuação futura para benefícios mais rápidos ao povo e ao Brasil.

Adalgisa declara que sua postura no parlamento estadual, se eleita, não seria diferente da adotada em sua coluna diária. “Se obtiver dos meus leitores votos suficientes para sair bem das urnas, o que tenho a fazer é lutar para que a idéia sustentada nesta coluna durante seis anos, se transforme em prática”.

A candidata esteve também num programa de televisão. Antonio Maria a recebeu como convidada especial na TV-Rio na noite de 16 de setembro de 1960 e a “Última Hora” fez o anúncio na capa: “A famosa colunista de Última Hora deverá não só responder às perguntas de Maria, mas também fazer sensacionais revelações sobre o momento político da atualidade brasileira”.

Entretanto, o principal palanque político de Adalgisa Nery foi mesmo sua coluna jornalística: a popular e bem-sucedida colunista converteu seus leitores em eleitores. A nota de gratidão aos cerca de 7.500 votos recebidos veio em 18 de outubro. Sob o título “Agradecimento”, Adalgisa refere-se à liberdade de opinião que a direção da “Última Hora” a proporcionava. “Este jornal soube aproveitar as minhas pequenas aptidões e soube aproveitar

²⁴¹ Jornal Última Hora de 13/07/1960.

a favor dos seus leitores, o meu forte e inabalável sentimento nacionalista.” Ela declara sobre sua postura futura:

Uma questão apresentada e desdobrada em benefício do povo e do meu País terá prioridade no meu espírito e comandará a decisão dos meus atos, venha ela de quem vier, mesmo que venha do meu maior inimigo pessoal ou político. O interesse geral estará sempre acima das minhas humanas preferências.

Outras três mulheres elegeram-se no mesmo pleito: Lygia Lessa Bastos e Sandra Cavalcanti, ambas sob a sigla da UDN, e Dulce Magalhães, pelo Partido Democrata Cristão – PDC.

A colunista parece ter adquirido alguma importância por conta de sua candidatura política. Adalgisa Nery já havia identificado, em 1958, Roberto Campos como uma figura do chamado entreguismo; era um de seus desafetos políticos. Eis que a “Última Hora” publica um manifesto intitulado “Roberto Campos a Adalgisa Nery”. Tratava-se de uma resposta às acusações feitas pela colunista daquele jornal no dia 18 de agosto de 1960, e o economista afirma: “está ao seu dispor a minha declaração de bens.”

No artigo “Mais um assalto da dupla Campos-Parente”, Adalgisa diz que Roberto Campos havia sido nomeado diretor de um banco na Suíça, e sugere uma negociata para aumentar o déficit da rede ferroviária nacional. “Bob Fields”, como Roberto Campos era chamado pejorativamente por setores da esquerda, havia deixado a presidência do BNDE e retomado os serviços no Itamaraty. Segundo Adalgisa, a negociação na compra de material ferroviário de empresas de fora, proporcionaria a decadência da indústria nacional.

Em março de 1958, Fernando Ferrari foi elogiado em “Retrato sem Retoque” quando, depois de acirrada disputa, tornou-se líder trabalhista na Câmara. Entretanto, o deputado federal gaúcho, reeleito no pleito de 1958, também teve sua carta de esclarecimento publicada no jornal após receber acusações de Adalgisa Nery (22/08/1960). Enfim, o que vale observar é que a atitude de exigir a publicação de respostas às ofensas jornalísticas, além de evidenciar a importância auferida à jornalista, ilustra uma prática do regime democrático.

Inserida no movimento nacionalista, Adalgisa Nery apoiou a candidatura do marechal Lott no pleito de 1960, e, sobre o resultado eleitoral em que foram eleitos Jânio Quadros e João Goulart, presidente e vice-presidente da República respectivamente, escreveu em 12 de outubro de 1960, que os nacionalistas não devem “culpar o povo pelo resultado das eleições que deram ao protegido de Washington a Presidência da República do Brasil”. De acordo com

ela, “o povo, a massa popular não foi orientada, sobretudo, pelos partidos populares; não foi devidamente esclarecida e, portanto, não foi avisada dos perigos de uma eleição planejada e executada sob os auspícios e condições prefixadas do Departamento de Estado.”

No mesmo artigo, provavelmente insatisfeita com a eleição de Carlos Lacerda como governador da Guanabara pela UDN, sob o título “Senilidade do PSD”, Adalgisa critica, sem nomeá-lo, o presidente regional pessedista, que, ao invés de apoiar a candidatura de Sérgio Magalhães, identificado como nacionalista, apresentou “um gado morto fardado de marechal chamado Mendes de Moraes” ao cargo da Guanabara. Sugere, no seu linguajar tipicamente ácido: “Se este partido tivesse ao menos um pouco de pudor (...) o que deveria fazer o PSD era enfiar-se numa sepultura de 21 palmos de profundidade e não esperar que a opinião pública o cremasse com a sua própria desmoralização.” Prevendo futuras alianças partidárias entre a UDN e o PSD, metaforiza o conluio:

Vamos assistir em breve ao perfume udenista misturado ao repugnante odor pessedista. Cheiro de capela mortuária onde as perfumadíssimas angélicas casam-se na atmosfera com a putrefação. Por quanto tempo o povo agüenta o repugnante ambiente dos grandes partidos?

No período que se seguiu às eleições, a colunista não poupou críticas ao “nosso meigo D. Helder e o nosso boníssimo D. Jaime”, os mais importantes porta-vozes da Igreja católica naquela conjuntura. Como ouvinte do programa de rádio “Voz do Pastor, que acompanhamos como católica sincera”, ela incomodou-se com o silêncio de ambos após a divulgação de que Jânio Quadros desejava “entendimentos diplomáticos e comerciais com a URSS e até com a China Popular”. Da mesma forma, censura-os pelo fato de não comentarem sobre o processo eleitoral norte-americano entre “Nixon protestante, inimigo da Igreja de Roma, representante dos trustes e monopólios internacionais, ou a de Kennedy, católico não muito amigo da política econômica do saque estrangeiro.” Adalgisa questiona os “pastores” em “O silêncio trapista”, já que ambos “interferiram politicamente nas eleições de 3 de outubro”, a ponto de “jogar o eleitor contra a parede e esmagá-lo com o dilema: ou votar em Jânio e Lacerda ou virar torresmo no fogo eterno”:

E nas vésperas da eleição, os mais altos representantes da Igreja no Brasil exigiam, sob pena de mergulharem no inferno, que ninguém votasse no Lott e no Sérgio apenas porque Luís Carlos Prestes, independente de qualquer conchavo ou combinação falada ou assinada, os recomendara aos seus

poucos adeptos.²⁴²

Dias depois, ela comentou as declarações do conferencista católico, Padre Fulton Sheen, num programa de televisão. Falando sobre os famintos no mundo, o entrevistado referiu-se ao problema do subdesenvolvimento como fator de ampliação dos conflitos sociais. Os comentários seguintes de D. Helder, estimularam as críticas da colunista, que o acusou de ter ido “a imprensa, rádio e televisão impingir aos medíocres cristãos, a pecha de comunista aos candidatos Lott e Sérgio Magalhães, apenas porque a linha nacionalista de ambos prometia um programa de combate ao subdesenvolvimento do nosso País.”

Adalgisa afirmou que o religioso tinha ciência de que a fome e o subdesenvolvimento eram provocados “pela política de lucros insaciáveis deste mundo livre ocidental”. Se, durante as eleições de outubro de 1960, D. Helder havia tomado “decidida posição política ao lado dos legítimos representantes dos grupos econômicos estrangeiros”, com sua mudança de discurso:

(...) ficamos sem saber situar a voz da Igreja de Roma. Há duas coisas de maior importância para a vida humana e que devem ser respeitadas integralmente: uma, a Verdade, e outra a Fé daqueles que pautam seus pensamentos nos eternos princípios da religião católica.²⁴³

Adalgisa se auto-intitulava “católica de esquerda”, e tal postura se refletia nos artigos jornalísticos. A “Igreja de Roma” recebe severas críticas pelo “estranho silêncio” diante das ditaduras “fascistas de Franco e Salazar” apoiadas pelos EUA. A colunista católica desabafa: “É realmente difícil a um católico continuar católico diante desses espetáculos pelo poder econômico internacional e seguidos passo-a-passo pelos representantes da Santa Igreja de Roma.”²⁴⁴

Em várias ocasiões, por exemplo, nas celebrações anuais do catolicismo, a jornalista dedicava-se a essa temática, como no artigo de 1 de abril de 1961, sob o título “Páscoa”. Em junho de 1963, por conta da morte do papa João XXIII, Adalgisa incomodou-se com as opiniões lançadas sobre o “defensor dos famintos e abandonados.” Na Guanabara, “várias solteironas de sacristia andaram promovendo movimentos contra o maravilhoso João XXIII por julgá-lo representante da URSS no trono do Vaticano”. Ela compreende as opiniões de

²⁴² Jornal Última Hora de 21/10/1960.

²⁴³ Jornal Última Hora de 28/10/1960, “A verdade e a fé”.

²⁴⁴ Jornal Última Hora de 07/06/1962, “Estranho silêncio”.

“mulheres de virgindade fossilizada”. Porém, foi “burrice astronômica” o pronunciamento do deputado estadual baiano Ademário Pinheiro: “na era do trânsito espacial, ainda uma salamandra da idade da pedra é eleita e toma posse na assembléia legislativa”.

Muitos de seus textos eram permeados pelo conservadorismo católico e pela idéia de caridade cristã.²⁴⁵ Tanto que quando os deputados aprovaram o aumento dos próprios vencimentos, sendo Adalgisa contrária, anunciou em artigo que ela doaria seu aumento salarial à Pró-Matre “que atende à mãe humilde, na hora de dar à luz mais um brasileiro desprotegido”.²⁴⁶

Sua atitude foi reconhecida por seus colegas de jornal: Antônio Maria intitula “o exemplo de Adalgisa”, com foto dela, noticia a doação (26/01/1961). Também a responsável pela coluna “Mundo Feminino”, Gilda Müller, a elege “a mulher da semana”, que a “coerência do seu ponto de vista e num belo gesto de solidariedade para com os pobres, resolveu entregar mensalmente uma parte de seus subsídios à Pró-Matre”. (27/01/1961) Da mesma forma, em outubro de 1962, quando houve outro aumento, ela noticiou a doação do reajuste salarial à mesma instituição.²⁴⁷

Iniciadas as sessões parlamentares, o jornalista Antonio Maria foi escalado para publicar um diário da constituinte da Guanabara. Em 12 de janeiro de 1961, ele fala do baixo nível cultural dos eleitos, exemplificando com o uso do “diqui” como vício de linguagem dos deputados e conclui: “Olho, com aflição, para Adalgisa Nery. Seu ar pé pesaroso. Olha-me, da cadeira que honra em ocupar. Olhamo-nos, sem socorro e sem consolo.” No dia seguinte, refere-se ao desrespeito generalizado com os que subiam à plenária, numa “melancólica lembrança do orador falando para ninguém”, já que presenciou o “discurso trepidante do deputado Danilo Nunes e seus pares de costas conversando alto”. Da mesma forma que seus colegas jornalistas contavam anedotas. “Só Adalgisa Nery honrava o orador com seu olhar e seu silêncio. Devia haver na constituinte um código de respeito e bons modos que propiciasse ao orador ao menos o silêncio da platéia.”

A colunista estabelecia canal de diálogo com seus leitores. Após receber denúncias de venda ilegal de leite em pó nas igrejas católicas da Guanabara, Adalgisa foi verificar

²⁴⁵ Em 08/04/1961, em “Apelo aos que têm em excesso” pede doações aos desabrigados da enchente em Teresópolis à pedido do amigo e editor José Olympio; em 20/04/1962, no artigo, “Um hospital para Bom Jesus”, ela pede auxílio ao hospital da pequena cidade mineira; em 14/08/1962, elogia a inauguração de um novo pavilhão da Pró-Matre, instituição que dá auxílio à mães carentes e crianças pequenas, e que ela ajuda a manter. Com a morte do papa João XXIII, em junho de 1963, Adalgisa Nery o homenageou poeticamente em “O lavrador de Cristo” em 04/06/1963. Nos dias de finados de 1962 e 1963, a jornalista redigiu artigo sobre os mortos.

²⁴⁶ Jornal Última Hora de 14/01/1961.

²⁴⁷ Jornal Última Hora de 23/10/1962.

pessoalmente e constatou a veracidade das informações recebidas. Assim, denunciou tal comercialização irregular no jornal em “Comércio no templo.”²⁴⁸ Da mesma forma, discursou na plenária da câmara:

Há meses passados o país ficou escandalizado com os deputados do nordeste que vendiam leite doado pelos Estados Unidos, ao invés de destiná-los às crianças. Há uma semana venho recebendo denúncia de que igrejas estão fazendo o mesmo. Naturalmente não dei crédito. Mas foram tão insistentes as denúncias, que sábado fui à igreja na Rua Conde de Bonfim, igreja católica, dirigida pela ordem dos missionários do sagrado coração e disse que queria comprar leite. O prior, então, levou-me por um pátio a um grande galpão cheio de compartimentos e, estarecida, eu vi que, do chão ao teto, havia deste leite (a Sr.^a Adalgisa Nery exhibe uma lata de leite). Eu comprei esta lata, Sr. Presidente, e aqui está escrito: ‘Doação do povo dos Estados Unidos da América. Não pode ser vendido nem trocado’. Considero isso, Sr. Presidente, uma coisa tão grave, tão melancólica, tão triste, sobretudo para mim que sou católica, católica testada, que não tenho mais comentários a fazer.²⁴⁹

Em seus discursos, a deputada não se desassocia da jornalista. Em algumas circunstâncias, nas sessões parlamentares, fez a leitura de seus artigos publicados no “Última Hora”, assim como incorporou a posição de deputada na coluna “Retrato sem Retoque” em várias ocasiões.

Em novembro de 1961, a deputada Adalgisa Nery subiu no plenário para rebater um discurso feito pelo líder da maioria na câmara, deputado Amaral Neto. Apesar de não estar presente no momento da acusação, quando soube do ocorrido, sentiu-se “no dever de defender o jornal Última Hora”:

(...) casa onde trabalho, onde tenho amigos, desde os diretores até aos mais humildes trabalhadores das oficinas. São criaturas que me respeitam. Cinjo-me à defesa de Última hora, defendendo seus milhares de leitores, os meus leitores e os meus 8.000 eleitores. Sr. Presidente, ao dizer que o jornal Última Hora é um “jornal de lama”, o deputado Amaral Neto cometeu uma impropriedade de expressão. Lama, hoje em dia, nesta cidade, é um significado de grandeza subjetiva e objetiva. Assim, fico ao lado de Última Hora. Repilo todos os insultos que o nobre deputado tenha dito, em relação àquele jornal onde trabalho, o que muito me honra, e não tenho constrangimento algum em fazer aqui a defesa de Última Hora.²⁵⁰

²⁴⁸ Jornal Última Hora de 26/09/1962.

²⁴⁹ Anais da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, Volume XVI: setembro de 1962, p. 2095.

²⁵⁰ Anais da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, VIII: novembro de 1961. “Sobre ataques do deputado Amaral Neto ao Jornal Última Hora” p. 2.666.

A ausência da deputada no plenário da Câmara quando do ataque à “Última Hora.” tinha um motivo polêmico. O governador Carlos Lacerda enviara à comissão de Finanças da Câmara uma proposta de isenção e diminuição dos impostos aos exportadores de café. Gerson Bergher era do PSB e presidente da comissão. Em sessão conturbada, o presidente do “Centro de Comércio de Café” fora expulso por destratar, verbalmente, o deputado Paulo Alberto Monteiro de Barros, contrário à tese dos exportadores e do governo do Estado. Nessa ocasião, os deputados Hércules Correa e Adalgisa Nery retiraram-se do recinto em solidariedade ao deputado petebista, provocando a expulsão do representante dos operadores de café da sessão.²⁵¹

Depois de acirrado debate sobre o quorum, a votação foi levada ao plenário para aprovação legislativa. Adalgisa Nery era líder de seu partido e todos os deputados do PSB votaram contrários à indicação governista, exceto Gerson Bergher, que apenas na terceira chamada se pronunciou. Aliás, seu voto foi decisivo para a aprovação do substitutivo e quando ele expôs sua posição no plenário, Adalgisa retirou-se. Até porque, ela insinuara em sua coluna no jornal que os comerciantes de café haviam subornado deputados para que votassem em seu benefício.

Esse episódio e seus desdobramentos foram largamente explorados pelos jornais da Guanabara. Os prejuízos para os cofres públicos ficaram evidentes e muitos deputados udenistas votaram contra o governo, entre eles Lygia Lessa Bastos. A “Última Hora” noticiou em 21 de novembro de 1961: “Assembléia: consumou-se o escândalo do café.” Através do “Retrato sem Retoque” Adalgisa Nery atacou sumariamente os deputados que foram favoráveis ao governo.

Entretanto, inconformada com a infidelidade partidária de seu correligionário, a líder do PSB mobilizou-se imediatamente após o pronunciamento de Bergher. O “Jornal do Brasil” noticiou: “Deputada Adalgisa ameaça deixar PSB se partido não expulsar Gerson Bergher.”²⁵² Tal episódio provocou a cisão do partido na Guanabara. Por fim, antes de publicar a decisão

²⁵¹ O enredo foi noticiado nas páginas de “O Globo”, “A Noite” e “Diário de Notícias” de 09/11/1961, no “Jornal do Comércio” do dia 17. O jornal do governador Carlos Lacerda, “Tribuna da Imprensa” de 18/11/1961, publicou: “Amaral Neto repele suborno insinuado por Adalgisa: café”. As notas foram guardadas pela deputada. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

²⁵² “Jornal do Brasil”, 21/11/1961. Adalgisa guardou diversos recortes sobre o episódio da votação e os desdobramentos envolvendo o PSB publicados em vários jornais entre os dias 21 e 28 de novembro. São eles: “O Globo”, “A Noite”, “Diário de Notícias”, “Jornal do Comércio”, “Tribuna da Imprensa”, “Correio da Manhã”, “O Dia”, “Correio Paulista”, “O Jornal”, “Jornal da Bahia”, “O Estado da São Paulo” e “Luta Democrática”. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

partidária, tomada em convocação extraordinária, de expulsar Gerson Bergher, o deputado abandonou a agremiação.

Sobre os episódios, o jornal “O Estado de São Paulo” ressaltou os convites que Bergher recebeu para ingressar em outros partidos assim que discursou na Câmara divulgando sua saída do PSB. Sobre a deputada Adalgisa Nery, que pedira sua expulsão do partido, Bergher afirmou ao jornal paulista: “Quer aparecer. Quer manter as aparências e as posições galgadas na rabulice (sic.) dos bastidores e maquinações diabólicas. Não tem ideais. Nem grandeza”. No mesmo dia, 23 de novembro de 1961, o “Diário da Noite” publicou a nota que a saudava:

Adalgisa Nery (Última Hora). Uma grande cronista, desde que se tornou mulher por conta própria e a todo risco. Diz o que quer, desaforadamente, corajosamente, muito bem explicado, mesmo quando defende (por generosidade) uma idéia ou uma causa, que preferia não defender. Sua macriação é simpática e proveitosa, até quando resolve estruturar sobre o absurdo. Fracassaria no dia em que se tornasse ponderada. Ficam-lhe bem a bravura com que descompõe e a autoridade com que reclama.²⁵³

Apesar de ter participação ativa nas comissões, Adalgisa pouco freqüentava a tribuna no plenário da Câmara. Eleita pela força de sua coluna jornalística, a deputada Adalgisa Nery tinha na “Última Hora” espaço para criticar, também, seus colegas na ALEG. Pelas linhas do “Retrato sem Retoque” ela cultivava desafetos políticos, paulatinamente. E as posturas dos jornais da Guanabara, refletiam nos posicionamentos dos deputados.

Uma evidência disso ocorreu no expediente do dia 13 de junho de 1962, quando o plenário da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara comportou um debate acirrado: no aniversário de onze anos de “Última Hora”, o que era para ser uma rápida votação às congratulações dos jornais “Diário de Notícias” e “Última Hora”, pela passagem dos seus aniversários, transformou-se numa discussão repleta de acusações.²⁵⁴ Eram as posturas de dois órgãos importantes da imprensa nacional refletindo nos debates da política institucional.

De um lado, o deputado da União Democrática Nacional - UDN, e também radialista, Raul Brunini falando em nome do colega Amaral Neto, discordava da homenagem à “Última Hora”, e acusou:

²⁵³ Jornal “Diário da Noite” de 23/11/1961. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

²⁵⁴ Anais da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, XIII: junho de 1962, “Sobre votos de congratulações a ‘Última Hora’”, p. 1057.

(...) porque esse jornal é de orientação realmente incompatível com as idéias que sustentamos e fez uma campanha sistemática de destruição do regime democrático em nosso país. É um jornal dirigido por comunista, é um jornal orientado para totalitarismo comunista (...).

Diante disso, os deputados do PTB, Saldanha Coelho, Roland Corbisier e Paulo Alberto Monteiro de Barros manifestam-se em defesa da “Última Hora”. Saldanha Coelho, inclusive, faz referências negativas ao “Tribuna da Imprensa”, jornal de propriedade do então governador do estado, Carlos Lacerda.

Adalgisa Nery, deputada, líder do PSB e colunista do jornal candidato à congratulação, sai em defesa de “Última Hora”:

Sr. Presidente, estou cansada de ouvir nessa Casa as piores referências a Última Hora, mas creio que isso é inveja. Tenho a declarar que muito me honra pertencer aos quadros desse jornal. Devo a minha eleição de deputado e grandes momentos de alegria a Última Hora. Lá tenho amigos eleitores, tenho amigos leitores. Quando aqui se fala nesse jornal, penso que se deve usar de mais critérios. Ouço muita coisa contra ele, mas não digo nada, porque acho melhor não dar importância a certas pessoas que falam certas coisas. Muito me honra em pertencer a Última Hora e, se algum dia sair desse jornal, não trabalharei em jornal algum.

A linguagem crítica e direta expressa pela jornalista em sua coluna, incomodou alguns colegas parlamentares e seu conteúdo foi motivo de debate no plenário.

A princípio, as congratulações eram mera formalidade. No entanto, ao referenciarem tais jornais, os deputados incorporaram a identidade desses órgãos da imprensa no espaço político institucional. Além disso, o debate parlamentar figurou sob certa revanche, inferindo vínculos para além da política partidária, mas também reconhecendo os posicionamentos divergentes desses periódicos.

No expediente do dia 28 de novembro de 1962, por exemplo, o deputado Danilo Nunes, levou ao debate a sua indignação em relação aos “insultos” que estava recebendo por parte da deputada Adalgisa Nery no jornal “Última Hora”.²⁵⁵ Na sua fala, afirmou que mantinha relações cordiais com a deputada, mas que após um artigo afirmando que o deputado e general Danilo Nunes, então secretário do conselho coordenador do abastecimento, freqüentava boites, “deu começo a uma série de artigos venenosos contra a

²⁵⁵ Anais da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, XIII: junho de 1962, “Sobre o deputado Danilo Nunes” p. 2.606-7.

minha pessoa, lançados sem que eu jamais houvesse feito o menor gesto ou dito a menor palavra amarga, injusta, maliciosa ou irônica contra aquela ilustre deputada”. O discurso segue em tom de indignação, já que a jornalista o acusava de receber em dólares e de ser um deputado vendido aos EUA. Ele exigia retratação em plenário ou provas das acusações feitas a sua pessoa no jornal. Lamentou não ter um veículo de imprensa para revidar, mas disse que faria isso em plenário: “Estarei nesse microfone trocando golpe por golpe”, e acusa-a de “jornalista doublée de deputado”.

Em resposta, Adalgisa usa uma metáfora, tachando Danilo Nunes de “cruzamento de camélia com gorila”. Realça sua condição de jornalista e que sua intenção é mesmo atacar os homens públicos em sua coluna, como tem feito com o governador Carlos Lacerda. A resposta do deputado segue no mesmo tom, desqualificando-a como jornalista, pois, segundo ele, Adalgisa não poderia provar suas acusações no jornal. E insulta: “Este é um fenômeno que requer exame médico e de médico especialista em doenças mentais, pois S. Exa. está a merecer este tratamento”.

Tais debates evidenciam a tensão entre as forças políticas, refletida também, na imprensa no período que antecedeu ao golpe de 1964. Da mesma forma, num contexto marcado pela bipolarização dos ânimos, a defesa ou a acusação de determinado jornal, significava estabelecer posição política, para além dos trâmites partidários.

Adalgisa usa a terceira pessoa no artigo “Vingança mesquinha” e escreve como deputada em “Última Hora.” Seu filho era funcionário da Guanabara, “íntegro e respeitado pelos superiores, foi atingido pelas ordens de CL”. Tratava-se da exoneração de Ivan Nery, que trabalhava havia mais de 12 anos no funcionalismo público, portanto, antes mesmo de sua mãe ocupar o cargo de deputada. Sob acusação da prática do empreguismo, o governador tentava atingir a deputada de oposição. A colunista valeu-se das páginas do jornal para denunciar o personalismo político e acusar a volta “àquele gênero de política de cambalacho vigente antes de 1930, no qual o político era um autêntico chefe da Casa Grande, servindo-se da Senzala para benefícios pessoais (...) não sabem que estamos na época dos cosmonautas!”²⁵⁶

Dias depois Paulo Francis, também jornalista de “Última Hora” presta solidariedade a Adalgisa, discursando longamente sobre a demissão de seu filho, pela “baixeza cometida contra nossa colega, um dos símbolos do que há de mais progressista e correto na vida pública brasileira, não pode passar sem resposta dos jornalistas que acompanham Adalgisa Nery.”²⁵⁷

²⁵⁶ Jornal Última Hora de 26/01/1963 e de 28/01/1963 em “O verdadeiro prestígio”.

²⁵⁷ Jornal Última Hora de 30/01/1963.

Na Assembléia legislativa, Adalgisa aproximou-se de Lygia Lessa Bastos, deputada pela UDN. Ambas estabeleceram estreita relação de amizade e admiração, apesar das diferenças partidárias, juntas, participaram de comissões e chegaram a dividir o mesmo gabinete. Conforme afirmou o Reynaldo Barros, “uma coisa as uniu muito forte, serem as duas absolutamente honestas consigo mesmas, coerentes.”²⁵⁸ Ambas costumavam fazer averiguações juntas em instituições como frigorífico, hospitais e cadeias a fim de darem seus pareceres como deputadas.

Em 27 de julho de 1962 Adalgisa escreveu na “Última Hora” como deputada, denunciando “o desconto do jeton” a pedido do governador. Ela falou do seu direito de obstrução da pauta, ou seja, de sair do plenário e não votar “quando entender que há consumação de barbaridades eleitoreiras,” mesmo tendo parte do seu salário descontado como punição. Sobre o udenista Lopo Coelho, executor de tal prática, escreveu: “Quem não é nada como pessoa só tem mesmo que ser utilizado como bicho irracional.”²⁵⁹

Um caso que merece atenção foi a mobilização de Adalgisa para auxiliar financeiramente o filho de seu amigo de longa data. O pintor Cândido Portinari morreu no início de 1962. A “Última Hora” colheu depoimentos de várias personalidades da política e das artes, no que Adalgisa revelou: “Morreu um grande homem e um grande artista.” Também no artigo “Amigos até a morte” ela faz uma homenagem póstuma e poética ao “amigo Candinho ou Porti que morreu sem fortuna.”²⁶⁰

Assim, na sessão de 17 de fevereiro a deputada comunicou em plenária que entregou “um projeto de lei concedendo uma bolsa de estudos ao filho de Cândido Portinari, o qual se acha na Europa cursando a Escola de Telecomunicações na cadeira de engenharia eletrônica”. Argumentou que o pintor não havia deixado “nenhuma renda e creio que será uma homenagem que esta cidade prestará a sua memória se esta assembléia aprovar o referido projeto.” Tratava-se de uma bolsa que “possibilitará seu filho concluir seus estudos” e que “João Cândido tem-se revelado um aluno exemplar”, pois havia conseguido classificar-se para tal curso, que oferecera apenas duas vagas dentre 310 concorrentes.²⁶¹

Aprovado o projeto, eis que, alguns meses depois, sob o título “Um veto mesquinho” Adalgisa Nery acusou o governador da Guanabara, que havia vetado o pedido feito pela deputada. João Cândido Portinari, que tinha esposa e uma filha, teria uma bolsa de estudos de

²⁵⁸ Entrevista com Reynaldo Barros, concedida em 22/10/2004.

²⁵⁹ Jornal Última Hora de 27/07/1962, “A tabela do Lopo.”

²⁶⁰ Jornal Última Hora de 09/02/1962.

²⁶¹ Anais da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, X: janeiro a março de 1962, expediente em 17 de fevereiro de 1962.

35 mil cruzeiros por 11 meses para terminar os estudos na Universidade de Paris. Ela acusou Lacerda de fazer nomeações para seus “cupinchas eleitoreiros à 70 mil cruzeiros.” Então, finaliza: “Sobre este melancólico veto só cabe um silêncio mortuário. Ausência de grandeza no homem anula sua existência.”²⁶²

O jornal “Última Hora” publicava seu primeiro número de 1964 no dia dois de janeiro com a “Prestação de contas” de Adalgisa Nery, colunista que se dirigia aos seus eleitores. Três ou quatro vezes ela havia ocupado a tribuna; apresentou dois projetos; deu quarenta pareceres na comissão de Educação, Cultura e Assistência Social. Sua chegada às dependências da ALEG dava-se às 11 horas e “nosso voto foi rigorosamente dado aos interesses do povo e do Estado, sem a interferência de amizades pessoais ou antipatias à figura do governador, seja ele CL [Carlos Lacerda] João da Silva ou Guenegundes Picolé.”

Após cerca de seis anos atuando no jornalismo, Adalgisa Nery estabeleceu, então, como deputada, mais um veículo para expor suas idéias e posições políticas. O episódio da renúncia de Jânio Quadros exemplifica o amálgama do seu jornalismo político com o trabalho legislativo.

4.1 A imprensa e a crise de agosto de 1961

“Câmara e Assembléia mantêm-se na expectativa”. Essa foi a matéria de capa do Jornal “Última Hora” publicado no dia 28 de agosto de 1961 referindo-se à “vigília democrática madrugada adentro” ocorrida tanto em Brasília como na capital da Guanabara. Em uma das três fotografias que ilustram a página, a deputada estadual e também colunista Adalgisa Nery encara o fotógrafo, tendo a mão de unhas rubras ancorada no rosto de feições sérias. Sob um clima tenso, subscreve-se na foto: “Os deputados Roland Corbisier, Paulo Alberto e Adalgisa Nery e ao fundo Sr. Lopo Coelho, aguardam o desenrolar dos acontecimentos na Assembléia Legislativa.”

No dia 22, às vésperas da renúncia de Jânio Quadros, Adalgisa Nery denunciou em sua coluna jornalística, sob o título “Os maquinistas de agosto”, uma reunião da alta patente do exército chefiada por Cordeiro de Farias, prevendo:

²⁶² Jornal Última Hora de 26/07/1962.

Repete-se em agosto de 1961 a mesma manobra havida em agosto de 1954, em que CL [Carlos Lacerda] foi arma usada contra Getúlio Vargas pelos interesses antinacionais. A máquina do regime de exceção está sendo movimentada pelos mesmos maquinistas de agosto de 1954. A força total vem de fora do Brasil contra o Brasil.

Jânio Quadros havia instigado a crise antes mesmo de sua renúncia. Adotou medidas incompatíveis com a importância do cargo que ocupava, tais como a proibição do lança-perfume, do biquíni e das brigas de galo. A condecoração do ministro cubano Ernesto “Che” Guevara (19/08/1961), provocou a ira de seus opositores políticos e das forças conservadoras. Carlos Lacerda foi à televisão apregoar um suposto movimento golpista em andamento no governo, aludindo às informações recebidas do ministro da Justiça Pedroso Horta. Assim, a Câmara federal aprovou proposta de convocação de Horta a fim de esclarecer tais denúncias. As declarações do governador da Guanabara foram desmentidas pelo ministro da Justiça através de um comunicado oficial à imprensa. Horas depois o presidente renunciaria. A hipótese de que, por erro de cálculo, Jânio Quadros seria solicitado para voltar ao governo com mais poderes, merece ser aludida. De fato, o episódio da renúncia gerada por pressão do que Jânio chamou de “forças terríveis”, não ficou esclarecido, mesmo posteriormente.

Deflagrada a crise, os ministros militares manifestaram-se contrários à posse do vice-presidente João Goulart, a quem o cargo pertencia por direito, segundo a Constituição Federal de 1946. Em visita oficial à República Popular da China, Goulart era acusado pelos ministros Odílio Denys do Exército, Sílvio Heck da Marinha e Grum Moss da Aeronáutica, de apresentar posições “claramente subversivas e esquerdistas”.²⁶³

O impasse político provocou discussões sobre a ilegalidade do manifesto dos ministros das Forças Armadas e o primeiro representante dos militares a levantar tal argumento foi o marechal Henrique Teixeira Lott, que denunciou a decisão arbitrária dos ministros, conclamando a população na defesa constitucional.

No estado da Guanabara a conjuntura política de agosto e setembro de 1961 teve reflexos particulares. O Rio de Janeiro já não era a capital federal, entretanto, uma elite política permanecia envolvida intensamente com os episódios da vida nacional. O Estado da Guanabara, embora tenha existido por um breve período (1960-1975), serviu de palco para importantes acontecimentos, cujos reflexos marcaram, decisivamente, a história político-

²⁶³ Manifesto dos ministros militares. In: LABAKI, Amir. *A crise da renúncia e a solução parlamentarista*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 149.

administrativa do Brasil. Até meados de 1970, pode-se falar de uma certa ambigüidade ao nos referirmos à situação da Guanabara: por um lado, uma cidade-estado e, por outro, continuava a abrigar uma parte dos órgãos de governo da capital transferida, já que com a regulamentação de abril de 1960, houve a transferência dos serviços federais para a Guanabara.

Após a mudança da capital do país para Brasília, ocorrida durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek, muito se discutiu sobre o futuro político administrativo da cidade do Rio de Janeiro. O debate girava em torno da viabilidade de transformação do Distrito Federal em um estado, como as demais unidades da federação, com uma organização político-jurídica. A criação de um novo estado já havia sido preconizada na constituição de 1946, e em 14 de abril de 1960, após discussões acirradas na imprensa e no parlamento federal, foi aprovada a lei 3.752, conhecida como “lei San Tiago Dantas”, que instituía a criação do Estado da Guanabara.²⁶⁴

Se por um lado a Assembléia Legislativa do novo estado tratava de assuntos ligados diretamente à Guanabara, por outro, havia uma relação bastante íntima com os quesitos da conjuntura política nacional. Até porque, o primeiro governador do Estado, Carlos Lacerda, foi pivô de diversas situações que culminaram em sérias crises políticas, principalmente de nível nacional. Observando o conteúdo dos discursos parlamentares travados na conjuntura da crise de agosto de 1961, podemos notar essa ambigüidade.²⁶⁵

Como governador da Guanabara Carlos Lacerda tratou de calar as vozes que se voltavam contrárias à intervenção das Forças Armadas, mobilizando o aparato policial do Estado para reprimir os movimentos pela legalidade manifestados em diversos pontos da cidade, principalmente em frente ao busto de Vargas na Cinelândia. Diversos setores declararam greve: trabalhadores dos transportes, bancários, estudantes, empregados do comércio, da indústria e do setor financeiro formaram o movimento grevista nas ruas do Rio de Janeiro, transformadas em palco de protestos e comícios pró-Goulart.

Como dono de jornal, Lacerda procurou divulgar a falsa informação de calma, tranqüilidade e paz social. Essas imagens não condiziam com a realidade das ruas do Rio de

²⁶⁴ Sobre esse aspecto: MOTTA, Marly Silva da. *Saudades da Guanabara: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-1975)*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000.

²⁶⁵ Os discursos da deputada Adalgisa Nery no parlamento da Guanabara refletem essa posição dúbia da Guanabara. Por um lado, estão ligados às condições específicas do estado, tais como a precariedade dos transportes suburbanos (01/06/1961), o abastecimento de gêneros alimentícios (19/07/1961), a solicitação de pagamento a um motorista que lhe encaminhou uma carta exigindo notícias (20/09/1961), a precária situação das prostitutas presas no xadrez da Central do Brasil (07/11/1961), a venda ilegal de leite em pó doado pelos EUA (25/09/1962).

Janeiro durante “os dias sombrios de agosto e setembro de 1961”.²⁶⁶ No que diz respeito à imprensa:

Diversas sedes jornalísticas foram invadidas por censores, vários foram impedidos de circular (notadamente aqueles que se posicionavam claramente em favor da posse de Goulart, como *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Diário de Notícias*, *Última Hora*). Em contrapartida, a *Tribuna da Imprensa* se beneficiou do cerco aos demais jornais, veiculando as notícias que convinham ao governador, enfatizando a “tranquilidade reinante” naqueles dias em todo o país com o intuito de acalmar e mesmo desmobilizar o leitor para o movimento legalista.²⁶⁷

O artigo de 30 de agosto, intitulado “Sopa e ajantarado” é a denúncia sutil da censura sofrida pela jornalista. Em tal artigo, Adalgisa Nery fala da “arte de bem comer” e faz comentários quase absurdos, como, por exemplo, referindo-se à “carne de baleia, alimento farto em calorias e de fácil aquisição” e a receita de uma sopa, no mínimo esquisita, indicada de “acordo com o nosso clima tropical”. No dia seguinte, escreve sob o título: “Importantíssimo problema: a Moda”, onde discute grifes e tendências. No fim do artigo, o texto: “N.R - Este jornal ainda estava sob censura policial, atingindo naturalmente a colunista de Retrato sem Retoque, ilegalmente imposta pelo Sr. Carlos Lacerda, foi abolida, é preciso dar essa explicação ao leitor”.

O artigo censurado pelo governo denuncia as atitudes golpistas do governador da Guanabara, resgatando sua postura em circunstâncias anteriores em que confabulou a derrubada de presidentes eleitos democraticamente. Tanto o texto censurado quanto o que foi publicado em 30 de agosto foram lidos na íntegra no plenário da Assembléia legislativa pelo deputado Hércules Correia, comunista eleito pelo PTB, que indagado sobre o conteúdo da sua leitura, esclareceu:

Sr. Presidente, Srs. Deputados, terminei de fazer a leitura do artigo assinado pela ilustre colega Adalgisa Nery ao jornal *Última Hora*, que não pôde publicá-lo porque a censura o impediu, impondo-lhe a condição de só deixá-lo rodar e ser vendido se retirasse o referido artigo.

²⁶⁶ FERREIRA, Jorge. “A legalidade traída: os dias sombrios de agosto e setembro de 1961”. *Tempo*. Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1997, em que o autor constrói o cotidiano político da renúncia presidencial, valendo-se de depoimentos publicados e informações jornalísticas. Ilustra a dicotomia das atitudes tomadas pelos governadores do Rio Grande do Sul e da Guanabara, Leonel Brizola e Carlos Lacerda, respectivamente, no que diz respeito à defesa da legalidade.

²⁶⁷ CAMPOS, Fátima Cristina Gonçalves. *Visões e Vozes: o governo Goulart nas páginas da Tribuna da Imprensa e Última Hora (1961-1964)* Dissertação de Mestrado em História Social das Idéias. UFF: PPGH 1996.

Seu discurso segue em tom de denúncia nacionalista: “Onde está a democracia? Em que reside essa democracia? É uma democracia que funciona somente quando não estão em jogo os interesses dos Estados Unidos”. No longo discurso, além da referência à censura aos meios de comunicação da Guanabara, sendo inclusive denunciada via transmissão radiofônica pelo governador gaúcho Leonel Brizola, o deputado refere-se às práticas de violência contra os sindicatos. Num aparte a deputada Adalgisa Nery manifesta-se:

(...) Declaram que o país está tranqüilo, que há calma em todos os lugares. Dizem que o povo está feliz, tranqüilo e satisfeito. Por que então pedir calma? Calma de quem? Do lado deles, naturalmente, pois como dizem, o povo está em paz e tranqüilo. Isso é uma confusão. Nem eles mesmos se entendem.

Nos dias que se seguiram até à solução parlamentarista, a jornalista não poupou esforços para denunciar as arbitrariedades de Carlos Lacerda. Como ocorreu no primeiro dia de setembro, em que comentou a atitude de enfrentamento de muitos deputados da Guanabara diante das mais “vulgares e violentas ameaças do ‘Rei sem leis’(...) mesmo assim a posição dos vermes de esterco não alterou em essência o valor e o significado democrático da Assembléia Legislativa da GB”, e lamenta:

E se a opinião pública não tomou conhecimento da boa atuação da grande maioria dos deputados cariocas, a razão está na força opressora da censura sobre todos os meios de comunicação quais sejam a imprensa, o rádio e a televisão que foram e são exclusivamente usados a serviço da prepotência, da mentira e do fascismo do governador CL.

Assim, com a divulgação por parte dos militares golpistas de uma “saída honrosa” para a crise político-militar, Adalgisa Nery atacou no artigo de 2 de setembro: “Seguramente esses bravíssimos soldados estão com os olhos cobertos de catarata. Ora, a única saída honrosa para um militar, seja de que patente for, e é será sempre o largo e suntuoso portão da legalidade”. Na seqüência afirmou que:

Arrombar a Constituição para forjar uma saída falsa não é solução para soldado raso e muitíssimo menos para um general, um almirante ou um brigadeiro. Quando CL, transformado em revolver estrangeiro, matou

Getúlio Vargas, apesar do crime produzindo o impacto nacional, os militares deram posse imediatamente, sem discussões, ao Sr. Café Filho, homem ligadíssimo aos planos antinacionais de CL e dirigido politicamente por CL.

Nos dias que se seguiram, Adalgisa Nery saiu em defesa da resistência encabeçada pelo governador Leonel Brizola no sul do país na defesa constitucional, referindo-se à tentativa de se instaurar uma “ditadura branca” no país, fala da deturpação do conceito de legalidade. Tratou os chefes militares envolvidos com extrema agressividade, e entre os adjetivos, chamou-os de “indisciplinados, deflagradores de badernas comandados pelo anarquista CL, vermes fardados, traidores do povo que merecem o repúdio e a repugnância do povo”.

Na câmara estadual, no dia 14 de setembro de 1961, quando o país encontrava-se “sob uma nova forma de governo, com a restauração súbita, quase às cegas do sistema parlamentarista”, a deputada denunciou num longo discurso: “Começou mal o ensaio de parlamentarismo com cheiro de quartelada (...)” Num outro trecho referiu-se às ações do governador Calos Lacerda: “Sem estado de sítio decretado, nem nenhuma base legal, mandou censurar jornais, apreender edições, invadir e ocupar militarmente redações, prender jornalistas e líderes sindicais e metê-los em cubículos infectos juntamente com criminosos comuns.”²⁶⁸

Quanto aos reflexos dos acontecimentos na economia, a jornalista questionou em 7 de setembro: “quem vai se responsabilizar pela queda do café em 20 pontos nas últimas 24 horas? O homem da rua? O operário? (...) Quem vai pagar os prejuízos materiais e morais despejados no Brasil nesses dois dias de baderna lacerdista?” E radicaliza sugerindo providências: “que esses fracassados donos do Brasil sejam mandados para casa. E em vez de pijamas devem usar biquínis (...)” No que se refere à ementa parlamentarista afirma ter sido instituída “como esparadrapo sobre a nossa Carta Magna, pra satisfazer a autoridade mal exercida de alguns chefes militares”. E questionou seus leitores: “acham que o parlamentarismo solucionará os problemas nacionais?”

Através da sua coluna diária, Adalgisa empenhou-se no ataque aos militares envolvidos, acusando o “fatídico general Cordeiro de Farias e Carlos Lacerda como os principais mestres da baderna nacional”. Assim, por diversas vezes nos artigos que se seguiram, Adalgisa pediu a punição dos que foram contra a legalidade, como no dia 11 de

²⁶⁸ Anais da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, VI: setembro de 1961, “Sobre o governador Carlos Lacerda” p. 1705-1706.

setembro no artigo “Nada de contemplação com os traidores”, em que, referindo-se aos militares golpistas, exigia:

(...) no fino propósito de resguardar a alma límpida das Forças Armadas expurgue os vermes fardados que há quase dez anos apodrecem a autoridade das mesmas pretendendo consecutivamente levar de roldão os seus planos macabros não só a dignidade do Exército, da Marinha e da Aeronáutica como a dignidade e a soberania da pátria brasileira.

No dia seguinte, iniciou o artigo “Os homens do golpe” com sua linguagem metafórica característica: “Não se extermina um tumor tratando-o com talco. É necessário, lancetá-lo, extirpá-lo, limpar o campo afetado pela purgação fétida infecciosa”, e segue descrevendo a trajetória de Cordeiro de Farias, mostrando indignação diante da sua permanência na ativa. Do mesmo modo, no dia 13 de setembro, atacou: “Quem defende a lei é agitador, quem defende a democracia é comunista, quem defende as regras sociais é imoral. Ou a justiça muda de face e afivela em seu rosto plácido a máscara da hipocrisia e do cinismo ou deverá tirar a máscara dos baderneiros remunerados pela Nação.”

No calor dos acontecimentos de agosto de 1961, Adalgisa Nery, como líder do PSB, leu em plenária, notas da comissão executiva regional do partido:

(...) diante dos últimos acontecimentos políticos ocorridos no Estado, proclama que o governador da Guanabara, transformado em ditador, viola todas as garantias individuais e políticas, asseguradas pela constituição. Assim: I) exerce e censura sobre as estações de rádio de os jornais e confisca suas edições, ele que sempre usou e abusou como ninguém da liberdade concedida aos jornalistas. II) manda prender a seu arbítrio líderes sindicais e jornalistas, sem que nenhum ou outros tenham dado o mínimo motivo; III) manda a polícia tirotear contra o povo e espancar barbaramente cidadãos inermes; IV) arromba, invade e vasculha pela madrugada casas de família, pouco nos importando sejam de comunistas, petebistas ou não; V) proclamando a prática de tais crimes o Partido Socialista Brasileiro, seção da Guanabara, levanta contra tudo isso seu mais veemente e enérgico protesto.²⁶⁹

Nessa conturbada situação política, Miracy Gustin, afirma que a atuação dos deputados *pessebistas* da Assembléia Legislativa do estado recém criado, Jamil Haddad, Pedro Fernandes Filho e Adalgisa Nery “se destacaria por sua coerência doutrinária e pela

²⁶⁹ Anais da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, XV: agosto de 1962: ata da 98ª sessão ordinária realizada em 25 de agosto de 1961 (complemento), “Sobre a renúncia do Sr. Jânio Quadros” p.35.

defesa das reformas de base e denúncia contra as arbitrariedades do governo Carlos Lacerda.”²⁷⁰

Nelson Werneck Sodré, militar e intelectual das esquerdas assumido, escreveu muito proximamente aos acontecimentos que antecederam ao golpe, figurando como depoente-testemunha dos acontecimentos de abril de 1964. Assim, o impasse causado pela renúncia do presidente Jânio Quadros acirrou ainda mais a disputa das forças que se esboçavam no contexto político nacional. No que tange à instituição militar, Sodré fala em “ditadura frustrada” e refere-se a “uma anomalia curiosa: vencidos pareciam vencedores”, afinal, os que asseguraram o regime democrático, foram perseguidos. O parlamentarismo foi uma espécie de condenação aos defensores da legalidade: “premiava os golpistas, e punia os legalistas”.²⁷¹

Marco importante para o período que se seguiu foi a fundação oficializada em fevereiro de 1962, do Ipês - Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, entidade que congregava o empresariado paulista e carioca que viam com desconfiança a ascensão de Goulart. O Ipês atuava em associação com o Instituto Brasileiro de Ação Democrática – IBAD fundado em 1959. Essas instituições merecem ser entendidas como parte da estratégia de mobilização das forças golpistas junto à sociedade civil brasileira. Atuando em diversas frentes e de maneiras variadas, valendo de financiamentos razoavelmente abundantes, e multiplicando-se por todo o país, o “complexo Ipês/IBAD” é entendido por René Dreifuss como importante difusor ideológico, estimulando a inquietação política, o que caracterizaria o golpe vitorioso de 1964, como civil-militar.²⁷²

Para tanto, esses organismos em consonância com a construção de uma rede de apoio dentro das Forças Armadas, auxiliaram na formação de uma opinião pública que paulatinamente fosse estimulada a dar apoio ao golpe que se esboçava.

Deste modo, a renúncia do presidente Jânio pode ser entendida como um marco importante na medida em que tal circunstância auxiliou na demarcação dos campos de atuação das forças golpistas. O desempenho dessas forças teve como resultado o sucesso do golpe definitivo em abril de 1964, quando essa mesma opinião pública, que resistiu a tentativa golpista em agosto de 1961, estaria *convencida* o suficiente para apoiar a intervenção dos militares, mostrando que o “tumor fétido” referenciado metaforicamente pela jornalista

²⁷⁰ GUSTIN, Miracy B. S. e VIEIRA, Margarida L. M. *Semeando democracia: a trajetória do socialismo democrático no Brasil*. Contagem: Editora Palesa, 1995, p. 109.

²⁷¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965. p.386.

²⁷² DREIFUSS, R. A. 1964: *A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

Adalgisa Nery quando tratou da permanência dos golpistas em suas atividades militares, não havia sido mesmo curado.

4.2 Adalgisa Nery e os militares

Nas diversas circunstâncias em que membros das Forças Armadas brasileiras, assim como políticos civis articularam um golpe de estado, Adalgisa Nery defendia as instâncias democráticas e denunciava o chamado *gorilismo*, designação dada às forças consideradas favoráveis ao regime de exceção. Nos anos de 1955, 1960 e 1961, quando a democracia esteve vulnerável às forças golpistas, a sua postura jornalística denunciadora paulatinamente criava indisposição com os membros das Forças Armadas. Os articuladores do golpe eram apontados nominalmente por Adalgisa Nery.

Por muito tempo tratou-se o evento de abril de 1964 como um golpe genuinamente militar e até como uma revolução, designação dada, aliás, por seus contemporâneos, pelo senso comum, mas principalmente pelos vencedores do episódio. Tal viés de análise tem recebido revisões importantes. O sucesso da intervenção armada só foi possível graças a uma mobilização afincada, constante e efetiva de forças, as mais diversas, no âmbito da sociedade civil. O próprio uso de conceitos como democracia, revolução e comunismo, reflete a circulação de posições distorcidas, equivocadas, e porque não obscuras.

O debate historiográfico sobre o envolvimento das Forças Armadas com as questões políticas é bastante difundido. Historiadores e cientistas políticos, brasileiros e estrangeiros, têm se dedicado ao tema. A condição das instituições militares às vésperas da instauração do regime republicano no século XIX; os chamados movimentos tenentistas que contestavam a hegemonia do poder oligárquico nos primeiros anos do século XX; a participação dos militares no movimento de 1930, até a orientação dos mesmos no período 1964-1985, enfim, são vastas as interpretações e as direções de análise da bibliografia produzida a esse respeito.

Os militares nunca estiveram isolados da sociedade brasileira. A publicação “Nova história militar brasileira” considera que, “embora possam guardar uma *relativa* autonomia em alguns aspectos e épocas específicas”, os militares são recrutados nos meios sociais. Para os organizadores da obra, “Não se pretende reduzir a compreensão da instituição militar a

fenômenos sociais de outra ordem, que a determinariam, e sim prestar atenção à interação entre Forças Armadas e sociedade.”²⁷³

Derrotado por Dutra, Eduardo Gomes candidatou-se novamente à presidência em 1950, assim como Juarez Távora em 1955 e Henrique Teixeira Lott em 1960: presidenciáveis e representantes das Forças Armadas, eles almejavam a cadeira de presidente da República. Da mesma forma, a Escola Superior de Guerra – ESG, fundada em 1949 com apoio e assistência dos norte-americanos, congregava militares e civis, que, através de publicações e conferências realizadas em todo país, deram esteio ao golpe definitivo em 1964. É inegável a importância da ESG como instituição política conspiratória que contribuiu para a queda do governo Goulart. Basta indicar que os principais atores do novo regime provinham da ESG: Humberto Castelo Branco, Golberi do Couto e Silva e Ernesto Geisel. Entretanto, a ação dos militares não pode ser entendida como fator unilateral. Pelo contrário, conforme indica Carlos Fico após rica análise historiográfica sobre o tema do golpe:

Sem a desestabilização (propaganda ideológica, mobilização da classe média etc.) o golpe seria bastante difícil; sem a iniciativa militar, impossível. Portanto, é preciso bem distinguir a atuação desestabilizadora (a propaganda do Ipês e outras agências) da conspiração civil-militar, que em muitos momentos não passou de retórica radical e somente se consolidou às vésperas do 31 de março. Assim, creio não ser abusivo afirmar o acerto histórico de leitura segundo a qual a ‘desestabilização civil’ foi bastante articulada, mas a ação militar não foi inteiramente planejada, com segurança e sistematicidade, ficando a mercê de iniciativas de algum modo imprevisas.

²⁷⁴

A ênfase dada a algum aspecto em detrimento de outros, sugere explicações unilaterais que de alguma forma desconsideram a complexidade do período que antecedeu ao golpe de abril de 1964. Sem perder de vista a diversificação de posições e a desarticulação golpista no interior das Forças Armadas, Fico chama a atenção para a decisão efetiva da movimentação das tropas que levaram o golpe a cabo, deliberação genuinamente dos militares.²⁷⁵

²⁷³ CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Hendrick Kraay (org.) *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.12.

²⁷⁴ FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004, p. 42.

²⁷⁵ O autor cita as publicações do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas que se valeram de entrevistas feitas com militares, por exemplo: D’ARAUJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio Ary Dillon, CASTRO, Celso. (Int. e Org.) *Visões do golpe: a memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. D’ARAUJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio Ary Dillon, CASTRO, Celso. (Int. e Org.) *Anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. D’ARAUJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio Ary Dillon, CASTRO, Celso. (Int. e Org.) *A volta aos quartéis: a memória militar sobre a abertura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

Adalgisa Nery constantemente opinava sobre as instituições militares, seja para conferir-lhes elogios, seja para cravar-lhes críticas. A aproximação com a Marinha, por exemplo, deu-se logo no início de sua carreira na “Última Hora”. Por conta dos festejos programados em todo o país, o capitão Otacílio Cunha, militar responsável pela organização do evento, escreveu-lhe fazendo o pedido de divulgação dos festejos da semana da Marinha de 1954. Com o intuito de:

(...) mobilizar aqueles que têm força junto à opinião pública no sentido de desenvolver, cada vez mais, uma consciência marítima, tão necessária em virtude da nossa condição geográfica. A Marinha do Brasil orgulha-se em fazer parte da legião de seus leitores e apreciadores das suas crônicas e artigos (...) ²⁷⁶

Ele solicita que a colunista, “emprestando sua inestimável colaboração a nosso propósito de interessar o povo nas coisas do mar”, escolhesse a atividade marítima como tema para suas crônicas. E o pedido foi atendido. No dia 07 de dezembro de 1954, Adalgisa escreveu sob o título “Cisne branco” um texto com linguagem poética e tom elogioso à Marinha.

As eleições do Clube Militar recebiam especial atenção da colunista. Como no pleito de 1958, quando ela escreveu: “Interesses escusos transformaram em caso político as eleições do Clube Militar”. Antes da realização do pleito, a colunista colocou-se a favor do grupo nacionalista, os ditos amarelos, e denunciou os posicionamentos dúbios dos militares azuis, representados pelo general Humberto de Alencar Castelo Branco. Segundo a colunista, os militares da “Cruzada Democrática” falavam contra Lott e os nacionalistas na imprensa; ela elogiou Alves Bastos, o candidato dos amarelos pedindo: “Acabemos com esse pueril sistema de tapar os buracos dos problemas nacionais, taxando sumariamente de comunista todo aquele que defende princípios nacionalistas.”²⁷⁷

Entretanto, a linha adotada pela direção da entidade, na segunda gestão de Alves Bastos, recebeu severas críticas da escritora. No artigo “Estranha omissão”, Adalgisa conclamou o Clube Militar a posicionar-se diante da situação de greves e manifestações que eclodiam em todo país, afinal, na sua argumentação, a instituição liderava setores da opinião em momentos críticos.

²⁷⁶ Carta de 02/12/1954. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

²⁷⁷ Jornal Última Hora de 10/02/1958.

Tradicionalmente, o Clube Militar era um forte núcleo de resistência nacionalista. Até por isso, entendido por Adalgisa como “berço e bandeira” da Petrobrás. Deste modo, na sua concepção, a empresa brasileira de petróleo corria riscos diante da simbólica inauguração da plataforma de Duque de Caxias no início de 1961. Assim, Adalgisa acusou o Clube Militar de ficar “amortecido e alheio ao clima de perigos imprevisíveis”, já que “a Petrobrás está indo por água abaixo” e, sendo “o Clube Militar, berço e bandeira da mesma, permanece mudo e distante, como se o problema fosse exclusivamente do interesse dos esquimós. O que há sobre as pilastras do Clube Militar?”²⁷⁸

Também em janeiro de 1961, no dia 27, o alvo de seus ataques foi o clube da Marinha, tachado de reacionário. Em “O mais fechado”, Adalgisa recriminou a compra de porta-aviões quando a tendência, segundo ela, eram os submarinos; e criticou o isolamento da Marinha, diferentemente da postura do Exército e da Aeronáutica. Essa série de ataques alcançou grande repercussão nos meios militares.

A nomeação de Silvio Heck como ministro da Marinha de Jânio Quadros descontentou Adalgisa Nery “(...) fazendo-se de conta que nada houve de maior em 11 de novembro, quando Heck comandava o ‘Tamandaré’ contra o Exército.” Era inadmissível para a colunista de “Última Hora” um golpista histórico ser nomeado ministro militar.²⁷⁹ Em 07 de março de 1961 ela denunciou, em “Estímulo à desordem”, as “transferências escusas” de membros das Forças Armadas.

Samuel Wainer afirmou que, no início do governo Jânio Quadros ele foi chamado à Brasília pelo então ministro da Guerra, general Odílio Denys. “Estávamos conversando sobre assuntos políticos quando Denys mandou chamar o general Orlando Geisel, um de seus auxiliares diretos”. O dono de “Última Hora” reproduz a fala do ministro da Guerra:

- Orlando, traga o dossiê daquela marafona – ordenou.
Geisel voltou minutos depois com uma pasta contendo artigos de Adalgisa, todos recheados de anotações à margem. Os textos tratavam os militares com extrema agressividade.²⁸⁰

²⁷⁸ Jornal Última Hora de 21/01/1961.

²⁷⁹ Jornal Última Hora de 16/02/1961.

²⁸⁰ WAINER, Op. Cit. p. 247-248.

Sentindo-se pressionado, já que o general sugeriu-lhe mandar a escritora “embora do jornal”, Wainer explicou-lhe que “não podia fazer isso; a coluna de Adalgisa, popularíssima, era importante para a *Última Hora*.”²⁸¹ É certo que os ataques aos militares não cessaram.

Por conta dos conflitos políticos na Argentina envolvendo militares, Adalgisa escreve sob o título “Forças democráticas” palavras de “reconhecimento e louvor” às forças militares brasileiras:

Embora tenhamos na Marinha assanhados Pena Botos, na Aeronáutica levianos ‘aragarças-boys’, no Exército alguns ridículos nazistas, sempre atiçados pelo incendiário CL [Carlos Lacerda] e outros amantes da anarquia, nunca essa minoria desejosa de subverter as instituições para trocá-las pelos regimes de exceção, conseguiu tombar o espírito verticalmente democrático das nossas forças militares.²⁸²

Nesse artigo, Adalgisa traçou um histórico das intervenções militares na política brasileira como casos de exceção, já que os valores das Forças Armadas, segundo ela, eram democráticos.

No contexto em que Jango esteve nos EUA recebido pelo presidente John Kennedy, em abril de 1962, Adalgisa criticou o teor do texto da “Aliança para o Progresso”, lido pelo deputado federal Breno da Silveira, colega de partido de Adalgisa, na tribuna da Câmara. Ao ter conhecimento do documento, usou o espaço do jornal para dialogar com os militares:

Pedimos aqui aos chefes das Forças Armadas que lesem cuidadosamente o programa dessa ‘Aliança para o progresso’ a fim de evitarem que o nordeste seja adquirido pelo estrangeiro sem que o comprador pague ao menos o selo do recibo.²⁸³

Ela advertiu o presidente João Goulart, afirmando que os jornais haviam publicado uma “cartilha” que “serve apenas para enganar.” Em “Documento perigoso”, Adalgisa procurou descrever o conteúdo do texto de 129 páginas, mostrando suas divisões e projetos a médio e longo prazos: “É um documento perigosíssimo que não pode entrar em funcionamento sem a responsabilidade do conhecimento das Forças Armadas. Trata-se da soberania nacional.” Ela encontrou “inconfundíveis semelhanças com o tenebroso convênio militar Brasil - Estados Unidos.” Dias depois, em fins de abril, uma série de artigos

²⁸¹ Idem.

²⁸² Jornal *Última Hora* de 21/03/1962.

²⁸³ Jornal *Última Hora* de 04/04/1962.

denunciando a “Aliança para o Progresso” foi publicada: “Nordeste: os problemas (I, II, III e IV).”²⁸⁴ Vale observar que o acordo militar Brasil-EUA foi assinado sem que o ministro da Guerra no período, Estilac Leal, presidente afastado do Clube Militar e nacionalista, tivesse conhecimento do seu texto. A questão gerou uma crise que culminou com a saída de Estilac do ministério (1952). Isso indica que o atrito entre nacionalistas e pró-EUA vinha de longa data.

Do mesmo modo, em 20 de junho, “sem receio de cometer crítica injusta” Adalgisa afirmou que, se executado como no relatório, “o governo estaria aceitando condições incompatíveis com o interesse nacional”. E alfinetou:

O Exército e o Conselho Nacional de Segurança, em vez de estarem catando sonegadores de açúcar e de feijão, coisa que não compete a grandeza do Exército, deveriam ler e conseqüentemente tomar providências urgentes contra a consumação oficializada desse atentado, do qual, é veículo a “Aliança para o Progresso.”²⁸⁵

Novamente, pediu que o documento fosse “publicado na íntegra para conhecimento do povo brasileiro”, afinal, segundo Adalgisa, “estamos assinando um cheque em branco.”

Nas eleições do Clube Militar de 1962, ela apóia a chapa de Peri Bevilaqua em “Uma trincheira nacionalista.”²⁸⁶ No entanto, a ala golpista liderada pelo marechal Augusto Magessi foi vitoriosa, depois de acirrado e escuso processo eleitoral, segundo Adalgisa. Sugerindo a existência de falcatruas no resultado, falou em “total ausência de autoridade moral que comandou essas eleições”:

Dar-se-á então, caros leitores, que a “gorilisse” será implantada entre nós. E se os próprios colegas do Clube Militar aceitam como válida a eleição do Magessi, seremos nós, simples, mas sinceros paisanos, que vamos dar lição de moral à família militar? O pior é que pegando a “gorilisse” nas classes militares, os nossos micos retardados quererão funcionar em todos os setores não militares do país, da mesma forma que os “gorilas” fizeram com a Argentina (...). Se isso começa a acontecer entre militares, entre pessoas que deviam dar exemplo de integridade moral, entre brasileiros que compõem a defesa democrática do país, imaginemos então como irão processar as próximas eleições nas urnas civis?²⁸⁷

²⁸⁴ Jornal Última Hora de 24, 25, 26 e 27/04/1962.

²⁸⁵ Jornal Última Hora de 20/06/1962, “Concessões inaceitáveis”.

²⁸⁶ Jornal Última Hora de 15/05/1962.

²⁸⁷ Jornal Última Hora de 06/06/1962, “Vitória de cemitério”.

No entanto, as Forças Armadas também eram enaltecidas em “Retrato sem Retoque”. Naquele mesmo ano, quando a Marinha passou a comprar combustível diretamente da Petrobrás, sem o intermédio de empresas estrangeiras, Adalgisa Nery lançou elogios a essa atitude, sugerindo que o Exército e a Aeronáutica seguissem o exemplo “dos nossos cisnes brancos.”²⁸⁸ No segundo semestre de 1962, uma série de artigos foram publicados a esse respeito: “Em defesa da Petrobrás”, “Petróleo sem intermediários”, “A Marinha dá exemplo” e “Marinha e gasolina.”²⁸⁹ A jornalista ilustrou com números e cifras a redução de gastos provocada por essa decisão, que acima de tudo, foi um exemplo de nacionalismo.

É provável que a homenagem feita à Marinha pela Assembléia Legislativa da Guanabara, tenha sido proposta pela deputada Adalgisa Nery. Valendo-se de tons poéticos e de enaltecimento, a colunista escreve em 13 de junho de 1962, em “Marinha e música”, sobre o evento que contou com a participação da orquestra sinfônica brasileira.

Em tom elogioso, Adalgisa falou da aquisição de uma draga pela Marinha, mas não perde a oportunidade de criticar a compra do porta-aviões, “uma marmota inútil dormindo na Guanabara”. E finalizou:

Já que a Marinha está nos surpreendendo com atitudes de alto gabarito patriótico (...) porque não aproveita o impulso para vender o porta-aviões, e com o dinheiro organizar uma armada de dragas para desentupir todos os portos, rios e canais do Brasil? Difícil é encontrar outro otário como comprador.²⁹⁰

Abordando a situação da América do Sul que “aberta ou veladamente, nada mais é do que um conjunto de governos ditatoriais a serviço e às ordens da criminosa política dos consórcios financeiros norte-americanos,” Adalgisa faz um apelo às Forças Armadas para que “não permitam, não concordem, nem colaborem com a implantação, no Brasil, de um regime de exceção, haja o que houver aqui dentro do nosso país.”²⁹¹

Os militares argentinos tinham deposto o presidente Frondizi. Daí, comparando a situação nacional com o contexto da Argentina, Adalgisa Nery incomoda-se com “o silêncio das Forças Armadas” diante dos acontecimentos no país vizinho. Em “Clima de irresponsabilidade”, escreveu que as Forças Armadas:

²⁸⁸ *Última Hora*. Rio de Janeiro, 09/05/1962.

²⁸⁹ Títulos dos artigos em ordem de citação: *Última Hora*. Rio de Janeiro, 05/06/1962; 15/06/1962; 15/08/1962 e 21/08/1962.

²⁹⁰ *Jornal Última Hora* de 11/05/1962, “A draga Ster I”.

²⁹¹ *Jornal Última Hora* de 11/07/1962, “Por falar em minorias.”

(...) unidas como se encontram, tem de resultar em alguma coisa séria nesta penosa irresponsabilidade dos políticos ocupados na defesa das suas pessoas justamente numa hora em que a visão de cada um devia estar voltada para a defesa da dignidade e da soberania nacionais (...) Estamos todos na expectativa de entendimentos que conduzam o país à condições normais ou a espera de situações anormais.²⁹²

Nessa conjuntura, a tonalidade dos artigos no que se refere às Forças Armadas ficou mais amena: a colunista exaltou os militares, dando-lhe certa dose de confiança. Como em “Forças armadas e povo” em que resgatou os acontecimentos de agosto de 1954, quando Carlos Lacerda “utilizou amplamente a boa fé de alguns militares”. Entretanto, em 1962, “já conhecidas suas funestas intenções e pretensões, não mais tem a cobertura militar que em 1954 tão bem manipulou para inclusive assassinar Getúlio Vargas.” Adalgisa ressaltou um diferencial entre os militares brasileiros e os de outros países latinos americanos. O Peru e a Argentina lhes serviram de exemplo, pois ambos os países sofriam, naquele contexto, intervenções militares:

Viva o Brasil! Viva nossas Forças Armadas! Crise vem, crise vai, ficamos um pouco capengas depois da refrega, mas os nossos militares não perdem e nem perderão jamais o respeito à vontade soberana do povo. E com isto se fortalecem, com isto crescem na confiança da nação, com isto adquirem autoridade.²⁹³

Talvez por conta dos elogios lançados à Marinha principalmente na segunda metade de 1962, em 26 de novembro, a “Deputada Estadual Adalgisa Nery” recebeu a condecoração da ordem do mérito naval, sendo admitida no grau de oficial.²⁹⁴ Nessa mesma ocasião, outras 36 pessoas foram condecoradas, entre elas apenas duas mulheres: Adalgisa e a Condessa Marina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro, diretora do “Jornal do Brasil” desde fevereiro de 1954.

A posição das Forças Armadas durante o debate sobre as reformas de base, teve voz importante entre os sargentos, que defendiam a posse dos militares eleitos em 1962, capítulo do qual trataremos mais adiante. A posição de Adalgisa Nery nesse quesito apareceu no artigo

²⁹² Jornal Última Hora de 12/07/1962.

²⁹³ Jornal Última Hora de 20/07/1962.

²⁹⁴ *Almanaque de condecorações navais brasileiras*: relação das personalidades brasileiras e estrangeiras agraciadas. Ministério da Marinha; gabinete do ministro, 1969. Há uma hierarquia com cinco graus de condecoração: grã-cruz, grande oficial, comendador, oficial e cavaleiro.

de 22 de maio de 1963, quando traçando um histórico do envolvimento dos militares na política, afirmou: “Houve a revolução dos generais, e lá veio a República. Houve a dos tenentes e lá sucedeu a de 30. A situação regride em patentes militares, mas progride em conteúdo popular. E aí estão os sargentos impondo as reformas de base.”

Dentro dos quadros das Forças Armadas processou-se um ambiente de tensão, principalmente por conta do debate sobre a elegibilidade dos sargentos. No “Retrato sem Retoque” Adalgisa criticou o capitão-de-mar-e-guerra José Uzeda, que havia proibido a seus marinheiros estudarem ou freqüentarem qualquer aula em seus horários livres, além de serem proibidos de ouvirem a rádio Mayrink. Com tal atitude, segundo ela, Uzeda contribuiria para a formação de “possíveis novos João Cândidos”, e, indignada, disse que o capitão “quer a marinherada maciçamente analfabeta, pois analfabeto é mais fácil e melhor de ser dirigido pelos letrados reacionários.” Finalizou, de forma irônica: “O Uzeda é uma dessas coisas exóticas que só o nosso clima tropical com 95 por cento de umidade pode explicar.”²⁹⁵

O comício realizado em 23 de agosto de 1963 foi tratado pela imprensa “sadia” com desdém, que divulgou a presença de 8 mil manifestantes, mas que, segundo Adalgisa, havia tido uma concentração de 100 mil pessoas. “A tropa de malamadas tentou espalhar pânico pelo telefone” e estimulou o estoque de comida e os cuidados com a concentração popular fazendo “terrorismozinho”. O “Clube Militar” fechou suas portas, “mas, caros leitores, o Clube Militar já foi Exército. Agora é apenas uma gaiola de gorilas”.

4.3 O paulatino vínculo com as esquerdas

Sob os ares da democracia, Adalgisa Nery saiu em defesa dos interesses do Brasil e da ética na política institucional. Explicitou suas posições de modo intenso na imprensa. Reconhecida, conquistou um cargo na política institucional. Num campo político contextualizado pelas artimanhas da Guerra Fria, pelos jogos de influência externa, somados à paulatina polarização político-ideológica, o vínculo de Adalgisa Nery com o nacionalismo-getulista, reforçava a sua identidade com as forças de esquerda.

Ao mesmo tempo, Adalgisa via a figura de Jango como herdeiro político de Vargas, propenso a realizar as reformas necessárias para a superação do subdesenvolvimento. De uma maneira geral, o cenário político brasileiro nos anos 1960 foi marcado pela polarização entre

²⁹⁵ Jornal Última Hora de 04/02/1964, “Marujos sob ameaça”.

forças de esquerda, que defendiam reformas de cunho social, e as conservadoras, que salientavam a necessidade de contenção das reivindicações trabalhistas. Ao identificar alguns posicionamentos de Adalgisa Nery, podemos admitir a sua vinculação com as forças de esquerda.

A República no Brasil passava por uma experiência democrática inédita, com participação e mobilização intensa da sociedade civil na política nacional. Reflexo dessa situação foi a formação de frentes e organizações que congregavam diferentes segmentos da sociedade brasileira. Dentro e fora do Congresso, essas entidades refletiam a bipolaridade provocada pela conjuntura internacional.

Analisando o sistema político partidário no pós-1945, a professora Lucila de Almeida Neves Delgado observa que os principais partidos do cenário político brasileiro do período, quais sejam, PTB, PSD e UDN, percorreram trajetórias que, na década de 1960, adquiriram aspecto singular. O próprio resultado eleitoral de 1960, garantiu certa alteração na dinâmica que vinha sendo estabelecida desde fins dos anos 1940. “No contexto que antecedeu a queda de Goulart, a vinculação de alguns parlamentares a seus partidos de origem tornou-se também menos sólida.”²⁹⁶ Daí a formação das Frentes Parlamentares, entidades pluripartidárias que expressavam forças políticas divididas em blocos bem definidos, calcadas na integração ou não do Brasil com o capitalismo internacional. “Defendendo projetos diferentes para a nação brasileira, esta polarização se fez presente nos cenários nacional, estadual e municipal – dicotomia igualmente marcante em instituições como o poder legislativo e os partidos políticos.”²⁹⁷

Conforme afirmou Reynaldo Barros, através de seu vizinho Rogê Ferreira, Adalgisa Nery agregou-se ao grupo de políticos da Frente Parlamentar Nacionalista, por volta de 1956.²⁹⁸ No outro extremo, foi voz crítica contumaz da Ação Democrática Parlamentar.

Ao eleger alguns pontos, situações e episódios pretendemos ilustrar nos próximos itens o paulatino vínculo de Adalgisa Nery com as forças à esquerda. Uma evidência importante: seu último artigo publicado em “Última Hora” saiu no dia primeiro de abril de 1964, sob o título “Boato, arma do pânico.”

²⁹⁶ DELGADO, Lucila de Almeida Neves. “Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia”. In: FERREIRA, Op. Cit. (2003), p.146.

²⁹⁷ Idem, p. 147.

²⁹⁸ Entrevista com Reynaldo Barros, concedida em 22/10/2004.

4.3.1 O debate agrário

A organização dos trabalhadores rurais passou a figurar como importante personagem da vida política brasileira nos anos 1960. Mário Griynszpan traça a trajetória de relacionamento entre os movimentos do campo e o governo Goulart, mostrando, por exemplo, a aplicação mais efetiva do termo latifúndio no debate político e intelectual do período. O autor chama atenção para o efeito simbólico do I Congresso Nacional dos lavradores e trabalhadores agrícolas. Realizado em novembro de 1961 na capital mineira, contou com a participação do presidente João Goulart, do primeiro-ministro Tancredo Neves e do governador de Minas Gerais Magalhães Pinto e “foi um marco importante na afirmação do campesinato e da percepção pública de seus problemas e de suas reivindicações.”²⁹⁹

No período que se seguiu, o processo de sindicalização rural significou certa generalização das inúmeras condições da vida rural brasileira, provocando sérias cisões, descontentamentos e radicalização dos discursos sobre a reforma agrária. Do mesmo modo, desde os anos 1950, as formas tradicionais de relação entre os senhores de terra e os trabalhadores rurais passam por mudanças significativas.

O que nos interessa aqui é perceber como esse debate se deu nos meios políticos e como Adalgisa Nery posicionou-se. Já em 1958, em tom elogioso aos possíveis projetos que o líder trabalhista defenderia na Câmara, Adalgisa refere-se ao que “dispõe acesso à terra como passo inicial para a Reforma Agrária.”³⁰⁰

Na conjuntura dos anos 1960, o estado de Pernambuco adquiria reflexos singulares no que diz respeito ao clima de radicalização política. Com repercussões em nível nacional, as reivindicações dos trabalhadores rurais naquele estado, instigam a tomada de posicionamentos. O embate eleitoral de 1962 entre o sucessor de Cid Sampaio, João Cleofas, e Miguel Arrais, esse último, apoiado inclusive pelos comunistas, é sintomático. Desta feita, Adalgisa Nery posiciona-se. Em “A candidatura Arrais” elogia o então prefeito de Recife, “um homem que vem realizando o que Arrais está fazendo em Recife com a aprovação total

²⁹⁹ GRYNSZPAN, Mario. “O período Jango e a questão agrária: luta política e afirmação de novos atores.” In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *João Goulart: entre a memória e a História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.63.

³⁰⁰ Jornal Última Hora de 04/03/1958, artigo já referenciado, em que a colunista elogia o deputado Fernando Ferrari.

do povo, não deve ter medo de caretas de caveira dos Cids ou de melancólicos progressistas como Barros de Carvalho.”³⁰¹

Meses depois Miguel Arrais recebe elogios da colunista por ter prestigiado o “Centro Popular de Cultura – CPC, um dos exemplos maiores do que se pode fazer a favor do povo no sentido de instruí-lo e politizá-lo.” Como uma entidade de resistência cultural de esquerda ligada à “União Nacional dos Estudantes – UNE” foi fundada em 1962 na Guanabara e teve núcleos em vários estados brasileiros.³⁰² Aliás, a entidade estudantil é elogiada por conta da sua iniciativa com o propósito de alfabetizar adultos, e a colunista pede que se ofereçam espaços para essas aulas, como igrejas e pátios. “Acreditamos que ninguém (...) irá dizer que este movimento da UNE é movimento comunista, é ação antidemocrática, é agitação contra o mundo ocidental cristão.”³⁰³

Talvez também por conta do apoio dado ao CPC, os políticos conservadores acusavam Miguel Arrais de comunista que tinha o intuito de “cubanizar o nordeste.” Adalgisa comenta as declarações de Cid Sampaio que considerou as eleições ganhas pelo seu sucessor. Daí refere-se a uma entrevista dada pelo coronel Heráclito em apoio a Arrais, finalizando: “O coronel vê o que Cid não quer ou não pode ver, pois está inteiramente voltado para dentro de si e de sua pseudo-grandeza interna. Pobre Cid. Tão gordo e tão bobo.”³⁰⁴ Apesar da canalização de dinheiro do IBAD na campanha eleitoral de Cleofas, conforme divulgou-se mais tarde, Arrais foi eleito com estreita diferença de votos, apoiado pela população mais pobre da capital e por núcleos de trabalhadores rurais.

Ainda sob a vigência do parlamentarismo, o governador Leonel Brizola iniciou uma reforma agrária no Rio Grande do Sul, acontecimento de grande repercussão na imprensa. Procurando descrever a situação das terras desapropriadas no sul, Adalgisa Nery escreveu em “As terras banhadas e os espertos”, que os fazendeiros da região do Banhado foram aumentando suas propriedades, mudando a cerca de lugar e, assim, se apossando das terras do governo. Ela elogiou a ousadia do governador gaúcho e criticou a reação dos fazendeiros que, por terem perdido suas terras, “vão à imprensa e publicam que pegarão em armas para defender suas terras que não são suas e, sim, do governo.”³⁰⁵

³⁰¹ Jornal Última Hora de 02/02/1962. Barros Carvalho havia sido ministro da Agricultura (1960-1961) no governo JK e na ocasião das críticas era líder do PTB no Senado.

³⁰² Figuravam no CPC: Oduvaldo Viana Filho, o cineasta Leon Hirszman e o sociólogo Carlos Estevam Martins como núcleo fundador, seguido de Ferreira Gullar, Francisco de Assis, Paulo Pontes, Armando Costa, Carlos Lira e João das Neves. Verbete: *Centro Popular de Cultura*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

³⁰³ Jornal Última Hora de 20/02/1962, “A UNE e a alfabetização”.

³⁰⁴ Jornal Última Hora de 16/05/1962, “As bobagens de Cid e a verdade do Coronel”.

³⁰⁵ Jornal Última Hora de 06/02/1962 e 07/02/1962, em “Desespero inútil”.

Em fins de 1963, Jango assinou um decreto regulamentando a exploração e a exportação de minérios. Tal atitude recebeu apoio de Adalgisa, que também elogiou o governador Magalhães Pinto, por ter desapropriado terras da Novalimense: empresa de mineração estrangeira atuante em Minas Gerais que havia sido colocada sob suspeita.³⁰⁶

De qualquer modo, para garantir a governabilidade, João Goulart manteve acordos com grupos conservadores, em especial o PSD, o maior partido do Congresso.

Por outro lado, Jango tinha compromissos com movimentos populares e grupos mais à esquerda, cujas ações foram fundamentais para viabilizar sua posse, à frente dos quais se encontrava, entre outros, Leonel Brizola (...) Isso fez com que o presidente, especialmente durante a vigência do parlamentarismo, se movimentasse de forma oscilante, ora acenando para os conservadores, ora assumindo posturas mais radicais.³⁰⁷

Enfim, já sob o regime presidencialista, o “Estatuto do Trabalhador Rural” foi aprovado pelo Congresso em março de 1963, estendendo os mesmos direitos dos trabalhadores urbanos, aos do campo. O debate político de então gira em torno da viabilidade para a efetivação da reforma agrária. Previstas pela Constituição de 1946, as desapropriações “deveriam ser feitas mediante prévia e justa indenização em dinheiro.”³⁰⁸ Dada a inviabilidade de recursos para essa feita a indicação era para a alteração da Constituição. A proposta de João Goulart era que se pudesse realizar as indenizações com títulos da dívida pública, posição defendida desde o encontro com os camponeses em Belo Horizonte. Num outro extremo, as lideranças das ligas camponesas radicalizavam ao exigir a reforma agrária “na lei ou na marra”, nas palavras de Francisco Julião, seu maior representante.

Adalgisa havia assistido uma entrevista na televisão, na qual o deputado Último de Carvalho dizia-se favorável à reforma agrária, desde que realizada sem a modificação da Constituição. Contrário “à menor alteração da virgindade da Constituição, e que isso seria destruir a democracia” o deputado foi no mínimo ridicularizado pela colunista. Criticando sua posição, perguntou: “Porque não usa o mesmo modelo de roupas usadas pelo seu avô? Porque usa cuecas invés de ceroulas? A modificação do traje modificou suas formas físicas fundamentais? Deu-lhe mais conforto e mobilidade de movimento?” Para Adalgisa, “dentro da teoria de que não deve ser modificada a Constituição” ela chega à conclusão: “o Último

³⁰⁶ Jornal Última Hora de 19/12/1963, em “Minérios: começo de consciência” e 21/12/1963, em “As tradições de Minas”.

³⁰⁷ GRYSZPAN, Op. Cit. p. 62-63.

³⁰⁸ GRYSZPAN, Op. Cit. p. 73.

deve usar ceroulas, pois que a cueca poderia alterar-lhe sua especialidade de homem.”³⁰⁹

Valendo-se de linguagem irônica que lhe era característica, Adalgisa Nery posiciona-se: era favorável à alteração constitucional. Em apoio às reformas propostas por Jango, ela escreveu em “Estômagos e baionetas”:

O molde da evolução nacional são as reformas de base. Ele se tornará em revolução na medida em que tentem quebrá-lo (...) tudo que foge no momento à reforma agrária, com os necessários corretivos constitucionais para que ela seja real, cai no domínio da tentativa de mistificação do ambiente, pois sem que ela se faça as demais serão inúteis. Cidade e o campo no Brasil estão com fome, e famintos pedem-na antes de exigí-la ou forçá-la.³¹⁰

Para a colunista de “Última Hora”, as reformas de base significavam a execução de mudanças imprescindíveis para a superação dos problemas que afligiam a sociedade brasileira, e a efetivação da reforma agrária, seria ponto imperativo nesse processo. Do contrário, Adalgisa parece acreditar na possibilidade de que tais mudanças pudessem ser efetivadas mais radicalmente.

As vozes contrárias à reforma agrária foram pronunciadas também nas igrejas, vinculando-a com o comunismo. Adalgisa testemunha tal situação e utiliza-se de sua coluna para criticar o comportamento de um padre, que, numa missa de domingo em Copacabana, “marcou seu sermão com as palavras mais agressivas ao presidente da República, qualificando-o de comunista.” Adalgisa, mulher católica, incomodou-se com o “exaltado padre Walter” que disse, a “suas ingênuas ovelhas, que reforma agrária é ato fundamentalmente comunista, pois nunca deve ser retirada alguma coisa de quem tem muito para dividir com quem nada possui.” Adalgisa estranhou essa pregação católica que “doutrina a fúria, a intransigência e o ódio.” Ela relatou que o tal padre, “não contente com seu condenável comportamento para um sacerdote” pediu que “suas ovelhinhas” distribuíssem panfletos condenando o comício do dia 13. Então, Adalgisa concluiu:

Reação dirigida pelo dinheiro sórdido do IBAD, está de tal maneira enfurecida que até ministros de Deus pregam em meio ao santo sacrificio da missa a guerra fratricida. Sabemos que também várias igrejas de vários bairros aos domingos, não raro, há sacerdote que abandona o divino cálice no altar para fazer suas pregações subversivas. Melancólico para os que têm

³⁰⁹ Jornal Última Hora de 18/01/1964.

³¹⁰ Jornal Última Hora de 22/05/1963.

sua fé testada com pranto e sofrimento.³¹¹

Entretanto, desde meados de 1962, Adalgisa Nery ocupava com regularidade o seu espaço na “Última Hora” para denunciar as articulações do chamado “complexo Ipês/IBAD.” Vejamos.

4.3.2 Uma delatora do *complexo Ipês -IBAD*

Ao mesmo tempo em que as forças golpistas acirravam suas formas de atuação, Adalgisa se posicionava contrariamente, denunciando, de modo bastante lúcido, os organismos e personalidades que efetivariam o golpe em 1964. Em “Receita para rir muito”, artigo de abril de 1962, o IBAD, “que mantém publicações, programas de rádio e televisão, com dinheiro sabe-se vindo de onde, mas cuja origem é fácil de ser imaginada”, havia avaliado as “classes produtoras no Brasil” e Adalgisa cita trechos da publicação pontuando com ironia as categorias criadas, tais como, comunistas, criminosos, inocentes úteis, reacionários, inconscientes e conscientes.³¹² Um ano depois seria instalada uma CPI para investigar as atividades do IBAD e suas subsidiárias.

Como uma voz de acusação às atividades do IBAD, Adalgisa Nery escreveu em “Aulas de domesticação” sobre as artimanhas do órgão, suspeitíssimo, segundo a colunista. Os “depenados papagaios reacionários” falam em “infiltração comunista em todos os setores da vida brasileira”. Especificamente na Guanabara, “os papagaios alimentados com dólares falam até formarem calos nas cordas vocais”. Assim, com “ousadia descomunal” a reação processa, “nos cinemas, nos colégios particulares, nas igrejas, nas enfermarias e nos cursos oficializados do governo” intensa movimentação de propaganda anticomunista:

Nos cinemas manufaturaram filmes documentários com verdadeira arte de foto-montagem. Cortaram cenas de vários e num só resumiram sua intenção. A propaganda fascista anda solta, fantasiada de democracia cristã. E como esta qualidade de democracia cristã exige enormes quantias, o poder econômico espalha dinheiro às cascatas (...) O que assistimos é uma terrível e melancólica propaganda norte americana invadindo todos os setores da vida nacional. E tal coisa, evidentemente, não trás nenhum benefício ao nosso país, uma vez que brasileiros não podem ser absolvidos nem domesticados pelo comunismo ou capitalismo ianque, e sim, pelos

³¹¹ Jornal Última Hora de 12/03/1964, “Dois atos de sabotagem”.

³¹² Jornal Última Hora de 11/04/1962.

sentimentos autenticamente nacionais. A invasão do IBAD na vida dos brasileiros torna-se no momento tão dramática e fatal para o Brasil como se estivéssemos dominados pelo ‘colera morbus’.³¹³

Adalgisa afirma ter recebido denúncias de que, num curso técnico de administração, as provas foram interrompidas para a exibição de um filme produzido pelo IBAD.

Em “Propaganda e Cinema a serviço do golpe – 1962/1964”, a jornalista Denise Assis, incentivada por René Dreifuss, mergulhou numa vasta documentação do Ipês doada ao “Arquivo Nacional” em 1972 pelo general João José Tubino.³¹⁴ Além de atas e relatórios, ela debruçou-se sobre os filmes – com qualidade técnica similar às produções estrangeiras do período – produzidos pelo órgão: arma fundamental de propaganda ideológica anticomunista acionada pelo Ipês e exibida em salas de cinema de todo o país:

Mensagens que pregavam o anticomunismo escancarado, a modernização das empresas e o engajamento do empresariado nessa luta constituíam a tônica dos roteiros. O autor se esmerava no esforço de comover a burguesia e a classe média, sem as quais não haveria apoio ao golpe.³¹⁵

Da mesma forma os filmes eram exibidos em ‘cinemas ambulantes’: caminhões com projetores que percorriam favelas e a periferia das cidades; clubes, associações, sindicatos, igrejas, praças públicas e até num programa de televisão: a propaganda doutrinária não media esforços para atingir o maior público possível.

Denise Assis refere-se também aos convênios estabelecidos entre o Ipês e instituições de ensino, sindicatos, gráficas e editoras, mostrando a larga abrangência de ações do órgão. Numa outra fase, foram 10 anos de atuação (1962-1972), o instituto voltou-se para a formação de “executivos de excelência” que seriam absorvidos por instituições públicas, como Petrobrás, BNDE e Banco do Brasil. Os cursos tinham o modelo e a orientação em voga nos EUA.³¹⁶ A autora ainda defende a idéia de que o Ipês tinha por objetivo a preparação da sociedade brasileira para não reagir ao golpe, empenhando-se na produção de um consenso sobre o golpe. Para tanto, comprava espaço na mídia escrita, falada e televisiva, inclusive com programa de TV que veiculava, claramente, a ideologia golpista.

³¹³ Jornal Última Hora de 05/10/1962.

³¹⁴ ASSIS, Op. Cit., p.19. O roteirista José Louzeiro participa da publicação fazendo a análise filmica dos curtas-metragens.

³¹⁵ Idem, p. 42. A autora traça a trajetória biográfica dos principais envolvidos na produção dos filmes: o fotografo francês Jean Manzon, o locutor Luiz Jatobá e, apontado por um contemporâneo como um dos chefes de redatores e possível autor dos roteiros, José Rubem Fonseca.

³¹⁶ Idem, p.51-52.

Apesar do tom irônico e acusador ter sido a marca de Adalgisa Nery desde as primeiras publicações do “Retrato sem Retoque”, seus ataques radicalizam-se no decorrer da década de 1960. A “Ação Democrática Parlamentar, bloco interpartidário surgido no primeiro semestre de 1961, com o objetivo de combater a infiltração comunista na sociedade brasileira”,³¹⁷ foi assunto do artigo “Articulação reacionária.” Segundo Adalgisa, o livreto lançado pelo grupo liderado pelo deputado udenista João Mendes, “não é, nada mais nada menos, do que a miniatura daquela revista do Pena Boto feita com dinheiro da embaixada norte-americana.”

Pena Boto era militar da Marinha e fundara, em 1952, a “Cruzada Brasileira Anticomunista” ligada a organizações similares na Europa e América Latina; teve destacado envolvimento nos acontecimentos de 1955 ao lado dos golpistas; líder máximo da CBA, adquiriu certa notoriedade junto à opinião pública e sua biografia mostra que foi um golpista dedicado, valendo-se sempre do discurso anticomunista.³¹⁸

Assim, no artigo de 13 de abril de 1962, Adalgisa fala em “doutrina penabotista” identificando-a como “puro macarthismo.” Da mesma forma, cita os “entreguistas, negociistas, trapaceiros e politiqueiros provincianos” como Gama Filho e Raul Brunini, seus colegas de legislatura, e Adolpho Gentil e José Pedroso, deputados federais pelo PSD.

Entendido como principal elemento unificador da oposição ao governo João Goulart, o temor anticomunista e suas organizações são analisados por Rodrigo Patto Sá Motta no capítulo “João Goulart e a mobilização anticomunista de 1961-64”. A renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, é episódio importante, já que o vice-presidente João Goulart, “era um político conhecido por cultivar ligações com a esquerda.”³¹⁹ Da mesma forma que, mesmo não pontuado pelo autor, Jango encontrava-se em visita oficial à China comunista na ocasião da renúncia. A crise foi apaziguada com a solução parlamentarista.

Sá Motta refere-se às organizações anticomunistas de experiências mais efêmeras: as vinculadas aos valores cristãos, as que eram claramente terroristas, como o Movimento Anticomunista (MAC), as inseridas nos meios parlamentares, como a já referenciada “Ação Democrática Parlamentar”, além de diversas entidades femininas que “conferiam um apelo

³¹⁷ Verbete: *Ação Democrática Parlamentar*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

³¹⁸ Verbete: *Pena Boto*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

³¹⁹ SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. “João Goulart e a mobilização anticomunista de 1961-64.” In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *João Goulart: entre a memória e a História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.129.

especial à mobilização das direitas, devido à força simbólica de sua presença no cenário político, representando a figura materna, o lar e a dona-de-casa, em resumo, a família.”³²⁰

Entretanto, o chamado “complexo Ipês/IBAD” teve atuação mais efetiva e influente no período em questão. Tais entidades “desempenharam o papel de induzir a estruturação de novos grupos anticomunistas.”³²¹ Até a realização do plebiscito, Jango sustentou algum equilíbrio no que diz respeito às forças que o apoiavam. Conservadores e moderados esperavam uma saída para as crises política e econômica. “A trégua começou a ser rompida e os moderados passaram a engrossar o coro dos direitistas radicais, que não haviam reduzido o tom da campanha anticomunista.”³²²

No decorrer de 1963, as dificuldades de governabilidade agravaram-se. No quesito economia, o avanço excessivo dos índices de inflação provocava o aumento do custo de vida e a carestia. Na área política, o agravamento se deu pela radicalização das posições de figuras que tinham vínculos com o governo, como Leonel Brizola, que, exigindo posições mais claras do presidente, ao mesmo tempo agia em prol das reformas como governador do Rio Grande do Sul e em seguida como deputado federal. Uma onda grevista no país sugeria a infiltração dos vermelhos entre os trabalhadores, acirrando as insatisfações sociais. Enfim, a complexidade da situação foi ardilosamente utilizada pela reação conservadora que vinculou a crise geral do país com o perigo comunista.

Como observa Sá Motta: “Os líderes do golpe tinham uma avaliação imprecisa da extensão da ameaça comunista, apesar de acreditarem nela. Ainda assim, se esforçaram para convencer o público de que os bárbaros estavam à porta.”³²³

A idéia do perigo comunista, ameaçando a democracia e colocando em risco a família e a moral cristã, teve como importante meio de divulgação entre as mulheres da elite, a “Campanha da mulher pela democracia - CAMDE”. O órgão criado em 1962, cuja sede era uma igreja católica carioca, teve vínculos com o complexo Ipês/IBAD.

Muito provavelmente, “as senhoras inteiramente ignorantes das questões econômicas e sociais, e até mesmo desconhecendo a composição do sistema democrático”, de que trata Adalgisa Nery em “Política em sacristias”, sejam as representantes da CAMDE. As tais, “amontoam-se nas sacristias e saem como guerrilheiras combatentes do comunismo”. Tal artigo é mais um exemplo da clareza com que Adalgisa Nery percebia aquela conjuntura:

³²⁰ Idem, p. 133.

³²¹ Idem, Ibdem.

³²² Idem, p. 136.

³²³ Idem, p.146.

Suas culturas cingem-se à leitura de certos órgãos da imprensa ‘sadia’ sustentada pelo poder econômico estrangeiro com a finalidade exclusiva de domesticar a mentalidade da classe média, uma vez que a dita classe alta, a privilegiada, funciona de pleno acordo com os interesses anti-nacionais, pois que sua sobrevivência depende das migalhas a ela distribuídas pelos grupos econômicos internacionais.³²⁴

A CAMDE possuía um caráter também assistencialista atuando em favelas e desenvolvendo um trabalho social ao mesmo tempo em que procurava reproduzir seus conceitos. “Mensagens políticas e orientações desse tipo vinham em impressos de fácil leitura, alguns até mesmo em quadrinhos, sempre atraentes e direcionados às mulheres carentes e seus maridos, em geral operários.”³²⁵

De forma cada vez mais efetiva, na visão dos conservadores, os que eram favoráveis ao governo (nacionalistas, socialistas e trabalhistas), ou seja, os que defendiam mudanças na estrutura social vigente eram acusados de comunistas.

Sob suspeita de exercer atividade política eleitoral com o financiamento de empresas estrangeiras, o IBAD (através de sua subsidiária a Ação democrática popular – Adep) foi alvo de uma CPI. Sugerida pelo deputado Elói Dutra em fins de 1962, período de campanha eleitoral, a comissão só foi instalada em maio de 1963. Há cerca de um ano delatando as atividades do instituto, Adalgisa incentiva a abertura da CPI em “Investigue-se o IBAD”, organização “incumbida de corromper políticos, imprensa e o Congresso em seu todo. Evidente que o PSD e a UDN farão tudo para obstruir o trabalho dessa comissão, o que já está acontecendo. São partidos infestados de políticos a serviço dessas organizações.”³²⁶ Comentando o relato do deputado João Mendes da UDN baiana, que afirmara que o dinheiro do IBAD era brasileiro, Adalgisa conclui:

É brasileiro porque saiu do Brasil em forma de royalties, de lucros espantosos sobre empréstimos humilhantes. Foi daqui tirado a custa da miséria e fome do povo brasileiro e levado para o estrangeiro, que através do IBAD volta, não para ser aplicado em benefício do Brasil, mas novamente para amesquinhá-lo na compra de deputados a preço vil para que dêem seus votos aos projetos que combinem com a espoliativa política econômica internacional.³²⁷

³²⁴ Jornal Última Hora de 11/09/1962.

³²⁵ Assis, Op. Cit, p.55.

³²⁶ Jornal Última Hora de 27/05/1963.

³²⁷ Jornal Última Hora de 27/06/1963, “De onde vem o dinheiro”.

De fato, os deputados envolvidos criaram estratégias para evitar o andamento das investigações. Goulart havia decretado o fechamento do IBAD por 3 meses e a comissão, argumentando o desprestígio do Congresso, suspendeu seus trabalhos um dia antes em que Ivan Hasslocher, fundador da entidade, havia sido convocado para depor, fortalecendo as suspeitas de que alguns integrantes da comissão tivessem sido beneficiados com verbas do IBAD.³²⁸ Adalgisa vincula o IBAD aos militares golpistas:

Já imaginaram os leitores na hipótese da extrema-direita ibadiana, e, portanto reacionária e entreguista, sair vitoriosa num golpe às instituições, o que faria e o que seria o Murici como componente da junta militar vitoriosa? Sairia de trabuco em punho em vez de caçar traidores da pátria. Mataria aqueles que dizem que ele é feio, covarde e medíocre. Fosse um humilde sargento ou um pobre operário dizer e fazer o mesmo que ele fez e disse, e já estariam enquadrados em todos os artigos e parágrafos que ferem a disciplina militar, assim como o operário estaria sendo esquartejado pela polícia política em nome da preservação da ordem legal.³²⁹

O general Antônio Carlos Murici foi personagem de um incidente ocorrido no Rio Grande do Norte, envolvendo o deputado federal Leonel Brizola, que o acusou de golpista e gorila num discurso em maio de 1963. Sem nos atermos aos detalhes, esse acontecimento contribuiu para o acirramento das posições, principalmente entre os membros das Forças Armadas. Murici tinha vínculos com a ESG, e ao retornar ao Rio de Janeiro em setembro daquele ano, empenhou-se como valoroso articulador do movimento que depôs Goulart.³³⁰

Aliás, o embaixador dos EUA havia proferido uma palestra na ESG no início de agosto de 1963. Adalgisa chamou-a de “Uma pregação ousada” que, segundo a colunista, tratou, dentre outros assuntos, do “incentivo americano a nossa industrialização” e das nossas dificuldades de implantar indústrias de base valendo-se de números.

Por acaso a culta e patriótica platéia da Escola Superior de Guerra desconhece esses dados elementares? O que estudam nessa Sorbonne brasileira? Os interesses estrangeiros ou nacionais? Ou o embaixador norte-americano anda no mundo da lua e imaginou falar para sapos e lagartixas, ou os alunos da ESG são realmente os primários que Washington deseja que

³²⁸ A comissão foi recomposta e coletou documentos e depoimentos que denunciavam o efetivo financiamento de campanhas eleitorais por firmas estrangeiras. Em novembro de 1963, outro decreto prorrogou por mais três meses o fechamento do instituto. Entretanto, por determinação do poder Judiciário, o IBAD e a Adep, foram dissolvidos em 20 de dezembro de 1963. Verbete: *IBAD*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

³²⁹ Jornal Última Hora de 04/06/1963, “Disciplina e hierarquia”.

³³⁰ Verbete: *Antônio Carlos Murici*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

sejam. E o pior é que dizem que o representante dos EUA no Brasil foi muito aplaudido pela platéia brasileira.³³¹

Por esses dias, seus artigos foram carregados de críticas à influência norte-americana, e em tom de acusação, refere-se à “interferência absurda de embaixadores norte-americanos na vida brasileira”, há muito denunciada no “Retrato sem Retoque.” Entretanto, “a única diferença é que antes as ordens ao Brasil eram dadas pelo telefone. Agora, o embaixador tem que sair da sua luxuosa embaixada e dar as suas ordens pessoalmente.”

Adalgisa pontuou a política do “big business” estadunidense em diversas esferas, seja influenciando “ministros, diretores do banco do Brasil, conselheiros políticos e econômicos do nosso governo”, seja quando “contribuem para a eleição de governadores estaduais, deputados e senadores (...) Nossa independência política fica reduzida a uma farsa.” Segundo ela:

Foi o embaixador ianque o eleitor decisivo de uma brasileira ao título de Miss Universo. A Aliança para o Progresso foi instituída para a compra do Brasil, via caminhos oficiais, reconhecida em convênios, tratados etc. O IBAD, fortalecido e economicamente reestruturado, aí está para compras a varejo, de deputados e senadores do Congresso Nacional.³³²

Adalgisa argumenta que essa política tem sido aplicada não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina. Os monopólios necessitam, “à custa da fome, da miséria e da exploração dos povos a eles economicamente submetidos, fazer dinheiro para a sustentação da Guerra Fria e da manutenção do povo norte-americano num nível de vida elevada.”

Num outro artigo, “o entreguista notório Adolfo Gentil e o invertebrado Paulo Barbosa”, foram acusados de participarem de uma reunião com Lincon Gordon e mais “17 firmas ianques”, que, segundo ela, trataram “da nossa sucessão presidencial em 1965.” Afinal, “os embaixadores ianques saem dos EUA para tratar dos interesses norte americanos e não para fazer amigos, como declarou o falecido Foster Dulles.”³³³

Entretanto, o interesse dos EUA pelo processo eleitoral brasileiro, efetivou-se anteriormente.

³³¹ Jornal Última Hora de 07/08/1963 e sobre o mesmo episódio, em 08/08/1963, “A fala do embaixador” e em 09/08/1963, “EUA e América Latina”.

³³² Jornal Última Hora de 16/08/1963, “Interferência absurda”.

³³³ Jornal Última Hora de 10/08/1963, “Um desmentido inócuo”.

4.3.3 O pleito eleitoral de 1962 e a polarização de forças

O ano de 1962 é bastante emblemático no que diz respeito aos entraves à governabilidade e às marcações de posições político-partidárias. Em abril, Jango esteve com Kennedy em visita aos Estados Unidos. O intuito era arrecadar recursos pra sanar a grave crise financeira, além de contornar os atritos causados pela nacionalização de algumas firmas americanas. Concretamente, os resultados foram poucos satisfatórios. Em outubro, no contexto marcado pela Guerra Fria, a crise dos mísseis em Cuba pôs o mundo em alerta e á beira de uma guerra sem dimensões. No Brasil, manifestantes pró-Cuba entraram em choque com a polícia nas ruas do Rio de Janeiro.

A Guanabara viveu um clima de terrorismo com a atuação do MAC, grupo de extrema direita criado em 1961 com o intuito de combater o “perigo vermelho.” A sede da União Nacional dos Estudantes – UNE, havia sido atacada e Adalgisa saiu em solidariedade aos estudantes em “Macartismo e cafagestada”. Da mesma forma em meados de maio, realizou-se no Rio de Janeiro a Exposição Soviética de Indústria e Comércio, que foi alvo da “reação capitalista-colonialista com sede em Washington”. No artigo “O comandante do MAC” Adalgisa denunciou que o atentado à bomba na feira soviética teve como mentor o governador da Guanabara, Carlos Lacerda.³³⁴

Entretanto, o Brasil se destacava nas artes. Em maio, a “Última Hora” noticiou a conquista brasileira da palma de ouro no festival de cinema de Cannes: o filme “O pagador de promessas”, dirigido por Anselmo Duarte, foi vitorioso na França.

O livro “A guerra de guerrilhas” de Che Guevara havia sido publicado no país, mas correu o risco de ser proibido. O ministro da Justiça Alfredo Nasser efetuou uma articulação com o objetivo de impedir a circulação do livro. Adalgisa citou o ato dos advogados Augusto Belém e Moniz Bandeira, que, através de um mandato de segurança, procuraram evitar a ação ministerial. Em artigo de abril de 1962, a colunista procura mostrar, resumidamente, o conteúdo do livro, referendando tal arbitrariedade, justifica:

Não se iludam os que sonham com a ditadura de direita em nossa terra. Mais importante isso sim, é travar a luta sem quartel contra o subdesenvolvimento e a injustiça social (...) Porque não proibir, então, a leitura da ‘Revolução Francesa’ e até mesmo o das ‘Escrituras Sagradas’ que anunciam a verdade

³³⁴ Jornal Última Hora de 09/01/1962 e 22/05/1963.

na fala dos profetas?³³⁵

Alguns acontecimentos contribuíram para o acirramento da crise institucional no governo Goulart: numa atitude conjunta, o gabinete ministerial de Tancredo Neves demitiu-se em bloco (06/06/62), quando o Brasil estreava na copa do mundo de futebol que ocorria no Chile. O nome de Santiago Dantas, sugerido por Jango foi recusado pelo Congresso. Como constatou Denise Assis a respeito de Dona Amélia Molina Bastos, fundadora da CAMDE:

No dia seguinte a incumbência de fundar a CAMDE ela já arrebanhava vizinhas e partia para visitas aos jornais protestando contra a escolha de San Thiago Dantas como provável Primeiro-ministro.³³⁶

Para Adalgisa, os “inventores do parlamentarismo no Brasil”, ou seja, os políticos da UDN e do PSD, tiveram “Uma posição melancólica” ao recusarem o nome de Santiago Dantas.³³⁷ Nessa conjuntura, Goulart articulava a antecipação do plebiscito previsto para o início de 1965. As eleições de outubro poderiam mudar o quadro político brasileiro, já que seriam eleitos deputados estaduais e federais, além de senadores e governadores.

Os índices inflacionários estavam elevados. Havia racionamento de luz e crise no abastecimento de alimentos na Guanabara. Indignada, Adalgisa Nery referia-se “à idéia absurda dos reacionários” de que uma minoria comunista incentivava confusões nas filas para a compra de alimentos e argumenta: “estômago vazio não tem ideologia.”³³⁸ Mas fomos campeões do mundo em 1962. O Brasil conquistou o bicampeonato mundial de futebol ao vencer a Tchecoslováquia por 3x1 na disputa final.

Em agosto, a morte de Marilyn Monroe, símbolo sexual do mundo ocidental, foi tratada com ares de mistério pelas páginas de “Última Hora”. Do mesmo modo, o clima político esquentava com a proximidade das eleições.

Adalgisa procurava denunciar as campanhas políticas de seus adversários e sugerir nomes, como a já referenciada candidatura de Miguel Arrais em Pernambuco. Também no Ceará a candidatura do ex-ministro da Viação, o udenista Virgílio Távora sofreu sérias acusações: “Lastreada sua campanha em dinheiro estrangeiro que anda no Brasil como enchente, Virgílio presta-se a todas as maquinações da reação contanto que com esse lastro

³³⁵ Jornal Última Hora de 10/04/1962, “O verdadeiro fator da subversão”.

³³⁶ Assis, Op. Cit, p. 54.

³³⁷ Jornal Última Hora de 28/06/1962.

³³⁸ Jornal Última Hora de 11/07/1962.

infecto seja eleito governador do Ceará.”³³⁹ Assim, Adalgisa apoiou o nacionalista Adahil Barreto ao lançar-lhe elogios.

Muitos políticos eleitos em outubro de 1962 tiveram suas campanhas financiadas pelo IBAD. Outro fator de divisão de opiniões foi a elegibilidade dos cabos e soldados. Muitos haviam sido eleitos, alguns chegaram a tomar posse e o movimento, de um modo geral, aliou-se à Frente Parlamentar Nacionalista e apoiou as reformas de base. O ápice dos acontecimentos foi a chamada “Revolta dos sargentos” (12/09/1963).

Após a divulgação dos resultados eleitorais, alguns deputados, acusados de comunistas, foram colocados sob suspeita e até afastados. Ela denunciou tal arbitrariedade perguntando: “Afinal, quem elege um candidato, é o povo ou são alguns *alefianos* alimentados pelo IBAD?” Segundo Adalgisa, a “Aliança Eleitoral pela Família - Alef”, entidade que congregava políticos católicos candidatos às eleições de 1962, encabeçou tal procedimento. Ela citou o caso de São Paulo e também de seu colega da Guanabara:

O caso do deputado Hércules Correia está no TSE em Brasília. Queremos ver se a Justiça acompanha o espírito democrático do eleitor, ou se vai pautar-se na mentalidade prepotente e fascistóide de alguns sapos de nossa elite de charco. Precisamos acabar com urgência-urgentíssima com esses penabotistas que em nome da liberdade e da democracia não admitem que liberdade e democracia sejam de uso a todos os cidadãos brasileiros.³⁴⁰

A trajetória biográfica de Hércules Correia mostra seu forte vínculo com o partido comunista. Entretanto, por conta da ilegalidade partidária, o deputado comunista havia sido eleito pela legenda do PTB. Sobre esse aspecto, desde o final da década de 1950 esboçava-se no PTB certa mudança de trajetória na medida em que:

Afastava-se gradativamente da política mais conciliatória que o caracterizou em seus primeiros anos de existência, sob a égide do getulismo, e se aproximava de uma postura mais reformista, o que explica, inclusive, a intensificação de suas relações com o proscrito Partido Comunista Brasileiro – PCB, em especial no movimento sindical. Amplos setores da população – principalmente os setores organizados – passaram a ver no PTB e no governo João Goulart os canais através dos quais poderiam ser realizadas algumas alterações profundas na sociedade brasileira.³⁴¹

³³⁹ Jornal Última Hora de 23/08/1962, “A ambição mata o homem”.

³⁴⁰ Jornal Última Hora de 28/11/1962, “Penabotismo e mandatos”.

³⁴¹ MUNTEAL, Oswaldo. VETAPANE, Jaqueline, FREIXO, Adriano de. *O Brasil de João Goulart: um projeto de nação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Contraponto, 2006,p.08.

Um aspecto ilustrativo da fragilidade partidária do período pode ser encontrado na diversidade de coligações partidárias estabelecidas nas eleições de 1962. O PSB, por exemplo, coligou-se com o PTB no nível federal, mas não no caso da Guanabara. Adalgisa chega a escrever que será candidata pelo PTB. Em “Aos meus eleitores”, ela respondeu aos que a indagavam diariamente sobre sua candidatura e afirmou que seria candidata pelo PTB.³⁴² Mas, de fato, Adalgisa saiu pela legenda do PSB, ingressando no PTB no ano seguinte.

Assim, entre os três candidatos do PSB para a legislatura estadual da Guanabara, Adalgisa Nery foi a mais votada: elegeu-se com 7.813 votos, enquanto Jamil Haddad recebeu 4.750 votos e Pedro Fernandes Filho, 3.579.³⁴³ Entretanto, poucos meses depois, em 12 de fevereiro de 1963, ela esclareceu aos seus leitores os motivos que a fizeram mudar de partido. Em “Partido e mandato” Adalgisa elogia João Mangabeira designando-o como um “Churchill para os brasileiros.” Ela diz que já havia sido consultada pelo PTB em 1960, mas na ocasião preferiu filiar-se a um partido menor. Preocupada com a politicagem pessoal disseminada no PSB, afirma, “Não me filiei à direção de elementos comunistóides, a grupinhos que não chegam a ter limpas convicções comunistas.” Lança elogios a Aurélio Viana e Breno da Silveira que “sofrem as conseqüências das suas atitudes de correção e honestidade na penosa desagregação do PSB da Guanabara”.

Aurélio Viana e Breno da Silveira faziam parte da Frente Parlamentar Nacionalista e haviam sido reeleitos pela coligação PTB-PSB em 1962, o primeiro no Senado e o segundo como deputado federal. Em Pernambuco, uma outra coligação do PSB (com o Partido Social Trabalhista – PST) elegeu Francisco Julião, que durante a campanha, teve seu nome “duramente combatido pelo presidente Goulart, o PTB e a Igreja, que chegou a ameaçar seus eleitores de excomunhão.”³⁴⁴

O líder das causas camponesas em Pernambuco ensaiou na literatura: publicara “Cachaça” com prefácio elogioso de Gilberto Freyre (1951). Nos anos que se seguiram Julião despontava como principal liderança das ligas camponesas, adquiria repercussão nacional e certa projeção na imprensa; Julião apoiou a candidatura Lott em 1960; aproximou-se de Prestes tentando unir forças com o PCB num movimento unificado no meio rural (1961). Desde o início de 1962 seus filhos viviam em Cuba, já que Julião “aceitou uma oferta de Fidel

³⁴² Jornal Última Hora de 08/08/1962.

³⁴³ TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Dados estatísticos, v.6, 1964, p. 176.

³⁴⁴ Verbetes: *Francisco Julião*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

Castro e enviou seus quatro filhos para estudarem em Cuba, livrando-os assim das ameaças de seqüestro que haviam recebido em Pernambuco.”³⁴⁵ O regime cubano havia se aliado à URSS.

O PTB de João Goulart adquirira novo fôlego político com a retomada do regime presidencialista após o plebiscito de janeiro de 1963 e Adalgisa Nery defendeu o presidencialismo. Entretanto, nesse quesito, um traço da posição radicalizada de Julião, companheiro de partido de Adalgisa, merece ser observada:

Julião recomendou a seus seguidores que se abstivessem de votar no plebiscito convocado por João Goulart para definir a permanência do regime parlamentarista ou a volta ao presidencialismo. Justificou sua posição alegando que o resultado da consulta não teria nenhum efeito sobre a situação do campesinato. Essa atitude contribuiu para seu isolamento dentro da esquerda, que apoiou em bloco o retorno ao presidencialismo, vitorioso por larga margem.³⁴⁶

O líder dos camponeses, e então recentemente eleito deputado federal pelo PSB, talvez seja um dos “elementos comunistóides” de que se refere Adalgisa Nery em sua coluna.

Pouco antes do restabelecimento do presidencialismo, o governo Goulart apresentou o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social. Liderado pelo economista Celso Furtado, o “estudo rigoroso” merecia ser mais divulgado na íntegra, conforme entendeu Adalgisa Nery. “Consideramos Celso Furtado um dos mais íntegros brasileiros interessados em desatar o Brasil das amarras do subdesenvolvimento.” No entanto, “não vamos levar o Plano Trienal no mesmo clima sigiloso em que está sendo levada a Aliança para o Progresso.”³⁴⁷

A crise econômica se agravava. Uma das medidas iniciais executadas pelo plano governamental, provocou o aumento dos combustíveis, já que o governo deixou de subsidiar as importações de petróleo (e também de trigo). Adalgisa apoiou as medidas, mas denunciou a ganância de alguns que aumentaram os preços de imediato, além disso, sugeriu que o governo se empenhasse em esclarecer melhor a opinião pública antes da adoção de atitudes que afetassem diretamente o cotidiano dos cidadãos.³⁴⁸

Naquela conjuntura, foi instalada na Assembléia Legislativa da Guanabara uma CPI para investigar a chamada operação mata-mendigos. Desde agosto de 1962, a “Última Hora”

³⁴⁵ Idem.

³⁴⁶ Idem.

³⁴⁷ Jornal Última Hora de 25/01/1963, em “Plano Trienal e Aliança.”

³⁴⁸ Jornal Última Hora de 18/01/1963, em “Confusão à explicar.” Também no dia 23 em “Gasolina: quem paga” e em 03/02/1963, em “Querose e verdade.”

divulgava a transferência forçada de moradores de rua da Guanabara para o estado do Rio de Janeiro e, no início de 1963, noticiou uma série de mortes de mendigos afogados em rios fluminenses, chegando até a entrevistar pessoas que haviam escapado da morte. As constantes denúncias de que a polícia lacerdista agia de modo arbitrário através do Serviço de Recuperação de Mendigos, órgão governamental responsável pelos assassinatos, levaram às investigações. Desta feita, Carlos Lacerda levaria a alcunha de governador mata-mendigos.³⁴⁹

Aliás, antes de ser governador, Lacerda era jornalista e dono de jornal. E essa categoria profissional tinha uma série de privilégios no Brasil dos anos 1960. Segundo Adalgisa, uma longa lista de falsos jornalistas foi lida num programa de televisão, e ela fez questão de reproduzi-la em “Retrato sem Retoque”, mostrando que “a coisa virou orgia, foi desmoralizada com uma espantosa diversidade de malandros, chantagistas, negociastas e, inclusive, alguns com várias passagens pela polícia e pela Justiça.” Eram oito isenções, conforme determinava a lei, tais como, o não pagamento de impostos predial, de renda e de transmissão, cinquenta por cento no abatimento de passagens, cem por cento no financiamento de casa própria via Caixa Econômica Federal, assim como para a aquisição de automóvel, além de prisão especial.

Adalgisa Nery afirmou não valer-se de tais benefícios, e, certa do oportunismo de alguns incluídos na lista junto ao Ministério do Trabalho, cita-os. Entre eles, encontravam-se empresários, como H. Stern (joalheiro), Venâncio Veloso e Climério Veloso (da Casas da Banha), Jorge Abdala Chama (participante de uma rede de moinhos) e Domenico da Costa (Empresa Santa Maria de Salete). Entre as figuras públicas, o então governador do Ceará, Virgílio Távora, o desembargador Homero Brasiliense Pinho, o diplomata Hélio Scarabolo, e até um regente de orquestra, Eleazar de Carvalho e a dançarina Eros Volusia. “Mas o escândalo, com todas as marcas de cinismo, está no Lucas Lopes, registrado por ele mesmo na Consultec, órgão das classes produtoras, como redator.” Ela faz referência ao salário registrado por ele, satirizando-o: “Que vida miserável deve passar o Luquinhas com esse ordenado, quando o custo de vida sobe a mais de noventa por cento!” Por conta das vantagens dedicadas aos ditos jornalistas, seu número na Guanabara passava dos 11 mil, e conclama: “Vamos reagir caros irmãos, jornalistas de fato!”³⁵⁰

³⁴⁹ Adalgisa Nery tratou dessa pauta em diversos artigos: 29/01/1963, em “Crueldade total”; 01/02/1963, em “Legistas em pânico”; 02/02/1963, em “Um pronunciamento melancólico” e 15/02/1963 em “O silêncio de D. Jayme”.

³⁵⁰ Jornal Última Hora de 25/04/1963, em “Falsos jornalistas”.

Adalgisa autentica-se e indigna-se como jornalista. De fato, as regalias oferecidas legalmente aos jornalistas, revelam os privilégios da categoria, prerrogativas entendidas como inconvenientes e incabíveis.

No início de 1964, sua aproximação com o PTB e com João Goulart era evidente. Em março, a “Última Hora” noticiou a visita de Jango ao pintor Di Cavalcanti. O evento reuniu diversas personalidades do mundo artístico e intelectual, como o casal Jorge e Zélia Amado, Antonio Callado, Mário Pedrosa, Moacir Werneck de Castro, Paulo Francis entre outros. Adalgisa Nery aparece na foto sentada num sofá ao lado de Jango; com feições sérias e elegantemente vestida, tem atenção voltada para Jorge Amado, que fala empolgadamente.

A mudança de partido significou, além da aproximação, também a possibilidade da deputada contribuir com o governo Goulart, afinal, seu nome estava sendo cotado para assumir a pasta do Ministério da Educação e Cultura. Na nota política publicada em “Última Hora” em 24 de março de 1964, o deputado estadual e líder do PTB na Câmara da Guanabara, José Talarico:

(...) confirmou ontem que a reivindicação do PTB-GB em torno da modificação ministerial foi levada ao presidente da República, destacando-se entre elas a indicação da Sra. Adalgisa Nery para o ministério da Educação. Esclareceu o líder trabalhista que o Sr. João Goulart não cogita senão a alteração de 3 ou 4 ministérios, e que, de fato, a tese dos petebistas cariocas foi reconhecida justa, em princípio. O PTB-GB é atualmente uma das fortes seções do partido (...)

As evidências do envolvimento de Adalgisa Nery com os assuntos educacionais, podem ser encontradas numa série de artigos datados de janeiro de 1964, intitulados “Televisão e educação” os textos foram numerados (I, II, III e IV) e publicados por quatro dias consecutivos. Valendo-se de dados europeus e norte-americanos sobre os canais de TV, ela defendia a necessidade de um projeto educacional pela televisão, posição já adquirida pelos norte-americanos, segundo ela. Seus argumentos eram também a respeito da diminuição dos custos e lastima o desinteresse dos governantes com a educação. O catolicismo de Adalgisa Nery apareceu no trecho sobre a Igreja, que “parece preferir a pureza dos ignorantes e a crença das populações vegetativas, à fé e à crença das consciências esclarecidas. Assim não fosse, ao lado de cada igreja uma escola estaria irmanada no símbolo da cruz das torres.” E

finalizou: “Os EUA são potência porque paralelamente ao poderio militar e econômico, dão ao seu povo educação para que ele defenda sua pátria.”³⁵¹

Logo na primeira semana do ano, num relato decepcionado, ela escreveu em “Uma falta imperdoável” sobre o pedido que fez ao seu assessor sobre o Ministério da Educação. E constatou:

Nada de nada sobre o que pedimos, como dados sobre o ensino no âmbito nacional, o ministro da Educação possui para atendermos. Como pode um ministro funcionar administrativamente sem saber o que há de positivo quanto aos problemas específicos da sua pasta? Não existe um boletim, nenhuma informação oficial, uma publicação mensal, semestral ou mesmo anual que possa servir de base para os que desejam abordar o assunto.³⁵²

Com tal constatação, Adalgisa concordava que eram os ministérios militares os mais organizados e que ela não tinha dificuldades em conseguir informações sobre “questões não-reservadas”, principalmente do Ministério da Guerra. Para Adalgisa, “o ministro ao tomar posse tem o dever de chamar todos os chefes de departamento para saber como vão os problemas do ministério que vai dirigir.” Afirmou que a falta de informações não era novidade do ministério de então, “uma vez que não conseguimos os dados pedidos nem nos anos anteriores do ministério da Educação.” Esse descaso ocorria, pois:

(...) em vez de saberem para o que vão, lá estão unicamente pela exigência da politicagem. Parece-nos, entretanto, que já é tempo de colocar a politicagem de grupos partidários abaixo dos interesses primordiais do povo e do país. Melhor seria que o Ministério da Educação passasse a chamar Ministério da Ignorância, pelo menos haveria lógica.

É fato que o desgaste do governo João Goulart foi causado, também, pelas trocas ministeriais, espécie de moeda que estabelecia articulações e conchavos, da mesma forma que danos políticos. O ministro da Educação e Cultura - MEC de então, criticado pela colunista de “Última Hora” era Júlio Sambaqui, empossado em outubro de 1963, promoveu importantes iniciativas, sendo uma das mais polêmicas o incentivo ao programa de alfabetização baseado no método de Paulo Freire, que gerou violentas reações dos setores conservadores.³⁵³

³⁵¹ Jornal Última Hora de 08, 09 e 10/01/1964.

³⁵² Jornal Última Hora de 06/01/1964.

³⁵³ Verbete: *Júlio Sambaqui*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

Como os acontecimentos que se seguiram mostraram, não houve tempo para a mudança ministerial proposta ao presidente Jango pelo PTB da Guanabara. Seu ministro da Educação, Júlio Sambaqui seria exonerado e cassado após a edição do Ato Institucional nº 1, ainda em abril de 1964.

Assim, de alguma forma, Adalgisa Nery testemunhou o desgaste político-institucional do governo Goulart causado pelas constantes trocas ministeriais e de dirigentes de agências públicas. “Não adianta Jango ser um homem jovem, ser presidente presidencialista, dizer que faz a política do povo na linha nacionalista. Vai novamente chamar os velhos caramujos para formar seu novo ministério.”³⁵⁴

Nesse ponto, o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos chama a atenção para esse fator de enfraquecimento do regime.³⁵⁵ Desta feita, o chefe do Executivo foi incapaz de conciliar as forças existentes no período pré-1964, valendo-se dos jogos de cargos com o intuito de angariar apoio político. Essa rotatividade de funções no governo Goulart, ao mesmo tempo em que provocou certo descrédito do regime, contribuiu para a fragmentação do centro e, conseqüentemente, a polarização das posições políticas. Muitos personagens que haviam defendido a legalidade em episódios anteriores apoiaram a quebra do regime democrático em 1964.

Wanderley Guilherme personifica João Goulart como responsável pela dinâmica dos acontecimentos: a crise que levou ao golpe. Segundo o autor, Jango foi incapaz de criar estratégias que viabilizassem a execução das reformas e garantissem a manutenção do regime. Através de uma visão sistêmica, Guilherme dos Santos ressalta a autonomia do político, percebendo que a crise na cúpula governamental é que leva à situação de golpe. Assim, sua análise tem como foco a política institucional e a tal alta rotatividade “poluiu a atmosfera política”, provocando um “caos administrativo.”³⁵⁶

Sobre esse aspecto, valendo-se de metáforas, Adalgisa escreveu em “Piranhas contra o presidente”, sobre a falta de espírito público e as demasiadas ambições pessoais, já que os políticos se engalfinhavam por pastas ministeriais. No artigo, Adalgisa defendeu Jango: “Culpar exclusivamente o Presidente da República pelas crises que os próprios políticos forjam contra a Nação é cinismo que revolta.”³⁵⁷

Ela parece fazer forte pressão sobre isso. A indicação de Mangabeira à presidência da Petrobrás teve episódios importantes que merecem ser pontuados. Como voz constante em

³⁵⁴ Jornal Última Hora de 01/06/1963.

³⁵⁵ SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Sessenta e quatro: anatomia da crise*. São Paulo: Vértice, 1986.

³⁵⁶ Idem, p.136.

³⁵⁷ Jornal Última Hora de 15/06/1963.

defesa da Petrobrás, Adalgisa dedicou uma série de artigos sobre a crise que culminaria com a substituição do cargo de presidente da empresa pública de petróleo, em janeiro de 1962.³⁵⁸

Geonísio Barroso foi nomeado por Jânio Quadros e permaneceu no cargo da Petrobrás após a renúncia. Porém, entrou em conflito com o ministro das Minas e Energia, Gabriel Passos que discordou do plano da política petrolífera apresentado pelo primeiro ministro Tancredo Neves.

Adalgisa chegou a pedir a “saída elegante” de Geonísio, que deveria pedir exoneração. Mas convocou Jango: “A vida da Petrobrás é para o povo brasileiro o mesmo que a legalidade democrática que ele tão frontal e decididamente defendeu na última crise político-militar. Todo o poder, pois, a Gabriel Passos para limpar a Petrobrás dos cupins entreguistas.”³⁵⁹

O desfecho da crise ocorreu quando Goulart tomou a decisão e nomeou Francisco Mangabeira um “autêntico e capaz brasileiro para presidir a nossa empresa estatal”, provocando “rancor dos entreguistas.”³⁶⁰

Entretanto, o debate sobre as trocas de ministérios e cargos importantes na estrutura estatal estava longe de acabar.

Adalgisa dirigiu-se ao “reeleitíssimo presidente da República” em janeiro de 1963, logo após a realização do plebiscito. A possível nomeação de Tancredo Neves para o Ministério de Minas e Energia, responsável pela Petrobrás e Cia Vale do Rio Doce, foi repudiada pela colunista, já que, segundo ela, havia boatos da ligação do recém-eleito deputado federal por Minas Gerais com grupos estrangeiros. Desta forma, ela se dirige a Jango:

Não ouça conversas de pessedista, pois são exatamente iguais às udenistas. Agora a responsabilidade integral dos atos cometidos pelo governo é exclusividade do presidente da República num regime presidencialista. O plebiscito foi feito para mudar tudo. Mas tudo mesmo.³⁶¹

Naquela conjuntura, “um grupo de irresponsáveis” criou a ABM, uma associação de mineração fundada sob o argumento de que havia uma “tática comunista nacionalista em franca ascensão no país”, mas que, “na verdade essa tal ABM não passa de um ajuntamento de incautos ou desonestos com a finalidade precípua de defender o capital sugador

³⁵⁸ Jornal Última Hora de 10, 11, 12 e 18/01/1962.

³⁵⁹ Jornal Última Hora de 12/01/1962, “Cupins entreguistas”.

³⁶⁰ Jornal Última Hora de 18/01/1962, “Mangabeira na Petrobrás.”

³⁶¹ Jornal Última Hora de 12/01/1963, “Conversa com Jango”.

estrangeiro.”³⁶² Por outro lado, elogiou Francisco Mangabeira, presidente da Petrobrás, mas que naquela ocasião, cogitava-se a sua substituição, fato que seria consumado em agosto de 1963, quando foi exonerado do cargo.

Durante o processo de polarização política que paulatinamente se esboçava no panorama nacional, Adalgisa Nery se posicionava com reservas, sempre defendendo as diretrizes nacionalistas para além das posturas esquerdistas que se radicalizavam. Um bom exemplo foi a “omissão da esquerda” diante da lei de remessa de lucros para o exterior, de janeiro de 1964. Em 30 de janeiro de 1964, sob o título “A esquerda na moita”, Adalgisa disse que tal lei “significa um largo passo à frente da economia do país.” Mas que a esquerda silenciou-se “como se tal coisa houvesse ocorrido na latitude da Groelândia. Seu dever era mostrar ao povo a vitória do próprio povo na sua recuperação econômica. Devem estar brigando entre si para maior glória da direita organizadíssima.”

No dia seguinte, a colunista de “Última Hora” procurou explicar a lei de remessa de lucros, em que “a empresa estrangeira só poderá enviar lucros para o exterior de capital verdadeiramente oriundo do exterior e registrado nos órgãos governamentais” assim, “seus reinvestimentos deixam de ser capital estrangeiro como criminosamente os classificava dias atrás.”

Como nossa esquerda e seus líderes não sabem o que querem, a não ser as suas revoluçõeszinhas particulares, as suas competições pessoais tão lamentáveis quanto as que se processam entre udenistas pacholas e pessedistas coiteiros, não ouvimos uma das vozes da esquerda congratulando-se com o governo, em nome do povo brasileiro, por conquista há tão longos anos aspirada. Irresponsabilidade igual à má fé da direita.³⁶³

A conduta nacionalista de Adalgisa Nery a fazia entender como “indiscutível a importância da regulamentação da lei de remessa de lucros para o exterior, assinada há pouco pelo governo brasileiro.” Ela estranha que “assunto de tanta libertação para a economia nacional” tenha sido “sepultado pelo silêncio geral. É uma questão de respeito ao povo brasileiro, científicá-lo das suas conquistas e não trazê-lo apenas na agitação e revoluções verbais.”³⁶⁴ Esses artigos expressam sua posição crítica em relação aos procedimentos de certas forças de esquerdas naquela conjuntura.

³⁶² Jornal Última Hora de 21/01/1963.

³⁶³ Jornal Última Hora de 31/01/1964, “Capitais e remessas”.

³⁶⁴ Jornal Última Hora de 01/02/1964, “Royalties sobre controle”.

Entretanto, Adalgisa não deixou de fazer comentários sobre a política externa. O Vaticano havia reconhecido a República Popular da China numa “nova e acertada posição da Igreja Católica.” Contudo, ela falou num constrangimento do “nosso bondoso e santo D. Jayme” e posicionou-se, de alguma forma, à esquerda:

Só mesmo a idolatria do dólar poderá desconhecer a potência humana e política, o trabalho de soerguimento social da República de Mao-Tsé-Tung, para reverenciar a ilha-colônia de Formosa governada por um homem com um passado feio para a História.³⁶⁵

Dias depois foi De Gaulle o elogiado, pois “a França assume a posição de liderança que os EUA não quiseram ou por espessura mental não puderam, reconhecendo Pequim.” Adalgisa defendeu, inclusive, a entrada da China na ONU.³⁶⁶

Apesar das informações serem escassas, um documento da polícia política depositado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, evidencia alguma relação da simpatia de Adalgisa Nery pelo regime chinês. A “deputada e jornalista” figura em uma longa lista datilografada como integrante da “Sociedade Cultural Sino-Brasileira”, contendo endereço, telefone e tabela com dados sobre o pagamento de mensalidades.³⁶⁷ Da mesma forma, o advogado Sinval Palmeira, entrevistado pelo Projeto Portinari, afirma que Adalgisa Nery havia sido convidada para visita à China em 1959, juntamente com Luiz Carlos Prestes, Cândido Portinari, o crítico José Geral Vieira, o médico Edmundo Vasconcelos e o escritor Érico Veríssimo. Entretanto, deste grupo, apenas Prestes fez tal viagem.³⁶⁸

Aliás, como Luiz Carlos Prestes, principal personalidade do esquerdismo brasileiro foi encarado por Adalgisa Nery?

Em novembro de 1947 o jornal “A imprensa popular” consultou personalidades do universo artístico e intelectual sobre a situação de Prestes. Junto de Aníbal Machado, Djanira, Maurício Roberto, Joel Silveira, Edmar Morel, Eneida, Edmundo Muniz e Augusto Rodrigues, Adalgisa Nery opinava sobre a situação de Prestes. Na capa, alguns entrevistados tiveram suas fotos publicadas. Talvez por um erro de identificação, a foto de Adalgisa é intitulada como sendo a pintora Djanira e vice-versa. “Intelectuais defendem a liberdade de

³⁶⁵ Jornal Última Hora de 03/02/1964, “A palavra do Vaticano”.

³⁶⁶ Jornal Última Hora de 07/02/1964, “A hora do diálogo”.

³⁶⁷ Documento do setor *Informações* do Fundo Polícias Políticas, depositado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Pasta: 72, Folha:59 de 12/06/1961.

³⁶⁸ Entrevista de Sinval Palmeira à Alfredo Ceschiatti (Projeto Portinari).

Prestes: opinam pela revogação da prisão preventiva de Prestes, artistas e escritores.” Na matéria, à página três, no item:

Verdadeiro princípio de liberdade: fechando a série de depoimentos prestados à reportagem da IMPRENSA POPULAR, Adalgisa Nery, escritora e jornalista, assim se manifestou:

- Não me parece que o mundo livre se expresse bem retirando de um homem a liberdade de pensamento, nem a uma filha o direito de viver em contato com o seu pai. Não sei se os nossos juízes definirão assim como eu o verdadeiro e cristão princípio da liberdade.³⁶⁹

Alguns meses depois, em março de 1958, “Última Hora” noticia que o “Cavaleiro da Esperança” saíra da vida clandestina a que estava submetido desde a cassação da legenda do PCB em 1947 e, numa atmosfera novelesca, mostrava sua vida fora da prisão em episódios sobre o reencontro com a filha Anita Leocádia, as andanças com os advogados, as entrevistas concedidas à imprensa, as opiniões de Prestes sobre as figuras políticas de então e, por fim, sugeria-se a existência de uma noiva misteriosa cujo nome, Nair Batista, foi desvendado pelo colunista social de “Última Hora”, Jacinto de Thormes.

Assim, a jornalista do “Retrato sem Retoque” escreveu em 9 de abril de 1958, “Volta de Prestes: roupagem nova para os mesmos objetivos”. Dirigindo-se aos leitores, afirma com desconfiança: “É preciso notar que os elogios feitos apenas às figuras da nossa provinciana paisagem política trazem uma grande dose de formicida aos louvados”. Adalgisa Nery diz que bajular os políticos é estratégia momentânea de Prestes e que o comunismo já é diferente.

Apesar de não mostrar, explicitamente, simpatia por Prestes, a colunista criticou um antigo desafeto em “Ofensa de Baleeiro: retrato de sua própria indignidade.” O deputado udenista havia difamado, em plenário, o juiz Monjardim, responsável pela liberdade de Prestes. Adalgisa acusou o “representante das eduardinas” como um dos responsáveis pela morte de Vargas e o nomeia “político fosterdullista.”³⁷⁰

Em fins de 1962 em “Um debate na TV”, comenta sobre um programa televisivo em que Prestes e Augusto Frederico Schmidt haviam participado:

Achamos Carlos Prestes fraquíssimo na sua argumentação. Talvez o tempo de dez minutos lhe tenha cerceado o raciocínio. Sereno, educado, disciplinado Carlos Prestes deu-nos também a impressão de uma pessoa que tenha a seu favor a segurança da vitória trazida pelo desmoronamento do

³⁶⁹ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1957.

³⁷⁰ Jornal “Última Hora”, em 24/04/1958.

regime capitalista no tempo certo e próximo (...). Diz Schmidt que a ideologia de Prestes é Moscou; a dele, Schmidt é Washington. Nenhum dos dois funciona brasileiroamente.³⁷¹

Em meados de fevereiro de 1964, Adalgisa incomodou-se com a repulsa da “elite dirigente retardada” de “mentalidade de tartaruga” e contrária a legalidade do Partido Comunista. Ela falou do “falso discurso democrático” da UDN e do PSD, que “só tem feito mal para o país.” Critica “a exploração do humilde e a venda do país às escâncaras” e entende que:

Nossa elite dirigente ainda tem o cinismo de afirmar que fome, doença, analfabetismo e a prostituição gerada por dezenas de problemas sociais, são obras exclusivas do comunismo. Muitos se empenham nessa batalha inglória por burrice misturada com ignorância, porém, outros o fazem por cinismo, arma fortíssima para defender suas conveniências particulares. Pelo tempo que o PC está fora da legalidade e o Brasil entregue aos grandes democratas, já devíamos ter menos miséria, menos fome, menos prostituição e menos suborno.³⁷²

No acirramento dos debates, ela recriminou as entrevistas e discursos espalhados pela “democrática cúpula dirigente” tachando de “bobagem que enjoa”. Nos debates sobre o direito de voto aos analfabetos e às praças de pré, seu posicionamento é favorável à extensão do eleitorado.

Leonel Brizola, outra figura emblemática da esquerda brasileira, era cunhado de João Goulart e quando governador gaúcho (1959-1962) liderou a campanha da legalidade, como já analisamos. Da mesma forma, acarretou simpatias de Adalgisa Nery e dos nacionalistas de um modo geral, pela série de intervenções do Estado nos setores de energia e comunicações. Em 1959, Brizola decretou a encampação da companhia de energia elétrica do Rio Grande do Sul e em 1962 a companhia telefônica, empresas norte-americanas. Esses episódios tiveram larga repercussão política e causaram sérios desconfortos diplomáticos entre o Brasil e os Estados Unidos, contribuindo para a polarização de forças.

Às vésperas da eleição de 1962, na qual Brizola concorreu como deputado federal pelo PTB da Guanabara, Adalgisa saiu em defesa do então governador gaúcho. Ele vinha recebendo, segundo ela, sérias acusações por ter falado do “ambiente de ‘dolce vita’ em que

³⁷¹ Jornal Última Hora de 21/11/1962.

³⁷² Jornal Última Hora de 14/02/1964, “Batalha inglória”.

vive a maioria dessas figuras dirigentes das cúpulas partidárias.” Adalgisa concordava com Brizola quanto às tais críticas:

E ainda acusam Brizola de estar tramando a queda do regime democrático, de estar incentivando a revolução sangrenta em nosso país, de estar desmoralizando o Congresso Nacional (...) Os componentes da ‘dolce vita’ não mais tem perspectivas no país. Não são, pois as palavras de Brizola, que fabricam a realidade. A realidade aí está, justificando as palavras de Brizola.³⁷³

Em fins de 1963, o clima no Congresso Nacional esquentou. Dois senadores por Alagoas, Arnon de Melo e Péricles de Góis Monteiro, adversários políticos tradicionais, foram protagonistas de um conflito armado. Os ânimos se acirraram durante o discurso do udenista Arnon de Melo: o debate virou duelo. Ambos sacaram revólveres, e os tiros da arma de Arnon atingiram o senador José Kairala que estava sentado no plenário, ferindo-o mortalmente.

A propósito, Adalgisa Nery escreveu “Crime subdesenvolvido”, tratando tal episódio como fator para desmoralização do Congresso e comparou a situação à Dallas, afinal, em fins de novembro daquele ano, o presidente dos EUA havia sido assassinado na capital do Texas, “o maior foco reacionário norte-americano”. Segundo a colunista, Kennedy não fez o jogo do poder econômico e por isso havia sido eliminado, “sua posição no problema racista significou o compromisso do seu espírito cristão com o seu semelhante. Foi ele, dentro do ambiente implacavelmente reacionário de seu país, um fiel cumpridor das palavras de João XXIII.”³⁷⁴

Um outro episódio, ocorrido entre o Natal de 1963 e o início de 1964, marcou o acirramento de forças. Leonel Brizola envolveu-se em um confronto físico com o jornalista David Nasser ao embarcar no aeroporto do Rio de Janeiro rumo a capital gaúcha. Tal acontecimento veio em forma de especulação na capa de “Última Hora” do dia 27 de dezembro: “Deputado derrubou o jornalista a socos no Galeão”. Nasser, jornalista de “O Cruzeiro” constantemente insultava familiares do então deputado federal Leonel Brizola. Na ocasião, amigos e assessores, além de sua esposa, Neusa Goulart Brizola, presenciaram a situação. A reportagem afirmou que naquela mesma noite, Nasser, ainda com hematomas, concedeu entrevista a um canal televisão agradecendo as manifestações de solidariedade, inclusive do governador Carlos Lacerda.

³⁷³ Jornal Última Hora de 14/09/1962, “Preparando a fogueira”.

³⁷⁴ Jornal Última Hora, em ordem de citação: 07/12/1963; 27/11/1963, “Um golpe de Estado”; 25/11/1963, “Mártir de um ideal”.

Diante das repercussões na imprensa, que questionavam os “valores de Brizola” e faziam “acusações sem fundamentos”, a jornalista e deputada Adalgisa Nery dedicou um artigo sob o título “Brizola e Lacerda.”³⁷⁵ Vale lembrar, que além de governador da Guanabara, Carlos Lacerda era dono do jornal “Tribuna da Imprensa”, ícone da chamada imprensa “sadia”, tida como reacionária. Ao final a jornalista ressaltou: “Cansa e enjoa tanto cinismo, tanto desfibramento em homens nascidos neste Brasil. Queremos afirmar que não somos brizolista. Recusamos acima de tudo a má-fé.”

Nesse artigo, a experiência política dos dois governadores diante da renúncia presidencial em agosto de 1961 foi resgatada pela jornalista. Ela elogiou a postura de Brizola diante da inesperada renúncia de Jânio Quadros, quando o então governador do Rio Grande do Sul encabeçou a campanha da legalidade, enfrentando os ministros militares e recebendo amplo apoio da sociedade civil gaúcha.

Diferentemente, Carlos Lacerda foi inimigo declarado de Adalgisa Nery, acusado por diversas vezes como assassino de Getúlio Vargas e como golpista inveterado. A Guanabara, em sua ambigüidade, preservava um viés de conluio político ainda nacional. No seu ambiente político, permaneciam tramas, conchavos e negociatas; quando Brasília dava seus primeiros suspiros de vida política, a Guanabara era governada pelo representante civil que, arriscamos, mais expressava a voz do *gorilismo*: Carlos Lacerda, o governador e o jornalista. Como representante político, transitava nas veias de um regime democrático; como dono de jornal, agia na formação de uma opinião pública que paulatinamente passou a entender a intervenção militar, se não como provisória, como necessária. Defensora das instâncias democráticas, Adalgisa Nery posicionou-se contrariamente às forças golpistas.

Como já comentamos, a colunista da “Última Hora” indignava-se com a interferência dos embaixadores norte-americanos nos assuntos políticos nacionais. Em novembro de 1963, por exemplo, Lincon Gordon participara de uma reunião dos governadores brasileiros, realizada em Curitiba:

Esantados, indagamos porque essa absurda e indigna benevolência com o embaixador norte-americano, permitindo que numa reunião de governadores brasileiros, o Gordon participe e oriente as decisões como se o Brasil fosse o Vietnam? E também, surpresos, indagamos qual a razão desse retrocesso à política de governadores que motivou a revolução de 1930?³⁷⁶

³⁷⁵ Jornal Última Hora de 30/12/1963.

³⁷⁶ Jornal Última Hora de 08/11/1963, “A volta ao pior”.

Algumas semanas depois Kennedy seria assassinado, inaugurando, assim, novas formas de intervenção dos EUA na América Latina. Com Lyndon Johnson, o governo norte-americano aos poucos abandonava a Aliança para o Progresso e a defesa das democracias locais, dando prioridade à adoção de regimes ditatoriais dirigidos por militares.

É nesse contexto que deve ser entendido o golpe de Estado perpetrado pelas Forças Armadas, após engendrar o apoio tanto das elites brasileiras como do governo norte-americano, que destituiu João Goulart da Presidência da República, em um momento de polarização político-ideológica entre os setores populares organizados e as elites dominantes.³⁷⁷

Deste modo, alguns episódios ocorridos nesse contexto, marcaram o acirramento dos ânimos. O comício do dia 13 de março de 1964 é considerado um marco que exacerbou a situação política nacional. Para Adalgisa Nery o evento expressou a “capacidade de liderança de Jango.” Ela elogiou a encampação das refinarias de petróleo particulares, já que a medida “liquidou com um dos pontos de atrito de nossa economia”, entretanto, Adalgisa pontuou ações e medidas administrativas necessárias no que tange às refinarias e oleodutos da Petrobrás. Para ela:

Os decretos assinados são dados positivos para o governo de Jango, e não se deve esquecer, de que um presidente no poder tem também a finalidade de administrar para que a sua política encontre ressonância. Por mais que a esquerda tenha se pronunciado neste período governamental, a verdade é que notamos um certo retrocesso em áreas que deveriam marchar paralelamente.³⁷⁸

Adalgisa tratou também da sucessão presidencial. Segundo ela, ainda havia impedimento constitucional sobre a reeleição de Jango, e que se o legislativo não modificasse a Constituição, Jango deveria aceitar os caminhos democráticos e apresentar um nome para a sua sucessão. “E o povo, parece-nos, prefere uma aventura constitucional e democrática a uma certeza de que várias liberdades públicas, várias conquistas atingidas com sacrifícios seriam suprimidas e anuladas.”

Refletindo a atmosfera dos dias que antecederam ao golpe, o “Retrato sem Retoque” referiu-se à “manifestação realizada em São Paulo de caráter religioso, mesclada, porém de características políticas”:

³⁷⁷ MUNTEAL, (et alii) Op. Cit. p. 09.

³⁷⁸ Jornal Última Hora de 17/03/1964, “Liderança de Jango”.

A intransigência assumiu tais proporções que dentro em breve, uma greve, uma conferência ou ato público podem ser a razão para o início de uma guerra civil que poucos desejam e todos temem. O clima criado em torno do debate das chamadas reformas de base, autoriza tais condições.³⁷⁹

Adalgisa testemunhou a polarização de forças. Ela afirmou que entre os políticos, formaram-se dois grupos: os que eram contra e os que eram favoráveis às reformas, “numa tentativa de ficar estabelecido um ambiente de terror, no qual um dos dois grupos assumirá o poder e ditará as normas de governo.” Na sua concepção, tais forças faziam crer que o embate poderia levar o país à guerra civil, num “inútil sacrifício.” Daí Adalgisa tratar dos candidatos prováveis à sucessão: de um lado “um ditador profissional” que se aproveitava “do exercício de um governo estadual, pretende concorrer às eleições usando e abusando da agitação ou de qualquer outra arma que sirva aos seus interesses imediatos”; de outro, “o presidente da República que durante muito tempo se omitiu frente aos problemas do país e que agora, estabelece soluções para os diversos problemas do Brasil.” Adalgisa contrapunha Carlos Lacerda a João Goulart, e na impossibilidade de aprovar a mudança constitucional sobre a reeleição, sugeria que Jango aceitasse os trâmites democráticos.

Nesse mesmo artigo, a colunista elogiou e citou as declarações de Carvalho Pinto, ex-ministro da Fazenda, que havia falado da “necessidade de desarmar os espíritos”, apoiando as reformas estruturais. “Esse pronunciamento mostra que os círculos tradicionais brasileiros têm em seu bojo homens lúcidos dispostos a afastar as possibilidades de um desastre.”

Os acontecimentos mostraram que não foi bem assim. Carvalho Pinto divulgara um manifesto “declarando que as reivindicações impostas pela justiça social estavam ‘lançando o povo nos braços de demagogos e aventureiros.’ Em 31 de março, ficou solidário com o movimento que derrubou Goulart (...)”³⁸⁰

Para Adalgisa, o Congresso, “organismo representativo da vontade popular”, deveria optar pela via democrática e renovar a Constituição para que o “país caminhe em ritmo atualizado”. Sem tais “modificações a nação será estrangulada.” Entretanto, ela perguntou:

Porque sendo o Congresso o intérprete do povo, está ele contra o povo, acomodando-se na força do IBAD e dos interesses anti-nacionais? Privilégios caros leitores, privilégios que são adquiridos pelo suborno, pela

³⁷⁹ Jornal Última Hora de 21/03/1964, “Saída para o impasse”.

³⁸⁰ Verbete: *Carvalho Pinto*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

falta de esclarecimento e muita má fé da maioria dos seus componentes. Não há razão para lutar contra o chefe da nação se o Congresso capacitasse no que deve servir exclusivamente ao povo, atendendo a justas e nobres reivindicações consubstanciadas nas reformas de base.³⁸¹

Adalgisa acusou o Congresso pelas dificuldades governamentais enfrentadas por Jango; acreditou na “legalidade democrática”, identificando os políticos de oposição com o IBAB. Apesar do instituto já haver sido desmantelado naquele março de 1964, sua atuação teria sido eficaz o suficiente, já que plantou tentáculos sólidos entre os políticos brasileiros, principalmente nas eleições de 1962.

Aqui vale uma observação. No dia 24 de março, a “Última Hora” trazia novidades na sua diagramação e Adalgisa Nery com seu “Retrato sem Retoque” dividia a quarta página do jornal com Flávio Tavares e Paulo Francis, que assinavam as colunas “Informa de Brasília” e “Interpreta e comenta”, respectivamente. A disposição dos textos na página era feita de forma mais ‘limpa’, valorizando-os.

Na tarde do dia 30 de março, véspera da movimentação golpista, a “Última Hora” chegou às bancas de jornal com a publicação de “O mau exemplo.” Naqueles dias, por conta de uma série de acontecimentos envolvendo os militares, debatia-se a quebra de disciplina e de hierarquia.

O Clube Militar havia sido palco de insultos ao presidente João Goulart e Adalgisa afirmou que “a indisciplina dos maiores é exemplo para os menores.” Para a colunista, há muitos anos oficiais graduados vinham “agredindo com palavras e atitudes o presidente da República, chefe supremo das Forças Armadas.” Quando muito, os indisciplinados “são punidos com prisão em suas residências”, que então “transformam-se em ambiente de eufóricos coquetéis, com a presença de seus colegas prestando integral solidariedade ao ato de indisciplina cometido.” Assim, Adalgisa Nery traçou um histórico das tentativas de golpe:

Em 1954, quem ajudou a matar o presidente Getúlio Vargas, não foi o soldado. Em 1955 quem desejou impedir, por todos os meios, a posse do presidente Juscelino não foi o soldado. Em 1956, não foi o soldado que promoveu Aragarças e mais tarde Jacareacanga. Em 1961 não foi o soldado que instalou no país a ameaça de golpe com a finalidade de impedir que João Goulart ocupasse legitimamente a presidência da República na renúncia de Jânio Quadros.

³⁸¹ Jornal Última Hora de 24/03/1964, “Questão de vergonha”.

No ‘PS’ do dia seguinte, Adalgisa referiu-se a um engano no artigo do dia anterior, afinal, os oficiais presentes na reunião do Clube Militar foram punidos, “inclusive o general Magessi, presidente do Clube, foi punido com prisão em sua própria residência.”³⁸²

“Boato, arma do pânico” foi o último artigo assinado por Adalgisa Nery no jornal “Última Hora.” Nele ela citou uma série de boatos sobre a vida política do momento, entretanto:

Não são com esses boatos, arma de desagregação no país, que a fome, o desemprego, a doença e a revolta social são anuladas da vida nacional. Homem não é aquele que veste calças ou farda utilizando-as como cérebro. Homem é o que usa o cérebro, o que enfrenta com dignidade a realidade dos fatos e procura com a força do cérebro construir e unir os espíritos assustados. O boato é irmão gêmeo da carta anônima. É arma vil do covarde que espalha o pânico e o terror para deles tirar vantagens.

Quando a “Última Hora” chegou às bancas de jornal, no dia primeiro de abril de 1964, os fatos mostravam que a agitação não era mero rumor. O boato transformara-se em realidade e o país sucumbia ao golpismo.

Naquela noite, a sede de “Última Hora” foi depredada e incendiada. Samuel Wainer exilou-se na embaixada do Chile no dia primeiro de abril e deixou o país no início de maio. Da mesma forma, considerada uma instituição subversiva pelas forças vitoriosas de abril de 1964, a sede do ISEB foi invadida e depredada. Assim como a sede da UNE, “depois de destruídas, tiveram seus documentos, arquivos e publicações consumidos pelo fogo.”³⁸³

No dia 2 de abril as ruas do centro do Rio de Janeiro foram tomadas pela gigantesca manifestação da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” em apoio e comemoração à vitória do golpe.

Adalgisa Nery não frequentou a Assembléia Legislativa nos dias que se seguiram. Seu nome não figurou nas primeiras listas de cassação, apesar de vários correligionários do PTB da ALEG terem perdido seus direitos políticos. Segundo a “Última Hora”, o clima no palácio Pedro Ernesto, na despedida de alguns cassados, foi de comoção e lágrimas.

³⁸² Jornal Última Hora de 31/03/1964, “A grande responsabilidade”.

³⁸³ TOLEDO, Op. Cit., p. 191.

4.4 Silêncio e reclusão

O regime instalado em 1964 sepultou a jornalista Adalgisa Nery. A deputada ainda teria alguns anos de trabalho na ALEG. Entretanto, se antes da eclosão do golpe ela pouco freqüentava o plenário da Câmara, depois do primeiro de abril isso aconteceu muito menos frequentemente, apesar de atuar em várias comissões.

Adalgisa expressava-se pública e politicamente através do “Retrato sem Retoque”. Foi a força de sua coluna que a elegeu e, muitas vezes, ela valeu-se mais do espaço na imprensa do que da plenária da ALEG para dialogar com seus eleitores.

Um bom exemplo ocorreu, quando Adalgisa era líder partidária e porta-voz do PSB. Ela escreveu na “Última Hora” sobre a prorrogação dos mandatos (16/06/1961) e, dirigindo-se aos seus eleitores, afirmou: “Somos contrários ao processo escuso da prorrogação dos mandatos, e a esse respeito o PSB acaba de fazer um pronunciamento de grande importância para o eleitorado brasileiro e de importância capital para o regime democrático”. Já no parlamento, entretanto, a deputada não se manifestou nesse sentido. Sua expressão de mulher pública dava-se na sociedade civil e também no âmbito da política institucional, num tempo em que a Guanabara era ambiente dúbio, conforme já afirmamos.

Enquanto a jornalista escrevia cotidianamente, a deputada raramente manifestava-se e isso era sabido por seus pares. Num acirrado debate na câmara, já referenciado, ocorrido entre Adalgisa e o general Danilo Nunes, o deputado irônica e grosseiramente, disse:

Sr. Presidente, eu me congratulo porque a Deputada Adalgisa Nery falou, e isso é inédito, (...) a dificuldade de falar da deputada Adalgisa Nery é uma coisa tremenda, chega até a causar mal estar entre os demais deputados, mas hoje aconteceu um milagre: a deputada conseguiu articular algumas palavras (...)³⁸⁴

As dificuldades em falar em público aparecem na sua autobiografia. Em “A imaginária” Berenice refere-se aos tempos de escola, quando as alunas eram obrigadas a recitar o trabalho de poetas conhecidos, declamando poesias para a turma: “Jamais consegui

³⁸⁴ Anais da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, XIII: junho de 1962, “Sobre o deputado Danilo Nunes” p. 2.606-7.

fazer o que as minhas colegas desembaraçadamente faziam. Muitos castigos e perdas de notas recebi. Preferia que abajassem as médias do meu boletim a declamar poesias.”³⁸⁵

Se antes de 1964, Adalgisa Nery pouco subia no plenário, após a eclosão do golpe isso acontece muito mais raramente. Entretanto, a deputada fazia parte das comissões permanentes de “Saúde, trabalho e assistência social” e “Economia (agricultura, indústria e comércio) viação e obras públicas.”

A coluna de Jacinto de Thormes, publicada na “Última Hora” em 24 de novembro de 1964, trouxe a foto de Adalgisa Nery discursando. Diversas autoridades homenagearam o juiz Bandeira Stampa em sua despedida do II Tribunal do Júri, e a deputada Adalgisa Nery foi uma das que lhe renderam homenagens.³⁸⁶

Na assembléia legislativa, o silêncio foi interrompido em 18 de maio de 1965, mais de um ano depois da intervenção militar, no discurso intitulado: “Sobre a situação política nacional”. Iniciado com linguagem poética e fazendo a leitura do texto, a deputada refere-se a sua dificuldade em lidar com os discursos: “sinto neles, em geral uma grande dose de ridículo, a começar pela falsidade da voz que não é a mesma das conversas simples, espontâneas e objetivas”.

Apesar de afastada do trabalho jornalístico, ela falou da sua carreira na “Última Hora”, onde teve “liberdade de comentar os problemas, as pessoas, os fatos e os acontecimentos como eu entendesse e sob a minha total responsabilidade”. Adalgisa pontuou os tópicos tratados em sua coluna, ligados a temas nacionais e internacionais; criticou o conceito de revolução utilizado pelos “vencedores do primeiro de abril”; citou os atos do governo em benefício estrangeiro: “lutaram os abrilenses contra um comunismo hipotético, um comunismo que ainda não estava dentro de nossa casa, mas não tomaram medidas iguais contra o imperialismo ianque de há muito se instalara no nosso teto usufruindo dos bens nacionais”.

Em dado trecho, a deputada disse não pretender valer-se de nomes em sua análise, apesar de ter citado Lauro Parente, “o grande e sempre vitorioso corruptor das elites dirigentes” no caso da Mafersa, “Renato Feio e seu grupo” na execução de “negócios escusos na compra de automotrizas”, e “os Walter Moreira Salles, os Lucas Lopes e tantos conhecidos que estão livres e prestigiados.” Entretanto, ao referir-se sobre a conjuntura política nacional, em seu discurso:

³⁸⁵ Nery (1959). Op. Cit. p.95.

³⁸⁶ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

(...) não vai nenhuma calúnia ou ofensa ao indivíduo em particular. Vejam nas minhas palavras apenas o propósito de analisar, sem nenhum sentido de focalizar pessoas. A análise e a síntese são os dois instrumentos solucionadores dos problemas que se mostram suscetíveis de solução. Analisar um período histórico é distinguir as grandes correntes e a preponderância de um método. Não implica pessoas.³⁸⁷

Daí, Adalgisa Nery traça um histórico das nossas Forças Armadas:

Depois da última guerra as Missões militares francesas foram substituídas pelas Missões militares norte-americanas. Dessa forma, nossos militares, até o momento, não tiveram oportunidade de pensar em termos de Brasil, de se fixarem em motivações brasileiras, de raciocinarem em linha nacional. São influenciados pela cultura dirigida e a técnica militar estrangeira de acordo com as conveniências político-econômicas da Missão dominante do momento. Os militares do Brasil ainda não pisaram em solo pátrio.³⁸⁸

Como suporte argumentativo, a deputada leu trechos do Acordo Militar Brasil - Estados Unidos, mostrando tal explícita intervenção, já que leis internas norte-americanas foram aplicadas no Brasil. Adalgisa cita, inclusive, uma fala do embaixador Lincoln Gordon veiculada nos jornais. E lamentou: “Muitos poucos políticos nossos conhecem integralmente o Acordo Militar Brasil - Estados Unidos, assim como a grande maioria dos nossos militares. Por esta ignorância faço-lhes justiça, absolvendo-os do mal que causam à Pátria”.

A fala-leitura de Adalgisa Nery, sendo bastante longa, recebeu advertência da mesa condutora da sessão, que lhe avisou dos dois minutos restantes para a conclusão. No que a deputada responde: “Se não me for dado mais tempo, descerei da tribuna.” Assim, o deputado Paulo Ribeiro lhe cede seu tempo e Adalgisa continuou citando trechos do Acordo e comentando ligeiramente os prejuízos para o país. Sem identificar o caso, denuncia: “Arranca-se a patente de um jovem militar pelo crime de haver ele esclarecido o seu espírito colocando-o a serviço da Pátria. Desgraça-se esse jovem e de roldão leva-se a sua família. Apenas porque pensou em termos de Brasil, desobedecendo assim, à doutrinação estrangeira.”

Ela lamentou o que houve em primeiro de abril, a indisciplina das Forças Armadas, o acirramento das relações financeiras entre Brasil e Estados Unidos, o conseqüente “entreguismo” e criticou o conceito de revolução veiculado pelos “vencedores do primeiro de abril”. Como autêntica nacionalista:

³⁸⁷ Anais da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, XLII: maio de 1965, “Sobre o deputado Danilo Nunes” p. 895-897.

³⁸⁸ Idem.

(...) continuo defendendo uma revolução que tenha como programa a libertação do povo brasileiro; continuo defendendo o direito de ser brasileira, pois esse direito é intocável, não apenas porque neste solo nasci e nele nasceram meus dois filhos homens, mas também pelo que de melhor da minha inteligência, da minha sensibilidade dei a este País, do qual conscientemente sou serva, sem nenhum sentido de troca ou compensação.

Adalgisa questionou o conceito de subversão, lembrando-se do “primeiro e grande, magnífico e maravilhoso agente subversivo”, Jesus Cristo. Questionou o código de disciplina militar, já que “é comum vermos o marechal Castelo Branco fazer uma declaração e dois dias depois um general, um coronel e até mesmo um major fazer pela imprensa afirmações em contrário, falando em seu nome pessoal.” E ironiza: “O Ato Institucional anulou os regulamentos militares?” Então, finalizou expressando sua:

(...) total repulsa à atual dominação estrangeira do Brasil através do espírito militarista que invadiu o Brasil, e deixar bem claro que o meu silêncio de meses não alterou um milímetro das minhas convicções de brasileira e nem esmoreceu a minha fé na grandeza da minha pátria e na dignidade do meu povo, do qual faço parte como irmã submissa e solidária em todos os instantes de suas aflições. (Palmas Prolongadas)

Ainda naquele ano, em agosto de 1965, a deputada prestou homenagem à Getúlio Vargas na plenária. Em seu discurso, resgatou as regulamentações de Vargas na defesa “das riquezas do nosso solo”, de 1934; falou da Petrobrás, da Eletrobrás e leu trechos de discursos do presidente Vargas.

Adalgisa Nery reforçava assim seu vínculo político com Getúlio Vargas. Ela não tinha mais o espaço diário da coluna: a jornalista não existia mais. Entretanto, em seu discurso parlamentar de maio de 1965, ela fez referência à possibilidade de ser cassada. A polícia política parecia mesmo seguir os passos de Adalgisa. Alguns documentos do setor de informação do DOPS refletem a preocupação dos militares com relação as suas atividades. Inicialmente, registrou-se a existência de um escritório que “funciona como uma célula ativa de elementos comunistas.” Juntamente com Sá Freire Alvim, então secretário da Educação do estado da Guanabara, Adalgisa era paciente do dentista Antonio Lemme Jr., e, sob suspeita, foram dignos de investigação. A polícia indagou, inclusive, o porteiro do prédio. Repleto de

detalhes, a documentação informa endereço e horários freqüentados. Concluiu-se, por fim, tratar-se mesmo de mero consultório dentário.³⁸⁹

A existência dessa documentação é evidência de que o governo militar estivera atento às atividades e posicionamentos da deputada, procurando situações que a caracterizassem como subversiva ou corrupta, categorias criadas pelo novo regime para incriminar e cassar seus adversários políticos.

Após a decretação do Ato Institucional nº2 pela ditadura militar (27/10/1965), extinguindo os partidos políticos e instituindo o bipartidarismo no país, Adalgisa foi reeleita em 1966 pelo Movimento Democrático Brasileiro – MDB, partido considerado de oposição.

No decorrer de sua carreira profissional, Adalgisa foi se esquivando e aos poucos se tornou uma mulher reclusa. Quando deu início à carreira jornalística, já estava separada de Lourival Fontes, então eleito senador por Sergipe nas eleições de 1954. Adalgisa sustentava um estilo de vida bem diferente de quando figurava como a senhora Lourival Fontes. No entanto, somada à publicação de “Retrato sem Retoque”, sua eleição como deputada estadual, manteve essa mulher ligada aos assuntos da política nacional e internacional.

Em 1967, entrevistada por Paulo Silveira, Pelegrini Junior e Carlos Drummond de Andrade na gravação do MIS, nossa personagem, já desvinculada do jornal e ainda atuando como deputada estadual, afirmou:

Gostei muito de ser jornalista e é uma das coisas que eu me lembro com muito prazer (...) Meu comportamento político é o de defender aquilo que eu acho que é direito e de negar (...) o meu voto àquilo que eu considero irregular; não saio daquela linha, o que eu escrevia no Última Hora é a base da minha vida política, a defesa que eu faço, que eu fazia naqueles pontos políticos doutrinários eu continuo a fazer com o meu voto, com a minha pressão e com o meu comportamento.

Também em 1967, o “Diário de Notícias” publicou, sob o título, “Uma mulher no fundo do espelho”, matéria de Teresa Barros baseada em entrevista de Adalgisa Nery. E inicia com a fala de Adalgisa: “Sou primeiro poeta, depois jornalista e aí, então, deputada. Como jornalista tive minhas melhores experiências, meus dias mais duros.”

É certo que o movimento de primeiro de abril de 1964 foi um golpe que espoliou suas esperanças, afastando-a gradativamente da vida pública, da mesma forma foi a cassação de seus direitos políticos. Uma semana após o golpe, Adalgisa figurava em uma lista de

³⁸⁹ Documentos do setor *Informações* do DOPS, depositado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Pasta: 87, folhas datilografadas, n. 116-118 (12/05/1965)

cassações, divulgada pela “Última Hora”. Entretanto, a deputada saiu de cena, e não parece ter freqüentando as atividades parlamentares, conforme observamos no noticiário sobre os trabalhos na ALEG, que, aliás, teve sessões bastante tumultuadas.

O vice-governador do PTB, Elói Dutra, havia sido cassado e o governador Carlos Lacerda articulou uma eleição indireta para a sua substituição. Considerada arbitrária por muitos deputados, inclusive governistas, a ALEG elegeu Rafael Almeida Magalhães, antigo afeto político de Carlos Lacerda. Naquele contexto, o governador da Guanabara anunciou sua ausência para uma viagem, articulando, arditamente, um substituto que lhe fosse aliado.

Acompanhada de uma pequena foto da deputada Adalgisa Nery, a notícia de capa da “Última Hora” de 07 de maio de 1964 afirmava: “Projetos de Adalgisa foram aprovados.” Tratava-se da criação do instituto da empregada doméstica, aprovada por unanimidade pela comissão de Assistência Social da câmara: “Com a finalidade de promover nos diversos bairros da cidade, a alfabetização e a preparação de cozinheiras, arrumadeiras e amas-secas.” O outro projeto reduzia em cinquenta por cento os impostos prediais, desde que a propriedade servisse de residência ao proprietário, e que esse não possuísse outro imóvel.

Em 12 de maio, a “Última Hora” noticiava a reunião dos líderes da ALEG “a fim de apreciarem as comunicações da DOPS sobre os deputados João Massena e Adalgisa Nery.” A matéria afirmava que o assunto seria encaminhado ao Conselho Nacional de Segurança, já que a assembléia decidira não envolver-se com cassações. A deputada governista Lygia Lessa Bastos, amiga de Adalgisa Nery, saiu em sua defesa. Segundo o texto do jornal, a deputada da UDN:

Seguindo suas tradições de absoluta fidelidade às disposições constitucionais e legais, declarou que não encontra em diploma jurídico, qualquer dispositivo que autorize as casas legislativas à cassação de mandatos eletivos.

Provavelmente, a leitura de tais notícias tenha incentivado Adalgisa Nery a defender-se. A cópia de uma carta, datada também de 12 de maio de 1964 e destinada ao presidente da ALEG, Amando da Fonseca, foi guardada por ela. Apesar das notícias divulgadas nos jornais de que seu nome seria “incluído entre os que, por serem comunistas, teriam seus mandatos cassados,” a deputada argumenta que havia optado pelo silêncio. Entretanto, ao saber que a mesa diretora da Assembléia analisaria o documento sobre sua “vida passada, no sentido de averiguar imaginada atividade subversiva,” Adalgisa decidiu “romper o silêncio”. Mesmo desconhecendo o conteúdo de tal documento, explicitou sua indignação:

Como deputada ou como jornalista, e todos os colegas sabem, nunca fui componente ou participante de reuniões desse caráter, jamais ocupei a tribuna da casa para defender pontos de vista subversivos, jamais entrei em qualquer clima de corrupção. As poucas vezes em que fui a tribuna, o fiz para tratar de assuntos de interesse geral, sem mencionar nomes, e guardando a dignidade que o mandato e o meu nome exigem. Por natureza o meu comportamento nunca foi o de freqüentar a palanque de comícios, o de dar presença em estações de TV ou de rádio, ou de ligar-me a qualquer grupo de tendências extremistas ou personalistas. Jamais tive ligações com setores comunistas, jamais fui por eles procurada. E nenhuma aproximação ou compromisso mantive com os mesmos antes, durante ou depois das minhas duas campanhas eleitorais.

No rol de suas argumentações, Adalgisa justificou sua saída do PSB exatamente por discordar de alguns elementos; alegou que opinava na imprensa como lhe permitia o regime democrático; desafiou quem provasse seus vínculos com movimentos subversivos; fez referência aos ataques recebidos pelos comunistas através do jornal “Novos Rumos”, e, por fim: “Ora, se pelos comunistas sou combatida, se pelos democratas sou julgada comunista, então, o que devo pensar das criaturas que sabem distinguir pelo raciocínio comportamentos diferentes e atitudes inversas?”

De conteúdo parecido e com esse mesmo intuito, Adalgisa escreveu uma carta também ao general Artur da Costa e Silva, ministro da Guerra do regime recentemente instalado. Ela afirmou ter observado, através de declarações pela imprensa, que o general “possui, acima de seus ilustres companheiros da revolução, o sentido mais humano, mais compreensível e de justiça no julgamento dos fatos e das pessoas.” Daí dirigir-lhe tal carta, pois o general, segundo Adalgisa, tinha mais aptidão, era o “mais condicionado” para compreender seus argumentos.

Com tais cartas, Adalgisa Nery defendia-se contra a possibilidade de cassação. Subversão e corrupção foram categorias criadas pelo primeiro Ato Institucional (11/04/1964) para cassar mandatos eletivos, suspendendo os direitos políticos dos adversários do regime. Por fim, em 14 de maio, a “Última Hora” trouxe a notícia estampada no alto da página três:

ASSEMBLÉIA REPELE ACUSAÇÕES CONTRA ADALGISA (...) O deputado Amando da Fonseca, na presidência da casa, declarou que acha deficiente a caracterização de subversivas para as palavras oferecidas contra a Sr^a. Adalgisa Nery. ‘Trata-se apenas de alguns artigos de jornal’, acentuou, ‘a serem considerados à luz da liberdade de imprensa existente no país.’

Entretanto, sobre o deputado João Massena do Partido Social Trabalhista (PST), na opinião do presidente da ALEG, “não resta dúvida alguma sobre suas ligações comunistas.” Nessa ocasião, já haviam sido cassados Sinval Palmeira Vieira, também do PST, os petebistas, Paulo Alberto Monteiro de Barros, Ib Teixeira, José Saldanha da Gama Coelho Pinto, José Gomes Talarico e Hércules Correia, além de Valdemar Viana de Carvalho do Partido Social Progressista (PSP). Sobre esses conturbados dias em que o governo militar cogitou em cassá-la, Adalgisa afirmou:

(...) cassa a Adalgisa, não cassa a Adalgisa, aquilo levou 2 meses, 3 meses, não me afligia por mim, me afligia pelos meus filhos que não tem nada que ver com política, apenas são meus filhos e eles sofriam as conseqüências disso tudo (...) eu tive um grande desgosto daquilo, foi esse desgosto começado em 64 que me afundou muito na minha ligação política, dos meus contatos.³⁹⁰

No acervo pessoal de Adalgisa Nery, há um texto curto, datilografado, datado de 20 de maio de 1965, no qual Adalgisa anotou às margens do papel: “Diante disso fui considerada subversiva.” Tratava-se de sua resposta ao “Correio da Manhã” diante da pergunta: “A revolução atingiu seus objetivos?”. No texto, ela elaborou seu conceito de revolução:

(...) É um processo complexo pelo qual se operam uma descontinuidade para uma imediata mudança de tradição cultural, com uma recomposição das camadas sociais que são desintegradas, e em seguida, reintegradas segundo um novo tipo de estratificação. Um golpe militar é um golpe pelo qual um governo civil é substituído por um militar, e suas bases de governo começam e terminam nos regulamentos de quartel. Daí eu responder que há confusão na pergunta. Se fosse ela: ‘o golpe militar atingiu seus objetivos?’ Eu responderia: PLENAMENTE.

No entanto, por aqueles dias, tal texto não foi publicado no periódico em questão. A partir disso, formaríamos uma série de indagações, supondo, por exemplo, que a censura tenha vetado a publicação; ou que esse argumento de cassação tenha sido assimilado apenas por Adalgisa Nery. Talvez essas questões não tenham importância fundamental.

Naquele maio de 1965, o diretor da editora Civilização Brasileira fora detido. Mobilizados pela prisão injusta de Ênio Silveira, “Intelectuais e artistas pela liberdade”, assinaram um manifesto publicado em uma página inteira do jornal “Correio da Manhã”.

³⁹⁰ Depoimento de Adalgisa Nery para o círculo de escritores brasileiros do Museu da Imagem e do Som – MIS.

Encabeçado pela ABI, o abaixo-assinado referia-se à liberdade de imprensa, garantida por lei. Na lista de assinaturas, Adalgisa figura como poeta.³⁹¹

Entretanto, uma evidência de embate ao regime militar, foram as suas declarações sobre a chamada “revolução de 1964” explicitadas na entrevista ao MIS, em 1967. As críticas ao governo não se restringiram à gravação para o acervo do museu. Diversos jornais noticiaram sobre o depoimento de Adalgisa e muitos, ao resumirem as falas da deputada, publicaram suas análises contrárias ao regime. “Jornal do Comércio”, “O Jornal”, “Gazeta de Notícias”, “Correio da Manhã” e “O Globo”, trataram do conteúdo da entrevista concedida. Os dois últimos jornais apresentaram matérias mais longas, ilustrando-as com fotos de Adalgisa diante do microfone.

As críticas ao regime aparecem mescladas com as informações sobre sua trajetória pessoal, seus casamentos, seu trabalho no jornalismo e como deputada. A “Gazeta de Notícias”, mais explícita, logo no início da matéria, citando uma fala de Adalgisa Nery, apregoou com alguma prudência:

Sobre o movimento de 1964, disse não considerá-lo uma revolução. Sua explicação é a seguinte: “Revolução é só o que vem debaixo pra cima. E quem tem coragem de fazer isso no Brasil? Há grupos poderosos impedindo todas as tentativas reais. A luta pelo poder, que eles chamam de revolução, é uma espécie de sai da cadeira que eu quero sentar.” Nega a escritora ser contra as Forças Armadas, mas afirma condenar o espírito militarista.

A reportagem de “O Globo” reproduz a fala de Adalgisa, que disse estar “ainda sob o efeito do impacto que me causou o movimento de abril de 1964.” Porém, num outro trecho pondera: “Não sou contra as Forças Armadas, pois são elas que me defendem e a minha pátria, mas sou contra o militarismo que está se alastrando pelo mundo.” Suas palavras funcionam como crítica sutil ao governo.

No ano seguinte, um episódio pode ter arregimentado ainda mais razões para o desgosto dessa mulher, que, na medida do possível, inserida numa conjuntura de falsa democracia, posicionava-se ao lado das forças contrárias ao regime. Qual era a medida para que uma pessoa, ligada à política institucional, fosse considerada de oposição a ponto de ser perseguida politicamente? É possível pensarmos que a deputada foi poupada, já que sua cassação ocorreu cerca de cinco anos após a instalação do governo ditatorial? Quando os

³⁹¹ “Correio da Manhã”, 30/05/1965, acervo microfilmado da Biblioteca Nacional.

vitoriosos de abril de 1964 estariam suficientemente convencidos a invalidar o mandato da deputada Adalgisa Nery?

Recortes de jornal sobre um acidente de automóvel sofrido por Adalgisa Nery e seu filho Ivan, foram guardados por ela. “Jornal do Brasil”, “Correio da Manhã”, “O Jornal” e “Última Hora” publicaram pequenas notas tratando do episódio. O carro dirigido por Adalgisa estava parado no sinal vermelho nas proximidades do Cais do Porto, na manhã de sábado, 13 de abril de 1968, quando houve a colisão. Com ferimentos na perna esquerda, a deputada foi levada ao hospital Sousa Aguiar após ser socorrida por populares, já que o motorista fugira. O ônibus fazia o trajeto Mesquita – Mauá. A “Última Hora” deu mais detalhes do acidente:

O motorista do ônibus, conforme foi apurado, é um cabo da Polícia Militar que havia deixado o quartel de madrugada. A empresa não o tem registrado no livro de empregados e sabe apenas o seu primeiro nome. A deputada, considerando as circunstâncias em que o choque ocorreu – seu carro estava parado – admite duas hipóteses: ou o ônibus estava sem freios ou o motorista estava embriagado.

A partir desse episódio, dadas às circunstâncias adversas do acidente, poderíamos pensar na possibilidade de um atentado, já que o contexto político era de repressão e Adalgisa Nery não fazia coro com o regime militar. Pelo contrário. Porém, essa hipótese é limitada pelas evidências, que apesar de escassas, merecem ser explicitadas.

Lançando mão de um exercício de especulação com as fontes, a deputada escrevera ao então governador da Guanabara, Negrão de Lima. Naquele contexto, a efervescência estudantil marcou o cenário carioca e o governador enfrentou situações difíceis. Até porque, Negrão de Lima era o único governador brasileiro que não era da Arena. Ele responde aos questionamentos de Adalgisa sobre a morte e os imprevistos, garantindo que não temia a morte. A carta é datada de 30 de agosto de 1968, quatro meses após o acidente. Essa reaproximação com Negrão de Lima, conhecido seu de longa data e ainda inserido na política institucional em pleno regime de exceção, talvez tenha sido uma forma de garantir ou denunciar sua difícil situação em 1968. Uma estratégia particular? Adalgisa teria os direitos políticos cassados em fins de 1969.

Dias depois do acidente, Adalgisa recebeu uma carta assinada por José Augusto de Toledo Neto, que aceitava seu pedindo de desligamento do “Centro Brasileiro de Cultura.”³⁹²

³⁹² Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Da mesma forma, em carta já referenciada escrita a Roland Cobusier, intelectual ligado ao ISEB, Adalgisa agradece o convite para compor o grupo do movimento cultural em formação, mas pede que ele exclua seu nome da lista de sócio-fundadores. Ela afirma que escrevia a carta quando se recuperava do tal acidente. Adalgisa Nery parece desejar desvincular-se de quaisquer entidades, esquivando-se. Talvez a deputada temesse o vínculo de seu nome com associações ou grupos, mesmo que, nominalmente, fossem de cunho cultural.

O quinto Ato Institucional (AI-5), o mais rigoroso desde então, foi editado em 13 de dezembro de 1968 e provocou, no decorrer do ano seguinte, o acirramento das prisões e cassações. Assim, na mira dos militares, Adalgisa Nery depôs na “Superintendência de Polícia Executiva” em 23 janeiro de 1969. Com o subtítulo “sindicância sumária”, o documento possui três páginas que descrevem as perguntas e respostas da depoente. Adalgisa foi indagada quanto a sua ligação com a sociedade cultural Sino-Brasileira e sobre o II Congresso das mulheres de toda a América Latina, realizado em Havana, além de seus vínculos na assembléia da Guanabara. E admite, sutilmente, sua posição diante do regime vigente:

(...) perguntada se admite possa alguém ser condenado pela prática de crime contra a segurança do Estado, procurando ou incentivando, pela pregação, a derrubada violenta das instituições vigentes, respondeu que é contra a violência e contrária a derrubada de governos constituídos.³⁹³

Algumas afirmações contidas no material de acusação nos pareceram infundadas. São diversas as negativas de Adalgisa. É preciso considerar, que a intimação judicial, o processo de convocação, enfim, todo o *mise en scène*, funcionava como ações de intimidação. Era o empenho do regime em prol da bravata, ameaçando os políticos civis eleitos no período democrático.

No decorrer de 1969, outros atos institucionais foram editados e novas listas de cassações foram publicadas, acirrando a repressão e incentivando a resistência armada.

No último dia de agosto, argumentando o agravamento do estado de saúde do presidente Costa e Silva, uma junta militar passou a governar o Brasil. A decisão de um ato institucional (AI-12) modificava a constituição de 1967. Desta feita, a ação dos militares alijou o vice-presidente civil, Pedro Aleixo, político da Arena e ex-udenista, de seu direito constitucional. A cúpula militar divulgou tal disposição em cadeia nacional de rádio e televisão. Foram dias tensos. Aleixo desligou-se da vida pública. A sociedade civil

³⁹³ Documentos do setor *Secreto* do DOPS, depositado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Pasta: 87, dossiê: 2, folhas datilografadas, n. 116 (12/06/1965), n. 117.

sobressaltava-se com o auge das ações dos movimentos guerrilheiros, já que, no início de setembro, num episódio ousado, membros do “Movimento Revolucionário 8 de outubro” (MR-8) e da “Ação Libertadora Nacional” (ALN) seqüestraram o embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, objetivando forçar o governo militar a libertar alguns presos políticos.

A junta governamental fora composta pelos ministros militares e o representante da Marinha era o almirante Augusto Rademaker, já conhecido da então deputada do MDB. Em 17 de outubro de 1969, dias antes do pleito indireto que elegeu Rademaker vice-presidente da República, Adalgisa foi cassada.

Por perder os direitos políticos, Adalgisa foi obrigada a devolver a condecoração que recebera da Marinha em 1962. A medalha da ordem do mérito naval foi entregue junto de uma carta aos seus algozes. Podemos eleger essas linhas como seu manifesto nacionalista particular. Ela faz um retrospecto de sua vida pública e defende-se de possíveis acusações feitas pelos “responsáveis incumbidos de devassar o comportamento da minha vida pública. (...) Jamais, aproveitando-se da situação de deputada, usufrui do menor benefício pessoal ou material.” Tonalidade poética e nuance religiosa fizeram parte dos argumentos:

O Senhor, Deus dos Exércitos, concedeu-me como privilégio, um pouco de talento e muita sensibilidade. Não para usá-los como prestígio à minha efêmera passagem pela vida, mas para que através da minha pessoa, Ele fosse manifestado aos meus irmãos brasileiros. Sei que bem cumpri essa missão.³⁹⁴

Adalgisa afirma ter sido “contra o empreguismo, essa praga nacional.” Teria ela outros princípios políticos? Afinal, quando casada com Lourival Fontes, freqüentando o centro do poder, ela valeu-se de benefícios que sua situação lhe conferia, ainda que pelo viés do espaço privado. Entretanto, conforme sugere Emmanuel Nery, sua mãe, preocupada com a imagem pública de jornalista em meados de 1959, pedira que o filho a poupasse de possíveis acusações, já que, mesmo legalmente, ele poderia importar produtos para revender no Brasil quando finalizara seu emprego no Uruguai.³⁹⁵

³⁹⁴ Rascunho da carta. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

³⁹⁵ NERY, Emmanuel. Op. Cit., p. 337. Ele descreve a fala da mãe: “Meu filho, peço-lhe que abra mão dessas importações, apesar de legais. Como sabe, escrevo a coluna política ‘Retrato sem Retoque’, que poderia ser prejudicada se as pessoas que desmascaro diariamente resolvessem fazer demagogia contra mim, dizendo que você teria ganho muito dinheiro à custa de legislações imorais.”

De qualquer forma, em 1969, segundo a deputada cassada, o empreguismo era “praga nacional” no Brasil. Com sua conhecida linguagem metafórica: “Por vivência e persistência humana e política, sei que a vida não é feita com as tintas claras e puras das madrugadas em crescimento, mas de pastosas tintas cinzentas que prenunciam as trevas.”

A metáfora das cores era alusão ao episódio conhecido por seus contemporâneos mais próximos em que a jornalista, questionando a compra de tintas, indispôs-se com a cúpula da Marinha. Apesar de ter enviado seu manifesto a Marinha na ocasião em que devolveu a medalha, em 1969, o conteúdo da carta de Adalgisa foi publicado quando de sua morte, em 1980. Carlos Drummond de Andrade reproduziu na íntegra a tal carta em sua coluna no “Jornal do Brasil”. No texto em homenagem à falecida amiga ele esclareceu e finalizou:

Adalgisa estranhara que fossem jogadas fora toneladas de tinta cinza para se comprarem outra de tom mais escuro, na pintura das unidades navais: seria melhor gastar o dinheiro em assistência a milhares de brasileirinhos abandonados por aí. Seis anos depois de escrever isto em seu jornal, tiraram-lhe a medalha. Não lhe tiraram a bravura e seu amor a seu país.³⁹⁶

Da mesma forma, o jornalista Cláudio Lacerda, em matéria ao “Jornal da Tarde” publicada após o falecimento de Adalgisa, teve entre seus entrevistados o médico Fernando Gomes da Fonte, um dos donos da clínica onde ela morreu. Em seu depoimento sobre Adalgisa, afirmou: “No princípio, ela conversava muito comigo. Queixava-se da cassação, segundo ela provocada pelo ex-ministro da Marinha Augusto Rademaker.”

É certo que o episódio das tintas provocou o acirramento da indisposição com as Forças Armadas, e Rademaker encontrou ocasião propícia para vingar-se da ousada delatora da negociata tramada na compra de tinta para pintar os navios da Marinha. Adalgisa Nery teve os direitos políticos cassados, pura e simplesmente.

Em suas memórias, Samuel Wainer afirma que, quando morava em Paris, recebera uma carta de Adalgisa Nery, que tivera seu mandato cassado. “Na carta, ela reconhecia que fora muito longe em sua agressividade, radicalizara exageradamente suas posições.” Wainer não respondeu à carta e relata um episódio que o fez constatar que:

Adalgisa continuava a mesma. Ao receber a visita de uma amiga comum e

³⁹⁶ “Jornal do Brasil”, sábado, 14 de junho de 1980.

ouvir que eu atravessava dificuldades econômicas em meu exílio em Paris, ela retrucou que não acreditava nisso:

- Não é verdade – disse Adalgisa – Samuel é agente da CIA, e deve estar muito bem em Paris.

Ela seria assim até morrer, só e abandonada pelos antigos amigos, num asilo de velhos.³⁹⁷

No entanto, mesmo depois de cassada, ainda procurou expressar-se quanto à situação política nacional. As eleições de 1970 para o MDB, partido de oposição na conjuntura do regime militar, foram um fracasso. O partido do governo, a Arena, conquistou quase setenta por cento das cadeiras legislativas. Diante do resultado eleitoral, Adalgisa escreveu uma carta ao vice-governador da Guanabara, Erasmo Martins Pedro, datada de 18 de novembro de 1970.

Eles haviam sido colegas de partido na ALEG. Erasmo Martins Pedro, apesar de ter sido convidado para ingressar na Arena, entre outros motivos e em solidariedade a Juscelino Kubitschek, cassado pelos militares, filiou-se ao MDB.³⁹⁸ Assim, ao acompanhar pela televisão, o “lógico fracasso do MDB” nas eleições, Adalgisa pretendia “relembrar palavra por palavra” o diálogo travado em maio de 1969, quando o ainda deputado da Guanabara, “foi a minha casa em Petrópolis, procurou-me para conhecer a minha opinião sobre a situação do partido.” Portanto, antes da sua cassação. Descrevendo o diálogo daquela ocasião, Adalgisa sugerira:

O MDB não pode nem deve fazer o jogo do governo. O MDB deve ser dissolvido por decisão própria para deixar os responsáveis da revolução diante de um beco sem saída, qual seja, um partido único (Arena), insofismável característica das ditaduras, sejam elas protegidas pelo imperialismo ou pelo comunismo.³⁹⁹

Com a linguagem ácida tão característica e recorrente, em alguns trechos das três páginas datilografadas, Adalgisa beirava ao insulto. Erasmo Pedro negara a sugestão da deputada naquela oportunidade, afirmando a necessidade de “aproveitar todas as frestas do atual regime para o fortalecimento da democracia e do partido da oposição.” Ao que ela respondeu: “Aproveitar as frestas como uma barata, fugindo pelo assoalho podre, salvando-se nos porões úmidos e escuros?”

³⁹⁷ WAINER, Op. Cit. p. 248.

³⁹⁸ Verbetes: *Erasmo Pedro*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

³⁹⁹ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Apesar da vitória do MDB no executivo da Guanabara, a Arena havia conquistado os governos estaduais de todos os outros estados do Brasil. Assim, segundo Adalgisa, o que ela havia dito em maio de 1969, “está escrito e publicado pelos melhores comentaristas políticos da nossa aldeia” depois do resultado eleitoral de 1970:

O governo dos militares agiu com muito mais inteligência e sagacidade políticas. Não precisou sustentar temerosa, a máscara da democracia. A oposição, o MDB, encarregou-se de afivelá-la com segurança na face do regime ditatorial. Não quisesse o MDB aproveitar as ‘frestas’, tivesse o MDB tirado o tapete sob os pés do governo militarista, e agora, certamente, a democracia estaria em melhores condições para a sua recuperação.⁴⁰⁰

A ditadura camuflava-se de democracia, na medida em que elegia os representantes legislativos. Para Adalgisa Nery, o partido teria perdido a oportunidade de criar um desconforto político ao regime ainda no início de 1969. Explicou que se recuperava de uma trombose nas coronárias: e não lhe foi “possível seguir as ordens médicas de absoluto repouso diante da estrondosa derrota, que eu, como mulher há mais de um ano previra. Isso dá-me o direito de enviar agora ao vice governador da Guanabara esse doloroso ‘lembrete.’”

Conforme justifica, ela soube pela televisão que vários emedebistas haviam proposto a dissolução do partido. No que questiona: “Mas agora? Seria uma infantilidade imperdoável, além de reforçar ainda mais a autoridade política do governo. Mas onde vocês têm a cabeça? Querem fazer pirraça como uma criança a quem negaram um doce?”

Deste modo, segundo ela, o MDB havia contribuído para “o governo bem mascarado de democrático.” Com os resultados eleitorais:

Para todos os efeitos, e principalmente para o exterior, já que há uma lei norte-americana que não permite empréstimos aos governos ditatoriais, o governo pode, sem sombra de constrangimento, alardear que o Brasil possui um regime de legítima democracia com um Congresso em atividade, formado pela voz das urnas. Quem deu a vitória ao governo nesse jogo foi exclusivamente o comando do MDB. O fortalecimento de um regime ditatorial militar foi proporcionado exclusivamente pelos políticos do MDB. Vocês não tiveram coragem suficiente de dar o golpe da auto-dissolução do partido antes do governo federal fazê-lo como fez utilizando a própria máquina do MDB.⁴⁰¹

⁴⁰⁰ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁴⁰¹ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Ela falou em conveniências pessoais e falta de princípios partidários; concordou que o governo agira com inteligência política, admirando seu jogo vitorioso; por fim, afirmou que o episódio do tal ‘lembrete’ lhe auxiliaria na elaboração de um livro que preparava sobre os últimos 10 anos políticos no Brasil.

No nosso trabalho de cruzamento de fontes, constatamos que tal livro, nunca publicado, talvez tenha sido um dos citados como inédito na reportagem sobre Adalgisa na “Galeria de escritores brasileiros”. O recorte de “O Jornal”, datado de próprio punho por Adalgisa, 14 de junho de 1970, pautou-se na descrição biográfica da escritora, sua experiência no jornalismo e na câmara estadual da Guanabara. O texto foi ladeado com uma foto em que Adalgisa, de feições sérias, posa portando um cigarro na mão direita e apoiando a esquerda na cintura. Finalizando, a matéria cita a bibliografia e a produção ainda não impressa da escritora. Entre os livros inéditos, “Erosão” (romance), “O terceiro excluído” (romance), “Tempo ornamento” (romance) e “Enlace de conteúdos” (páginas de pensamento). De todos, apenas o primeiro, seria publicado (1973) e, talvez, o último seria o livro que Adalgisa refere-se na carta ao político do MDB, Erasmo Martins.

Notamos que, com os direitos políticos cassados, Adalgisa reforçou sua identidade como escritora, apesar de nunca ter abandonado completamente a literatura. Em 1970, seu maior sucesso literário, “A Imaginária” foi relançado.

Um aspecto curioso encontrado na documentação guardada por Adalgisa, é a existência de uma carta enviada pelo “Centro Espírita André Luiz”, de Belo Horizonte. Em papel timbrado e com o logotipo da entidade, trata-se de uma resposta às solicitações de Adalgisa, que buscava contato com Francisco Cândido Xavier (08/09/1971). Na missiva, a remetente informa o endereço do médium em Uberaba e afirma que incluirá seu nome na lista de orações do centro espírita, com o intuito de lhe prestar melhorias espirituais.

De fato, o médium mineiro havia participado do “Pinga-fogo”, um programa popular da TV Tupi, em que os entrevistados eram sabatinados com perguntas da platéia, dos entrevistadores, dos convidados especiais e também, por telefone, dos telespectadores. Na noite do dia 28 de julho de 1971, Cândido Xavier permaneceu por mais de três horas, ao vivo, respondendo às perguntas. O sucesso da entrevista levou a emissora a reprisá-la nas semanas seguintes, além de realizar um novo programa ainda em fins de 1971. Tais participações de Chico Xavier na televisão, são consideradas um marco na história do espiritismo no Brasil.⁴⁰²

⁴⁰² Sobre esse aspecto, ver: MAIOR, Marcel Souto. *As Vidas de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Esse ponto merece algumas considerações, pois sugere que, mesmo bastante ligada ao catolicismo, Adalgisa Nery dispôs-se a pedir auxílio ao líder espiritual que ganhava fama no Brasil. Isso pode ser avaliado como uma evidência das dificuldades enfrentadas no período posterior à cassação política.

Da mesma forma, é preciso observar, que Adalgisa manteve por um largo e espaçado período, correspondência com Dom Clemente Isnard, bispo de Nova Friburgo, cidade serrana do Rio de Janeiro. Ela guardou uma série de cartas datadas entre 1959 e 1974. O clérigo parece ter-lhe servido como uma espécie de confessor, com quem ela explicitava suas angústias e decepções.

Os desapontamentos enfrentados na sua vida como mulher pública revelam cabalmente certas atitudes que Adalgisa tomou na vida privada.

Em 1972, publicou “Neblina”, romance de tonalidade incômoda e trágica em que a personagem narradora, após sofrer uma operação, não podendo mais falar, descreve suas impressões sobre os pais, a irmã e o marido que moravam na mesma casa e sustentavam uma vida mesquinha e fútil. Ao reproduzir os diálogos dos personagens, a narradora provoca questionamentos profundos e filosóficos, assim como fez em “A Imaginária”. O livro foi dedicado à “desconhecida figura humana de Flávio Cavalcanti”. O apresentador da TV Tupi foi importante entusiasta do regime militar. Entretanto, Flávio Cavalcanti foi quem acolheu a polêmica Leila Diniz em sua casa em Petrópolis, alguns anos antes. Depois de uma entrevista dada ao “Pasquim” em 1969, a atriz sofreu represálias e chegou a figurar como jurada no programa de Flávio Cavalcanti na televisão.⁴⁰³

Desde 1965 Adalgisa Nery mantinha uma casa em Petrópolis onde costumava passar os fins de semana. Talvez a vida na serra fluminense a tenha aproximado do casal Cavalcanti.⁴⁰⁴

Ela guardou o recorte de uma matéria publicada na “Revista Veja” em 1972, sobre as anunciadas férias de Flávio Cavalcanti, “O senhor dos domingos”, provocador de alvoroçadas simpatias de um público cativo, mas também de críticas atroz, atacado por ter sido conivente e apoiado o movimento de abril de 1964. O texto refere-se a uma aproximação por parte de Adalgisa, “uma antiga arquiinimiga”, que telefonou ao apresentador da TV Tupi,

⁴⁰³ <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/qtv290820014.htm>, site visitado em 24/06/2007. Sobre: OLIVEIRA, Lúcia M. Barbosa. *Nossos comerciais, por favor! A televisão brasileira e a Escola Superior de Guerra: o caso Flávio Cavalcanti*. São Paulo: Beca Editora, 2001.

⁴⁰⁴ Conforme cartas trocadas com Ivan Pedro de Martins, o ex-proprietário da casa em Petrópolis, datadas de maio de 1965. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

solidarizando-se após um acidente de automóvel sofrido por seu filho, Flavinho. O texto, de linguagem descontraída, afirma que Adalgisa, “de tanto ver seus programas, concluiu que ele não era o que diziam seus adversários (...) Cassada em 1969, ela recebeu dele um telefonema tranqüilizador: ‘Minha adorável subversiva, fique tranqüila que está tudo bem.’”

Flávio Cavalcanti é identificado como devoto do catolicismo: “um padre frustrado e uma paróquia de 30 milhões de fiéis.” As fotos o mostram fazendo o sinal da cruz antes de entrar nos estúdios e posando na capela de sua mansão na serra de Petrópolis. Ao transcrever falas do apresentador, o texto transmite a idéia de um homem espirituoso, imprimindo opiniões convictas sobre questões polêmicas e filosóficas, bastante ligado à esposa, Belinha. Também enfatiza o cotidiano de harmonia do casal com os filhos adotivos e com as empregadas domésticas de longa data.

Quais os pontos de contato que um indivíduo estabelece com seus pares? Podemos pensar no catolicismo como ponto de fusão de interesses e valores? A reportagem de “Veja” nos dá sugestões. Algumas características do casal Cavalcanti, do âmbito da vida privada, talvez tenham possibilitado a manutenção da relação de Adalgisa Nery com a família, a ponto de Flávio Cavalcanti tê-la acolhido em sua casa de Petrópolis, alguns anos depois.

Quando Adalgisa completou 67 anos de idade, em outubro de 1972, Flávio Cavalcanti escreveu à “querida Giza” uma carta repleta de palavras carinhosas. Ao final, o apresentador assinou e acrescentou os nomes dos membros de toda família e também dos empregados da casa.

O famoso e polêmico apresentador de televisão foi também generoso com Adalgisa Nery. Ela residiu com o casal em Petrópolis e seu neto José Carlos, em suas memórias de infância, afirma que ela foi colaboradora assídua dos programas de televisão de Flávio Cavalcanti. Segundo José Carlos, a cumplicidade foi quebrada por um episódio que levou Adalgisa Nery a sair da casa dos Cavalcanti. Ela morava nos aposentos que ficavam no fundo do terreno da mansão. O filho Emmanuel, empolgado pela entrega de um presente, adentrou na área restrita do casal e foi repreendido severamente por Flávio Cavalcanti. Adalgisa ficara aborrecida pelo desacato ao filho. Um bilhete de 1973, assinado pelo dono da casa, parece ser referente ao caso:

(...) não estou zangado não. Fiquei triste, estou triste. Gosto muito de você e sempre tive muito orgulho em tê-la junto, lá em casa. Assim que puder volte. A casa é sua, nós também. O mais rápido que você conseguir. Beijos de

todos e o coração realmente seu, Flávio.⁴⁰⁵

Naquele ano Adalgisa publicou “Erosão” com suas últimas poesias.⁴⁰⁶ Os dados sobre o período em que Adalgisa decidiu pela reclusão definitiva são controversos. Nos anos que antecederam a sua entrada na Estância São José, em 12 de maio de 1976, ela foi se desfazendo dos bens. Desde meados dos anos 1960, a obra de Ismael Nery foi ‘descoberta’ pelo mercado de obras de arte. Adalgisa vendeu os imóveis e a vasta produção do primeiro marido, preservada e guardada por Murilo Mendes, foi dividida entre seus filhos, Ivan e Emmanuel. Rascunhos de cartas guardadas por ela explicitam as intrigas geradas entre os filhos nesse processo.⁴⁰⁷

Em 20 de dezembro de 1974, através de carta, Adalgisa Nery despedia-se da empregada Vera Lúcia que “foi uma amiga constante e não uma empregada, você me ajudou a viver”. Valendo-se de palavras cristãs ela fala em respeito ao seu valor humano e deixa de “lembrança” 1000 cruzeiros, “não é um pagamento porque a sua amizade comigo não tem preço”. Ela diz que gostaria que Vera ficasse com o filho Ivan e a nora Marta, “seria um prêmio para eles”.

Em suas memórias Emmanuel Nery denuncia as tramóias do irmão e afirma que a mãe fora morar com ele depois da temporada na casa dos Cavalcanti em Petrópolis. Entretanto, no livro de entrada da Estância São José, o endereço dado por Adalgisa foi o de Ivan, que morava em Ipanema. Dados contraditórios à parte, apesar de adoentada, Adalgisa estava lúcida e a decisão de internar-se na Estância São José, espécie de asilo que designava seus internos como hóspedes, foi dela. Reclusa

O bairro de Jacarepaguá, afastado do centro da cidade do Rio de Janeiro, era, nos anos 1970, considerado área rural. Porém, o lugar ainda preserva ares de tranquilidade, com vasta vegetação, fica localizado na encosta de uma montanha. Adalgisa optou pelo auto-exílio, abdicando da carreira literária (e da vida?) definitivamente.

⁴⁰⁵ Bilhete de 28 de junho de 1973. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁴⁰⁶ Sobre esse livro, Carlos Drummond de Andrade, dedicou um poema a Adalgisa, guardado por ela. Enviado em 14 de outubro de 1973: “Sobre tua poesia uma luz grave/ pousa e revela a sombra do vivido./ Tua face e teu fundo misterioso/ envolvem-se no mesmo halo suave/ Erosão? Polimento? Uma verdade/ vem visitar teus lábios experientes./ És mais completa e forte, no limite/ da lucidez – diamante e soledade./ Definitiva e diáfana, ao clamor/ Da angústia existencial, eis que a palavra/ maior, germina e salta de teu verso:/ Amor, acima até do próprio Amor./ Carinhosamente,/ drummond.” Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁴⁰⁷ Além dos rascunhos em que Adalgisa escreveu aos filhos, algumas cartas recebidas de Murilo Mendes que morava na Itália, possuem referências às dificuldades em lidar com os filhos e a venda do apartamento de Botafogo. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Cerca de um ano depois de auto internar-se, Adalgisa Nery foi vitimada por um acidente vascular cerebral que a deixou hemiplégica, com o lado direito do corpo paralisado, ficando dependente dos funcionários da clínica. Assim como a personagem-narradora de “Neblina”, seu último romance, ela ficou com dificuldades de comunicar-se. Adalgisa morreu em 07 de junho de 1980.

5. *Coisas de mulher e os lugares do masculino*

“(...) Eu sou uma mulher... a minha natureza é muito mais mulher do que, vamos dizer, mãe... eu acho que eu sou uma mãe que cumpre com suas obrigações, porque é uma obrigação minha e eu faço com muita ternura de alma, acompanhar, amparar, orientar os meu filhos como mãe (...) eu me considero uma mãe normal. Sou guiada pelo amor, mais mulher”.

Adalgisa Nery no depoimento do MIS em 26 de julho de 1967.

Com a assertiva acima, Adalgisa estabelece duas posições distintas para o gênero feminino. Adalgisa teve sete filhos homens com Ismael Nery, mas apenas dois “vingaram”. Segundo Ivan, o filho mais velho: “Alguns, até nascidos, morreram. Sendo que havia dois gêmeos. Esses gêmeos morreram de crupe, que é coisa que não existe mais”.⁴⁰⁸ Em 1922 Adalgisa casou-se e foi mãe pela primeira vez, aos 17 anos.

Entretanto, apenas na entrevista de Ivan Nery encontramos a referência aos filhos mortos. Em nenhuma outra fonte consultada houve qualquer menção a esse respeito. Da mesma forma que é compreensível o silêncio de Adalgisa. Talvez, a carga de sofrimento enfrentada por ela, na maternidade e na viuvez, tenha sido fundamental para essa mulher entender a posição de mãe e de mulher, diferentemente. A própria concepção de sua poesia, um tanto mórbida, sofrida e obscura, pode ser um reflexo dessa situação, que do nível pessoal, transbordou rumo a sua produção literária. Adalgisa viveu uma condição individual exclusiva das mulheres: concebeu, deu à luz, pariu, enfim, foi mãe. E viveu a dor de encarar a morte de seus bebês.

Um mês depois de depor ao MIS, Adalgisa foi entrevistada pelo “Diário de notícias” e ao referir-se à própria maternidade, conceituou um tipo especial de mãe:

Meus filhos me permitiram continuar a ser Adalgisa, sem que eu absorvesse minha personalidade por eles, como as mães-gatas que existem neste mundo. Não vi em meus filhos um derivativo para frustrações, como essas mães absorventes. Criei-os deixando que me ensinassem o que era novo e desconhecido para mim; coisas que eu já não percebia com os mesmos olhos que eles. Fazem-me feliz até hoje, pois vivemos num ambiente de franca compreensão e diálogo. E em breve serei bisavó...⁴⁰⁹

⁴⁰⁸ Depoimento de Ivan Nery em entrevista a escritora Ana Arruda Callado (1995), transcrito. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁴⁰⁹ “Diário de notícias”, domingo, 06/08/1967. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Entretanto, ela utilizou um discurso diferente anos antes na “Última Hora”. Adalgisa comentou as advertências do pediatra Dr. Rafael de Souza Paiva, contra os pais que levavam seus bebês aos bailes e festas de rua no carnaval de 1958. Sob o título “Crime contra a infância: carnaval não é festa para recém-nascidos”, ela criticou “essa bobagem chamada pelos locutores de o maior e melhor carnaval do mundo. É por isso que os povos sérios não nos tomam em consideração.” Ela referiu-se a uma cena, passada num programa de televisão, em que uma mãe deixara seu bebê adormecido em cima de um monte de serpentina:

A cena, longamente filmada, elogiava de maneira especial o espírito folião da mãe egoísta e inconsciente, que devia, por uma questão de respeito ao inocente, permanecer em sua casa, em benefício da segurança do filho, em vez de exhibir-se diante dos espectadores.⁴¹⁰

Discursos contraditórios à parte, a maternidade experimentada por Adalgisa Nery não a confinou ao ambiente doméstico. Ao mesmo tempo em que a morte do primeiro marido significou uma alavanca para sua atuação fora do lar. Também, o contato com o universo intelectual, proporcionado pelo casamento, foi aparato crucial em sua trajetória. A sensibilidade artística dessa mulher havia sido desconsiderada por Ismael. Tanto a Berenice de “A imaginária” como o filho, Emmanuel Nery, permitem captar esse aspecto. Adalgisa deixara de cantarolar em casa: isso simbolizava envolvimento doméstico; as traições e a doença do marido forjaram uma outra mulher.⁴¹¹

Inserida no grupo que freqüentava a livraria de José Olympio, nas décadas de 1930 e 1940, Adalgisa foi lembrada por sua beleza e elegância. Nesse ponto, temos subsídios para propor algumas observações. No livro sobre o ambiente intelectual da livraria José Olympio, Lucila Soares refere-se a um episódio envolvendo Dinah Silveira de Queiroz, integrante do quarteto feminino da Rua do Ouvidor. Muito preocupada com a aparência, valia-se de pó-de-arroz e batom vermelho, e, muitas vezes, indumentária exagerada, com luvas e chapéu. O texto indica que ela, aparentemente, não se incomodava com os comentários sobre os exageros:

Mas só aparentemente, como mostra sua reação a um encontro inesperado em Copacabana, numa bela tarde de sol. Dinah olhava, embevecida, uma

⁴¹⁰ Jornal “Última Hora”, 15/02/1958.

⁴¹¹ NERY, Emmanuel, Op.Cit., p.32.

vitrine, quando Sérgio e Maria Amélia Buarque de Holanda passaram e pararam para cumprimentá-la. Dinah se sentiu na obrigação de dar alguma explicação:

- Vocês sabem que, apesar de intelectual, eu não consigo me livrar de certas futilidades...⁴¹²

O cultivo à elegância, a preocupação com a aparência, o consumo de moda, eram ações encaradas como *coisas de mulher* e incompatíveis com o trabalho intelectual, considerado território masculino. Por também preocupar-se com a aparência, a bela e jovem viúva Adalgisa Nery, parecia incomodar-se com as possíveis críticas que recebia.

Aliás, a Berenice de “A imaginária”, explicita suas preocupações estéticas desde menina: o desacordo dos gostos era motivo de desgaste na relação com a madrasta. Adalgisa refere-se aos choques e desentendimentos quando a madrasta impunha o uso de vestidos cujos modelos a desagradavam:

Eu gostava de cintura no lugar. Ela obrigava-me a usar cintura alta. Eu não gostava de vestidos pesados de enfeites e de cores misturadas. Ela preferia os modelos requintados em pregas, babados, bordados, fitas, rendas e flores. Eu me sentia infeliz e ridícula todas as vezes que usava um vestido novo.⁴¹³

Nos tempos da livraria José Olympio, antes do segundo casamento, Adalgisa escreveu um artigo na primeira página do “Diário de Notícias”, em março de 1938, sob o título: “O espírito e a moda”. No texto, Adalgisa refere-se ao mal entendido em se tratar a moda como futilidade. “A moda tornou-se conversa deprimente nos meios da inteligência porque é vista como única razão de vaidade e falta séria do que fazer”. Elogia e nomeia os catálogos, assim como os pintores envolvidos com a moda. E em tom de defesa: “Se raciocinarmos um pouquinho, sem má fé, veremos que ela [a moda] é dirigida por pintores, músicos, poetas e artistas, enfim”. Adalgisa escreveu que freqüentemente ouvia palavras de desprezo em relação à moda: ocupação de “cérebros vazios”. E argumenta:

A mulher pode ser inteligente, culta, só se ocupar de coisas e problemas transcendentais, mas se ela nos chega de cabelos mal arranjados, se ela nos vem de unhas cortadas rentes e desbotadas, se está metida em vestidos sem linha e fora da moda, já estas qualidades, perdem muito (...) Uma mulher bem vestida vale por um espetáculo de cinema, de teatro, um concerto,

⁴¹² SOARES, Op. Cit., p. 89-90.

⁴¹³ NERY, Op., Cit., p 193.

enfim, é tão agradável como outra razão qualquer de recreio do espírito.⁴¹⁴

O artigo ilustra a preocupação estética dessa mulher, que tinha fama de elegante entre os freqüentadores da Rua do Ouvidor. Consumidora, vê a moda como manifestação de arte. Sua inserção no grupo deu-se também pelo viés da elegância e da sedução, já que foi lembrada por tais quesitos. O artigo parece ter funcionado como uma resposta à *inteligência* do período. A indumentária de Adalgisa e Dinah, possivelmente, foi considerada afetada e fútil pelos freqüentadores daquele ambiente intelectual. Em oposição ao mundo das idéias, do pensamento, a atenção à apresentação estética, ao visual, carregava o significado de futilidade: era coisa de mulher.

Entretanto, no rol das representações, o cinema hollywoodiano disseminou comportamentos no mundo ocidental cristão no período que se seguiu à Segunda Guerra. O potencial da publicidade em junção com a força da indústria tabagista, criaram condições para que o hábito de fumar se estendesse entre as mulheres. Adalgisa foi fumante, assim como Lourival Fontes. São várias as imagens em que nossa personagem aparece com o cigarro entre os dedos. Como as que se seguem. As duas primeiras tiradas para a matéria da “Revista Jóia” (03/1961). A seguinte, foi feita durante a entrevista ao MIS, em 1967. Na próxima, Lourival Fontes e Adalgisa Nery ladeiam o embaixador e a embaixatriz da Grã-Bretanha, na embaixada britânica, em 1950, foi reproduzida do livro “Couraça da alma”, de Emmanuel Nery.

⁴¹⁴ Diário de Notícias, 27/03/1938; microfilme localizado na Biblioteca Nacional.



A “Última Hora” assim como a imprensa dos anos 1950 e 1960, publicava vasta propaganda de marcas de cigarros. Já havia passado o tempo que fumar no espaço público era ato escandaloso para uma mulher. O tabagismo vinculava identidades, mas aos poucos deixou de ser elemento diferenciador dos gêneros, dicotomicamente. Como um ícone de conduta comportamental, seu uso passa a ser desprovido do caráter binário dos gêneros.

Além do mais, envolto pelo glamour de Hollywood, o período forjou a idéia do consumo do cigarro com sensualidade e independência para as mulheres: o fumo era símbolo de modernidade. Alguns filmes de Hollywood colocaram o tabagismo como charme feminino e marcaram gerações.⁴¹⁵ Poderíamos falar em conquista feminina no âmbito comportamental? Como observa Gilles Lipovetsky: “A devoção às estrelas foi para gerações de moças uma maneira de criar um continente delas, de abrir seu horizonte íntimo, de ter acesso a novos modelos de comportamento.”⁴¹⁶

De fato, numa perspectiva histórica, podemos considerar, no que tange ao consumo do cigarro, certa liberdade comportamental a partir principalmente dos anos 1950. O cigarro como um símbolo culturalmente disponível, universal, perdia a rígida identidade com o gênero masculino. Ao contrário, não mais como um hábito exclusivo dos homens: era encantador uma mulher portando, com elegância, um cigarro. Era a fase seguinte ao período marcado pela inclusão das mulheres no mundo do trabalho, quando, em consonância com a dilatação do mercado de consumo de massa, fumar representava acesso ao que era moderno.

Em “Diz-me como fumas”, a deputada Adalgisa Nery figurou na “Revista Jóia” de março de 1961. Na primeira parte, a matéria trouxe uma fotografia sua junto de outras duas: a cena de Jânio Quadros acendendo o cigarro de JK e outra de Rachel de Queiroz. No texto:

Serve para tudo o cigarro. Como vício, distração ou simples pose funciona sempre. A mulher política (Adalgisa Néri, por exemplo) usa-o para dar vazão ao nervosismo da criatura em permanente luta. Os homens públicos (JQ e JK) para demonstrar cordialidade, nem sempre de raízes fundas. A intelectual, para perseguir a inspiração, às vezes rebelde. Deve ser por isso que fuma a grande Raquel de Queirós.⁴¹⁷

⁴¹⁵ Apenas como exemplos, o personagem da Audrey Hepburn, com sua inseparável piteira em “Bonequinha de Luxo” de 1961, causou sensação. Da mesma forma a atriz Rita Hayworth, em “Gilda”, de 1946.

⁴¹⁶ LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p.220.

⁴¹⁷ “Revista Jóia”, segunda quinzena de março de 1961, n. 77, acervo da Biblioteca Nacional, mas também foi guardada por Adalgisa Nery (apenas o trecho em que ela figura), Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

A “Revista Jóia” era quinzenal e destinada ao público feminino. Personalidades femininas nacionais e estrangeiras apareceram na mesma matéria portando o cigarro: Cacilda Becker e a cantora Maísa Monjardim, por exemplo. Desde aquele tempo Hollywood é nome de marca de cigarro. Isso não é mera coincidência.

Cristina Meneguello em “Poeira de estrelas” faz uma análise primorosa do cinema hollywoodiano na mídia brasileira. Focada nas décadas de 1940 e 1950, a autora mostra a estabilidade da posição cinematográfica norte-americana no país, refletida na vasta produção de materiais midiáticos ligados a esse cinema. Conforme mostra a historiadora, a rede dos *mass media*, como num ciclo, envolvia os signos cinematográficos das mais variadas formas: ia do cartaz que o anunciava, à exibição propriamente do filme, passando por sua divulgação nas revistas especializadas e de variedades, nas músicas tocadas no rádio, nos álbuns e coleções de fotos, até às propagandas que se valiam das estrelas para a venda de produtos.

“Toda essa ‘inserção’ foi muito produtiva em sua época e acabou por deixar marcas constitutivas na história cultural dos países consumidores de filmes, bem como laços afetivos complexos.”⁴¹⁸ Preocupada em não imprimir uma análise que entenda esse fenômeno como uma imposição da política da boa vizinhança, “imperialista”, Cristina Meneguello percebe seu aspecto positivo. “Positivo não no sentido moral do termo, mas no sentido em que esse cinema foi efetivo, funcionou, veiculou padrões estéticos, de vida e expectativas, embeveceu e irritou.”⁴¹⁹

Assim, com o intuito de focar as formas de recepção, a autora acompanhou o debate fílmico entre a crítica nas revistas especializadas, mas também nas páginas da imprensa de modo geral, onde os espectadores debatiam cenas, romances e o comportamento dos personagens, mas também a vida dos astros. “Dessa maneira, Hollywood é simultaneamente celeiro de novidades, palco onde se desenrolam as vidas dos astros e orientação de costumes.”⁴²⁰

Hollywood também foi nome de certa tonalidade vermelha de batom, usada pelas *stars*. Modelos de vestidos, penteados e os gestos provocavam a identificação dos espectadores (público consumidor!) com os personagens dos filmes. Nesse sentido, o porte do cigarro contribuía para a composição de personagens e sugeria cenas eróticas. A autora lembra que o Código Hays, de 1934, controlava a crescente imoralidade dos filmes. Assim, ela refere-se ao uso de “equipamentos” que propunham essa sexualização das imagens:

⁴¹⁸ MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas*. Campinas: Editora Unicamp, 1996, p.12.

⁴¹⁹ Idem, p. 17.

⁴²⁰ Idem, p. 105.

O cigarro nas mãos do homem funciona como marca de masculinidade; na mulher é marca de charme e de que a mulher é ‘liberada’. Pedir para que se acenda o cigarro é sempre um modo de aproximar os casais, ou seja, o pretexto para o primeiro encontro amoroso. Em suma, o cigarro é apelo para o gestual e, associado ao estilo de quem fuma, ‘uma visão de beleza aquela mão esguia, de unhas muito bem tratadas, segurando com elegância o cigarro para levá-lo aos lábios.’⁴²¹

O que nos interessa aqui é perceber o cinema como detentor de referências estéticas e comportamentais, com os quais Adalgisa Nery estabeleceu algum grau de identificação. E não poderia ser diferente. Mulher de seu tempo, depois do casamento com Lourival Fontes, em 1940, ela afirmou: “A minha existência atual, parece cinematográfica (...) Nada falta, nem mesmo o rancho, onde passeio a cavalo.”⁴²²

O casamento com Lourival Fontes acirrou a preocupação de Adalgisa com a aparência, afinal, sua condição de esposa do chefe do DIP, exigia. Em carta não datada a “Maricota e Candinho”, Adalgisa escreveu ao casal Portinari, que na ocasião estava nos Estados Unidos. No final do texto, fez a solicitação: “Maria, eu queria que você me fizesse uma assinatura da ‘Vogue’ e ‘Harper Bazar’ por um ano.” Ambas eram publicações de moda. Em outra carta, Adalgisa envia a Maria Portinari um modelo de vestido que havia sido publicado na revista “Vogue” e pediu:

Desejaria muitíssimo possuí-lo, caso ele não custe mais de que 75 dólares. Peço-te o grande favor de verificar isto para mim e caso esteja dentro deste orçamento compra-o e manda-nos com toda brevidade que eu te mandarei o dinheiro imediatamente. Quero-o preto e o meu número é manequim 42 ou número 14 (medida americana).

Adalgisa estava inserida na cultura das aparências e do efêmero, intensificada e democratizada no século XX. Diferentemente de outros autores que tratam das sociedades contemporâneas, muitos denunciando a hegemonia alienante da moda, o filósofo francês Gilles Lipovetsky traça um panorama menos pessimista sobre o que conceituou como “processo de moda”. Como uma característica da sociedade de consumo avivada no período que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, mas inaugurada na alta Idade Média, a “forma

⁴²¹ Idem, p. 137. Cf. *O cigarro, amigo?inimigo?* Revista “A Cigarra”, janeiro de 1953.

⁴²² Revista “Vamos Ler!”, 17/10/1940. Material presenteado pelo sobrinho-neto de Lourival Fontes, Ivan Jaf.

moda” aparece como agente da espiral individualista e da consolidação das sociedades liberais.

A modernidade contribuiu para uma efetiva democratização dos símbolos de identificação social no que tange a vestimenta. Em “O império do efêmero” Lipovetsky fala na correspondência existente entre a democratização da aparência, a extensão e depois generalização do *desejo de moda*, outrora circunscrito às camadas privilegiadas da sociedade.⁴²³ No que tange ao plano histórico das sociedades modernas:

A significação social da igualdade destruiu a idéia de que os seres eram fundamentalmente heterogêneos; ela está na base da representação do povo soberano e do sufrágio universal, contribui para emancipar as mulheres, para desestabilizar os papéis, estatutos e identidades. No entanto, não conseguiu desarraigar a ‘vontade’ dos sexos de manifestar pelos signos frívolos suas diferenças.⁴²⁴

Assim, a igualdade entre os gêneros, processada no decorrer do século XX, teve ‘limites’ no que se refere ao universo estético. Apesar de ter havido alguma aproximação nos anos iniciais do século, com certa obstinação no quesito igualdade, Lipovetsky chama a atenção para o que considera um “princípio social antinômico arraigado no fundo das eras: a sacralização da beleza feminina”.

À medida que os símbolos mais ostensivos da divisão se atenuam (aparecimento de uma moda feminina dando lugar às linhas lisas, aos cabelos curtos, à calça), outros surgem, opondo-se à tendência democrática de aproximar os extremos: furor do batom após a Grande Guerra, dos esmaltes depois de 1930, da maquiagem dos olhos a partir dos anos 1960.⁴²⁵

A maquiagem foi artigo de luxo restrito durante milênios e se populariza efetivamente no século XX. Os significados da aparência, tão valiosos para Adalgisa Nery, codificam e efetivam o binarismo no âmbito estético. Entretanto, diante da idéia de sacralização da beleza feminina, simultaneamente ao processo que igualava os gêneros no âmbito das conquistas sociais, a “forma moda” improvisava e estabelecia novos símbolos de diferenciação de gênero. Envolvida com o meio intelectual durante o Estado Novo, e até por aderir às

⁴²³ LIPOVETSKY, Op. Cit. p. 78.

⁴²⁴ Idem, p. 138.

⁴²⁵ Idem, Ibidem.

tendências, seguir e preocupar-se com o consumo e com os modismos, Adalgisa pretendeu justificar-se, vinculando a moda como uma manifestação da arte.

Quando viúva de Ismael, Adalgisa Nery trabalhou na Caixa Econômica Federal e no Itamaraty. Seu segundo casamento ocorreu na casa de um dos padrinhos, Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores de Getúlio Vargas. É certo que a vida com Lourival Fontes proporcionou-lhe bastante estabilidade: depois do enlace, Adalgisa parou de trabalhar fora, tornou-se a “criatura decorativa que enfeita a sociedade com a graça da sua figura e revoluciona o espírito com a vibração de seus versos,” conforme texto de “Vamos Ler!”. Para Emmanuel Nery, a mãe era conceituada como dondoca.

No artigo da revista “Vamos ler” (17/10/1940) a escritora explicita abertamente suas idéias sobre o trabalho feminino, e fala que quando da publicação de seu primeiro livro de poesias ela trabalhava:

(...) embora seja contrária ao trabalho feminino. Tem sobre isso, idéias positivas.

- A mulher não deve trabalhar, não pode, não deve. A negligência masculina é responsável pelo espetáculo das mulheres que trabalham, fora do lar, desviando-se da sua verdadeira finalidade. Adalgisa olha o apartamento, enfeitado pela magia das suas mãos finas.

- Há tanta coisa que se fazer em casa! E as mulheres, nascidas para os deveres da maternidade, hão de se transformar em arremedos monstruosos, competindo com os homens! (grifos nossos)

No trabalho de cruzamento de fontes, uma observação válida: essa matéria de “Vamos ler!” não foi guardada por ela. Nem o artigo, já referenciado, “O espírito e a moda”, de 1938. Teria ela própria eliminado esses documentos de seu vasto arquivo pessoal? Que material é válido para compor a memória que se pretende deixar de si?

Adalgisa preocupou-se em guardar, com dedicado cuidado, um rol variado de recortes e artigos de jornais e revistas. Conforme nos informa Pierre Bourdieu em “A ilusão biográfica”, sejam as noções expressas numa autobiografia, sejam os vestígios deixados sobre si, o investigado funciona como um ideólogo de sua própria vida, na medida em que seleciona acontecimentos e lhes atribui significados, fazendo conexões e conferindo alguma coerência na sua trajetória. Não temos muitos subsídios para compor uma análise mais aprofundada, mas podemos sugerir algumas possibilidades. Talvez, a jornalista de sucesso e a deputada socialista que Adalgisa Nery se tornaria a partir dos anos 1950, tenha preferido silenciar a

‘dondoca’ que, nos anos 1940, era contrária ao trabalho feminino e escrevera sobre moda na imprensa. Teria a mulher que exigiu o caderno jornalístico dos homens, eliminado vestígios de tão estreita relação com o que era entendido como *coisas de mulher*?

Conforme observa Bourdieu, “o sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (...) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado.” Da mesma forma, é preciso considerar o sentido dos movimentos que conduzem e definem posicionamentos no que tange aos acontecimentos biográficos:

(...) o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos.⁴²⁶

Torna-se importante considerar as idéias de Adalgisa Nery frente às questões de gênero. Ela assimila o discurso que identifica efetivamente o feminino ao âmbito do privado, apesar de ter freqüentado o mundo do trabalho anteriormente. As atividades desempenhadas no espaço doméstico eram suficientes às mulheres; ocupando-se delas, as mulheres exerciam suas funções naturais. Situando-a historicamente, considerando a sucessão cronológica de sua trajetória e as condições sociais que lhe eram peculiares, é possível explanarmos a respeito das concepções de Adalgisa Nery sobre o gênero feminino.

Na época do Estado Novo ela determina a função doméstica das mulheres, posicionando-se contra o trabalho feminino. Por outro lado, é certo que Adalgisa, sendo uma mulher da elite, valia-se de ajudantes para a manutenção e o funcionamento da vida material. Deste modo, é fundamental considerarmos a condição de classe de Adalgisa Nery. Nos anos 1940, essa mulher, espécie de relações públicas do DIP, certamente servia-se de empregados no cotidiano doméstico. Quando Reynaldo Barros a conheceu, por volta de 1955, Adalgisa mantinha inclusive um mordomo.

Adalgisa aprecia e valoriza a aparência da mulher, importando-se com os aspectos estéticos femininos. Quando fazia parte da elite política brasileira, Adalgisa Nery assumiu uma postura e um discurso que ela negará na prática, quando ingressou no jornalismo e posteriormente na política. Conforme ela mesma afirmou, sua atuação política durante a

⁴²⁶ BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERRIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (coord.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.190.

ditadura Vargas deu-se por detrás das cortinas, opinando no âmbito privado, como esposa do diretor do DIP, nos anos 1940, e do chefe da casa civil, nos anos 1950.⁴²⁷

No variegado rol da documentação consultada, foi possível identificar pontos de um discurso constante construído por Adalgisa Nery e que perpassa diversas fontes: ela gaba-se por adentrar os espaços masculinos.

A Berenice de Adalgisa escreve em “A Imaginária” que, na escola interna, quando começou a aprender a escrever, as freiras “achavam que eu não tinha letra feminina e era imperioso modificar o seu traço, pois, modificando a caligrafia, o meu temperamento agressivo e destemido desapareceria.”⁴²⁸ Nos conflitos com a madrasta ela narra a imposição de comportamento. É Berenice quem diz:

Eu gostava de apostar corridas com os meninos. Lembro-me que ela tinha uma forma dura de corrigir-me dessa brincadeira: ‘Não é decente uma mulher correr e mostrar as pernas.’ Eu parava e pensava magoada e confusa: ‘Mas eu ainda não sou uma mulher!’ Olhava as minhas pernas e verificava que eram iguais às das outras crianças. Comecei a ter um pudor inexplicável pelos meus joelhos tão descoloridos e desengonçados como os de qualquer menina de onze anos. Todas tinham a mesma idade que eu e corriam livres sem “pernas de mulher”.⁴²⁹

Tais reflexões, mesmo limitadas pelo tom literário de “A imaginária”, e procurando utilizar ferramentas compatíveis com o trabalho do historiador, ilustram as noções de gênero apontas por Adalgisa quando menina: seu temperamento, não era compatível com a natureza das meninas de sua época. Entretanto, era uma releitura de sua própria condição. Quando uma menina percebe-se mulher? Adalgisa cultivou os adereços necessários para a identificação simbólica e compunha-se muito adequadamente com *o ser mulher* no seu tempo.

Na entrevista já referenciada dada por Madame Fontes ao “Times” em março de 1941, ela afirma que, apesar de estar vivendo comodamente como uma mulher brasileira da sociedade, descobriu-se vivendo diferentemente das mulheres brasileiras pertencentes a sua classe:

⁴²⁷ Um exemplo da cumplicidade intelectual do casal, foi a dedicatória no livro “Homens e multidões” de Lourival Fontes, publicado em 1950. A cópia de um exemplar, selecionada por Ana Arruda Callado, possui a dedicatória: “À minha querida Adalgisa, esse livro que é de nós dois. Lourival.”

⁴²⁸ NERY, Op., Cit., p.88.

⁴²⁹ Idem, p.93.

Porque eu estou firmada com homens – sua filosofia, seu espírito, seus pensamentos – Eu estou interessada em todas as coisas (...) E eu julgo que na América também, as mulheres têm interesses católicos. Elas debatem política e amam música, visitam museus e fazem trabalho social. Essa é uma independência maravilhosa, uma diversidade que eu amo. (tradução nossa).⁴³⁰

No trecho acima percebemos que ela localiza atitudes, gostos, posturas masculinas ao mesmo tempo em que afirma que está em conexão com os interesses do que ela acredita serem caracterizados como dos homens. Tanto que, 30 anos depois, na entrevista dada ao Pasquim, quando Sérgio Cabral pergunta sobre os possíveis obstáculos enfrentados no início da sua carreira literária, por ser mulher: “Você não sentiu um preconceito enraizado na sociedade brasileira?” A escritora nega que teve dificuldades, pois iniciou “a vida de escritora” aos 37 anos, quando já era viúva. Faz referência a sua vivência anterior, afirmando que teve infância e mocidade penosas, e orgulha-se por ter iniciado a vida intelectual recebendo escritores “fabulosos” em sua casa quando era casada com Ismael Nery, e finaliza:

Disse sempre o que quis com palavras que eu entendia que eram certas, defendi sempre as minhas convicções e não tive nenhum obstáculo. Sempre fui muito mulher também, sempre gostei de ser feminina, de todas as coisas que as mulheres fazem. Sempre fiz o que os homens fazem e o que as mulheres fazem. (grifos nossos)⁴³¹

A proposta de uma abordagem cultural dos sexos, explicitada em trabalho publicado originalmente na Revista dos Annales em 1986, serve-nos como balizamento. Apesar das autoras não trabalharem com o conceito de gênero, chamam a atenção para a importância de se analisar as relações entre os sexos: “É justo afirmar que, pertencer a um outro sexo diferencia atitudes, crenças e códigos numa determinada sociedade. É justo também observar que isto diferencia as sociedades entre si.”⁴³²

A história cultural, das representações, os estudos de etnologia e a antropologia, foram importantes nesse processo de releitura sobre os papéis e tarefas do masculino e do feminino. Neste sentido, a contribuição de Michel Foucault, concebendo o poder enquanto disperso,

⁴³⁰ No original: “Because I am concerned with man – his philosophy, his spirit, his thoughts – I am interested in all things” she asserts. “And I find that in America, too (...). They debate politics and love music, visit museums and do social work. It is a marvelous independence, a diversity which I love.”

⁴³¹ O Pasquim, n. 88 de 11 a 17 de março de 1971.

⁴³² PERROT, M. et al. (orgs.). “História das Mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia”. Trad. R. Soihet, Suely G. Costa e Rosana Soares. *Revista Gênero – transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG* – 2. sem. 2001, v.2, n.1, p.10.

difuso, não existindo de um lado os possuidores e de outro os despossuídos de poder, atenua a idéia rígida da dominação masculina.⁴³³ Assim, as autoras propõem o rompimento das dicotomias simples: “É a articulação fina dos poderes e dos contrapoderes, trama secreta do tecido social (...)”.⁴³⁴ Com essa perspectiva inovadora, os estudos sobre as mulheres desvendam sistemas de *compensações e resistências* expressas sob o efeito da dominação masculina. Nesse sentido, perceber o *jogo político* na história das mulheres, exige uma reformulação que resulta na noção de que o político não se desfaz na esfera privada, além de argumentarem acerca da importância de se considerar o privado e o público como uma unidade.

Na conjuntura do Estado Novo, Adalgisa foi porta-voz do regime; favorecia a relação entre um governo autoritário e os intelectuais; expressava formas de conduta às mulheres, identificando, ao mesmo tempo, os interesses considerados típicos dos homens. As falas de Adalgisa estiveram em consonância com os discursos sobre os gêneros que permeavam a sociedade brasileira, indicando campos de ação específicos e determinantes do que significava ser mulher e ser homem. Como as mulheres deveriam se portar? Segundo quais parâmetros?

Nesse ponto fazemos alusão a Roger Chartier quando trata da diferença sexual e afirma que “inscrita nas práticas e nos fatos, organizando a realidade e o cotidiano (...) é sempre construída pelo discurso que a funda e legitima.”⁴³⁵ E ainda refere-se à idéia de Pierre Bourdieu sobre a violência simbólica, concordando que ela só vai existir se aquele que a sofre contribuir para a sua eficácia, incorporando o discurso dominante.

Assim, percebemos que Adalgisa assimila e ao mesmo tempo transpõe à idéia de espaços, atitudes e papéis dicotômicos definidos pela condição de gênero. Ela louva-se por adentrar os lugares do masculino. Após a resposta de que sempre fazia o que os homens e o que as mulheres faziam, Sérgio Cabral, inconformado, pergunta sobre a possibilidade da escritora sair de noite sozinha, por exemplo, para um bar, e questiona: “Você sairia normalmente, sem problemas, sem que alguém se surpreendesse com isso?”

Eu nunca tive esse problema não. Primeiro quando eu saía à noite sozinha, eu ia a um cinema, depois eu ia jantar e vinha pra casa. Quando eu ia a uma boate eu convidava o homem, não era o homem que me convidava. Eu dizia: fulano, vamos hoje a tal boate porque tem lá uma cantora que eu quero ver. Quando me convidavam e eu não tinha vontade de ir eu não ia. Nunca senti

⁴³³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5.ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

⁴³⁴ PERROT, Op. Cit., p.22.

⁴³⁵ CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)”. In: *Cadernos Pagú*, v.4, 1995, p.43.

obstáculos.

Em seguida, Adalgisa cita exemplos das suas saídas noturnas no Rio de Janeiro e também em Nova Iorque, onde costumava ouvir um pianista tocar num bar. Sobre as saídas na cidade norte americana, finaliza: “uma vez me disseram que era muito feio ir sozinha naquele bar. Eu continuei a ir com toda a independência, segura de que eu estava fazendo o que eu queria e o que estava certo pra mim.”

Tal colocação mostra que Adalgisa Nery não incorpora os discursos favoráveis à exclusão feminina. Porém, é preciso datar suas declarações. Adalgisa foi entrevistada em 1971, aos 66 anos de idade, quando já se afastara do jornalismo e da política. Entretanto, sua expressão como figura pública não se rarefez.

Em um outro trecho da entrevista, a posição de Paulo Francis é bastante clara quando diz que a escritora “é um caso excepcional, porque você fez, digamos, tudo que um homem pode fazer: literatura, política e, no entanto, você tem uma família também”. A posição de Francis como um dos entrevistadores exemplifica a idéia da posição social rígida dos gêneros. Como se só fosse possível para uma mulher realizar-se em uma das instâncias definidas de forma dicotômica.

Adalgisa Nery entende-se como participante do universo masculino; ela julga-se pertencendo, agindo e participando de espaços destinados aos homens. Entretanto, esse é um ponto de contradição, já que observamos sua ênfase, em vários depoimentos, de que os papéis entre homens e mulheres deviam ser complementares. Ela não assimila na prática o discurso dominante, apesar de entender os gêneros como complementares.

A foto seguinte, do Projeto Portinari, foi tirada nos tempos do Estado Novo e nos serve como evidência. Tratava-se de um almoço oferecido ao pintor em 25 de julho de 1941, nas dependências do Jockey Clube, onde estiveram Gustavo Capanema, Afrânio de Mello Franco, Carlos Drummond de Andrade, Clóvis Graciano, Peregrino Júnior, Lourival Fontes e Herbert Moses.



Dos 25 retratados, Adalgisa é a única mulher do grupo e figura central na fotografia: sorridente, de pernas cruzadas, elegantemente vestida, sustentando um volumoso chapéu, unhas e lábios fortemente pintados, carregava forte representação do gênero feminino.

Em uma variedade de fontes, encontramos evidências de forte identificação de Adalgisa Nery com o que podemos considerar *coisas de mulher*: vivências, atitudes e preocupações estabelecidas como adequadas ao gênero feminino, tidas como típicas das mulheres. Por outro lado, e até por considerar a dicotomia dos gêneros, Adalgisa gaba-se por estar em sintonia, também, com o universo masculino. Desta forma, pretendemos identificar as mudanças em seu discurso: seria possível localizar pontos em sua trajetória que avivasse uma outra expressão de mulher?

Considerando as dimensões sociais da experiência individual de Adalgisa Nery, sua atividade como presidente do SAM, despertou uma mulher com outras preocupações. Junto da primeira-dama, no governo democrático de Vargas, Adalgisa atuou no assistencialismo social, lugar comum às mulheres de governantes. Na página feminina do jornal paulista, “A Gazeta”, ela referiu-se ao trabalho assistencial, em que visitava favelas, hospitais e asilos “ao lado de uma equipe magnífica de colaboradoras”:

E desde que passei a me interessar mais intensamente por esses problemas que sempre me preocuparam (o que pode ser observado nas minhas poesias), não posso mais ter paciência para ficar em festas, demoradamente, dilapidando-me com coisas inúteis.⁴³⁶

Os anos de 1953 e 1954 foram tempos difíceis para Adalgisa Nery: a crise conjugal e o fim do casamento foi impacto importante em sua trajetória, dando-lhe novos rumos. Raquel de Queiroz, sabendo que a amiga estivera adoentada, escreve-lhe: “Fique boa depressa que o Brasil precisa muito de mulheres inteligentes e de grande coração como é você.”⁴³⁷

No início de 1953, ela escreveu ao presidente Getúlio Vargas. Adalgisa guardou uma cópia da carta e na margem inferior do papel, anotou: “26 de abril de 53; rascunho da carta enviada ao presidente Vargas através do Alvim e que foi desviada pelo mesmo para as mãos do Lourival, que por sua vez não a entregou ao presidente Vargas.” Na carta, Adalgisa pretendia tratar de “assunto que não posso confiar a terceiro nem em carta” e afirma:

⁴³⁶ Jornal “A Gazeta” (São Paulo) de 07/02/1953. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁴³⁷ Carta datada em 24/09/1954. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

“atravesso uma crise moral espantosa.” Alguns meses depois Adalgisa escrevia ao amigo Licurgo Costa, desabafando sobre os problemas conjugais, mostrou também sua preocupação com os filhos:

Estou procurando arrumar a situação do Manu. Pedi ao presidente uma colocação para ele aqui. Gostaria que eles ficassem arrumados no estrangeiro, mas não há segurança, não há direitos fixos na maioria dos empregos fora e eu preciso dar ao Manu uma coisa certa, porque esta é a minha última oportunidade de fazer algo por ele.⁴³⁸

Os problemas no casamento e, conseqüentemente, a diminuição de alguma influência no governo, pareciam ameaçar o trabalho de um dos seus filhos no exterior. A apreensão de Adalgisa a esse respeito aparece em carta escrita à “Alzira amiga”, filha de Getúlio Vargas. É também um rascunho em que ela escreveu explicando que havia procurado o presidente via carta, pois pretendia conseguir uma indicação de trabalho para o filho, Emmanuel Nery, “aquele que tu amavelmente encaminhaste para um escritório comercial em 1951.” De fato, desde a ascensão democrática de Vargas, o filho mais novo de Adalgisa ocupara cargos oficiais na Itália e no Canadá, graças às articulações políticas da mãe. Com a indicação do ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, Danton Coelho, então empossado por Vargas, Emmanuel Nery foi nomeado para um cargo oficial em Roma. Com certa dose de ironia, ele escreveu: “O real significado do posto: férias pagas, enquanto durasse os pistolões dos Fontes, e isto não seria por poucos anos.”⁴³⁹

Após o 24 de agosto, Emmanuel Nery viveu com a família – a mulher Maria José e os dois filhos – em Buenos Aires e Montevideú, ocupando cargos oficiais do governo brasileiro até dezembro de 1959, quando retornou ao país. A crise no governo Vargas (e também no âmbito privado) talvez atingisse o emprego do filho no exterior e Adalgisa tratou de articular para que isso não acontecesse.

Apontada como uma exagerada consumidora pelo jornal “O Globo” nos anos 1940, já que o colunista social comentara que a embaixatriz havia comprado 120 chapéus nos EUA, Adalgisa Nery Fontes parece ter sofrido mudanças importantes após iniciar o trabalho com os menores abandonados e no assistencialismo social.

Em 1955, o jornal “Imprensa Popular”, vinculado ao PCB, iniciou uma ampla campanha para a realização da “Assembléia Nacional de Mães, em defesa dos direitos da

⁴³⁸ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁴³⁹ NERY, Emmanuel. Op. Cit. p. 251.

mulher e da criança, contra a miséria e a guerra.” Seu intuito era angariar a adesão das brasileiras para o Congresso Mundial de Mães. Assim, em 17 de abril daquele ano, o jornal publica um manifesto de apoio ao conclave internacional, “endossado por numerosas e expressivas assinaturas de mulheres representativas das mais variadas camadas sociais.” A assinatura da “escritora” Adalgisa Nery figura numa lista em que aparecem, entre outros, os nomes da ativista Branca Fialho, da psiquiatra Nise da Silveira e da atriz Tonia Carreiro. Nos meses seguintes, até a realização do evento, o jornal comunista noticia as adesões e a organização nos outros estados, que deveriam enviar suas representantes. A lista dos 47 deputados que apoiaram a assembléia foi publicada na capa do dia 15 de junho; no dia 23, nova lista com mais 13 adesões: o evento parece adquirir tonalidades políticas.

O encontro ocorreu nas dependências da Associação Brasileira de Imprensa – ABI, entre os dias 29 de junho e primeiro de julho, com a participação de camponesas e operárias, além de personalidades de destaque no meio intelectual.

Por fim, mesmo tendo apoiado a Assembléia Nacional de Mães, que havia deliberado “a união de todas as mães para a luta comum em defesa de seus lares, em defesa de seus entes queridos e pela preservação da paz”, Adalgisa declarou: “Não quero a guerra! Essa deve ser a frase comum a todas as mulheres. Porque sofro pelas crianças e pela miséria do povo, chamam-me erradamente de comunista. Sou cristã, simplesmente.”

Assim, consultada pela “Imprensa Popular” após a realização do evento, no final da reportagem-entrevista, Adalgisa afirma:

Não poderia eu mais pensar só em mim, os meus problemas sociais, depois de ter visto de perto crianças subnutridas, minadas pela tuberculose, mulheres acabrunhadas por imensa miséria! Quando vejo uma elegante da sociedade orgulhar-se de haver dado cinquenta mil cruzeiros por um vestido, tenho a franqueza de reprovar e minha atitude, como é natural, tem me valido classificações de revolucionária, extremista, etc. Sou, no entanto, apenas uma cristã, que defende o que já defendia o evangelho; cada um deve ter o essencial para viver: casa, comida e roupa. (grifo nosso)⁴⁴⁰

Depois de conhecer uma realidade social que lhe era alheia, era-lhe inadmissível o consumo de vestidos caros: a Adalgisa que repudia as mulheres que assim fazem, já não era a mesma dondoca dos tempos do Estado Novo; em julho de 1955, quando opinou na “Imprensa Popular”, ela era a “conhecida intelectual, escritora e poetisa Adalgisa Nery.” Com menos de

⁴⁴⁰ Recorte anotado na margem, à caneta, “Imprensa Popular”, s/d. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

cinquenta anos, no início de 1955, ela havia sido chamada pejorativamente de sexagenária e comunista por Assis Chateaubriand. Como vimos, comumente acusada de comunista, Adalgisa valia-se também da coluna na “Última Hora” para se defender. Não foi diferente quando apoiou a Assembléia Nacional de Mães:

Naturalmente como mãe e como as mulheres de todos os países, desejo que não haja guerra (...) Desejo frisar que sou católica, apostólica, romana; nunca fui comunista. Acho, no entanto, muito bonito como gesto, essa Assembléia de Mães em favor da paz e, principalmente, dos problemas que atormentam as nossas crianças.

No que tange a nossa pesquisa, um ponto sobre esse episódio merece ser observado. Na documentação da polícia política, a adesão de Adalgisa a esse evento ligado aos comunistas, foi um dos argumentos que aparecem no seu processo de cassação: era um fator, no entender de seus algozes, que a vinculava aos comunistas.⁴⁴¹

Entretanto, explicitou sua proximidade com eles. Em agosto daquele mesmo ano, Adalgisa foi entrevistada por Floriceno Paixão para o jornal “A Hora” de Porto Alegre (05/08/1955). Diante da interrogação:

- Se a senhora se dedica tanto ao labor intelectual, sobra-lhe tempo para as atividades domésticas?
- Sim, porque sou eu quem confecciona toda a minha roupa. Adoro coser. E gosto também de ter sempre amigos em minha casa. Esses os tenho de todas as correntes partidárias e até comunistas...

Ao mesmo tempo em que seleciona o ato de costurar como um ato da vida doméstica, ela insere sua adesão ao universo político (masculino?), imediatamente. De modo macro-analítico, o ano de 1955 foi marcado por significativa mobilização da sociedade civil. Conforme já esboçado, foi o ano da fundação do ISEB e da criação da Frente Nacionalista; houve eleições, mas a democracia correu riscos: o contra-golpe do Marechal Lott, em novembro, garantiu a posse dos eleitos.

No plano micro, 1955 foi um período de transformações cruciais para Adalgisa Nery: o rompimento dos laços de amizade com Assis Chateaubriand, parece ter sepultado a mulher

⁴⁴¹ Documento do setor *Informação*, Pasta: 70, folha: 45, (05/11/1965); . Também setor *Secreto*, Pasta: 82, folhas: 344-346, (08/02/1966), do Fundo do DOPS, depositado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Neste último, consta que Adalgisa era “doutrinadora entre os comunistas que cooperavam ativamente para o desenvolvimento do comunismo no Brasil. Foi uma das fundadoras do comando de trabalhadores intelectuais, órgão espúrio sob orientação do CGT.”

dondoca e frívola. O episódio em que foi agredida nas páginas dos jornais de Chatô, contribuiu positivamente para a sua posição como colunista política, na medida em que Adalgisa recebeu apoio de jornais e também de militares maranhenses ligados ao Clube da Aeronáutica. Da mesma forma, o diretor do jornal em que ela trabalhava, Samuel Wainer, foi definitivamente absolvido pela Justiça. Os órgãos de imprensa tiveram bons motivos para demarcar seus posicionamentos e identidades de modo mais determinante.

Talvez por conta de seu catolicismo, Adalgisa apresentou posições bastante conservadoras. Pudemos verificar isso no decorrer da pesquisa, no contato com a documentação.

Em 2 de setembro de 1952, portanto, antes de Adalgisa iniciar na carreira jornalística, a “Última Hora” promoveu uma campanha pela moralização da cidade do Rio de Janeiro, e para isso incentivou as ações da delegacia de costumes em Copacabana.

Assim, o jornal ouviu “ilustres damas da nossa sociedade as quais louvaram com entusiasmo as causas que abraçamos em benefício das famílias de Copacabana.” Juntamente com a esposa do prefeito de então, Cornélia de Moraes Vital, “a senhora Adalgisa Lourival Fontes” aparece em foto na capa do jornal, que anunciava a reportagem sob o título: “Copacabana não será mais o ‘Bas-Fond’ da cidade!”.

A esposa do chefe do gabinete civil da presidência foi solicitada para opinar sobre a presença de estabelecimentos imorais no famoso bairro carioca. Adalgisa disse que essa notícia não era novidade para ela e que “a polícia deve reagir com máximo rigor e eficiência (...) deve agir com energia contra esses antros de perversão.” E Adalgisa vai além ao sugerir que tal ação devesse estender-se às chamadas “boites” de luxo, citando a “Vogue”, estabelecimento que “nada fica a dever aos demais quanto ao ponto de vista moral.”

Os conflitos conjugais do casal Fontes foram confidenciais por Adalgisa ao amigo Licurgo Costa. Na carta de 10 de julho de 1953, ela escreve que Lourival “continua a fazer vida de solteiro, independente, metido em grupos que desconheço, chegando em casa todas as noites depois das três horas sem dar uma palavra sobre a sua vida pública ou particular.” Sobre a amante, Adalgisa havia se informado sobre “a distinta, digna e nobre senhora” e inconformada, desabafou sobre Lourival:

Parece impossível que um homem experimentado, inteligente chegue a um grau de ingenuidade ao ponto de se convencer que uma mulher comandada por um marido sem escrúpulos morais diga que está apaixonada pelo homem daqui de casa e ele acredite cegamente.

Meses depois, em 28 de setembro de 1953, ela refere-se à “intranqüilidade boiando sobre tudo e todos, com uma degradação moral inacreditável”. Adalgisa nomeia homens do governo e até cita algumas amantes. Ela fala em decepção e desengano a respeito de Lourival, e disse esperar que ele saísse logo de casa, assim como acontecera com outros homens do governo. Fala em “hábitos pelo avesso” e mentiras:

(...) trocam de esposas em 24 horas, exibem as amantes em festas oficiais e em bares que antes eram intransigentes. Fortunas se levantam em dias e os bons hábitos e o recato de uma sociedade familiar são coisas lendárias. No Brasil de hoje a moral é preconceito estúpido (...) As amantes dos grandes do governo estão soltas e com prestígio para os negócios, como nunca imaginei ver tanta degradação moral acontecendo com as pessoas austeras e rigorosas. Qualquer restrição a esse ambiente de deboche é levado com desprezo ao manifestante.

Certamente a crise conjugal exacerbou seu viés de análise. Entretanto, Adalgisa explicitou sua postura conservadora em diversas fontes consultadas; seu conservadorismo é evidente também em outras declarações.

Como articulista de “Última Hora”, Adalgisa mantinha debate constante com os leitores de “Retrato sem Retoque” e talvez fosse reconhecida por eles como uma porta-voz do conservadorismo no que tange aos costumes, à família. Uma evidência deste quesito, é que em setembro de 1962, Adalgisa escreveu em sua coluna que fora procurada por pais de alunos do colégio Andrews, de propriedade do secretário de Educação da Guanabara, Flexa Ribeiro. Sob o título “Cinema para colegiais” ela denuncia que tal instituição exibiu o filme francês “As diabólicas”, cujo tema “amoral” tratava de adultério, morte e roubo, questões incompatíveis para os alunos com idade entre 14 e 16 anos.

Entretanto, no ano anterior, o mesmo Flexa Ribeiro havia proibido as professoras de usarem sandálias, vestidos curtos e sem manga. Apelidando o secretário de educação de “Flexa-Dior”, em referência ao estilista francês, Adalgisa escreve em 04 de março de 1961 sob o título: “Paz às professoras:” “(...) vamos desbastar essa floresta de mediocridade de espírito, vamos trabalhar em coisa séria e deixar de lado, o corpo, as pernas e os contornos graciosos das nossas professorinhas”.

Também um episódio escolar, noticiado na revista norte-americana “Time”, serviu de pretexto para a colunista criticar os simpatizantes dos “ianques” no Brasil. Tratava-se da incursão de estudantes dos EUA, que gritando: “queremos sexo”, invadiram a ala feminina de

um internato. Diante desse episódio, ela se indignou com a explicação do governador do estado norte-americano, que disse ter sido a “força da primavera” a causa do tumulto. Assim, conclama os “medalhães reacionários” a opinarem sobre os estudantes ianques. “Por onde anda Gustavo Corção?”⁴⁴²

Ao comentar a atitude dos estudantes norte-americanos, considerada imoral, Adalgisa aproveita para alfinetar Gustavo Corção, católico que radicalizou suas posições durante o governo Jango. Próximo de Carlos Lacerda, desde 1949 escrevia na “Tribuna da Imprensa”, tornando-se colaborador em diversos jornais. Corção era um polêmico jornalista e valeu-se dessa posição para impingir a idéia de infiltração comunista no Brasil. Além do mais, como porta-voz da Igreja católica, foi peça importante na cisão entre os católicos brasileiros ligados ao Centro Dom Vital. Quando desligou-se dessa instituição, em 1963, cerca de duzentos associados seguiram seu exemplo. Suas convicções conservadoras chocaram-se com as diretivas renovadoras do papa João XXIII.

O ano de 1962, como já referenciado, foi emblemático também no que diz respeito à Igreja de Roma. Em novembro, reuniu-se o Concílio Vaticano II inserindo mudanças significativas que afetavam o catolicismo em todo mundo. Desde 1958 na liderança do Vaticano, o papa João XXIII foi inicialmente entendido como um pontífice de transição. Entretanto, seu papado foi considerado transformador, dando destaque à justiça social, sinalizou o início de uma verdadeira mudança na Igreja Católica. O Concílio não firmou dogmas, mas serviu de orientação pastoral à comunidade católica. Foi marco na posição do catolicismo em tempos de Guerra Fria, polarizada pela crise dos mísseis.

Alceu Amoroso Lima, um dos interpretes mais legítimos do catolicismo nacional, foi membro da comitiva brasileira no Concílio. Os efeitos dessas diretrizes inovadoras foram vistos de forma controversa pelos praticantes do catolicismo no Brasil, provocando a cisão definitiva do Centro Dom Vital, protagonizada por Gustavo Corção e Amoroso Lima.⁴⁴³

Uma evidência dos reflexos disso no Brasil, foi o nome dado à área desapropriada no Rio Grande do Sul pelo então governador Leonel Brizola: chamava-se João XXIII, vínculo simbólico no que tange às lutas camponesas no país.

No carnaval de 1964 Adalgisa explicitou sua visão conservadora no artigo “Carnaval e bacanal.” A colunista afirma que “compreende a natural derrubada de preconceitos tolos” e

⁴⁴² Jornal “Última Hora”, 26/06/1963, “Liberdade e curra?”

⁴⁴³ Verbetes: *Gustavo Corção e Alceu Amoroso Lima*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Pós-1930. Coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Cpdoc-FGV. CD-ROM.

que naquele 1964, “uma menina não podia ser mantida com a mesma educação de cinquenta anos atrás.” No entanto:

(...) parece-nos que o pudor na mulher deve ser conservado e incentivado em qualquer época do mundo como um valor a sua auto-defesa. O pudor pra a mulher é tão importante para as boas ou más conseqüências da sua vida, que uma vez perdido aberta está a larga porta para todas as degradações morais. A facilidade com que os pais permitem que suas filhas andem quase nuas, expondo seus corpos adolescentes à devassidão sexual dos homens, pode ser interpretada como colaboração direta dos mesmos à desgraça de suas filhas. Cabe, pois, aos pais, a maior responsabilidade na guarda de suas filhas nesses alucinados dias de Momo.⁴⁴⁴

Adalgisa fala em pudor, em degradação moral e em devassidão sexual dos homens. Talvez as liberdades experimentadas pelas garotas cariocas no carnaval de 1964, fossem de difícil compreensão para essa senhora que faria 60 anos no ano seguinte. Se no âmbito da política Adalgisa manteve posturas progressistas, no que tange às posturas comportamentais, ela mostrava-se bastante conservadora.

Foi interessante observar que no início da carreira jornalística de Adalgisa Nery, até mesmo por entender o jornalismo político como um espaço masculino (queria publicar no caderno dos homens!) ela explicitava sua posição de gênero nas suas críticas e argumentações. Entendido como território estranho, parecia-lhe necessária a devida autenticação.

Em 20 de novembro de 1954, criticando o general José Ferrugem de Melo Matos e Batista Luzardo que haviam entrado na Justiça para rever cargos de indicação, Adalgisa afirmou: “Sou mulher e o meu maquinismo pensador, racionador e somador deve ser inteiramente diverso desses dois senhores (...) A fala de uma mulher nunca é inteiramente perdida na vida de um homem.”⁴⁴⁵ Dias depois, dirigindo-se diretamente ao então Ministro da Fazenda Eugênio Gudin, que havia autorizado o aumento de impostos segundo critérios técnicos, ela alfinetou-lhe: “(...) não despreze as palavras de uma mulher, porque nós na maioria das vezes falamos com ponderação e acompanhadas de mais realismo do que os técnicos.” No dia 25, discutindo o aumento de subsídios, ela nomeia os que eram favoráveis: “é um conselho de mulher e mulher sempre acerta nas previsões.”

⁴⁴⁴ Jornal “Última Hora”, 08/02/1964.

⁴⁴⁵ Artigos do Jornal “Última Hora”, em ordem de citação: “Direitos”; 22/11/1954, “Técnica e técnicos”; “Aumento de subsídios”.

Tratando da sucessão presidencial em artigo de 17 de dezembro de 1954, Adalgisa informou que escreveu uma carta a JK dando-lhe conselhos, numa “conversa de mãe.” E finalizou:

Diz o Zé Lins do Rego que nascer mulher já é uma infelicidade e nascer mulher no Brasil é infelicidade demais. Não estou inteiramente de acordo. Não me sinto infeliz de haver nascido mulher e nem tanto de haver nascido aqui. O país não tem culpa que os homens pensem errado. Em todo caso ele não deixa de ter razão de certo modo. Os homens da minha terra acham que nós não entendemos de nada.⁴⁴⁶

Nos meandros de significação de um jornalismo *sério*, entendido e assimilado por Adalgisa Nery como lugar de excelência dos homens, a iniciante jornalista parece desejar legitimar-se.

No rol dos adjetivos atribuídos à Adalgisa Nery, está o de cerebral.⁴⁴⁷ Na edição em que a “Última Hora” publicou a célebre frase de Vargas: “Só morto sairei do Catete!” no dia 23 de agosto de 1954, Dulce Rodrigues entrevistou Adalgisa e redigiu vasta matéria. Acompanhado de uma foto em que Adalgisa aparece falante, com um leve chapéu e de unhas longas e pintadas, o texto salientou que ela “não é somente a conhecida figura da sociedade carioca. É uma poetisa de amplos vãos. É uma cerebral.” Como uma apreciadora das artes, Adalgisa “não compreende os que não amam a música, o ‘ballet’, a pintura, a arte em todas as formas.” Fez-se referência ligeira aos seus livros de poesia. “Num ‘party’ de sociedade ou prestando serviços humanitários num hospital de alienados, Adalgisa Nery é sempre uma grande dama.”

Na véspera do suicídio do presidente Vargas, a matéria com a afirmativa “A mulher pode amar muitas vezes com a mesma intensidade e a mesma pureza”, foi publicada na sétima página do jornal “Última Hora”. O trecho introdutório refere-se às influências do Padre França, jesuíta que inseriu Adalgisa Nery nos assuntos metafísicos; ela disse interessar-se pelos livros que “falam de filosofia e retratam a vida dos santos, o misticismo dos que vivem para o claustro.” Entretanto: “Atualmente prefere se distanciar dos livros filosóficos, que aumentam sua natural tendência de análise, excessiva vigilância dos seus próprios atos, o que torna a vida em sociedade muito difícil de ser vivida.”

⁴⁴⁶ Jornal “Última Hora”, “Ainda a sucessão”.

⁴⁴⁷ Foi interessante observar, que a bailarina Isadora Duncan (1878-1927) referiu-se a si mesma como uma mulher cerebral em sua auto-biografia.

Mesmo já afastada do Serviço de Assistência ao Menor, a reportagem recuperou essa atividade de Adalgisa, que falou sobre sua experiência com as crianças abandonadas. Aliás, tal tema vale-se mesmo de tonalidade filosófica:

A criança é a renovação do povo e da raça. Mas acima de tudo, eu falo do amparo moral que devemos dar a essa pobre infância abandonada, do Brasil. Ela vive pior que um animal, coberta de dramas, tragédias, manchada pelas piores revelações. Não basta fundar um asilo por desencargo (sic.) de consciência e se ir dormir em paz. Uma criança representa um mundo de mistérios, revelações, de problemas que jamais serão solucionados apenas com roupa, casa e comida.⁴⁴⁸

Ela exemplificou com o caso dos EUA, que “apesar de possuir extraordinários recursos técnicos está aumentando o índice de criminalidade infantil.” Adalgisa tratou dos dramas da sociedade moderna e das dificuldades da juventude dos anos 1950. Da mesma forma, ela filosofou sobre o amor, estipulando diferentes tipos de relações amorosas; falou sobre as impossibilidades de se recuperar um amor perdido e as dificuldades e desgastes que o excesso de intimidade proporciona nas relações; disse que é importante as mulheres conservarem certo mistério diante dos homens; sobre a mulher moderna, afirmou:

- A mulher não é mais feminina. Perdeu o interesse de mulher. Hoje em dia ela discute leis, se arrisca em provocações, mete o cotovelo nos homens que pretendem impedir seu errado caminho feminista. A mulher não foi feita para estar nas filas, sofrendo os piores vexames, competindo com o homem em lugares que não se enquadram com a sua fragilidade e moral. E o triste é que ela nunca será um homem e deixará de ser mulher, assumindo essa atitude de falsa independência. E no entanto, a mulher deveria ser sempre a frescura do homem, o amor e a poesia de sua vida. E jamais perder o pudor, o respeito a si mesma, a sua dignidade humana. (grifos nossos)

Essas afirmativas revelam concepções e posicionamentos fortes em relação aos papéis e representações dos gêneros. Se fizermos uma análise da trajetória de Adalgisa Nery valendo-se do gênero como categoria, é evidente que essa mulher seguiu os trâmites comuns às mulheres de seu tempo. Entretanto, Adalgisa enveredou pela literatura, imprensa e política, seguindo uma trajetória muito distinta da maioria das mulheres de sua época. A morte do primeiro marido significou para ela uma quebra no percurso *natural* previsto para as mulheres de sua classe. Foi como um marco na sua formação pessoal e profissional, pois a partir daí

⁴⁴⁸ Jornal “Última Hora”, 23 de agosto de 1954.

Adalgisa viu-se levada a lançar-se em campos até então desconhecidos, servindo-se de uma rede social que o casamento com Ismael Nery lhe proporcionara.

Da mesma forma, o casamento com Lourival Fontes reforçou alguns pressupostos sobre gênero que, no entender de Adalgisa Nery, confirmavam as mulheres como seres frágeis inabilitadas para concorrerem com os homens. Ao pretenderem participar do que Adalgisa considerava como o mundo dos homens, as mulheres deixariam de ser mulheres. Ela localiza claramente os posicionamentos e as funções sociais dos gêneros. Torna-se importante mostrar as contradições presentes em Adalgisa Nery, especialmente em termos de consciência de gênero.⁴⁴⁹ Alguns poucos meses depois dessa entrevista, a estreada colunista de “Última Hora” exigiria o espaço masculino do jornal. A tragédia envolvendo a morte do presidente Vargas teve significado importante na sua trajetória.

A carreira jornalística lhe serviu como esteio, contribuindo para a manutenção de um padrão de vida que ela havia experimentado. Em 1954, Adalgisa havia construído uma identidade social significativa e carregava um capital político vinculado a Getúlio Vargas: sua figura pública lhe creditava méritos ao longo do seu envolvimento com a Era Vargas. O trágico desaparecimento do presidente colaborou para a elaboração de outra expressão de mulher. Se antes restrito ao ambiente privado, entendido também como político, o terreno de atuação de Adalgisa Nery estendeu-se num patamar que lhe era mais autêntico, mais seu. Até, talvez por conta disso, ela passa a entender a condição das mulheres diferentemente.

Vários documentos de 1967, quando a deputada já se afastara da “Última Hora”, podem nos servir como suporte para a realização de uma análise nesse sentido. Reconhecida por seus contemporâneos, na seção do caderno feminino de “O Globo”, sob o título “Um homem e uma mulher”, Sérgio Porto e Tônia Carrero foram as personalidades escolhidas para dar seu parecer: ele, sobre as mulheres, ela, sobre os homens. Assim, afirmou o jornalista e ex-colega de Adalgisa Nery na “Última Hora”:

Quanto ao procedimento da mulher diante da crise histórica que atravessa no momento, acho que a mulher não deve marchar. Se ela marchasse menos a crise não estava aí. Não sou contra mulher na política, ela tem direitos iguais ao homem (...) O que ela tem que fazer para superar a crise é usar as armas que as mulheres sérias como Adalgisa Nery, Rachel de Queiroz, Fernanda Montenegro e Clarice Lispector usam.⁴⁵⁰

⁴⁴⁹ O termo consciência de gênero, explicitado por Michelle Perrot no capítulo “Sair”. PERROT, Michelle. *As mulheres e os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005, p.279.

⁴⁵⁰ “O Globo”, 09/05/1967. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Podemos pensar na conceituação usada por Sérgio Porto: “mulheres sérias.” Valendo-se de um debate com as fontes em agosto de 1967, a matéria do “Diário de Notícias”, assegura, sobre Adalgisa Nery:

Fã das mini-saias que nossas garotas trajam com tanta graça, admiradora incondicional das mulheres – “eu não gostaria de ter nascido homem” – mas nada simpatizante das “bonecas e deslumbradas” – “essas são ocas, tolas e sem utilidade, não tem graça alguma.”⁴⁵¹

De um lado as mulheres “sérias” e de outro as “bonecas.” Nesse ponto, podemos sugerir alguns elementos que contribuam para essa conceituação dúbia. As mulheres sérias como sendo aquelas que possuíam reconhecida atividade profissional. Lançando mão das falas da própria Adalgisa, na entrevista ao MIS, também em 1967, ela sugere o “serviço hospitalar” obrigatório às mulheres, assim como existia o serviço militar obrigatório aos rapazes. Segundo ela, se as mulheres fossem obrigadas “a passar um mês dentro de uma maternidade, de uma sala de curativos”, tendo contato com o hospital, “com o povo doente, elas passariam a não comprar tantos vestidos caros.” Em 1967, ela afirmava que “a mulher brasileira está precisando de um peso, pra posar, ficar em pé e olhar pra frente.”

Alguns anos depois, na entrevista ao “O Pasquim”, quando perguntada sobre a emancipação das mulheres, Adalgisa afirma com veemência:

A nossa classe média, a nossa burguesia, eu sei pela convivência que tenho com as mulheres, é absolutamente ignorante, as mulheres não entendem nada de nada. Aflige porque elas não entendem nada de qualquer assunto. Assunto de educação, de filho, de moda, seja lá o que for elas não entendem nada.⁴⁵²

Apesar das diferentes datas de publicação, essas mulheres da classe média que sofreram as críticas por parte de Adalgisa Nery, talvez sejam as conceituadas como bonecas por ela. Aliás, instigada pelos entrevistadores, Adalgisa falou na deficiência da mulher brasileira, que lê jornal e não entende. Da mesma forma, “ela lê um livro e também não sabe o que leu. Leu porque ouviu dizer que o livro tal vendeu muito.”

⁴⁵¹ “Diário de notícias”, domingo, 06/08/1967. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁴⁵² O Pasquim, n. 88 de 11 a 17 de março de 1971.

Em 1971, afastada do jornalismo, longe da política, Adalgisa elaborou críticas duras à mulher da “burguesia”, que ainda via o casamento como solução e mesmo assim, era incapaz de “orientar, dirigir a família e a sua casa.” Tratada como senhora pela ‘patota’ do jornal, a entrevista imprimiu um julgamento ríspido sobre as mulheres burguesas do início da década de 1970.

Muitas funcionárias públicas federais procuraram a colunista de “Última Hora” em meados de fevereiro de 1961. Pelo menos é o que Adalgisa Nery afirma no artigo “E a meta-homem?”. Quando o presidente Jânio Quadros instituiu o aumento do horário de trabalho dos servidores, entre telefonemas e cartas recebidas, Adalgisa reescreveu as palavras de uma mãe que “passa o dia trancada numa repartição com o espírito agoniado sem saber o que poderá acontecer a sua filha de 14 anos, agora sem sua presença protetora de algumas horas.” Ela fala em “bárbara deliberação de Jânio”, e em “cuidados maternos para uma vigilância constante contra os perigos e chamamentos de uma época, na qual, as forças de provocação à adolescência desprevenida são apavorantes.” Adalgisa sugere, “como brasileira, como mulher e como socialista”, que as funcionárias mães não cumpram a determinação, que procurem seus porta-vozes e instiga-as ironicamente: “com a arma própria das mulheres, as unhas, carimbem as faces de seus representantes capachos.”⁴⁵³

Por aqueles dias, em sua coluna feminina na “Última Hora”, Gilda Müller fez uma série de sugestões para que a rotina doméstica das funcionárias ficasse mais eficiente, de acordo com o novo horário, e escreveu, por exemplo: “Vá americanizando-se: use copos, pratos e talheres descartáveis.” Dias depois, sobre a mesma pauta, Adalgisa escreveu em “E a família, onde fica?” criticando o líder católico Dom Jaime que, no seu programa de rádio, tratou sobre o “dragão soviético” e nada disse a respeito das dificuldades das mães funcionárias: “Esperávamos que D. Jaime com aquela sua alma de mel santo, defendesse enfim, o aspecto família, a mais atingida em sua estrutura.” Adalgisa refere-se ao *menu* para marmitas, sugerido por Gilda Müller, expondo a importância das reuniões familiares para os católicos.

Também em tom de denúncia, após visitar os operários de uma fábrica de tecidos, com cerca de 1.300 funcionários, na sua maioria mulheres, Adalgisa descreveu sua rotina. Em “A senzala Confiança” ela revela a inexistência de ambulatórios, de creche ou escola, benefícios que, segundo ela, eram garantidos por lei:

⁴⁵³ Jornal “Última Hora” de 27/02/1961, “E a meta-homem?”

Para os cristãos donos das senzalas o mais barato e cômodo material humano é a mulher. Necessitando auxiliar o marido no sustento da família, sujeita-se sem reclamações à miséria do salário mínimo, aos fatigantes serões e às arbitrariedades patronais, sem um pio, sem uma revolta. Esquálidas de peito afundado, olhar triste e dentes em frangalhos, são essas infelizes exploradas pelo sentimento cristão dos donos da Confiança! Não têm elas um compartimento de 2x2 para trocar as roupas íntimas quando mensalmente a natureza as visita.⁴⁵⁴

Adalgisa nomeou os irmãos Abdala como donos da fábrica, e não perdeu a oportunidade de lançar críticas partidárias: “inclusive, um é deputado federal pelo PSD”.

Conforme aponta a própria colunista de “Retrato sem Retoque” ela foi procurada pelas funcionárias públicas que se sentiram prejudicadas pelas mudanças efetivadas por Jânio Quadros. Assim, sua coluna jornalística fora vista por essas mulheres como um espaço para a expressão de seus anseios. Da mesma forma, Adalgisa constata pessoalmente as péssimas condições de trabalho dos operários e operárias da fábrica de tecidos, e vale-se da sua coluna para fazer a denúncia. Não temos subsídios para concluir os desdobramentos dessas críticas pontuais no que tange às condições dessas mulheres trabalhadoras. Nem é essa nossa intenção aqui.

Entretanto, como já referenciamos, os alvos de Adalgisa Nery recebiam direito de resposta no próprio jornal. Nesse caso, a colunista escreveu um artigo comentando uma carta que lhe atingia pessoalmente. Em 1962, ano eleitoral, ela havia denunciado a tolerância do Tribunal Eleitoral à UDN e ao PSD, que haviam pregado em árvores cartazes de seus candidatos. Por conta disso, o desembargador Homero Pinho lhe enviou uma carta de duplo sentido que feria a sua honra. Em resposta à missiva, ela escreve em 30 de agosto de 1962:

A nós nada atinge, nem mesmo as tristes tentativas de desmoralização a nossa dignidade. Não serão Homeros Pinhos vestindo beca ou calças compridas que irão impedir que sejamos Adalgisa Nery, soma de pesadas vivências nas quais construímos nossa autoridade moral. Por essas e outras é que as instituições democráticas estão com suas bases tão decompostas. Por essas e outras é que a mulher deixou de ver no homem o chefe, o protetor, o seu complemento.⁴⁵⁵ (grifos nossos)

Política e gênero. Crise na democracia e nas relações entre os sexos, que na sua concepção, eram complementares. Adalgisa se defendia pela imprensa: era candidata a um

⁴⁵⁴ Jornal “Última Hora” de 03/07/1961.

⁴⁵⁵ Jornal “Última Hora” de 30/08/1962, em “Resposta ao desembargador.”

cargo efetivo na ALEG, ainda pela vertente política socialista. Apesar de não se valer de *banners* na campanha política, ela exigia que a lei fosse efetiva a todos, sem exceção. Até por isso, no comentário sobre as bases da democracia, Adalgisa explicita seu julgamento sobre os gêneros com a noção de complementaridade. A assimilação da conceituação binária dos gêneros, ou seja, do binarismo entre os campos masculino e feminino, permeou seus discursos.

Como foi o caso da declaração feita quando Adalgisa foi entrevistada pelo “Diário de Notícias” (06/08/1967): “Sou uma mulher privilegiada, tive mais que muitas outras, tive a grande experiência de conviver no tão propalado e falso ‘mundo dos homens’, apesar de sentir-me profundamente feminina.”

Sua atuação no jornalismo político e na ALEG a legitimava como participante dos lugares do masculino, sem deixar de lado as coisas de mulher. Talvez por isso, Adalgisa via-se como uma mulher privilegiada.

5.1 Gênero, direitos e o feminismo dos anos 1970

Inserida num campo de atuação que havia sido recentemente adentrado pelas mulheres, Adalgisa Nery desempenhou papéis e funções que merecem análises mais afincas. No que tange às condições de gênero, essa mulher valeu-se do casamento, condição tradicional do feminino, para inserir-se em terrenos que lhe deram notoriedade e reconhecimento público e político.

Entretanto, se as lutas e engajamentos em prol das mulheres nos primeiros anos do século XX pautaram-se no enfoque pela conquista dos direitos políticos exercidos através do voto e de candidaturas, foi apenas nos anos 1960 que as mulheres brasileiras viram mudanças no código civil. Os direitos políticos precederam as conquistas civis.

O posicionamento de George Sand neste quesito é sintomático. Na França de 1848 ela considerava prematuro o direito de voto às mulheres, e “fazia da aquisição dos direitos civis um pré-requisito absoluto.”⁴⁵⁶ Fazendo referência ao historiador Pierre Rosanvallon, Michelle Perrot chama a atenção para as diferenças dos movimentos de mulheres européias no decorrer do século XIX. Tal autor, “opôs, sobre essa questão o feminismo francês, obrigado a defender a capacidade individual das mulheres, e o feminismo inglês, capaz de reivindicar o acesso ao

⁴⁵⁶ PERROT, (2005), Op. Cit. p. 338.

político em termos de identidade.”⁴⁵⁷ As mulheres anglo-saxãs foram chamadas às urnas por sua condição de gênero e não como indivíduos.

Na Grã-Bretanha, as feministas reivindicam a política em nome do sexo, ao passo que na França, este mesmo sexo é um elemento que desqualifica. A “consciência de gênero” é, do mesmo modo, facilitada na Grã-Bretanha, enquanto na França ela é constantemente ameaçada pela atomização.⁴⁵⁸

As mulheres eram validadas como eleitoras, mas estiveram por muito tempo ainda presas às convenções. Assim, o ano de 1932, foi marco no processo de conquistas, quando foi aprovado o código eleitoral que estipulou às mulheres o direito ao voto. É preciso considerar que o conturbado período que se seguiu, de alguma forma, dificultou o amadurecimento da participação política das mulheres. Como já referenciado, a médica Carlota Pereira de Queiroz e a bióloga Bertha Lutz como as primeiras deputadas federais, representaram, não com pouco desagravo diante do que pretendiam da legislação, as mulheres na política no plano institucional. O período do Estado Novo (1937-1945) significou uma quebra dessa prática ainda incipiente. Como resultado, nenhuma mulher foi eleita para compor a Assembléia Constituinte Federal nas eleições realizadas em dezembro de 1945.

Desta feita, o “O Jornal” promoveu uma enquête publicada em três edições em julho de 1948. No texto introdutório, do dia 4, um domingo, Elvia Lordello fez referência negativa à “ausência completa de vozes femininas no Senado e na Câmara e na quase totalidade das assembleias legislativas estaduais.” Muito bem pautada em dados de outros países, a responsável pela matéria citou exemplos de mulheres em cargos políticos nos EUA, na França, no Uruguai, na Inglaterra, na URSS e até na Turquia, “onde o uso do véu tapando-lhe o rosto à curiosidade masculina, faz pouco mais de vinte anos que foi abolido pela revolução de Kemal Ataturk”. Juntamente com Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Nise da Silveira, Nuta Bartles James, Branca Fialho e Eunice Weaver, a poetisa Adalgisa Nery respondeu às questões do jornal.⁴⁵⁹

⁴⁵⁷ Idem, p. 337.

⁴⁵⁸ Idem, p. 338.

⁴⁵⁹ A poetisa Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971), foi vice-presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino; foi a primeira mulher a fazer parte do Tribunal Eleitoral no Brasil na mesa apuradora das eleições de 1934; nos anos 1930, representou o Brasil em encontros e congressos de mulheres em outros países; fez parte da Cruz Verde, entidade que fundou a Pró-Matre. A médica psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999), havia participado da Aliança Nacional Libertadora em 1935 e por isso foi presa na casa de detenção da rua Frei Caneca, onde eram confinados os presos políticos; foi precursora das terapias alternativas para o tratamento psiquiátrico no Brasil. Nuta Bartlet James (1895-1976) casou-se nos anos 1910 com o deputado federal George Bartlet Janes. Por se opor e conspirar contra o regime da República Oligárquica, o casal

As perguntas diziam respeito às razões da ausência da mulher brasileira nos postos de comando e foram feitas às “figuras mais expressivas do nosso mundo feminino, entre elas as que mais se têm destacado isoladamente, lado a lado dos homens, em atividades científicas, intelectuais, cívicas e políticas”. Também em 06 de julho a escritora Lúcia Miguel Pereira, a economista Lucia Pirajá, a militante comunista, mas não identificada como tal pelo jornal, Maria Werneck de Castro e a então vereadora, Ligia Maria Lessa Bastos foram as participantes. No dia seguinte, foram ouvidas a escritora Dinah Silveira de Queiroz, a musicista Joanilda Sodré, Vera de Lima e Maria Teles de Menezes, as duas últimas não tiveram caracterizadas as suas atuações.

Adalgisa falou da ausência da mulher brasileira “dos grandes problemas nacionais”, porque essa questão tornou-se um privilégio dos homens e teoriza:

Os privilégios vêm geralmente de um uso. Por sua vez o uso remonta de uma convenção estabelecida momentaneamente. Acontece que uma ou outra vez há satisfação em ambos e cresce então o interesse em que sejam sempre alimentadas para a renovação formal dessa convenção que se vai desenrolando no tempo como se fosse justo e natural. As origens são esquecidas e as razões ficam assim como um edifício sagrado e invulnerável sobre o qual se continuam construindo forçadamente cada geração.

Por conta disso, as mulheres brasileiras ficaram restringidas ao campo doméstico: “não precisavam pensar para além das fronteiras do seu lar”. Entretanto, Adalgisa disse acreditar que a situação, em 1948, era outra: a mulher brasileira de então, sente que há necessidade de intervir, como parte integrante, mas não sabe de que modo proceder, não tem condição de debater sobre os problemas do Brasil. Está “desorganizada e sem orientação”.

Ela refere-se às diferentes classes de mulheres: “a mulher de sociedade” e “a que vive dentro da realidade agressiva.” O primeiro tipo sustenta uma vida fútil, preocupando-se apenas com as colunas sociais dos jornais: “sabe que a vida está cara porque há cinco anos um vestido custava 2 contos e agora custa vinte.” Da mesma forma, sabe que “há guerra na Palestina porque em vez dos jornais falados da Metro mostrarem os últimos modelos de Paris,

amargou diversas prisões; a partir de 1930, a aliança com o governo de Vargas não durou muito, já que o casal aderiu ao Movimento Constitucionalista de São Paulo; passou por muitas privações com os nove filhos após a morte do marido, em 1939; Nuta foi uma das fundadoras da UDN e concorreu à Câmara Federal em 1945, mas teve sua campanha prejudicada, por parte da Igreja Católica, que a acusou de comunista, já que mantinha relações com Luiz Carlos Prestes e outros comunistas. Branca Fialho (1896-1965) foi ativista do movimento de mulheres; atuou junto às organizações de solidariedade às campanhas dos governos aliados durante a Segunda Guerra Mundial, por conta disso recebeu diversas condecorações de órgãos internacionais; foi presidente da Federação das Mulheres do Brasil. Eunice Weaver (1904-1969) atuou intensamente no assistencialismo social na luta contra a lepra. *Dicionário Mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.

mostram corpos rasgados nas ruas e crianças famintas ao abandono.” Do outro lado, está a classe que se encontra “desarmada intelectualmente e financeiramente e se resolver protestar em bloco, mesmo um bloco silencioso e mudo numa das ruas da cidade, a polícia não permite porque vai atrapalhar o trânsito.”

Adalgisa estabelece condições de gênero pelo viés das diferenças de classe. Em 1948, o casal Fontes estava fora do âmbito direto do poder. Adalgisa acumulava a experiência mexicana, ou seja, a convivência com o casal comunista Rivera. Naquele ano, publicou o livro de poemas “Cantos de angústia.” Ao exemplificar a figura feminina da elite, que se conscientiza sobre o aumento do custo de vida a partir do preço de um vestido, que sabe sobre os reais problemas do mundo por conta da mudança de foco da mídia, Adalgisa constrói a idéia da *mulher boneca* de que fará referência mais tarde, nos anos 1960.

Para Adalgisa, as norte-americanas e européias sustentavam um desenvolvimento intelectual incomparável. “Se tomarmos como medida o progresso, a organização, a cultura e a contribuição, o trabalho das mulheres européias e americanas, devemos confessar que estamos paradas há muito tempo.” A escritora justificou-se: “Não quero dizer que todas sejam incultas e desinteressadas pelos nossos problemas. Não. Temos grandes mulheres.” Apesar de dizer que poderia citar nomes de muitas brasileiras, não o fez. Adalgisa concluiu e confessa:

E depois, quem sabe se elas estão ou não certas? Conservar um certo primitivismo, na nossa época truculenta e confusa, em que os valores estão de tal maneira mudados, pode ser ainda uma defesa e um refúgio. Não me queiram mal. No fundo eu faço parte desse bloco. Sou brasileira. A verdade também me atinge.

Em 1952, Adalgisa participou de outra enquêta, dessa vez promovida por “O Globo.” Ela guardou os recortes de suas respostas e também da então vereadora Lygia Lessa Bastos. Apresentada na capa do jornal, tratava-se de uma consulta a respeito das conclusões do antropólogo Ashley Montagu, que lançara nos EUA o livro “The natural superiority of women”. Segundo o texto introdutório da enquêta, ao mostrar a superioridade das mulheres, o professor de antropologia, despertou o “interesse de um mundo dominado pelos homens e contra o qual alguns movimentos feministas têm feito muitas arremetidas”: E informa:

O professor norte-americano Ashley Montagu, ao fazer o “Manifesto feminista”, declarou claramente que o homem deve desistir de governar o mundo e entregar a direção dos negócios da terra à mulher, que, segundo ele, supera seu companheiro masculino em inteligência, coragem, valor moral,

resistência à dores físicas e persistência no trabalho.

A senhora Lourival Fontes disse não conhecer os argumentos do professor americano e que por isso não poderia “opinar precisamente sobre os fatos em que se baseia.” Porém, ela afirma, teoriza e conclui:

Minha opinião pessoal é que homens e mulheres possuem qualidades diferentes, que se completam e, quando há superioridade, é de indivíduo para indivíduo. Não acredito que a mulher possa vir a governar o mundo. Além disso, se os homens o estragaram – que o concertem. Quem erra, deve remediar o seu erro ou ficar com ele para o resto da vida. O que tem faltado ao homem é ouvir com mais frequência a opinião da mulher. Isto tem acontecido até no campo doméstico, porque a realidade normal é que o homem nunca ouve a mulher. Contudo, esta possui uma série de experiências que seria de grande utilidade à gestão dos negócios mundiais. Creio que no conjugamento das experiências masculina e feminina está o segredo da vida e de tudo que com ela se relaciona.

Eis a concepção de Adalgisa sobre a complementaridade dos gêneros. Ela se vale desse espaço jornalístico, tornando explícitas suas idéias sobre as mulheres e os homens de seu tempo. Num plano quase teórico de explicação, ela fala em “realidade normal”; em “gestão dos negócios mundiais”; em “conjugamento das experiências masculina e feminina”. Podemos sugerir, observando a tonalidade e a densidade dos textos, que ambas as entrevistas foram concedidas por escrito.

A Adalgisa de 1952 não era apenas a esposa do chefe da casa civil da presidência da República, era também presidente do Serviço de Assistência ao Menor. Pouco mais de três anos depois, a jornalista insultada pelo poderoso Assis Chateaubriand, seria homenageada pelos oficiais maranhenses. A capa da “Última Hora” (19/01/1955), anunciava o almoço no Clube da Aeronáutica, que ocorreria no dia seguinte. O texto ilustrado com uma foto, afirmava que “Adalgisa tem analisado com elegância e inteligência aspectos dos mais palpitantes da atual conjuntura política brasileira. Trata-se, portanto, de solidariedade a um alto espírito.”

Certamente, as repercussões da briga com Chatô alimentaram o trabalho de Adalgisa no jornalismo. Ela era uma colunista de “alto espírito”, reconhecida como indivíduo. Mas, insultada, recebeu a homenagem em reparação “aos insultos feitos à sua honorabilidade de mulher e à sua dignidade de jornalista.” O combate travado inicialmente pelos jornais ultrapassou o âmbito da imprensa. Na ocasião do almoço, Adalgisa discursa:

Eu tive três alegrias na minha vida. A primeira, quando nasceu meu primeiro filho; a segunda, quando recebi a maior condecoração mexicana por meus trabalhos literários, condecoração que pela primeira vez era concedida a uma mulher. A terceira é esta manifestação sentida dos oficiais de nossas Forças Armadas aqui reunidos que eu agradeço de coração, de alma.⁴⁶⁰

Adalgisa evidencia sua condição feminina, como mãe e como a primeira mulher a ser condecorada com a águia asteca, equiparando tais circunstâncias com a manifestação expressa por aqueles oficiais da Aeronáutica. Talvez, diante dessa circunstância, ao referir-se à maternidade e à condecoração mexicana, Adalgisa valia-se das noções de compensações. O clima era de agressividade e desforra. Ao ratificar suas alegrias no universo do privado, Adalgisa depunha a seu favor: como uma estratégia no âmbito do discurso? Os aspectos de sua condição de gênero talvez pudessem reverter-lhe elementos em seu benefício.

No que diz respeito à noção de compensações, na entrevista do Pasquim de 1971, Paulo Francis especula dizendo que nos meios jornalístico e político, “há uma razoável liberdade pra mulher. Você não acha?” E Adalgisa confirma: “isso é uma vantagem de a gente ser mulher. Apesar de tudo, ainda é mulher, então não vamos perseguir tanto Dona Fulana, vamos perseguir mais Seu Sicrano, que é homem. Eu explorei muito isso, ser mulher”.

Assim, a partir de um sistema de valores expressos nos discursos e nas práticas, e como uma resposta à dominação masculina, as compensações femininas proporcionam às mulheres poderes e astúcia, esvaziando a dominação masculina de seu conteúdo real, como uma forma de resistência, valendo-se de um sistema de compensações. As falas de Adalgisa em momentos distintos, expressando publicamente a alegria da maternidade num evento promovido por militares em 1955, e em 1971, dois anos depois de ter sido cassada pela ditadura militar, afirmando que explorou muito *o ser mulher*, podem ser entendidas como posturas e posicionamentos na lógica das compensações: brecha, viés, abertura sutil que a condição de gênero lhe proporcionara.

No âmbito da legislação, se as mulheres brasileiras alfabetizadas puderam exercer sua cidadania política a partir de 1932, no plano das conquistas civis, principalmente no que tange à condição das mulheres casadas, houve ainda longo caminho trilhado. Em plena campanha eleitoral para a constituinte da Guanabara, Adalgisa valeu-se do espaço jornalístico para lançar críticas nesse quesito.

⁴⁶⁰ Jornal Última Hora, 21 de janeiro de 1955.

Em 10 agosto de 1960, ela escreveu sobre o título “A vez das mulheres” uma matéria tratando do código civil. Segundo a colunista, havia, naquele momento, larga oportunidade para as mulheres “exercerem a sua força límpida e especial”, afinal, “nunca os homens se mostraram tão incapazes, tão pouco chefes, tão irresponsáveis como guias tão melancolicamente vaidosos e pueris como atualmente.” Ela exemplifica com a postura de Ranieri Mazzilli, que nos dias ocupando a presidência da República, “cumpre rigorosamente o programa de Cinderela.” Lastimou-se que Mozart Lago, que vinha defendendo a mudança do Código Civil em defesa dos direitos das mulheres, não tenha sido reeleito, já que era o maior representante das mulheres no Congresso. Afirma que o Código Civil “classifica a mulher como animal reprodutor” e argumenta, panfletária:

Queremos a igualdade de direitos; queremos ter direitos sobre os filhos gerados em nosso ventre; queremos ter liberdade de raciocínio tanto quanto temos autoridade cívica e jurídica para votar; queremos ser força complementar; queremos, enfim, respeito a nossa maravilhosa condição de mulher.

Adalgisa explica que, segundo tal legislação, a mulher não pode ter o “pátrio-poder (...) para fazer negócios, depósitos ou retirar dinheiro em banco, viajar ou empregar-se, é necessária autorização do esposo.” Daí, ela sugere às mulheres, numa atitude de “indisciplina em massa, rasgar essa página aviltante do Código Civil”.

E porque não pode a mulher ter sobre os filhos o pátrio-poder? Têm elas muito mais direitos do que os homens. São os homens que promovem as guerras, movidos pela alma dos lucros. São as mulheres que com um sofrimento atroz entregam os seus filhos às bombas, com o pensamento na Pátria. Qual dos dois tem mais direitos sobre os filhos? O homem que acima dos sentimentos de paternidade se orienta pelos lucros, ou a mulher que dos seus sentimentos maternos transforma os seus sentimentos em dádiva à Pátria?

Desde os anos 1950 debatia-se sobre as mudanças no código civil na sociedade brasileira. A militante Romy Martins Medeiros da Fonseca foi importante porta-voz nesse quesito. Advogada e feminista, ela participou de eventos internacionais angariando apoio para que o código civil brasileiro fosse modificado e os direitos da mulher casada fossem ampliados.⁴⁶¹ Esse movimento de mulheres, por intermédio do senador carioca Mozart Lago,

⁴⁶¹ *Dicionário Mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000, (p.482-484).

apresentou, em 1952, um projeto de Estatuto Jurídico ao Congresso Nacional. O percurso seria lento: apenas dez anos depois, uma reforma no Código Civil instituiu o Estatuto da Mulher Casada (Lei 4121/62).

Em 1960 através da “Última Hora” e em campanha eleitoral, Adalgisa Nery reconhece a importância do senador Mozart Lago nesse processo. De certa forma, explicitando apoio ao principal representante no Congresso pelas mudanças jurídico-civis das mulheres casadas, Adalgisa angariava apoio a sua eleição. Seu palanque era o “Retrato sem Retoque.” Tanto que, no término desse artigo, a colunista, panfletária, finalizou com sua campanha eleitoral:

Se reconhecem os homens o valor político do voto da mulher, são logicamente obrigados a reconhecer os nossos legítimos direitos. Depende de nós acabar com essa humilhação que nos reduz a animais reprodutores.

PARA DEPUTADO ADALGISA NERY PSB

P.S. Estou a disposição dos amigos às segundas e sextas-feiras, das 15 às 18 horas, na sede do PSB.

Assim, a importância da mudança do código civil decorre no fato que, até então, a mulher casada era considerada relativamente incapaz, comparada aos selvagens e aos menores, dependendo da autorização do marido para praticar atos da vida civil.

Por fim, no governo João Goulart, a reforma do código civil foi aprovada pelo Congresso, em 1962. Adalgisa Nery escreveu na “Última Hora” sobre a aprovação da mudança, tão importante para a emancipação feminina, já que dispunha sobre a situação jurídica da mulher casada:

(...) para outorgar à mulher brasileira o reconhecimento de sua dignidade, minimizada quando a identificava aos menores e irresponsáveis. O novo estatuto corresponde ao preenchimento de uma lacuna. Sobre esse aspecto, elevamo-nos ao nível dos povos civilizados. É certo que a lei, por si só, não modificará hábitos arraigados e retrógrados, mas representa sem dúvida um fator importante na modificação do “status” social da mulher brasileira.⁴⁶²

Depois de atuar como constituinte, Adalgisa foi reeleita em outubro de 1962, juntamente com Lygia Lessa Bastos. Em alusão às quatro mulheres eleitas para a ALEG, a matéria “Uma VELA na escuridão” sugeriu um acróstico com seus nomes, quais sejam Velinda da Fonseca, Edna Lott, Ligia Lessa Bastos e Adalgisa Nery. Publicada no “O Jornal”

⁴⁶² Jornal Última Hora, 30 de outubro de 1962, “Unificação da esquerda”.

em 27 de janeiro de 1963, o texto trouxe a fala das deputadas. Sobre sua reeleição, Adalgisa constatou:

Na gestão passada as mulheres eram ainda menos numerosas e Ligia e eu exercemos uma espécie de vigilância severa procurando verificar tudo com espírito público. Fomos a vela de vigilância e a deputada udenista defendeu os interesses públicos muitas vezes, tendo até que votar contra o seu próprio partido. Apesar de dizerem que nós mulheres, falamos demais, a verdade é que falamos menos e observamos muito mais.

Já no primeiro ano de legislatura, as deputadas Adalgisa Nery e Ligia Lessa, mesmo atuando em partidos diferentes, desenvolveram importante cumplicidade política. O episódio que envolveu os exportadores de café foi marco nessa relação. Eram duas mulheres contra os interesses escusos de Carlos Lacerda, e apesar de Ligia Lessa ser correligionária do governador da Guanabara, posicionou-se contrariamente à negociata defendida por ele.

Se no âmbito da política institucional as mulheres trilhavam numa constante participação, ainda havia nichos com significativa resistência. A Academia Brasileira de Letras, por exemplo, denotou seu aspecto conservador, já que a hegemonia masculina só foi quebrada em 1977, com a eleição de Rachel de Queiroz, primeira mulher a frequentar o rol dos imortais.

Em 1970, Dinah Silveira de Queirós candidatara-se para uma vaga na ABL. O “Jornal do Brasil” consultou algumas escritoras, “numa época em que se fala tanto em igualdade dos sexos” sobre a candidatura de Dinah, já que “há vinte anos está tentando ser acadêmica.” Em “A luta por um fardão unissex”, Clarice Lispector, Nélide Piñon, Maria Alice Barroso, Ligia Fagundes Teles, Helena Silveira e Adalgisa Nery, opinaram.⁴⁶³ As respostas foram bastante divergentes umas das outras, mas para a maioria, fazer parte da Academia era pouco relevante.

Inclusive para Adalgisa. Amigas há mais de trinta anos, ela fala que Dinah “tem fixação de entrar para a Academia” e metáforiza: “Agora, se uma pessoa não nos quer receber em sua casa, não acho direito forçar a entrada.” Segundo Adalgisa, ambas tinham temperamentos muito diferentes, e conclui: “Sempre fui contra grupos, nunca me filiei a nenhum. Há tantos problemas para se resolver neste país, é uma bobagem, uma infantilidade feminina da Diná essa de querer entrar para a academia.”

⁴⁶³ “Jornal do Brasil”, 07/07/1970. Acervo microfilmado na Biblioteca Nacional.

Cerca de 10 anos depois da reportagem, Dinah tornou-se a segunda mulher eleita para a ABL, em 1980. Depois dela vieram Lygia Fagundes Telles, eleita em 1985, Nélida Piñon em 1989, Zélia Gattai, eleita em 2001 e Ana Maria Machado em 2003. Vaidade pessoal ou não, a participação feminina como membro da ABL, efetivada apenas em 1977, reflete alguma resistência às mulheres escritoras, afinal, conforme aponta Adalgisa, a escritora Dinah Silveira de Queiroz fez tentativas sucessivas.

Aliás, os anos 1970 no Brasil foram marcados por importantes movimentos ligados aos interesses das mulheres. Inspirados nos ideais da contracultura norte-americana em prol dos direitos civis dos negros e contra a guerra do Vietnã principalmente, os movimentos de mulheres no Brasil, mesmo contextualizados pelo regime autoritário, procuravam combater o autoritarismo e promover a crítica dos costumes. Assim, a chamada segunda onda feminista dos anos 1960, inaugurada nos EUA e propagada na Europa, teve reflexos também no Brasil a partir da década seguinte.

Tendo como fonte de análise a entrevista de Adalgisa Nery dada ao Pasquim pretendemos examinar suas reflexões acerca dos movimentos feministas. Apesar do sucesso profissional dessa mulher, Adalgisa não via com simpatia os movimentos feministas que perpassavam a sociedade brasileira na década de 1970. Aliás, podemos questionar: como o feminismo era tratado no Brasil nesse período?

Em março de 1971, aos 65 anos de idade, Adalgisa Nery não era mais articulista de “Última Hora” e nem deputada estadual, mas sustentava uma posição de mulher pública respeitável e conhecida por seus entrevistadores. Paulo Francis inicia a entrevista questionando Adalgisa sobre a emancipação feminina: “As feministas mais extremadas afirmam que a mulher é uma escrava, que não tem realmente a mesma situação que o homem, que ela é uma prisioneira do homem, que a oprime de todas as maneiras”. A resposta da escritora é incisiva:

Inicialmente, eu sou contra feminista, acho horroroso feminista. Acho que a mulher é um complemento do homem, tem qualidade, tem virtudes, tem energias e tem conhecimentos e vivências que se somam às vivências, à sensibilidade, às reações do homem; então, fazem uma unidade. A mulher não é superior nem inferior ao homem.

Mesmo sendo uma mulher esclarecida, de vasta cultura e experiência de vida, é preciso historicizar a noção de Adalgisa, no mínimo preconceituosa, sobre o feminismo. Vinculava-se nessa época, certa visão pejorativa (de senso comum) em relação ao movimento.

Ela expressa uma visão equivocada de feminismo, como se tal movimento vislumbrasse uma “guerra dos sexos” e não garantir a equidade entre os mesmos com vista ao respeito mútuo e melhor convivência”.

Conforme analisa Rachel Soihet, os integrantes do Pasquim valiam-se largamente da zombaria para expressar seu conservadorismo em relação à emancipação das mulheres nos anos 1970. Em alusão ao discurso médico referendado no início do século XX, Soihet compara:

Em fins da década de 1960, como nos anos 1970, os libertários de *O Pasquim* voltam a se utilizar desses velhos argumentos, buscando através da zombaria o descrédito dos movimentos de mulheres em busca de uma cidadania plena, expressando, de forma similar aos misóginos que os antecederam, o pavor de uma mudança que ameaçasse a ordem tradicional dos gêneros. Ressuscitam velhos estereótipos, sem deixar de acentuar a obrigatoriedade da beleza para as mulheres, o que as dispensaria de outros atributos.⁴⁶⁴

As críticas ácidas e preconceituosas eram travestidas de humor, principalmente durante as entrevistas, que muitas vezes eram conduzidas de forma a provocar os entrevistados, fazendo-os revelar seu conservadorismo.

É possível sugerir esse ponto, ao perceber que em seu acervo pessoal, Adalgisa anotou nas duas páginas da entrevista ao Pasquim, as seguintes frases, escritas numa caligrafia larga e com lápis vermelho: “Sinto que minhas respostas foram ‘amansadas’” e na outra: “Não foi feita como eu me expressei realmente.”⁴⁶⁵ Junto do material da entrevista, Adalgisa guardou um bilhete assinado por Paulo Francis em papel timbrado de *O Pasquim*: “Adalgisa desculpe por este papel (ilegível), mas os sentimentos são os mais sinceros. Paulo Francis, em nome de todos inclusive do revisor idiota que tirou o Y do seu Nery.”

Uma evidência da repercussão da entrevista é o conteúdo de uma carta recebida do escritor José Afrânio Moreira Duarte, que comenta: “Realmente a censura complica as coisas. Mesmo assim sua entrevista no pasquim foi um sucesso total. Em Belo Horizonte todo mundo comentava, telefonava para perguntar se a gente já havia lido; para não perder de jeito nenhum, etc.”⁴⁶⁶

⁴⁶⁴ SOIHET, Rachel. “Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários”. In: *Revista Estudos Feministas* Vol.13 n. 3/2005. Florianópolis. CFH/CCE/UFSC, p.599.

⁴⁶⁵ Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁴⁶⁶ Carta enviada de Belo Horizonte, datada de 02 de março de 1971. Acervo “Adalgisa Nery” depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

De fato, as entrevistas feitas pela “patota” do Pasquim eram emblemáticas. Em tempos de ditadura, o interesse ou a leitura desse jornal era um ato que sugeria a subversão. A elite esclarecida via na leitura do Pasquim uma forma de resistência.

Também em 1971, Betty Friedan foi entrevistada pelo jornal quando esteve no Brasil. Rose Marie Muraro, uma das pioneiras do chamado neo-feminismo no Brasil e tradutora do livro “A mística feminina” de Friedan, foi uma das responsáveis pela vinda da feminista norte-americana ao Brasil. Anette Goldberg em sua dissertação de mestrado afirma: “bombardeada pela imprensa oficial, que trancou suas declarações e tratou-as pejorativamente, não teve muito melhor recepção por parte dos intelectuais de esquerda.”⁴⁶⁷ Ilustra a entrevista dada ao Pasquim, cujos entrevistadores deixavam bem claro nas suas perguntas seus preconceitos sexistas e a intenção de ridicularizar e diluir o conteúdo das respostas da entrevistada.

Como afirma Goldberg, as informações sobre os novos movimentos feministas surgidos em sociedades liberais avançadas, não haviam sido difundidos no Brasil nesse momento. Tanto que Betty Friedan já era identificada junto a vertente liberal dentro do movimento norte-americano. Assim, a imagem deixada quando da sua passagem pelo país, foi negativa no que se refere ao feminismo: mulheres feias, lésbicas e incontidas, queimando sutiãs na praça pública e defendendo o aborto. Isso não agradava à moral das famílias burguesas conservadoras.

Deste modo, a idéia negativa de Adalgisa Nery sobre o feminismo pode ser compreensível na medida em que contextualizamos as noções distorcidas que existiam na sociedade brasileira sobre o movimento.

Aliás, o conservadorismo católico de Adalgisa Nery aparece quando é perguntada por Fausto Woolf, abruptamente: “Você é uma católica de esquerda divorcista?”

Você vai ficar espantado com o que eu vou dizer. Eu não sou a favor do divórcio quando há filhos. Tenho casos na minha família; eu vejo como a criança sofre. Quando o casal não tem filhos eu sou pelo divórcio, mas quando tem filhos eu sou contra.

⁴⁶⁷ GOLDBERG, Anette: “A gestação de um feminismo ‘bom para o Brasil’ no início dos anos 70”, “O movimento feminista e o Feminismo das mulheres de esquerda” *Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. UFRJ: IFCS, 1987, p. 52-53.

Não obstante, como uma mulher de sua época, embora intelectual e politicamente tivesse posições pioneiras, no que tange a outros aspectos, como as questões de gênero, Adalgisa Nery mostra-se conservadora. Questionada por Paulo Francis sobre o homossexualismo feminino se ela “acha uma coisa legítima?”, Adalgisa responde: “Não, acho porco”. Aqui cabe uma análise mais apurada do diálogo travado na entrevista:

Francis- Mas uma mulher que tem essa constituição sexual, não uma constituição genética, porque isso raramente existe é um fenômeno psicológico, o que que ela vai fazer?

Adalgisa- Vai operar, não é meu filho? Eu acho que um homem com uma mulher tem o direito a fazer tudo, mas homem com homem e mulher com mulher eu acho porco. A mulher tem todo o direito de fazer tudo o que ela quiser com um homem, seja quem for, basta que ela goste dele. Mas mulher com mulher, homem com homem não entrou na minha cuca isso ainda não?

Fausto- Então, nós podemos concluir que você é a favor do movimento feminista enquanto feminino?

Adalgisa- Eu não sou feminista. Esta coisa feminista eu não gosto. Há muitos anos quando eu tomei conhecimento disso achei muito antipático. (grifo nosso)

A posição de Adalgisa quanto às relações heterossexuais parecem ter sido entendidas como avançadas a ponto de inserirem a idéia de um *movimento feminista feminino*. Numa possível identificação do feminismo de então (1971) com o lesbianismo.

Enfim, para além dos rótulos que o feminismo adquiriu como sendo um movimento de burguesas sexualmente frustradas, lésbicas rancorosas ou em prol da luta dos sexos, a repercussão do movimento na sociedade brasileira teve parâmetros de variadas dimensões no decorrer da década. Se no início dos anos 1970 as representações do movimento tinham tonalidade tão pejorativa, a tal ponto de a escritora Adalgisa Nery, figura profissionalmente avançada, entender o movimento de forma negativa, o cenário passa por mudanças significativas com a criação do Centro da Mulher Brasileira – CMB, em 1975.

Dentro do contexto do chamado milagre econômico e do regime de exceção no Brasil, a ONU instituiu 1975 como o ano Internacional da Mulher, proporcionando às feministas brasileiras uma brecha importante para a criação de um movimento feminino pela anistia, por exemplo. A princípio em reuniões informais, mulheres como Branca Moreira Alves então recém-chegada dos EUA, organizaram estrategicamente sem valer-se da palavra feminismo, a

“Semana de pesquisas sobre o papel e o comportamento da mulher brasileira”, que se tornou o germe do CMB.⁴⁶⁸

Assim, se no início da década de 1970, assimilando o discurso recorrente e preconceituoso sobre as feministas, em 1980, quando Adalgisa Nery morreu, ela seria identificada como uma dessas mulheres: o feminismo teria então outra conotação?

“Musa, poetisa, feminista e política: a desencantada Adalgisa Nery.” Com esse título, a longa matéria assinada por Cláudio Lacerda no “Jornal da Tarde” em 16 de agosto de 1980, homenageou Adalgisa Nery. Com o título de feminista, que ela negara em vida, o jornalista esboçou sua longa trajetória. Diante dessa referência, sugerimos uma leitura do que esboçamos até aqui. A trajetória de Adalgisa Nery, apesar de sua recusa ao rótulo de feminista, mostra que na prática ela executou o que muitas mulheres procuravam empreender.

Adalgisa foi criando, no decorrer do século XX e em cenários políticos variados, uma *persona* pública singular e contraditória. Sua trajetória, emoldurada pela época em que viveu e por determinados acontecimentos, foi resumida em sua última carta a Flávio Cavalcanti, na qual recusava o convite para passar o Natal de 1976 em Petrópolis. As palavras de Adalgisa resumem suas angústias. A citação sintetiza suas impressões sobre sua vida numa fase de solidão e reclusão:

Larguei tudo. Apenas possuo a roupa do corpo. Isso dá-me um grande alívio. Perdi o instinto de propriedade. Ontem, lendo livros que José Olympio me mandou tive uma profunda tristeza lendo “O universo de Drummond” no qual o autor analisa a poesia de Drummond dedicada a mim – Adalgisa – e no fim da análise diz o autor do livro: “Adalgisa freqüenta também as obras de Murilo Mendes, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt e outros. A bela Adalgisa, notável poetisa, deixou uma forte impressão em todos esses poetas.” O que adiantou isso para minha mocidade e agora na minha velhice? Nada. Talvez eu inconscientemente tenha enganado a todos eles. O vácuo, o tédio e o desencanto de mim mesma foi o resultado. A pior coisa da vida é possuir sensibilidade além do comum. Tu sofres e só encontras o vazio em tudo porque é um artista. Só os “artistas” medíocres são seguros de si mesmos. Encho os meus vazios rezando e pedindo a Deus que não me largue por muito tempo com vida (...) Fiquei comovida com teu convite, mas estou num convento. Perdão por não aceitar este gesto de carinho, mas não quero interromper o meu gesto de solidão, único e certo caminho que me leva ao Senhor.⁴⁶⁹

⁴⁶⁸ Sobre o CMB, ver: SOIHET, Rachel e ESTEVES, Flávia Copio. “O Centro da Mulher Brasileira (CMB-RJ) e suas experiências nos anos 1970-1980”. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão (org.). *As esquerdas no Brasil: revolução de democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 355-384.

⁴⁶⁹ Carta publicada no “Jornal da Tarde” em matéria de Cláudio de Lacerda, em 16/08/1980. Acervo microfilmado depositado na Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

6. Conclusão

Mulher de vida longa e movimentada, a trajetória de Adalgisa Nery incita e apaixona. Adalgisa foi uma pessoa de seu tempo. Figura forte e destemida soube caminhar com desenvoltura em trilhas nem sempre entendidas como aptas ao seu gênero. Mas era um caminho aberto, herdado e também transitório: esteve inserida em uma cultura dos gêneros historicamente estabelecida. Foi preciso descobrir atalhos e abrir veredas. Entretanto, Adalgisa Nery favoreceu-se da abertura de campo que mulheres de gerações anteriores haviam construído. Procuramos, numa perspectiva histórica, analisar as relações do gênero feminino com a imprensa e as conquistas de direitos.

O acesso de Adalgisa Nery ao universo intelectual e ao ambiente político institucional foi beneficiado por circunstâncias de sua vida privada, através de seus casamentos. Com Ismael Nery, ela experimentou a maternidade, conviveu com artistas e escritores, adentrou o universo intelectual, iniciando a tessitura de uma rede de sociabilidades que se tornou contundente em seu percurso. Sua entrada no universo do trabalho para além do espaço doméstico, assim como sua inserção na vida pública, foi motivada por uma circunstância existencial: a viuvez.

Sugerimos que o enlace com Lourival Fontes, chefe do órgão de censura do Estado Novo, contribuiu para que Adalgisa Nery intermediasse, de alguma forma, as relações entre os intelectuais – muitos ligados às esquerdas – e o poder estatal. Procuramos mostrar como nossa personagem movimentou-se nessa intrincada trama de relações de poder. Ao mesmo tempo, ela tornou-se voz do regime, traduzindo o modo de vida das elites em franco ingresso nos meandros culturais da modernidade e do mundo capitalista ocidental. Adalgisa foi figura presente e atuante nos eventos sociais e nas manifestações do poder estadonovista; ela foi construindo desde meados dos anos 1930, uma identidade que a sustentou como figura pública respeitável.

No contexto da II Guerra Mundial e após o alinhamento do Brasil com os EUA, Lourival Fontes teve suas atividades suspensas no país, ocupando cargos no exterior. Ponto alto foi sua colocação como embaixador no México, onde o convívio com o meio artístico e intelectual daquele país deu a Adalgisa Nery novas experiências. O recesso na vida política brasileira acabou em 1951, com a volta de Getúlio Vargas ao poder pelos meios democráticos,

quando Lourival tornou-se chefe do gabinete civil da presidência. Tudo indica que as atividades assistenciais, tradicionalmente executadas por mulheres de governantes, tenham forjado uma outra expressão de mulher em Adalgisa Nery, funcionando como um marco em seu percurso.

Assim, procuramos pontuar os laços políticos tecidos por Adalgisa Nery, observando o crescimento de suas articulações, assim como as rupturas estabelecidas. Focada na construção do papel político de nossa personagem, tratamos de introduzir em nossa análise aspectos da vida privada que fundamentaram Adalgisa Nery como uma mulher na política, sugerindo pontos em sua trajetória que a moldaram. O desgaste e o fim do casamento com Lourival Fontes, o desaparecimento trágico de Getúlio Vargas, o início da carreira jornalística: meandros de sua vida privada e trâmites da vida política brasileira que se amalgamaram na sua formação, galgando posição que a transformou em porta-voz do getulismo.

Em meados da década de 1950 a imprensa era o meio, por excelência, de acesso ao mundo e aos acontecimentos, e exerceu papel fundamental na elaboração da crise política que culminou com o suicídio do presidente Vargas. Herdeira política da tradição de Vargas, Adalgisa Nery iniciou sua carreira no jornalismo diário, encontrando espaço para expor suas idéias em prol do nacionalismo. Com um linguajar que lhe era característico, valendo-se de metáforas, ironia e certa agressividade, sustentou uma posição fortemente nacionalista. Nesse sentido, defendeu atitudes de personalidades públicas, assim como denunciou posturas antinacionais e personalidades entreguistas.

Assim, a partir do contato com os conteúdos dos artigos de “Retrato sem Retoque” elegemos alguns episódios temáticos que marcaram a posição de Adalgisa Nery no jornalismo político. Os desdobramentos das críticas envolvendo o nome de Chateaubriand no início de 1955, contribuíram para a marcação de posições no cenário jornalístico balizado pelo contexto internacional da Guerra Fria, na medida em que jornalistas e órgãos de imprensa do período tomaram posições, assim como algumas figuras militares saíram em defesa da estreante colunista.

Constatamos que essa mulher esteve muito bem inserida na conjuntura da democracia, experimentada de forma inédita pela sociedade brasileira: mostrou-se uma genuína debatedora dos assuntos políticos contemporâneos nos níveis regional, nacional e internacional; encontrou espaço e destacou-se na imprensa, valendo-se da identidade que ela estabeleceu no decorrer de seu percurso biográfico.

Adalgisa Nery mantinha-se conectada com os assuntos políticos internacionais, expressando opiniões sobre inúmeros acontecimentos externos: a revolução cubana, a

independência do Congo, as crises econômicas e políticas nos países latino-americanos, os conflitos no Oriente Médio, as ditaduras na Península Ibérica, enfim, as pautas sobre política externa eram comuns no “Retrato sem Retoque”. Por outro lado, a colunista também se preocupava com os problemas da Guanabara e constantemente recebia denúncias de moradores, que averiguadas, eram debatidas no jornal.

A popularidade da coluna de Adalgisa Nery na “Última Hora” rendeu-lhe mandatos no legislativo da Guanabara. Procuramos apontar a peculiaridade desse novo Estado na conjuntura política nacional, sua importância e ambigüidade após a transferência da capital federal para Brasília.

Deste modo, a partir da análise dos artigos publicados por cerca de 10 anos no jornal “Última Hora”, cotejamos temas que expressaram os posicionamentos políticos de Adalgisa Nery. No jornalismo diário (como uma voz da sociedade civil) e no parlamento estadual (inserida na sociedade política), nomeando personalidades civis e militares, Adalgisa cultivava alianças e discórdias, paulatinamente. Também, verificamos que apesar de sua forte formação católica, Adalgisa Nery mostrava-se irredutível quando focalizava atitudes eclesiais ou posturas dos representantes da Igreja com as quais discordava.

Desde o início de seu trabalho na “Última Hora”, por conta de seus posicionamentos, argumentos e ataques, Adalgisa era acusada de comunista. À medida que as forças golpistas pareciam mais propensas ao golpe definitivo, simultaneamente ao acirramento dos debates que diziam respeito ao aumento da participação popular, Adalgisa Nery posicionava-se ao lado das forças consideradas de esquerda. Combateu a instauração do regime parlamentarista, posicionou-se a favor das reformas de base, porém, ao discordar das mudanças ministeriais ou de postos importantes no governo de João Goulart, o criticava. O IBAD foi pauta de vários artigos, principalmente durante a instalação da CPI. A jornalista defendeu a elegibilidade dos cabos e soldados, seu direito ao voto, assim como aos analfabetos.

Na intensa definição do campo político anterior ao golpe civil-militar de 1964, suas posições e propostas, atreladas principalmente à defesa dos interesses do Brasil e ao getulismo, tiveram identidade com as forças de esquerda. Para tanto, o esquerdismo de Adalgisa Nery deve ser considerado numa perspectiva ampliada, num viés de análise conjuntural.

Sua mudança partidária, do PSB para o PTB, evidenciou a aliança mais estreita com o governo Goulart, assim como foi a cogitação de seu nome para ocupar a pasta do Ministério da Educação no início de 1964. O movimento de abril foi golpe definitivo na carreira jornalística de Adalgisa Nery.

Notamos que as personalidades públicas que projetaram mudanças para o Brasil ou que apoiaram as medidas que pretendiam construir um país mais justo socialmente, tinham seus nomes esboçados no “Retrato sem Retoque.” Adalgisa Nery outorgava-lhes simpatias e muitas vezes apoio explícito: Celso Furtado, Paulo Freire, João Goulart, Leonel Brizola, Miguel Arraes, Darcy Ribeiro e o próprio diretor do jornal onde trabalhava, Samuel Wainer. Figuras que imediatamente após a quebra do regime democrático deixaram o país. Para Adalgisa Nery, o abril de 1964 foi um episódio de desapontamento, ruptura ou mesmo desalento político.

Entretanto, como deputada estadual ela procurou manifestar-se contrariamente ao regime instituído, ainda que seus discursos no plenário da ALEG fossem raros. Ela enfrentou ameaças de cassação constantes, que a atingiram, terminantemente, em outubro de 1969.

Longe dos jornais e fora da política institucional sua figura pública não foi eclipsada: Adalgisa daria continuidade à carreira literária e não poucas vezes foi prestigiada pela imprensa.

Ao recuperarmos a trajetória profissional de Adalgisa Nery, reavendo sua condição existencial, seus posicionamentos políticos, assim como as denúncias abertas e constantes lançadas aos alçózes do regime democrático – antes de depois do golpe de abril de 1964 – pudemos apreender sua opção pelo exílio particular: como um sepultamento público dessa mulher que acreditava nas potencialidades do Brasil. Da mesma forma, sem perder de vista os problemas enfrentados no âmbito da sua vida privada.

Na análise da trajetória de Adalgisa Nery pudemos perceber a assimilação dos discursos e também das práticas simbólicas do que significava pertencer ao gênero feminino. Até por isso gabava-se por adentrar com desenvoltura nos *lugares dos masculinos*.

Assim, procuramos pontuar os acontecimentos políticos e econômicos que marcaram o século XX, com o intuito de acentuar a ascensão social das mulheres, numa perspectiva das relações de gênero. Na abordagem do percurso biográfico de Adalgisa Nery, emolduramos sua figura, muito citada e pouco estudada, à história política nacional. Sua trajetória foi fortemente condicionada e marcada pelos diversos contextos factuais da História do Brasil.

Assim, foi no contato com as fontes que constatamos posturas contraditórias da escritora: uma profissional de sucesso no jornalismo político, atividade atípica às mulheres por volta da metade do século XX, bem articulada na sua área de atuação, reconhecida pelos seus pares nacionalistas, destemida em seus ataques pela imprensa, enfim, uma mulher política e profissionalmente ativa, mas que mantinha posições conservadoras no que tange às questões de gênero. Nesse campo, Adalgisa Nery apresentou postura tradicional,

contraditoriamente a sua atividade intelectual e política como escritora e profissional no jornalismo, além de sua atuação parlamentar, em favor das posições nacionalistas e preocupada com os segmentos subalternos da sociedade.

Foi curioso percebermos, que, mesmo posicionando-se contrariamente ao feminismo dos anos 1970, provavelmente por conta de sua trajetória e atuação, Adalgisa Nery foi identificada como feminista após seu desaparecimento.

7. Bibliografia

- Almanaque de condecorações navais brasileiras: relação das personalidades brasileiras e estrangeiras agraciadas.* Ministério da Marinha; gabinete do ministro, 1969.
- ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil.* Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- ASSIS, Denise. *Propaganda e Cinema a serviço do golpe-1962/1964*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2001.
- AVELAR, Lúcia. *Mulheres na elite política brasileira.* São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- BAZKO, B. “Imaginação social.” In: *Enciclopédia Einaudi.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1985, p.298- 332, v. 5.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.* São Paulo: Cia das letras, 1996, p. 16.
- BORGES, Vavy. Pacheco. “História e política: laços permanentes”. In: *Revista Brasileira de História,* São Paulo, v.12, n.23/24, set.91/ago.92, p.7-18.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico.* 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BUITONI, Dulcilia Helena Schorceder. *Imprensa feminina.* São Paulo: Ática, 1990.
- _____, Dulcilia Helena Schorceder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira.* São Paulo: Loyola, 1981.
- BURKE, Peter (org.). *A Escrita da história: novas perspectivas.* São Paulo: UNESP, 1992.
- CALLADO, Ana Arruda. *Adalgisa Nery: muito amada e muito só.* Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999.
- CAMPOS, Fátima Cristina Gonçalves. *Visões e Vozes: o governo Goulart nas páginas da Tribuna da Imprensa e Última Hora (1961-1964)* Dissertação de Mestrado em História Social das Idéias. UFF: PPGH, 1996.
- CAPELATO, M. Helena e PRADO, M. Ligia. *O Bravo Matutino.* São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- CARVALHO, A. H. C. *A opinião pública e a CPI do Última Hora: o governo Vargas (1951-1954).* São Paulo, 2000, Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo.

- CASTRO, Celso. IZECKSOHN, Hendrick Kraay (org.) *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CHAMBERS, Deborah. STEINER, Linda. FLEMING, Carole. *Women and journalism*. Routledge: London, 2004.
- CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)”. In: *Cadernos Pagú*, v.4, 1995.
- COSTA, Suely Gomes. “Gênero e História” ABREU, M., SOIHET, R. (org.) *Ensino de História: conceitos, temáticas, metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- D’ARAÚJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio Ary Dillon, CASTRO, Celso. (Int. e Org.) *Visões do golpe: a memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____, Maria Celina, SOARES, Gláucio Ary Dillon, CASTRO, Celso. (Int. e Org.) *Anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____, Maria Celina, SOARES, Gláucio Ary Dillon, CASTRO, Celso. (Int. e Org.) *A volta aos quartéis: a memória militar sobre a abertura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- DE ANDRADE, Carlos Drummond. *Brejo das almas*. Belo Horizonte: Sociedade Editora Amigos do Livro, 1934.
- DELGADO, L. DE A. N. *PTB: do getulismo ao reformismo*. São Paulo: Marco Zero, 1989.
- Diário de Frida Kahlo: um auto-retrato íntimo*. Tradução: Mário Pontes. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.
- DIAS, Maria Odila L. S. “Teoria e Método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano”. In: COSTA, A. de O., BRUSCHINI, C. (org.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- DREIFUSS, R. A. 1964: *A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
- DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.
- DUNCAN, Isadora. *Minha Vida* (tradução de Gastão Cruis). Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1979.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *João Goulart: entre a memória e a História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (coord.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

_____, Jorge e DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____, Jorge (org.) *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5.ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRANCIS, Paulo. *Trinta anos esta noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

GINZBURG, Carlo. “Provas e possibilidades à margem de ‘Il ritorno de Martin Guerre’, de Natalie Zemon Davis”. In: *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editorial Bertrand, 1989.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOLDBERG, Anette: “A gestação de um feminismo ‘bom para o Brasil’ no início dos anos 70”, “O movimento feminista e o Feminismo das mulheres de esquerda” *Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. UFRJ: IFCS, 1987.

GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____, Angela de Castro. D’ARAÚJO, Maria Celina. *Getulismo e trabalhismo*. São Paulo: Ática, 1989.

GUSTIN, Miracy B. S. e VIEIRA, Margarida L. M. *Semeando democracia: a trajetória do socialismo democrático no Brasil*. Contagem: Editora Palesa, 1995.

HAHNER, June. E. *A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres/EDUNISC, 2003.

HAWKS, Joanne V.; STATON, Carolyn Ellis. “On the Eve of transition: women in southern legislatures, 1946-1968. In: DUKE, Lois Lovelace (org.). *Women in politics: outsiders or insiders?* New Jersey: Prentice Hall, 1993.

- HOUBRE, Gabrielle. "A belle époque das romancistas". *Revista Estudos feministas/ Universidade Federal de Santa Catarina*. Vol.7, n.1-2. Florianópolis: UFSC, 1999.
- IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- LABAKI, Amir. *A crise da renúncia e a solução parlamentarista*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre (dir.) *História: novos problemas; História: novas abordagens; História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.
- LIMA, Cláudio Medeiros. "Alceu Amoroso Lima: memórias improvisadas". Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- LOPES, Sonia de Castro. *Lourival Fontes: as duas faces do poder*. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 1999.
- LOUZEIRO, José. *O anjo da fidelidade: a história sincera de Gregório Fortunato na Era Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 2000.
- MAIA, Tatyana de Amaral. *A ação política dos intelectuais na imprensa (1956-1964)*. In: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História: história: guerra e paz [CD-ROM] Associação Nacional de História - ANPUH. Londrina: Editora Mídia, 2005.
- MELO SOUZA, José Inácio de. *O estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.
- MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas*. Campinas: Editora Unicamp, 1996.
- MILLER, Nicola. Recasting the role of the intellectual: Chilean poet Gabriela Mistra. In: *Feminist Review*, London, n.79, 2005.
- MORAES, Neto e SILVEIRA, Joel. *Nitroglicerina pura*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975, p. 30.
- Dicionário Mulheres do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.
- MOTTA, Marly Silva da. *Saudades da Guanabara: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-1975)*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- MUNTEAL, Oswaldo. VETAPANE, Jaqueline, FREIXO, Adriano de. *O Brasil de João Goulart: um projeto de nação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Contraponto, 2006.
- NERY, Adalgisa. *A imaginária*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1959.

- _____, Adalgisa. *Retrato sem Retoque*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.
- NERY, Emmanuel. *Couraça da alma*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1996.
- NEVES, Lúcia M. Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia M. Bessone da C. (org.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.
- PEDROSA, Mário. “Ismael Nery, um encontro na geração”. In: Arantes, Otília Beatriz Fiori (org.) *Acadêmicos e modernos: textos escolhidos III*. São Paulo: Edusp, 1998. pp.196- 201.
- PERROT, Michelle. *As mulheres e os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.
- _____, M. et al. (orgs.). “História das Mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia”. Trad. R. Soihet, Suely G. Costa e Rosana Soares. *Revista Gênero – transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG – 2. sem. 2001, v.2, n.1*.
- RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- RAMOS, Maria. Bernardete. “Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzir Bittencourt” In: *Revista Estudos Feministas*, UFSC, v.10, n. 1, 2002.
- RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ e FGV, 1996.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ROMANO, Luís Antonio Contatori. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- ROSANVALLON, Pierre. “Por uma história conceitual do político”. In: *Revista brasileira de História*, n.30, vol.15, 1995, pp.9-22.
- SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora Moderna, 1985.
- SAFFIOTI, Heleieth. I. B. *A mulher na sociedade de classes*. São Paulo: Livraria Quatro Artes, 1969.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Sessenta e quatro: anatomia da crise*. São Paulo: Vértice, 1986.
- SARAIVA, Camila Lacrete e SWENSSON Jr., Walter Cruz. “O Caso Wainer” In: *Revista Histórica*, Publicação do Arquivo do Estado de São Paulo, n. 09 dez./jan./ fev – 2002-2003.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: *SOS CORPO: gênero e cidadania*. Tradução: Cristine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 3ª edição. Recife, abril de 1996.
- SMITH, Bonnie G. *Gênero e História: homens, mulheres e prática histórica*. Bauru: Edusc, 2003.

- SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.
- SOIHET, Rachel. “Violência Simbólica: saberes Masculinos e Representações Femininas”. In: *Revista Estudos Feministas*. Vol.5, n. 1/97. RJ: IFCS/UFRJ.
- _____, Rachel. “História das Mulheres”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- _____, Rachel. “A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância de Bertha Lutz”. *Revista Brasileira de Educação*. n. 15, anped. Campinas: Editora Autores Associados, set/out/nov/dez 2000.
- _____, Rachel. “Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários”. In: *Revista Estudos Feministas* Vol.13 n. 3/2005. Florianópolis. CFH/CCE/UFSC, p.591-611.
- _____, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- _____, Rachel e ESTEVES, Flávia Copio. “O Centro da Mulher Brasileira (CMB-RJ) e suas experiências nos anos 1970-1980”. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão (org.). *As esquerdas no Brasil: revolução de democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 355-384.
- THÉBAUD, Françoise. *La femme au temps de la guerre de 14*. Paris: Stock/Laurence Pernoud, 1994.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da Teoria*. Trad. Watensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- TOLEDO, Caio de Navarro. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977.
- TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Carmem Dolores: crônicas: 1905-1910*. Rio de Janeiro: arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.
- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- WERNECK, Maria. *Sala 4: primeira prisão política feminina*. Rio de Janeiro: CESAC, 1988.

WINOCUR, Marcos. *Las clases olvidadas en la revolución cubana*. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1979.

WRIGHT, Bradford W. *Comic book nation: the transformation of youth culture in America*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001.

8. Anexos: caderno de imagens